

G U S T A V O Á V I L A





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



G U S T A V O Á V I L A



O sorriso da hiena

GUSTAVO ÁVILA

Copyright © Gustavo Ávila

Capa
Rivadavia Coura

Revisão
Julia Vilabruna

Diagramação
Juliana Predolim

Produção gráfica
Alexandre Vieira

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

A958o Ávila, Gustavo, 1983 -

O sorriso da hiena / Gustavo Ávila. - 1a ed. - Florianópolis : 2015
304p. ; 21cm.

ISBN 978-85-919673-0-8

1. Ficção brasileira 2. Ficção policial I. Título.

CDD 869.3

CDU 821.134.3(81)

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à Gustavo Ávila
gustavoavila.sp@gmail.com
www.osorrisodahiena.com.br

Desde a faísca que deu origem a esta história, até agora, com o livro nas mãos, muita coisa aconteceu. Por um bom tempo a família e os amigos só me escutaram falar sobre um assunto: o livro. Quanta paciência. Agora ele realmente existe. Assim como muitos personagens que não estão nestas páginas, estão aqui fora, ao meu lado. E a melhor parte disso é que esses eu posso abraçar e dizer, olhando nos olhos, muito obrigado.

Prólogo

A lágrima contornou a maçã do rosto serpenteando a bochecha que tremia com a respiração ofegante da criança, deixando atrás da gota um rastro úmido que desenhava seu caminho na pele jovem. Perdeu velocidade ao lado de uma fita adesiva cinza que tapava a boca, e como a ampola de uma seringa, encheu-se instantaneamente de uma tonalidade rosa, até pingar vermelha e explodir no chão feito uma lágrima santa.

Os olhos da criança gritavam, arregalados em um silêncio forçado, uma testemunha impotente que não podia fazer nada para impedir o que via. Preso em uma cadeira, o garoto encarava seu pai e sua mãe sentados à sua frente com as mãos amarradas atrás das costas. A mulher olhava para o filho, enquanto o olhar do pai subia sobre a cabeça do menino e observava o estranho que estava agora dentro da sua própria casa.

A criança olhou para baixo, acompanhando o movimento da sombra que se projetava atrás dele e ganhava tamanho no chão enquanto se movia lentamente em direção aos pais. Agora, além do choro abafado pelas mordanças, o som repetitivo de um alicate de metal ganhava volume, abrindo e fechando, abrindo e fechando, irritante como uma torneira pingando na pia de alumínio.

Um homem de estatura mediana, vestindo uma grossa jaqueta preta, passou ao lado da criança. As costas eram largas e seu contorno descia em linha reta, onde o desenho da silhueta continuava pela calça até alcançar uma bota de couro desgastada. Os braços espaçados pendiam sem balanço, firmes e arqueados, carregando em uma das mãos um alicate e na outra uma faca.

— Ninguém gosta de linguarudos — disse com uma voz rouca, enquanto passava a ponta da faca no rosto do pai amordaçado, fazendo com que a pressão da lâmina desenhasse um fio rosado em sua pele.

O invasor deu a volta e curvou o corpo para frente posicionando seu rosto entre o casal. Colocou o braço esquerdo sobre o ombro do homem, o direito sobre o da mulher, e falava com o pai da criança enquanto olhava em direção ao menino.

— Você sabe como é tentar educar. Primeiro a gente avisa, fala que não pode fazer tal coisa, tira um brinquedo, você é pai, sabe como é. E sabe que às vezes a gente precisa ser um pouco mais duro para mostrar como se comportar direito — o invasor levantou a voz — espero que seu filho saiba se comportar melhor do que você quando crescer.

Com uma das mãos, segurou o encosto da cadeira onde o pai estava sentado e puxou com violência para trás, fazendo-o cair e bater com a cabeça, que quicou no chão. O invasor passou uma das pernas sobre o corpo deitado do homem e forçou seu tórax com um dos joelhos, ficando de costas para a criança. O menino não conseguia enxergar o que acontecia e só escutou a fita adesiva sendo arrancada bruscamente da boca do pai, para logo em seguida escutar um som engasgado, relutante, como se algo estivesse preso em sua garganta.

Com as pernas amarradas na cadeira o homem imobilizado forçava a madeira do móvel. Os pés apontavam para cima, com os músculos enrijecidos pela dor, quando um grito preencheu o ambiente para logo em seguida ser abafado pela fita adesiva.

Com uma das mãos o invasor ergueu novamente a cadeira e a cabeça do pai cambaleou para frente, os olhos voltados para o chão. O choro antes sereno da mãe ganhava agora o volume do desespero ao ver seu marido engasgando com o próprio sangue que se acumulava na boca. De pé, o invasor olhava a língua cortada, presa no alicate.

Caminhou em direção ao garoto, passou por trás da sua cadeira e se abaixou, remexendo o interior de uma bolsa preta. O som do pai ficava cada vez mais fraco, distante.

O homem voltou rosqueando um cano na ponta de uma arma. Levantou a cabeça do pai pelos cabelos e viu o sangue escapar pelas narinas, descendo pelo queixo até o pescoço. Ao soltá-la, deixou-a cair novamente quase sem vida. Apontou a arma para a cabeça da mãe. A criança se debatia de forma enfurecida em sua cadeira. A mulher encarou o filho fazendo com que ele se acalmasse, aquele olhar materno com efeito sedativo, tranquilizador, quase como um abraço. Ela piscou com força para cessar as lágrimas, como quem tenta dizer que vai ficar tudo bem, que vai acabar logo.

E foi assim que os olhos da sua mãe, que sempre conseguiram dizer tudo sem precisar de uma palavra sequer, silenciaram para sempre ao som de uma arma de brinquedo.

1.

Vinte e quatro anos depois.

Eram quase onze da noite mas, como de costume, as ruas daquela região do bairro nunca diminuía o volume da movimentação, nem quando a madrugada espreitava o relógio. As pessoas de passagem que voltavam do trabalho caminhavam atentas a todos os movimentos e sons. Os acostumados não se sentiam ameaçados, desdenhavam a realidade do local, mas não tinham mais aquela preocupação de quem ainda se incomoda com os rumos do mundo.

Com todos os estabelecimentos familiares fechados, a única porta aberta era do bar onde homens, e algumas mulheres, bebiam, jogavam baralho e sinuca ou perdiam o pouco dinheiro que tinham em máquinas caça-níqueis disponíveis graças às quantias mensais dadas como pagamento pela não intervenção da polícia.

A trilha da noite era uma mistura de sons. A discussão, como de costume, era por causa do futebol: de um lado o argumento era a tabela atual do campeonato, do outro, o histórico dos anos de vitórias e derrotas. Um era presente, outro passado, e a conversa era sempre a mesma.

Grupos de jovens perambulavam próximo ao bar e os que não tinham dinheiro para comprar suas próprias bebidas serviam-se das garrafas dos pais ou tios que dividiam as mesas do estabelecimento. Depois se afastavam dos adultos e se reuniam na frente de alguma casa mal iluminada para namorar, dividir as bebidas e o baseado que passava de uma mão para outra.

O bairro tinha uma arquitetura simples, formado por casas que pareciam estar sempre em reforma ou pequenos prédios de quatro ou cinco andares com estabelecimentos comerciais no térreo.

Próximo dali se localizava uma região conhecida pelos pontos de prostituição. Esquinas divididas entre mulheres e travestis que aplicavam de forma exemplar os conceitos de economia e marketing em suas roupas. Cada grupo tinha suas ruas, e se algum desrespeitasse os limites de território do outro a confusão era certa.

Carros de todos os tipos passavam pelo local. Muitos só para provocar os travestis e outros em busca de uma diversão barata que não fosse colocar em risco o orçamento familiar.

Era fácil distinguir os jovens, que aproveitavam a movimentação noturna e a falta de autoridades para repassar drogas baratas e pegar sua fatia do bolo do sistema. Traficantes de pequeno porte que entravam e saíam da cadeia no mesmo intervalo de tempo que crianças saíam e voltavam das férias escolares. Havia também aqueles que deixavam o precoce mundo do crime e, nestes casos, quase sempre tinham o mesmo destino: entravam para alguma igreja ou morriam pelas mãos de policiais ou em disputas com outros criminosos.

A violência era comum nas ruas e também dentro das casas, onde era rotina escutar gritos e brigas domésticas. Mas por medo ou, na grande maioria das vezes, descaso, ninguém se metia. O cenário perfeito para alguém cometer um crime sem ser incomodado pelos vizinhos.

Pedro estava do lado de fora do bar e segurava um copo americano de

cerveja. Já estava bêbado e trocava insultos exaltados com outro homem. Antes que o bate-boca virasse briga, o dono do bar interveio e mandou Pedro ir para casa. Depois de alguns minutos de filho da puta pra cá e filho da puta pra lá ele resolveu ir embora, tentando deixar claro que era por vontade própria. Já tinha mesmo perdido todo seu dinheiro na máquina caça-níquel.

Serviu-se com o que havia sobrado da garrafa. Virou o líquido gelado que desceu numa golada só através de sua garganta de jiboia e bateu o copo na mesa de plástico como se tivesse alguma autoridade.

Sua casa ficava a três ruas do estabelecimento. Desnorteado pela bebida, Pedro saiu cambaleando pela calçada atirando ofensas a um grupo de jovens que riam sem parar. Ainda tentou argumentar uma cantada para uma prostituta alta em seu calçado plataforma, mas desistiu da investida ao ser esnobado.

Ao chegar à esquina da sua rua deteve-se por alguns instantes, fazendo força para permanecer em pé, com o corpo balançando lentamente no ar. Olhou confuso a escuridão que se estendia pelo caminho, os postes todos com as luzes apagadas. O único aceso estava justamente sobre ele, o que proporcionava uma certa desolação à cena. Atirar pedras nas lâmpadas da iluminação pública era um passatempo comum entre as crianças do bairro e, justamente hoje, o céu nublado era um obstáculo para a luz que a lua refletia, deixando a rua de paralelepípedos ainda mais sombria.

A medida em que Pedro caminhava a escuridão ganhava tons mais negros, como se ele estivesse adentrando uma caverna. Mesmo assim, a falta de luz não faria muita diferença, já que iluminação alguma iria ajudar um homem no estado de Pedro a não tropeçar na calçada esburacada e cheia de desníveis.

O corpo já estava tomado pelo cansaço da bebida e a noite que não tinha nada de refrescante fazia o suor descer pelo rosto, mais envelhecido pelo descuido do que pelo passar dos anos. Sóbrio, era possível percorrer a rua e chegar ao portão da sua casa em menos de três minutos. Naquela noite, foram mais de oito. Andava, cambaleava, parava, resmungava ofensas, tomava ar, andava, olhava para trás, para frente, andava.

Pedro só cravou os pés no chão quando chegou em frente à sua casa e nem reparou na Saveiro preta estacionada próxima à garagem. Dentro da residência tudo estava apagado, até mesmo a televisão, tornando ainda mais difícil acertar a chave no cadeado que prendia uma grossa corrente.

— Ma...rília!

— Marília!

— Acen...de a... porra da luz — batia no portão, fazendo um forte barulho de metal.

A casa continuava em silêncio, aumentando a irritação de Pedro. As cortinas da janela que dava para a rua estavam fechadas quando uma sombra passou silenciosa através dela.

— Marília!

— Sei que você tá acordada... vem abrir a porra do... portão.

O silêncio continuou. E só depois de algumas tentativas Pedro conseguiu destrancar o cadeado, entrando sem fechar o portão. Agora só faltava conseguir abrir a porta da sala. Mas não foi necessário, ela já estava aberta.

Ao entrar no cômodo escuro não conseguia entender o que estava à sua frente. A pouca luz que entrava pela porta contornava o vulto de duas pessoas sentadas no meio da sala, uma de frente para a outra, separadas por uns dois metros de distância.

Pedro estava de pé escorado na maçaneta da porta, ainda cambaleando. Com os sentidos anestesiados ele não percebia que atrás dele uma sombra pairava silenciosa como um fantasma, muito próxima ao seu corpo, esperando de forma fria e paciente. Ao apertar o interruptor a luz revelou seu filho de oito anos em uma cadeira e sua mulher em outra. Ambos amarrados com os braços nas costas e amordaçados com uma fita adesiva cinza. A criança estava com os olhos abertos, grandes, brilhantes e os rastros do choro ainda marcavam seu rosto.

— Marília? — falou baixo.

Um forte golpe desceu cortando o ar até parar com um estalo em sua nuca. Sua visão ficou negra, os joelhos cederam, o corpo se inclinou pra frente e ele tombou.

Ainda de olhos fechados escutava o som baixo de palavras sem sentido, distantes, como ecos de uma conversa. O som aumentava gradualmente à medida em que ele despertava. Não conseguia distinguir nenhuma palavra, apenas sons abafados misturados com choro. Os olhos foram se abrindo aos poucos, trêmulos, e através da visão embaçada conseguiu ver suas próprias pernas com gotas de sangue na calça jeans velha. A cabeça pesava e, ao tentar levantá-la, sentiu uma forte pontada na nuca que o obrigou a fechar os olhos novamente.

O sangue escorria da ferida aberta pelo golpe, empapava o cabelo grosso e malcuidado e descia por trás do pescoço e ao redor da orelha até o queixo coberto por uma barba rala e grisalha.

Quando finalmente conseguiu erguer a cabeça, deu de cara com seu filho, a visão ainda turva se esforçava para focar a imagem. Foram alguns segundos até que os olhos pudessem enxergar Marcelo amarrado a uma cadeira, bem à sua frente, com o olhar petrificado de terror. Pedro tentou falar seu nome, e só nesse instante se deu conta que também estava amordaçado. Olhou para o lado, de onde vinha um choro manso, e viu Marília amarrada à sua direita, em outra cadeira.

Foi quando sentiu a presença de mais uma pessoa. Girou a cabeça devagar para a esquerda, seguindo o assoalho sem tapete. Viu um par de botas de couro marrom e, subindo com os olhos, foi montando a imagem do invasor: pernas que vestiam calças escuras, as duas mãos espalmadas sobre as coxas, os braços revestidos por uma jaqueta preta; no topo do corpo, o rosto coberto por uma máscara feita de cartolina, presa por um fino elástico que rodeava sua cabeça.

A máscara tinha a imagem de um rosto masculino e o desenho lembrava um retrato falado da polícia. Era preta e branca como uma cópia de xerox e através de dois pequenos furos nos olhos era possível ver as esferas castanhas que

o encaravam. Frias. Inquestionáveis. E decididas.

Pedro abaixou a cabeça novamente, motivado pela dor e pelos pensamentos confusos e desordenados. Tentava descobrir o motivo de tudo aquilo: algumas das discussões que já teve com alguém no bar? O marido traído de alguma mulher? Um viciado atrás de dinheiro? O professor do seu filho que ameaçou entregá-lo à polícia se o garoto aparecesse machucado novamente?

Em um impulso violento tentou se livrar das amarras, fazendo os pés da cadeira socarem o chão repetidas vezes. Forçava os braços para se libertar, tentativa que apenas servia para esfolar a pele fina dos pulsos presos por uma tira de plástico dentada, impossível de estourar sem o auxílio de alguma ferramenta afiada. Suas pernas também estavam amarradas à cadeira da mesma forma e ele se debatia e esperneava com a coragem que nasce nos covardes ao se sentirem ameaçados.

Esbravejou ameaças em vão, com a mordança transformando as palavras em grunhidos abafados. Só quando passou a energia explosiva do medo é que se acalmou. Os músculos relaxaram. Pedro olhou novamente para o filho. Um olhar cansado, de impotência e culpa.

Uma bolsa preta no chão, logo atrás da cadeira de Marcelo, chamou sua atenção e ele se virou para o invasor mascarado que se levantou sem pressa e foi em direção a ela. O homem deteve-se em pé por alguns instantes ao lado do menino, que ergueu a cabeça com um olhar de questionamento inocente. Através da máscara, os olhos tentavam disfarçar a lembrança do passado.

O invasor abaixou-se e remexeu o interior da bolsa fazendo soar um barulho de ferramentas. Quando se levantou, ainda de costas, o som do metal de um alicate abrindo e fechando silenciou a sala, exceto o choro baixo da mãe.

Tic... tic... tic... tic...

— Ninguém gosta de linguarudos.

Deu as costas para a criança e foi andando em direção ao casal, segurando em uma das mãos um alicate e na outra uma faca. Passou a lâmina sobre o rosto de Pedro e se posicionou atrás do homem e da mulher, colocando a cabeça entre os dois.

— Você sabe como é tentar educar. Primeiro a gente avisa, fala que não pode fazer tal coisa...

Pedro virou-se para trás e tentou esboçar algum argumento.

— Shhhh — o invasor forçava o rosto do pai com a ponta da faca —, continue olhando seu filho, continue olhando seu filho.

— Tira um brinquedo, você é pai, sabe como é. E sabe que às vezes a gente precisa ser um pouco mais duro e mostrar como se comportar direito — o invasor levantou a voz —, espero que seu filho saiba se comportar melhor do que você quando crescer.

Um instante depois, Pedro estava com as costas no chão e o invasor mascarado sobre seu peito forçava o alicate dentro de sua boca. Pedro virava a cabeça para um lado, depois para o outro, os olhos abertos, esbugalhados, mas não conseguiu resistir por muito tempo. Depois de alguma dificuldade, o alicate ultrapassou a barreira dos dentes cerrados, grampeou a carne flácida e a lâmina afiada da faca deu conta do resto. Sua língua havia sido arrancada.

Através da máscara, o invasor olhava o pedaço de carne vermelha preso na mandíbula de metal da ferramenta. Estava tão anestesiado observando a língua cortada que se esqueceu de tapar novamente a boca de Pedro, mas os gritos de dor da vítima fizeram o homem despertar atrás da máscara, recolocando a fita e erguendo a cadeira de volta à sua posição original. Pedro, com a boca tapada novamente, engasgava-se com o próprio sangue, fazendo o líquido vermelho escapar pelas narinas.

O invasor, curioso com a cena daquele ponto de vista, sentou no chão ao lado de Marcelo e ficou observando. Era impossível distinguir o motivo do brilho nos olhos atrás da máscara. Havia, ao mesmo tempo, algo de vivo e de morto no seu jeito de olhar. Ainda segurava o alicate e as gotas de sangue que escorriam da língua explodiam ao tocar o chão.

Pedro apresentava espasmos lentos, o corpo amolecia e as forças nos músculos relaxavam. Com o fim do espetáculo, o invasor levantou-se e foi para onde estava sua bolsa preta. Devido ao giro do seu corpo, uma gota de sangue da língua cortada voou em direção ao rosto da criança.

Deixou o pedaço de carne ali mesmo, no chão da sala, colocou o alicate em um saco plástico e foi ao encontro da mãe, rosqueando o silenciador na ponta de uma arma. A mulher fechou os olhos e, com a cabeça contraída para trás, suplicava sem conseguir emitir nenhuma palavra.

— Olhe para o garoto — a voz saía abafada pela máscara de cartolina.

A mulher não obedeceu.

— Olhe para o garoto.

— Olhe para o garoto.

— Olhe para o garoto!

Lentamente Marília virou a cabeça para o filho, que agora se debatia na cadeira prevendo o que estava prestes a acontecer com sua mãe.

— Olhe para ele como se fosse ficar tudo bem. Como se tudo fosse acabar logo. Como se ele fosse acordar amanhã, correr para a cozinha e ver você preparando o café, feliz, enquanto o pai está terminando de se arrumar.

Tuf.

O som seco do disparo zuniu ligeiro pela sala. O invasor ainda estava com a arma no ar quando virou o rosto na direção de Marcelo. Descansou o braço e caminhou até o garoto, que se contraía para trás a cada passo que o assassino dava para frente.

Fechou os olhos e sentiu a presença do homem se aproximando, o som da respiração sob a máscara chegando cada vez mais perto. Ao abrir os olhos, deu de cara com ela. Encarou o desenho no papel e sentiu o polegar do assassino limpar a gota de sangue que havia espirrado em seu rosto.

O invasor deixou a casa pelo portão da frente, carregando o corpo de Marília enrolado em um saco plástico preto e depositou na caçamba da Saveiro, que também estava forrada. Retornou para dentro da casa e voltou trazendo o corpo de Pedro, colocou ao lado da mulher e cobriu a caçamba com o toldo do veículo. Antes de ir embora, retornou mais uma vez para dentro da residência. Foi até o quarto do garoto, abriu algumas gavetas e voltou para a sala onde Marcelo permanecia amarrado. Abriu o moletom que tinha pego no quarto do

menino e colocou sobre seus ombros e a cadeira. Saiu, fechou o portão, enrolou novamente a corrente e trancou com o cadeado.

Eram duas e treze da manhã e o bairro ainda estava agitado. A rua escura era perfeita para fugir sem pressa, sem medo de ser visto ou, mesmo que fosse, sem a preocupação de ter o rosto reconhecido. Tirou a máscara apenas quando entrou no carro e saiu sem fazer barulho. Deixou a criança amarrada tendo como vista as duas cadeiras vazias à sua frente e as poças de sangue dos seus pais no asfalto.

A Saveiro rodava com tranquilidade pelas ruas, evitando as vias mais movimentadas e que tinham maior possibilidade de uma blitz policial. Quando passava sob um poste, o rosto do motorista era iluminado e depois caía na penumbra novamente até passar por baixo de outro. Seus olhos eram como a abertura de um poço onde não se conseguia enxergar a água que se perdia na escuridão. A única sensação boa vinha do vento que entrava pelas janelas abertas do veículo.

Respeitava todas as sinalizações de trânsito, parava nos sinais enquanto eles ainda estavam amarelos, acelerava somente até o limite da velocidade permitida, evitando chamar qualquer atenção.

De repente, a tranquilidade foi quebrada pelo som de uma sirene que vinha atrás dele ganhando volume em alta velocidade. Olhou pelo retrovisor e viu as luzes vermelhas e azuis dançando nervosas, ainda distantes. O motorista do carro à direita olhou para a Saveiro e foi se distanciando para o outro lado da rua. Pelo retrovisor o assassino viu que o trânsito se abria à sua traseira. Agora era possível enxergar todo o veículo que preenchia o ar com o som alto e intimidador. Ele tinha pressa e se aproximava rapidamente. Vinte metros, quinze, oito, de tão próximo as luzes da sirene conseguiam iluminar a Saveiro por dentro. Cinco metros de distância, quatro, três, dois, uma buzina alta soou atrás da picafe e ele jogou seu carro para a esquerda, deixando os bombeiros passarem em alta velocidade.

O veículo ao lado voltou a se aproximar e acelerou para passar o sinal antes que ele fechasse. O assassino então parou o automóvel e olhou para o banco do carona, onde a máscara de cartolina o encarava com seus olhos vazios.

Quase cinquenta minutos depois a picafe parou em frente a um portão feito de chapa de ferro e com um muro tão alto que garantia a total privacidade do seu interior. Com um toque no controle remoto, o portão deslizou para o lado quase que silenciosamente e muito rápido.

À sua frente surgiu uma casa simples, com uma área externa espaçosa. O carro deu a volta no quintal até a parte de trás da residência, iluminando com seus faróis um bonito jardim de rosas brancas e vermelhas. Nos fundos da casa havia uma grande porta de metal, como se fosse uma garagem. Com outro apertado do botão a porta se abriu e o assassino entrou com o veículo, fechando-se lá dentro junto com os corpos de Pedro e Marília.

Três dias depois.

Como sempre, Artur se levantou sem precisar de despertador. Deixava a janela fechada apenas pelo vidro e, quando o dia expulsava a noite, a claridade que invadia o quarto o despertava aos poucos.

Os chinelos estavam como sempre perfeitamente alinhados ao lado da cama de casal onde poucas vezes dormiu acompanhado. Levantou e parou em frente à janela, as ruas já estavam bastante movimentadas e carros circulavam em todas as direções, como se ninguém tivesse parado para dormir. O céu estava limpo, o que em uma cidade que cresceu sem planejamento quer dizer azul acinzentado. Artur correu o vidro da janela, fazendo com que entrasse um pouco de ar e muito barulho, depois caminhou pelo corredor até a cozinha fazendo soar o eco dos passos ainda sonolentos.

Tudo estava devidamente pronto para ser usado, como se uma mãe tivesse organizado as coisas na noite anterior para o filho. A cafeteira já estava com água e pó e ele passou pela cozinha só para apertar o botão de ligar. Em oito minutos o café estaria pronto. A toalha de banho estava onde deveria estar, limpa e dobrada ao lado de outras perfeitamente alinhadas. Os oito minutos necessários para passar o café também era o tempo que precisava para sair do chuveiro. Encheu uma xícara do líquido preto e colocou uma quantidade razoável de açúcar. Uma colher. Duas. Três.

A roupa já estava pendurada em um cabide do lado de fora do armário. Uma camisa branca bem passada, calça e paletó pretos, sapatos perfeitamente engraxados e o relógio de pulso que havia ganhado de presente. Não abotoava o colarinho porque não gostava de se sentir pressionado de nenhuma maneira. Escondia o botão aberto por baixo da gravata preta, que ele apenas fingia apertar totalmente o nó.

O cabelo volumoso era domado por um pouco de gel e ele penteava com as próprias mãos para não ficar engomadinho demais. Por ele, nem pentearia o cabelo, mas sua mãe já lhe dissera uma vez que as pessoas achavam estranho quem andava com o cabelo bagunçado, a não ser que fosse um artista, um adolescente ou um maluco. Artur não era nenhum dos três e fazia de tudo para não ser rotulado como o terceiro.

Aos dez anos foi diagnosticado com Síndrome de Asperger, um tipo de autismo que não causa nenhum atraso no desenvolvimento intelectual, mas molda a pessoa com certas peculiaridades. As características mais comuns são a grande dificuldade de interagir com outras pessoas, entender emoções não verbais, possuir movimentos desajeitados e uma habilidade lógica acima da média, além de uma tendência a falar tudo o que pensa. O que todo mundo diz ser uma qualidade, mas que a maioria não aceita muito bem quando a verdade é sobre elas mesmas.

Alguns portadores da síndrome também acabam desenvolvendo interesses específicos por certas coisas. No caso de Artur, sua fixação sempre foram os romances policiais. Desde criança ele costumava ler histórias em quadrinhos e livros de investigação, e isso foi o primeiro motivo pelo qual decidiu

se tornar detetive da divisão de homicídios. O segundo era para provar a qualquer um que ele não estava fadado a ser um professor universitário de matemática ou física por causa das limitações do Asperger.

Artur era um dos melhores detetives da 27ª Delegacia de Polícia da cidade. Mas também era um dos mais excluídos. Fora Bete, sua única amiga e também detetive, poucas pessoas tinham a sensibilidade de entender suas respostas e a falta de humor para rir de qualquer tentativa banal de ser engraçado.

Artur já esperava impaciente na esquina do seu prédio. Girava entre os dedos um cigarro apagado e aguardava a chegada de Bete. Sabia que escutaria a mesma piada que ela fazia todas as vezes em que dava carona para ele.

Avistou um pouco adiante o sedã cinza vindo em sua direção. O automóvel estava com o vidro do carona abaixado quando Bete parou o carro e destravou a tranca da porta.

— Entra, meu puto.

Na primeira vez que escutou a brincadeira, Artur não tinha entendido a piada, ficou parado, não entrou no carro e muito menos riu. Bete se divertia com o jeito quase inocente de Artur. Ele não gostava de dirigir, e quando não pegava carona com Bete, ia para a delegacia de táxi. Também não gostava de andar de metrô, do empurra-empurra, das pessoas tocando nele.

— Sério, quando é que você vai parar de vez com esse cigarro?

— Eu já parei. Faz dois anos, sete meses e vinte e três dias que não coloco um aceso na boca.

— Mas coloca ele apagado.

— Eu consegui parar, mas gosto de ter ele perto.

— Um dia você não vai aguentar e vai acender.

— Quem diz que parou de fumar, mas não pode ter um cigarro por perto, na verdade não superou o vício, só não tem a oportunidade. Superar é poder estar perto de algo que você decidiu largar.

— Que biscoitão da sorte onde tinha essa mensagem, hein?

— Como assim?

— Deixa pra lá.

Ela dirigia rápido, mas Artur não se incomodava com isso.

— E o caso do hacker?

Bete estava no meio de uma investigação sobre o assassinato de um jovem hacker que foi encontrado morto no seu bagunçado apartamento, próximo ao centro da cidade.

— Sei que ele foi estrangulado com algum arame fino e o computador foi levado, fora isso, nada mais. Droga de sinal vermelho. Tinha dinheiro e outras coisas de valor no apartamento, mas a pessoa que fez isso só queria o computador e o silêncio do rapaz. Não foi um assalto que deu errado.

— Se você entra pra roubar e algo dá errado você reage com um tiro, uma facada, não com um fio em volta do pescoço de uma pessoa sentada na cadeira — quando Artur falava, o cigarro apagado na boca balançava pra cima e

pra baixo com o movimento dos lábios.

— Exatamente. Olha, esses caras que mexem com internet, eles sabem demais, vivem fuçando a vida dos outros, juntando informações de todo tipo. Esse cara sabia algo de alguém e esse alguém foi lá e queimou ele.

— Pensei que ele tinha sido estrangulado.

— Sim, Artur... queimado é só um jeito de falar que apagaram o cara... que mataram ele — Bete já estava acostumada com a forma literal que Artur entendia o que era dito, uma característica que vem no pacote da Síndrome de Asperger.

As sobrancelhas retas de Artur davam um ar de seriedade ao seu rosto. Ele olhava para o lado de fora do veículo.

Por que simplesmente não dizer que mataram ele?

— Esse rapaz também pode ter feito um serviço para alguém e depois de feito essa pessoa foi lá e... queimou ele.

Bete olhou com um sorriso de aprovação. Às vezes Artur parecia um robô que ia aprendendo as coisas enquanto convivia com os seres humanos.

— É, eu não descartei essa possibilidade. Vou dar uma olhada no apartamento dele de novo. Tem que ter alguma coisa lá que eu deixei escapar.

— Na maioria das vezes a gente parece aquelas galinhas decapitadas que saem correndo sem cabeça até bater em alguma coisa.

— De onde você tirou isso? — Bete sorria com o comentário de Artur.

— Vi em um programa de TV ontem.

— Você precisa sair mais, Artur. É aquela menina do fórum que você estava saindo?

— Eu não preciso de alguém que vive reclamando das minhas manias e que acha que vivemos dentro de um grande urso de pelúcia rosa — ele girava o cigarro apagado entre os dedos.

— Eu acho que você precisa sim de alguém que veja o mundo com um pouco mais de beleza.

— Desde que essa pessoa não tente mudar o jeito que eu sou.

— Concordo que você não deve mudar por alguém, Artur, não a ponto de deixar de ser você mesmo. Mas olha, também não é legal ficar com alguém que aceita tudo que somos. O que eu quero dizer é que não vale a pena ficar com quem diz amar seus defeitos, essa pessoa nunca vai deixar você se tornar alguém melhor.

O celular de Artur tocou interrompendo os conselhos sentimentais de Bete. Era Aristes, delegado do departamento de polícia e chefe dos dois.

— Senhor.

— Onde você está, Artur?

— A caminho, senhor, a uns 17 minutos da delegacia.

— Vá direto para... consegue guardar um endereço?

— O senhor sabe que sim.

— Rua 13, número 121, na Zona Oeste. Tem trabalho para você por lá.

— Sim, senhor.

Artur desligou no mesmo momento em que Bete estava desacelerando o automóvel e estacionando próximo à calçada.

— O que está acontecendo ali? — Bete esticava o pescoço para olhar.

Em frente à uma escola infantil um tumulto chamou a atenção da detetive. Cerca de trinta pessoas se aglomeravam ao redor de algo que ela não conseguia enxergar com detalhes. Ao ver um braço levantando no ar e descendo com os punhos fechados, ela destravou o cinto de segurança e abriu a porta do veículo.

— Eu preciso ver o que o Aristes me passou, quer que chame reforços? — gritou Artur.

— Não, pode ir, eu cuido disso aqui — ela já estava fora do automóvel e caminhava a passos apressados em direção ao tumulto. Em poucos segundos Bete já tinha atravessado a parede de pessoas e sumido no meio do alvoroço. Artur desceu do carro e fez sinal para um táxi que passava perto.

No centro da confusão estava um sujeito sendo segurado por três rapazes. Um outro homem estava no chão limpando o sangue que escorria do nariz agredido e com o rosto marcado por um inchaço logo abaixo do olho direito.

— O que está acontecendo aqui?

— Esse maluco apareceu do nada, começou a me bater na frente das crianças. Eu nem conheço esse cara — o homem agredido cuspiu e uma mistura de sangue e saliva se espatifou no cimento da calçada.

— Ele é um pedófilo, estava dando em cima do menino!

— Agora todo mundo que fala com uma criança é pedófilo?

— Não é a primeira vez que eu vejo você parado na frente da escola. Olha o bolso dele, cheio de balas. Filho da puta!

— O velhinho que fica jogando pão na praça também quer transar com os pombos?

Os três homens tinham trabalho para segurar o agressor.

— Deixa eu ver seu bolso.

— Agora é crime andar com balas?

— É o que a gente vai descobrir — Bete mostrou o distintivo.

Uma viatura de polícia chegou ao local e dois policiais atravessaram a multidão.

— Levem esses dois até a delegacia e vejam qual deles tem razão. Comecem com a bruxa de João e Maria aqui — disse olhando para o homem que tentava estancar o sangramento no nariz.

Artur olhou seu relógio. Foram quarenta e sete minutos para chegar ao endereço indicado por Aristes. Vizinhos curiosos estavam do lado de fora das suas casas, uns querendo saber o que estava acontecendo e outros conversando como se soubessem que mais cedo ou mais tarde isso iria acontecer, mesmo sem saberem realmente o que tinha ocorrido.

Muitos não demonstravam nenhuma surpresa com a presença da polícia. Fumavam seus cigarros e estendiam as roupas no varal. As crianças eram mais curiosas e tentavam se aproximar para enxergar melhor, mas eram impedidas pelo cordão que isolava a área.

Artur mostrou sua identificação para o policial que afastava os curiosos, parou em frente ao portão da casa e observou a entrada. Respingos de sangue vinham de dentro do quintal, percorriam a calçada em um rastro gotejante e terminavam repentinamente logo no início da rua.

O suspeito estava com o veículo estacionado aqui.

O detetive atravessou com cuidado o quintal, reparou em outras marcas de sangue próximas à porta e entrou na residência. O policial que registrava a cena do crime com uma máquina fotográfica deu um bocejo antes de voltar a clicar os três móveis posicionados de forma proposital. As três cadeiras na sala convidaram Artur para uma observação mais detalhada. Duas estavam posicionadas lado a lado e a terceira de frente para elas. Poças de sangue seco se encontravam ao redor das duas cadeiras juntas. Artur olhou o sofá ao lado delas e viu um enorme borrifo vermelho escuro. Foi quando um policial veio ao seu encontro.

— Nenhum sinal de arrombamento nas portas, nem nas janelas. Encontramos algum dinheiro na gaveta, TV, som, carro na garagem, parece que está tudo no lugar. Podemos descartar a possibilidade de roubo.

Artur ignorou a tentativa de julgamento do policial e girava o cigarro apagado entre os dedos.

— Disseram que só encontraram uma criança aqui — o detetive falou sem olhar para o policial.

— Ela estava amarrada nessa cadeira, com a boca amordaçada por uma fita. A vizinha do lado pediu pro filho pular o portão e ver o que estava acontecendo. Era o terceiro dia que ela não ouvia nenhuma discussão dentro da casa, por isso ficou preocupada. Ficou preocupada por não ouvir nenhuma discussão, a que ponto chegamos, que absurdo.

Artur olhou para o policial pela primeira vez.

— Absurdo por quê? Brigas domésticas são comuns em regiões de baixa renda, o silêncio realmente deve chamar mais atenção do que a gritaria. Onde está o garoto?

— Na casa da tia.

— Deveria estar no hospital, sendo examinado.

— Ele mal deixou a gente chegar perto dele.

— É só uma criança, não deve ser muito forte para ser levada à força.

— Você está brincando, né?

Pela reação das pessoas Artur conseguia sentir quando estava agindo de forma não muito social. Ele estava abaixado na frente das duas cadeiras, estudando as marcas de sangue, quando ergueu o rosto e disse com um sorriso de ator — claro, era só brincadeira.

Em seguida, voltou sua atenção novamente para o chão, onde havia uma mancha de sangue muito bem definida, longa e retangular. Examinou a cadeira e observou o sangue na parte de trás do encosto do móvel.

— Alguém falou com a criança?

— Ela não está falando.

Artur se posicionou atrás da cadeira onde o menino foi encontrado, abaixado na altura do seu campo de visão, e ficou olhando para a frente. Havia

uma blusa de moletom aberta nas costas da cadeira. Colocou o cigarro entre os lábios, sentindo o gosto amargo do filtro. Seus olhos se voltaram para o chão, onde havia uma pequena poça de sangue seco.

— Tinha uma língua aí — disse o policial. — Mandamos para o laboratório antes que começasse a se decompor.

Artur percorreu os olhos ao redor e viu algumas garrafas de bebidas dividindo espaço na estante com porta-retratos, objetos decorativos feitos de cerâmica e uma bíblia aberta.

João 7:28: “Pois saberás a verdade e a verdade o libertará”.

Olhou para um policial que estava fotografando a cena do crime e foi até ele.

— Tem alguma foto da criança?

— Sim, senhor.

— Deixa eu dar uma olhada.

Pegou a câmera digital e mexeu nela até chegar à sequência de imagens do garoto. O menino estava assustado e olhava fixamente para frente, sem dar importância à máquina fotográfica. Quando deu um zoom no rosto da criança viu um traço de sangue, como se alguém tivesse limpado com o dedo.

Entregou a câmera ao policial e caminhou para fora da sala. Na cozinha, abriu a geladeira e viu mais garrafas do que comida. Louça suja na pia, lixeira cheia, enlatados nos armários. Foi ao quarto da criança, um quarto normal de um garoto simples, com roupas no chão, alguns brinquedos, pôsteres de desenhos na parede. No quarto do casal também não havia nada que chamasse muita atenção além de algumas latas vazias de cerveja.

Saiu para a rua acompanhando as pequenas poças de sangue que se formaram do quintal até a calçada, seguido de perto pelo outro policial.

— Aquele é o vizinho que entrou na casa e encontrou a criança — o policial se referia ao homem que estava conversando com outros dois policiais na casa ao lado. Junto com eles estavam também uma mulher e um garoto.

Artur chegou cortando a dupla de policiais que faziam anotações em uma caderneta.

— O senhor que pulou o muro?

— Meu filho pulou primeiro e me chamou gritando.

— O senhor que soltou a criança?

— Isso.

— Como ela estava?

— Amarrada na cadeira... e tinha uma fita adesiva na boca. Eu perguntei o que tinha acontecido, mas ele não falou nenhuma palavra.

— Ligamos para a Renata, a tia do Marcelo, e ela veio buscar o menino — disse a mulher ao lado do homem.

Artur fitou o cigarro em sua boca. Ela deu uma tragada forte fazendo a brasa queimar em uma mistura de vermelho e laranja e depois soltou a fumaça pelas narinas, olhando para o cigarro apagado na mão de Artur.

— Quer fogo?

— Eu não fumo. Não ligaram para a polícia?

— Ligamos para o socorro médico, eles se importam mais com a gente

do que vocês.

— Algum de vocês limpou o rosto da criança antes da policia chegar?

— Não mexemos em nada. Nem na criança, nem na casa.

— Pedro não era o cara mais agradável do bairro — disse o homem sem demonstrar muito luto —, você sabe, não era o tipo de pessoa que deixava saudades quando ia embora.

— Eu não sei, não o conheci.

— Bom, foi só um jeito de dizer.

Artur encarou o casal e depois deu as costas sem se despedir. Foi caminhando pela rua, acompanhado pelo policial que o seguia desde que saiu da residência onde havia acontecido o crime. Alguns vizinhos olhavam pela janela atrás das cortinas.

— A casa da tia do garoto fica aqui perto.

— Eu não preciso ir lá.

— Não vai falar com eles?

— Não.

— Não vai falar nem com a criança?

— Não.

— Você nem quer ver se ela está bem?

— É pra isso que temos os médicos.

Enquanto percorria a rua pisou em alguns cacos de vidro sob um poste. Parou, olhou para cima e viu que a lâmpada estava quebrada. Caminhou até outro, a mesma coisa, cacos no chão e sem lâmpada. Percorreu a rua inteira e todos os postes estavam com as lâmpadas estouradas.

— Brincadeira de criança — disse o policial que seguia Artur —, elas costumam tacar pedras nas lâmpadas.

Artur virou na rua ao lado e conferiu cada um dos postes. Todos estavam com as lâmpadas no lugar.

— E os outros vizinhos, não vai falar com eles também?

— Não.

— E se um deles viu alguma coisa?

— Se algum tivesse visto algo já teria falado com qualquer policial.

— Você só pode estar brincando.

— Escuta, as pessoas não dizem o que veem, dizem o que sentem, elas vão falar sobre sua própria relação com as vítimas e não sobre o crime. Minhas testemunhas são aquelas três cadeiras lá na sala, o sofá, as poças de sangue e a língua cortada, mas se você quiser pode sair entrevistando o bairro todo e fazer anotações nesse seu bloquinho de papel.

O policial olhou para o bloco de anotações na mão. Quando olhou para Artur o detetive já tinha virado para o outro lado. Guardou o bloco no bolso e continuou acompanhando Artur em silêncio, observando o que ele observava.

Artur olhou o relógio, já se passava do meio-dia. O detetive estava em frente à residência, com um cigarro apagado que girava entre os dedos. A aglomeração de curiosos tinha se diluído, restando apenas algumas pessoas que

queriam saber de mais detalhes do crime. Antes de entrar no táxi que havia chamado, pediu ao policial que mandasse para ele as cópias das fotos que haviam tirado. Depois, saiu sem nenhum sinal de cordialidade e foi para a delegacia.

O automóvel deixou a rua e alguns minutos depois já estava distante do bairro. Artur, no banco de trás, ia catalogando as peças do quebra-cabeça em sua mente. Com base nas pistas encontradas montava uma lista de motivos para alguém cometer o crime. Seu padrão de raciocínio começava sempre com a mesma pergunta: por quê?

Quando chegou à delegacia Artur mal tinha sentado na cadeira e o telefone da sua mesa tocou. Era Aristes.

— Na minha sala.

Ao entrar, Artur viu o delegado atrás da sua mesa. O móvel parecia ser pequeno para os seus quase um metro e noventa de altura. O corpo robusto ficava ainda maior visto de lado, onde sua barriga que parecia nunca parar de crescer desmascarava o porte atlético que o chefe parecia ter quando estava sentado. Tinha olhos de rapina desproporcionais às suas medidas físicas e uma voz grave adequada ao tamanho do corpo.

— O que temos?

— Um crime.

O delegado conhecia Artur há muito tempo e sabia das suas peculiaridades, inclusive a de entender quase tudo ao pé da letra, o que o irritava todas as vezes, mas não diminuía seu respeito pela capacidade intelectual do detetive.

— Não vai me perguntar por que mandei investigar um caso sem nem ao menos termos um corpo?

— Uma região violenta com famílias de baixa renda, além de ser um ponto de drogas e prostituição, é pouco provável que alguém sumiria por causa de sequestro e imagino que ninguém fugiria de algum lugar sem a língua, sem o filho talvez, mas sem a língua acho difícil.

— Então, o que temos? O que você descobriu, Artur?

— Ainda preciso esperar os resultados do laboratório para saber se há alguma digital incomum e a língua encontrada precisa ser analisada para descobrirmos de quem é, do marido ou da mulher, e como foi cortada, mas posso dizer que a pessoa que perdeu o órgão estava deitada e viva.

— Como você sabe disso?

— A cadeira tinha sangue na parte de trás como se ela estivesse deitada no chão na hora do corte, o que moldou a marca retangular de sangue no piso. A outra pessoa que estava amarrada na cadeira deve ter sido morta com um tiro na cabeça, o que explica o borramento de sangue no sofá.

— Alguma coisa da criança?

— Ela não está falando com ninguém.

— Você nem foi ver ela, né?

— Seria perda de tempo.

— Vamos encaminhá-la para um psicólogo, precisamos saber o que ela sabe. Alguma teoria?

— Como disse, mas vou repetir, precisamos esperar os resultados do laboratório, a língua cortada pode significar que a pessoa falou o que não devia e foi castigada por isso, o que também serviria de aviso para possíveis delatores do lugar, mas é uma coisa que não combina muito com as vítimas, um pai alcoólatra e uma mãe não muito exemplar não é o tipo de gente que se importa a ponto de fazer denúncias, além disso o criminoso pareceu simpatizar com a criança.

— Simpatizar? Ele provavelmente matou os pais dela e a fez assistir, que tipo de simpatia você acha que ele tinha com o menino?

— Tinha uma blusa de moletom sobre a cadeira onde a criança foi encontrada, o suspeito sabia que o menino ficaria naquela posição por um tempo até ser descoberto e deve ter posto a blusa para que ele não sentisse frio, um sinal de remorso que pode nos ajudar a entender um pouco mais sobre o suspeito, além de sabermos que ele é canhoto.

— Canhoto?

— Um policial tirou uma foto do garoto e havia uma mancha de sangue no rosto dele como se alguém tivesse limpado com o dedo, nenhuma das testemunhas disse que limpou o rosto da criança até a chegada da polícia, a mancha estava no lado direito do rosto e o caminho do traço indicava que alguém passou o dedo de fora pra dentro.

— E?

— Na maioria das vezes que alguém vai limpar o rosto de outra pessoa o movimento natural é limpar de dentro pra fora, se o suspeito estava de frente para o garoto ele limparia com a mão esquerda, mas como a mancha ia em direção ao centro do rosto ele deve ter feito isso com a mão direita porque a mão esquerda estava segurando a arma.

O delegado ficou alguns segundos em silêncio. Artur falava na velocidade que pensava, como se todos tivessem a mesma capacidade de seguir sua linha de raciocínio.

— Certo. Resolva logo esse caso, Artur. Estamos com a pauta cheia de crimes. E Artur... tente falar mais devagar.

— Posso repetir se quiser.

— Não, não, obrigado. Pode ir.

Quando sentou em sua mesa, Artur começou a organizar as informações que tinha sobre o crime. Os objetos encontrados, a forma normal como os vizinhos se comportavam na rua, os sinais da violência. Mas uma coisa roubou sua atenção de forma repentina: os questionamentos do outro policial sobre seu comportamento, sobre o fato de não demonstrar preocupação com a criança.

Você nem quer ver se ela está bem?

3.

O espelho do banheiro estava aberto para William, que estava ali de pé, com o corpo levemente inclinado, estático, olhando as duas escovas de dente. Ficou algum tempo naquela posição pensando por que as cerdas da escova dele estavam tão desgastadas enquanto a da noiva parecia nova, sendo que eles tinham comprado no mesmo dia.

Foi à cozinha, perfumada pelo vapor que saía da cafeteira, retirou a jarra de vidro da máquina e algumas gotas do café que ainda não tinha terminado de passar chiaram ao cair na chapa quente. O céu ainda estava escuro, eram pouco mais de quatro da manhã e ele só precisaria levantar da cama às sete e vinte. Ficou sentado na sacada do apartamento com a caneca na mão.

Naquele horário, o cinza do concreto era tingido por uma tonalidade mais escura, fazendo com que os prédios ficassem quase todos no mesmo tom de azul-marinho profundo e os edifícios pareciam se fundir uns nas sombras dos outros, formando uma construção única, como se a cidade tivesse sido talhada dentro de um grande bloco, como um formigueiro.

William permaneceu na mesma posição até o silêncio ser arranhado pelos passos arrastados da noiva caminhando no corredor. Nem percebeu que o relógio já marcava sete e vinte e que o sol já tinha expulsado a escuridão.

— Eca. O café está com gosto de queimado — Juliana falou do balcão da cozinha.

Ela veio até ele, pegou a caneca da sua mão e tomou um gole.

— Frio. Mas não está com gosto de queimado. Não conseguiu dormir de novo?

— Levantei mais cedo pra ler a ficha de um paciente.

— Estava lendo de cabeça?

Ele olhou ao redor e reparou que não estava com nenhuma ficha.

— Na verdade eu queria ver se você notava minha falta e vinha me procurar.

— Como você fazia na faculdade quando a gente começou a namorar?

— Então você confessa que ia me procurar quando eu levantava?

— Na verdade eu aproveitava pra ocupar a cama inteira.

— Você nunca precisou que eu saísse da cama pra fazer isso.

— Que absurdo!

William e Juliana se conheceram na faculdade de Psicologia. Toda turma tem um aluno e uma aluna que disputam quem é o melhor da sala, e eles eram os representantes desse duelo. Até que um dia, para a sorte dele, um sorteio juntou os dois em um trabalho de aula e isso poupou William do constrangedor momento pelo qual todo homem passa ao encontrar uma mulher fascinante: convidá-la para sair.

— Eu conheço uma psicóloga muito boa pra ajudar com essa tua insônia.

— Ela é cara?

— Vou perguntar quanto é a hora.

— Posso dormir com ela?

— Vou perguntar quanto é o minuto.

Entre os dois era assim, leve. Talvez pelo fato de se conhecerem há muito tempo ou talvez por ambos serem psicólogos.

— Vou tomar um banho. Pode passar outro café pra mim?

— Claro.

William foi para a parte da cozinha. Seu apartamento era confortável, sem ser luxuoso. Não precisava disso. A sala não era muito grande e possuía um balcão que a separava da cozinha. Gostava de cozinhar e de olhar as pessoas enquanto preparava a comida.

Colocou o pó de café, ligou a cafeteira, mas esqueceu a água. Ao sair do banho foi Juliana que desligou a máquina que engasgava com um vapor seco. William estava novamente na sacada, sem café, sem ficha, sem prestar atenção em nada. Pelo menos era o que aparentava do lado de fora.

— Eu bebo um café no caminho — disse Juliana, já acostumada com os momentos de reflexão do noivo.

Saíram cada um em seu próprio carro e buzinaaram um para o outro ao deixarem a garagem. Partiram para lados opostos da rua e nenhum dos dois percebeu a figura de um homem do outro lado da calçada, observando sob a sombra de uma árvore. A misteriosa figura seguiu o carro de William com os olhos até o veículo se perder de vista ao virar uma esquina. Depois voltou sua atenção para o automóvel de Juliana que desceu a rua até sumir no horizonte.

Cada um tinha seu próprio consultório em locais diferentes da cidade. Já era suficiente terem estudados juntos e dormirem juntos, então ambos decidiram que seria mais interessante se cada um tivesse seu próprio espaço profissional em endereços distintos. William tinha alugado uma sala comercial em um prédio no centro da cidade e demorava de trinta a quarenta minutos para chegar, dependendo das condições do trânsito no dia. Gostava de escutar o jornal no caminho e, naquela manhã, dois jornalistas falavam sobre as ações de grupos extremistas que estavam instaurando sua política de violência e terror contra quem não seguia as palavras do seu líder religioso, conforme suas próprias interpretações.

Enquanto o debate corria no rádio, William observava o mundo que estava mais próximo dele, do lado de dentro da janela que mantinha a temperatura amena dentro do veículo com ar-condicionado ligado. Por alguns segundos, as palavras ditas no rádio pareciam universais, passíveis de serem usadas como legendas para as cenas que estavam diante do psicólogo.

A sociedade está confusa, dispersa, as pessoas não sabem em quem ou no que acreditar. Nossa capacidade de encontrar explicações para certos atos de barbárie e intolerância acaba sendo limitada pela falta de palavras cruéis o suficiente. Imagine essas pessoas saindo de casa sem terem a certeza se vão voltar no final do dia ou se algo irá explodir ao seu lado simplesmente porque...

William reparou em um muro alto e comprido que tinha uma mensagem pichada com tinta spray vermelha:

O que acontece de maneira maior, nada mais é do que o que acontece de maneira menor repetidas vezes.

O som alto de uma buzina explodiu atrás do carro de William e

despertou o psicólogo que não tinha percebido o sinal de trânsito se abrindo. Ele acenou pedindo desculpas. O trânsito seguiu, mas mal tinha passado para a terceira marcha quando teve que reduzir a velocidade novamente.

Deve ser algum acidente — pensou.

Ao chegar no consultório, Margaret estava na recepção e falava ao telefone. Era uma mulher de cabelos curtos pintados de loiro, de estatura mediana e peso que fugia da média, pelo menos para os padrões que ela mesma julgava serem padrões de beleza.

— Claro, eu entendo. Dou o recado e volto a ligar à tarde. Bom dia para a senhora também.

William já tinha passado quando ela colocou o aparelho no gancho. O psicólogo dividia seus horários entre pacientes particulares e o trabalho público de atendimento a crianças e adolescentes indicados pelo departamento social da cidade.

Margarete foi até sua sala e bateu na porta.

— Bom dia, Dr. William. A Dona Júlia ligou e desmarcou a sessão de hoje, ela pediu mil desculpas por avisar em cima da hora, parece que o filho acordou doente.

— Sim, claro. Obrigado, Margô — William sabia que o real motivo provavelmente era mais um fingimento da criança para fugir da sessão, mas não iria comentar sobre isso com Margaret.

— Ah, tem mais uma coisa. Uma assistente social acabou de ligar. Ela gostaria que o senhor conversasse com um garoto. Ele... passou por maus bocados com a família e a polícia precisa de informações, mas a criança não está conversando muito.

— O que houve?

— Disseram que a criança assistiu ao assassinato dos pais.

— Quantos anos?

— Oito, pobrezinho.

— Como estão meus horários?

— Como a Dona Júlia desmarcou, o senhor está livre de manhã. À tarde tem quatro pacientes. Aqui, eles mandaram o relatório do caso por e-mail e eu já imprimi.

Margarete entregou a William uma pasta com um resumo do caso, algumas fotos da criança e do local onde ela foi encontrada. O psicólogo já havia trabalhado para a polícia em outras ocasiões e o motivo era quase sempre o mesmo: fazer a criança falar. Mas William sempre se apegava demais aos pacientes e mesmo depois de cumprir a tarefa de tirar as informações necessárias continuava a atendê-los, sempre de graça.

— Ok, Margô. Vou dar uma lida e já te falo.

Margarete deixou a sala e foi cuidar dos seus outros afazeres, um deles era jogar pôquer online. William aproveitou o tempo livre e foi direto para os papéis da criança. Enquanto lia, interessava-se cada vez mais pelo caso.

O telefone de Margaret tocou interrompendo sua partida.

— Margô, ligue para a assistente social e diga que eu irei atender o garoto.

— Farei isso agora mesmo. Posso marcar para amanhã de manhã?

— Pode sim.

Assim que desligou o telefone, William olhou seu celular e um sinal indicava o recebimento de uma mensagem. Era Cris, seu melhor amigo.

19h no Alz Pub. Tenho que ligar pra Ju pedindo autorização?

Combinado — respondeu imediatamente.

O psicólogo releu o relatório enviado pela polícia, alternando com as fotos do garoto e do local do crime. Estava tão interessado no caso que nem saiu para almoçar. Mas como já estava acostumado a fazer isso, Margarete também já estava habituada a pedir comida para ele.

Durante a tarde atendeu os quatro pacientes do dia. Uma adolescente de dezesseis anos que apresentava um comportamento de autoagressão e se mutilava fazendo cortes nas próprias pernas; um garoto de dez anos que tinha extrema dificuldade em socializar com os colegas de escola, sendo vítima constante de bullying; um menino de nove anos que estava sob o acompanhamento do psicólogo para minimizar os danos do processo de separação dos seus pais; e uma garota de onze anos que não conseguia confiar nas figuras adultas do orfanato onde foi abandonada pela mãe, uma provável moradora de rua que não foi identificada.

O relógio marcava pouco mais das cinco da tarde e o psicólogo não demonstrava nenhum sinal de esgotamento físico. Abriu uma gaveta da sua mesa e retirou um livro preto, de capa dura, onde se lia em letras douradas: Como se tornam adultos, e o nome do autor logo abaixo do título: William.

Era sua tese de doutorado, que lhe concedera fama instantânea no meio acadêmico. Foi desenvolvida através de uma extensa pesquisa e estudo de casos reais de crianças que passaram por algum evento doloroso. O estudo levantava perguntas e fazia afirmações sobre a relevância de eventos violentos no desenvolvimento do Transtorno de Estresse Pós-Traumático e como eles seriam capazes de moldar o caráter de uma pessoa durante seu processo de crescimento. Mas, apesar do empenho e da profundidade das suas teorias, eram apenas isso: teorias. Faltavam-lhe dados e estudos cientificamente expressivos para análise do quadro clínico e prognóstico relativos a experiências de estresse vivenciadas por crianças.

William teve pouco contato pessoal com os casos descritos no trabalho. O tema do seu estudo não facilitava. Ninguém que tivesse passado por problemas tão sérios na infância se mostrou solícito em reviver sua história enterrada por camadas e mais camadas de sessões de terapias.

Sempre foi um homem cético demais para acreditar em destino ou presente dos céus. E com certeza não acreditava que o sofrimento de outra pessoa caindo sob a luz das suas teorias poderia ser considerado um presente. Porém, não conseguia parar de pensar que uma oportunidade se abria com o caso da criança que foi entregue a ele pela manhã. Foi quando se flagrou com um pensamento que ele mesmo julgou egoísta, um sincero desejo que não poderia esconder da vigília dos valores morais, que ia além de ajudar a polícia,

além até do próprio paciente, e esse sentimento lhe causava repulsa.

Havia algo muito maior na escolha da profissão que a realização de uma carreira de sucesso. Sua decisão pela psicologia infantil sempre fora guiada com o propósito de ajudar a entender melhor o mundo e com isso ajudar o próprio mundo. Poderia facilmente estar recebendo honorários mais elevados se tivesse continuado o curso de Medicina que estava quase chegando ao fim e se especializado em cardiologia, como era o plano inicial, ou se restringisse seu atendimento psicológico a pacientes particulares. Mas sua ideia de fazer a diferença no mundo era maior do que isso e, neste caso, o salário era menor. William era uma boa pessoa, e julgava ser esse o melhor pagamento que poderia receber por seu esforço.

Eram exatamente dezenove horas quando entrou pela porta estreita do Alz Pub. A iluminação baixa e amarela recebia a clientela com a serenidade de quem procurava um lugar para afogar o estresse em copos e conversas. No salão de entrada havia um bar cercado por um balcão de madeira grossa onde pessoas, na maioria em trios e duplas, mas com alguns solitários, afrouxavam a gravata para relaxar com um copo de uísque ou alguma cerveja da vasta opção de nacionalidades. O lugar possuía uma clientela mesclada de homens e mulheres, alguns interessantes e outros só interessados.

Ao descer as escadas logo atrás do bar abria-se aos olhos um salão menor, repleto de mesas de centro rodeadas por poltronas de couro sintético preto. As paredes de madeira marrom tinham uma tonalidade vermelha de verniz e, atrás de outro balcão que fechava uma área reservada, dois garçons serviam as bebidas. William sempre quis entrar naquele salão e ver um garçom mais velho, de camisa branca e colete preto lustrando um copo de uísque, como sempre aparecia nos filmes de velho oeste. Mas essa cena nunca aconteceu.

Em um canto da sala seu amigo Cris já estava com a mão levantada sinalizando sua localização. Era aquele tipo de sujeito difícil de aborrecer e tinha um sorriso tão largo que parecia ter setenta e três dentes na boca. Todos alinhados perfeitamente um ao lado do outro e absurdamente brancos apesar de ser um fumante compulsivo. Ninguém conseguia ficar bravo com ele por muito tempo. E também não havia motivos para isso. Sempre foi o cara legal da turma. Não era à toa que ele e Juliana davam-se muito bem.

Abraçaram-se como faziam sempre que se encontravam e, ao mesmo tempo, Cris já acenava com o copo de uísque para o garçom solicitando outro para o amigo.

— Como está Sheila? — perguntou William.

— Deixei em casa lavando louça.

— Ela saiu com as amigas, né?

— Despedida de solteira de uma fulana do trabalho. Uma tal de Marcela.

— Ah, entendi. Por isso que você quis sair para beber hoje.

— Cara, não dá pra ficar em casa pensando na possibilidade de um homem sarado, depilado e pelado rebolando na frente da minha esposa.

— É sempre engraçado te escutar falando assim. Minha esposa.

— Logo, logo é você.

— Já somos praticamente casados.

— Só falta o contrato. Depois os filhos.

— A troca do carro por um mais espaçoso.

— Eu tenho uma nova. Sabe como sabemos quando estamos ficando velhos? — disse Cris. — Quando nossos amigos começam a ter filhos de propósito.

William sorria balançando a cabeça divertidamente.

— Sabe uma coisa que eu e a Ju lembramos um dia desses? Daquele seu discurso na recepção dos calouros, lembra?

— Se lembro.

Cris se endireitou na poltrona, ergueu o copo no ar e estufou o peito inspirando a lembrança, como quem se prepara para representar o passado.

— Hoje, meus novos, mais jovens e ainda inocentes amigos, vocês deram o passo que provavelmente irá moldar seu caráter. Se eu fosse o pai de vocês eu diria que foi a entrada em uma das melhores faculdades de Psicologia do país. Mas como não sou, pelo menos espero não ser, e longe de mim tirar o mérito das orientações mais bem intencionadas dos seus progenitores, quero apenas que vocês se lembrem de um conselho. Guardem minhas palavras, porque eu já dei esse passo: aproveitem esses anos, compatriotas acadêmicos, porque as noites ociosas acabaram. Enquanto a vida adulta e cheia de responsabilidades com a moral familiar e o PIB do nosso país ainda os espera no horizonte ensolarado de possibilidades, juntem histórias suficientes para que no futuro você não seja aquele chato que vive contando a mesma coisa toda vez que reencontra um velho amigo. Porque quando chegar esse momento é dessa noite que irão se lembrar. E de todas as outras que virão pelos próximos cinco anos!

— Foi um belo discurso — disse Cris, molhando a boca seca pela encenação.

— Se foi. Mas e depois que você desceu daquele palco improvisado, o que aconteceu mesmo?

— Fui pro meu quarto dormir. Cara — Cris deu outro gole no copo —, não sei como aqueles calouros conseguiam beber tanto. Nossa, a gente cresceu mesmo, hein?

— Nosso horizonte ensolarado e cheio de possibilidades chegou — William levantou o copo de uísque que o garçom tinha acabado de colocar na mesa, fez um brinde no ar e depois deixou o líquido escorrer lentamente pela garganta. Um silêncio nostálgico pairou no semblante dos dois até ser quebrado por Cris.

— E como andam as coisas?

— O de sempre. Trabalho, trabalho, Ju, trabalho.

Cris simulou uma conta com os dedos da mão.

— Trabalho, trabalho, Ju, trabalho. Três trabalhos e uma Ju. Na faculdade era o contrário. E você parecia bem mais alegre. Tudo bem entre vocês?

— Sim, com a Ju está incrível como sempre. Ela é incrível, né? —

tomou mais um gole. — É o trabalho, sei lá. Lembra na faculdade, tudo que a gente queria fazer, todo mundo que a gente pensava que ia ajudar?

— E estamos ajudando. Quantos pacientes você atende por mês? Quantos pacientes, de graça, vale ressaltar, você atende por mês? Quantas crianças saem do seu consultório todos os dias mais seguras só por dividir os problemas delas com alguém que as escuta de verdade? Não é fácil ter como profissão o trabalho de escutar os problemas de outras pessoas. Isso é fazer alguma coisa. É fazer muita coisa, aliás.

— Não é o suficiente — William balançou o copo vazio para o garçom.

— Como não? A maioria não faz nem isso. Lembra do Érico que estudou com a gente? Aliás, sempre que eu falo nele eu penso no seu azar de estudar com esse cara na faculdade e depois no mesmo lugar que você fez seu doutorado. Mas então, ele está se empanturrando de dinheiro, mas vai ver se ele atende algum paciente de graça. Tudo bem que ele não precisa trabalhar de graça, ninguém precisa ter que fazer isso para ser considerada uma pessoa boa, mas quem faz, quem resolve fazer algo a mais da forma como você se dedica em fazer, poxa William, você tem que se dar o valor por isso. Meu deus, e eu que pensava que você era mais inteligente do que eu.

De fato era. Ambos tomaram mais um gole.

— Lembra da minha tese de doutorado?

— Claro, ela te transformou em celebridade.

— Hoje eu recebi um pedido para atender um garoto, uma criança de oito anos. Os pais dele foram mortos na frente dele e ele assistiu tudo amarrado em uma cadeira.

— Que droga.

— É. Sabe o que me veio à cabeça? Tem tudo a ver com o estudo que eu fiz.

— Ótimo. Você é a melhor pessoa pra ajudar o garoto.

— O problema é que eu levantei mais perguntas do que respostas.

— Pelo menos você está perguntando o que há de tão errado nesse mundo, a maioria de nós apenas não diz nada para não correr o risco de se incriminar depois por ter tomado um lado.

O garçom trouxe outro copo para William e mais um para Cris. Já conhecia a sede do cliente. Cris aproveitou o copo no ar para acenar em direção a um grupo de mulheres na outra mesa, o que quebrou a seriedade do amigo.

— O que foi? — Cris questionou o amigo que ria. — Deve ter um cara tirando a roupa na frente da minha mulher, deixa eu pelo menos tirar um sorriso de alguém.

— Relaxa, Cris. O que um cara que dança em despedidas de solteiro tem que você não tem?

— Não estou preocupado com o que ele tem. Estou preocupado com o que ele não deve ter no momento: roupas.

Cris se levantou.

— Vou ao banheiro.

— A santíssima trindade masculina?

— A santíssima trindade masculina.

Na teoria de Cris, todo homem segue um padrão ao urinar quando está sozinho no banheiro: cospe no mictório, peida e depois mijá. Hábito que ele batizou como santíssima trindade masculina.

Os dois amigos permaneceram no pub por mais uma hora e meia, até que William disse que precisava ir embora, vencendo o protesto de Cris que choramingava mais algumas doses em sua companhia.

Depois de quase quarenta minutos, William já estava estacionando o carro na garagem do seu prédio. Ainda sentia o gosto do uísque na boca.

Ao entrar no elevador, ficou olhando seu reflexo no espelho. Nem reparou que já havia chegado ao seu andar e só acordou dos seus pensamentos quando as portas do elevador se fecharam novamente e ele voltou a descer. No térreo entrou um casal com o filho, uma criança de mais ou menos oito anos. Estava cada vez mais difícil não acreditar nessa balela toda de destino.

William sorriu e disse que havia esquecido uma coisa no apartamento para não parecer que estava tão entediado que resolveu passear de elevador. Enquanto subia, ficou observando a família feliz que voltava para casa com uma pizza, perfumando o pequeno cubículo do elevador com cheiros de mussarela, orégano e manjerição. Passava pela sua cabeça se o jovem paciente de amanhã voltaria a ter um momento feliz em família.

Olhou para o pai da criança no elevador e pensou como seria o futuro da pequena vítima. Chegaria a ser um pai de família como esse, que sai para comer pizza com a mulher e o filho ou seria um daqueles que volta bêbado toda noite e desconta sua frustração na esposa? Conseguiria viver feliz com ele mesmo ou iria se perder no caminho, parar em uma prisão ou se afundar nas drogas assombrado pelas lembranças do passado?

William entrou em seu apartamento sem fazer muito barulho. Todas as luzes estavam apagadas e a cena tinha aspecto de filme de terror, com uma iluminação pálida e azulada que vinha da sala onde a televisão estava ligada. Não escutava nenhum som da noiva.

Deve estar concentrada no filme ou dormindo no sofá.

Sentiu o vento levantando a cortina da janela aberta na lavanderia e uma brisa gelada acariciar seu pescoço.

Ninguém escalaria nove andares.

Ao chegar à cozinha que era separada da sala por um balcão, arregalou os olhos com terror. Sua noiva estava amarrada em uma cadeira, a boca amordaçada, transbordando sangue pelo nariz. Logo atrás dela uma sombra emergiu da penumbra da sacada, atravessou as cortinas que dançavam no ar e ergueu a mão que segurava um alicate e a língua de Juliana presa entre as garras de metal.

O balanço do elevador parando no nono andar o trouxe de volta do

pensamento aterrorizante. A família feliz deu passagem para que ele passasse e, antes de sair, deu uma última olhada para dentro da cabine. O garoto atrás dos pais fez uma careta e mostrou a língua para William que sorriu meio sem graça.

A porta do elevador se fechou e a luz automática do andar demorou para acender, tempo suficiente para olhar por debaixo da porta do seu apartamento e ver que estava tudo apagado, exceto pela fraca luz azulada que deveria ser da televisão ligada. Girou a chave com cuidado na fechadura e abriu a porta com a sutileza de um ladrão.

— Que demora! — Juliana reclamou lá da sala.

Ele sorriu de si mesmo e entrou com passos aliviados. Ao chegar à sala, Juliana estava no sofá e fez um sinal de silêncio colocando o indicador na frente dos lábios sem olhar para o noivo. Estava totalmente compenetrada no filme. William tirou os sapatos e foi se embrenhando entre os braços da noiva.

— Shhhhhh, shhhh.

— Começou sem mim?

— E já estava quase terminando também — ela chegou o rosto perto e cheirou William. — Você está cheirando a Cris, vai tomar banho.

Ele se levantou e, antes de ir para o banheiro, provocou a noiva.

— Ela já descobriu que tem câncer? — a resposta veio em forma de uma almofada atirada com força.

Demorou bastante no chuveiro. Fechou a torneira até o mínimo para que a água saísse o mais quente possível deixando sua pele ficar cada vez mais vermelha. Ao abrir a porta do banheiro o vapor explodiu pelo corredor.

A sala estava na escuridão e a pequena claridade que iluminava o apartamento vinha agora do seu quarto. Entrou e viu Juliana na cama com o notebook sobre as pernas. Agora estava concentrada no trabalho. Ele ficou observando em silêncio, encostado na entrada da porta.

— Como uma mulher igual a você foi parar com um cara mais ou menos como eu?

— Eu também fico me perguntando isso — respondeu sem tirar os olhos da tela, deixando um sorriso enfeitar o rosto. — Mas aí, todo dia eu olho pra isso — virou o notebook, uma foto dos dois gargalhando era o fundo de tela do computador.

Juliana era daquelas pessoas que tinha uma felicidade contagiante, sem precisar forçar essa sensação. Ela ria e você sorria, como se o sorriso dela refletisse no seu rosto.

Fechou o computador e fez um sinal com o dedo para que ele fosse deitar ao seu lado. Ela cheirou seu pescoço novamente.

— Agora sim, hmmm... cheiro de William.

Pouco antes das quatro da manhã o psicólogo já estava de pé na sacada do apartamento. Pensou em como gostaria de um cigarro naquele momento, mas sabia que se voltasse cheirando à fumaça Juliana era capaz de se casar só para pedir o divórcio no dia seguinte.

Seu notebook estava ligado em cima da mesa da sala quando escutou um

som avisando que havia recebido um novo e-mail. Não tinha nada para fazer e como queria ocupar a cabeça com qualquer coisa foi verificar.

A mensagem vinha de um tal de David e o assunto do e-mail dizia: Do seu interesse, William.

Caro Sr. William,

Há meses este e-mail está esperando o dia exato para chegar em suas mãos. Talvez você possa imaginar que por ele estar há tanto tempo guardado seu conteúdo deve ter sido escrito e reescrito inúmeras vezes. Mas não foi o que aconteceu. Escrevi em apenas uma noite, sem reescrever nenhuma palavra. O que tenho para dizer pede uma honestidade que não pode ser reescrita ou corrigida, muito menos apagada. Pois o que tenho para fazer nunca será esquecido.

Não duvido da sua capacidade de entender o que irei lhe propor, acredito até que há muito tempo o senhor anseia por isso, mas não posso correr o risco de assustá-lo logo de início. Por enquanto, essa mensagem é só para que o senhor saiba que existe alguém que compartilha dos seus questionamentos sobre o desenvolvimento do caráter humano. Ambos estamos atrás dos motivos que consomem a nossa sociedade. Ambos estamos insatisfeitos com o futuro que imaginamos. Eu vejo o que o senhor vê e entendo o que sente. Essa insatisfação, esse sentimento de que podemos fazer mais do que fazemos hoje. Mas eu também sei o quanto é difícil fazer alguma coisa.

Não vou perder tempo elogiando seu ótimo trabalho: Como se tornam adultos. Seria apenas mais uma opinião que não irá preencher o vazio no seu peito. Dizem que a melhor forma de elogio é a cópia, mas não quero roubar seus méritos, pelo contrário, estou aqui para lhe oferecer uma oportunidade de continuação.

Todo excelente trabalho passa por duas fases: a primeira, quando ele é colocado no papel, e a segunda, quando é tirado dele. Sua contribuição acadêmica foi feita, mas e a contribuição para o mundo real? Aquilo que é preciso coragem para ser feito de verdade?

O senhor acha que mudou alguma coisa com seu livro encadernado preto? Imagino que também acredite que não. E é por acreditar nisso que o senhor pode realmente fazer algo de bom, algo de verdadeiro, muito mais do que, com todo respeito, o senhor anda fazendo.

Posso garantir que o que tenho para fazer não me causa prazer algum e vou ser sincero, não irá causar prazer ao senhor também. Mas vai chegar o momento em que terá que se decidir entre duas opções: abraçar a oportunidade que será oferecida e não ter medo de fazer o que é preciso ser feito ou ficar sentado na poltrona do seu consultório analisando desenhos de criança que só servem para enfeitar portas de geladeiras.

Aguarde meu próximo contato. Se o senhor concordar com o que tenho para fazer, ainda teremos muitas conversas.

David.

William releu a mensagem e tentava compreender o que esse tal de David queria lhe dizer, mas não conseguia achar o propósito do seu conteúdo. Mas uma coisa era clara para ele: o remetente misterioso o entendia. E ao mesmo tempo em que sentia um certo conforto em saber disso, também o deixava o psicólogo um pouco assustado.

David conseguiu descrever com exatidão a insatisfação de William com o mundo e, principalmente, sua insatisfação com ele mesmo, com a contribuição que estava dando para a sociedade. Ele se sentiu estranhamente próximo, como se houvesse algo em comum entre os dois.

Colocou os dedos no teclado, mas parou antes de digitar qualquer tecla.

Responder o quê?

Preferiu ficar em silêncio. Alguém com a sensibilidade de entender o que atormentava o psicólogo com certeza também entenderia sua não resposta. Sentiu pela primeira vez a sensação que um paciente tem quando sai depois de uma consulta, aliviado por alguém escutar suas lamúrias e o entender sem julgamentos. Sentiu-se mais leve, voltou para cama e, naquela madrugada, conseguiu dormir em paz. Porém, pela última vez.

Longe do apartamento de William, em um cômodo bem iluminado de uma casa, ressoava pelo ambiente um barulho de máquina. Logo em seguida, um homem de mãos grandes retirou uma folha de cartolina na saída de uma fotocopidora e, com uma tesoura, foi contornando a linha de uma figura, retirando o excesso em branco do papel grosso e dando forma ao objeto. Uma máscara.

4.

Mais gente do que de costume estava reunida na sala de espera do consultório de William naquela manhã. Sentados no sofá estavam Renata, a tia de Marcelo, o garoto e um homem que tinha no colo uma estufada maleta de couro onde seus dedos tamborilavam para passar o tempo. Em pé, o detetive Artur aguardava próximo a uma estante de livros, lendo os nomes nas lombadas enfileiradas. Suas mãos estavam para trás do corpo e ele dobrava o pescoço para o lado para ler melhor os nomes dos livros na posição vertical. Margô não conseguia tirar os olhos dele, que apesar de não ter traços perfeitos, chamava a atenção da recepcionista por um motivo que ela mesma não saberia dizer se fosse questionada.

William chegou pontualmente às oito e meia e, antes de falar qualquer palavra, deu de cara com Artur. Não conhecia o detetive pessoalmente, mas reconheceu o rosto que tinha estampado as primeiras páginas dos jornais há dois anos, onde as notícias contavam com detalhes sobre a mirabolante e secreta estratégia utilizada para resolver um dos casos mais chocantes de assassinatos em série da cidade.

— Doutor William, esse é o detetive Artur que está investigando o caso do assas... o caso do nosso corajoso menino — Margô se apressou para apresentar Artur sem se preocupar em disfarçar sua admiração.

— Como vai, detetive? — o psicólogo estendeu a mão cordialmente. Um aperto amigável, mas firme.

— Precisamos da descrição do suspeito.

William não conseguiu disfarçar seu incômodo com a abordagem direta e sem preocupação com a presença de Marcelo.

— Podemos conversar primeiro na minha sala? A sós.

— Claro.

Antes de sair da sala de espera, William deu uma rápida olhada para o sofá e notou que Marcelo estava sentado muito próximo à tia, com o corpo levemente inclinado em sua direção, como se estivesse se afastando do homem sentado ao lado dele. O psicólogo entrou em sua sala acompanhado apenas por Artur. Sentou atrás da sua mesa com a postura de todo médico que vai explicar algo a um paciente. Sabia que o detetive possuía Síndrome de Asperger, como já havia lido nas notícias dos jornais, e foi totalmente literal na sua explicação, mas tentava disfarçar seu interesse e curiosidade sobre o policial. Para ele, era notório alguém com a síndrome ter escolhido tal profissão.

— Detetive, o menino presenciou uma cena bastante violenta e provavelmente não será fácil, muito menos agradável fazê-lo voltar àquele dia. Antes eu preciso que ele se sinta seguro, o que normalmente demoraria muito mais do que uma primeira sessão.

— Não temos tanto tempo assim.

— Como eu estava dizendo, normalmente demoraria muito mais do que uma primeira sessão, mas devido ao tempo que não está a nosso favor vamos ver como ele se sai quando chegar a hora de confrontar suas lembranças. O rapaz que está com o senhor provavelmente é um desenhista, certo?

— Eu só preciso de duas coisas, que ele diga tudo que puder sobre aquela

noite e que possa descrever o suspeito, depois disso eu vou embora e o garoto é todo seu.

— É sempre a mesma coisa com a polícia. Depois que a vítima diz o que vocês precisam saber, ela já não é do interesse de vocês. Na verdade, a vítima nunca é do interesse de ninguém. Vocês e a grande maioria só querem uma coisa: colocar alguém na cadeia. Como se condenando alguém fosse o suficiente para evitar que outros crimes aconteçam.

— Isso é justiça, senhor William.

— Não. Isso é apenas reflexo, detetive.

Houve um momento de silêncio entre os dois, que não desviaram o olhar um do outro.

— Antes de começar eu quero deixar claro uma coisa, se eu achar necessário parar a sessão você deve respeitar minha autoridade aqui dentro, estamos de acordo?

— Sim. Mas eu também quero deixar claro uma coisa, sem a ajuda do garoto o caso será muito mais difícil de resolver e talvez a gente nunca pegue a pessoa que matou os pais dele, estamos de acordo?

— Eu estou aqui para ajudar o menino. Ele precisa mais da minha ajuda do que você, detetive.

Cada um estava representando seu papel de acordo com as suas necessidades e ambos respeitavam isso. William apanhou o telefone em sua mesa e pediu para Margô conduzir o garoto, a tia e o desenhista até sua sala.

— Detetive, eu preciso que você fique mais naquele canto, por favor — William apontou para uma área onde havia uma prateleira, um local mais afastado do centro da sala onde iria conduzir a sessão.

Renata foi a primeira a entrar. Marcelo estava logo atrás dela, tão agarrado ao seu corpo que em certo momento, ao entrar na sala, deu um pequeno tropeço nas pernas da tia.

William colocou uma poltrona próxima à mesa larga e baixa que havia no centro do consultório, onde o psicólogo queria que Marcelo se posicionasse. Sobre ela havia papéis em branco, lápis de colorir, massa de modelar e alguns brinquedos. O garoto ficou de pé, ao lado da tia, olhando para a mesa baixa com objetos familiares aos da escola onde estudava. O desenhista sentou em uma poltrona próxima à mulher, afastado do olhar da criança, mas perto o suficiente para escutar com clareza os detalhes da descrição que tinha vindo buscar.

William se acomodou no chão, de frente para Renata e Marcelo, que ainda se mantinha de pé.

— Oi, Marcelo.

Não houve resposta do garoto, que sequer olhou para o psicólogo.

— Marcelo, você pode se sentar no chão igual a mim, mas se quiser ficar em pé, tudo bem. A sua tia vai ficar aí do seu lado sempre.

William aguardou alguns segundos por uma reação do menino.

— Marcelo, senta ali no...

— Tudo bem, tudo bem — William não deixou que a tia terminasse a frase —, se o Marcelo quiser ficar de pé, não tem problema. Ele sabe o que é melhor pra ele.

Ainda com a cabeça abaixada, Marcelo olhou rapidamente para o psicólogo, como se quisesse ver a pessoa que dava total liberdade para ele fazer o que quisesse. Olhou para a tia, depois olhou para o psicólogo novamente e depois de pensar um pouco, resolveu imitar William, mas sem desencostar seu corpo das pernas de Renata.

— Marcelo — o psicólogo falava com um tom suave e agradável —, meu nome é William. Eu sou um psicólogo. Você sabe o que um psicólogo faz?

Houve um momento de silêncio. O garoto não olhava diretamente para ele.

— Eu estou aqui para conversar.

Artur observava com atenção a forma como William falava e se movimentava, sempre suave e amigável, se colocando no lugar da criança. Era possível perceber a tentativa do psicólogo de estabelecer um *rappor*t com Marcelo, técnica que ele mesmo, no começo da carreira, já havia estudado inúmeras vezes para tentar melhorar sua habilidade de se aproximar de suspeitos e testemunhas na realização de interrogatórios mas, como nunca conseguiu desenvolver de forma que julgasse utilizável, preferiu abortar das suas investigações.

— Ou — continuou William — se você quiser, a gente pode não fazer nada também. Eu gosto de não fazer nada de vez em quando. É bom. As pessoas ficam pedindo pra gente fazer as coisas, mas às vezes a gente não quer, né? E se a gente não quer fazer alguma coisa, a gente não tem que fazer.

Nesse momento, Artur pigarreou propositalmente, tentando ser o mais discreto possível.

Como Marcelo não demonstrava abertura para a conversa, William, sem dizer mais nenhuma palavra, começou a mexer nos objetos em cima da mesa, como se fosse outra criança apenas brincando, fingindo de forma convincente que não tinha interesse em obrigar Marcelo a fazer nada, focando-se apenas na sua própria brincadeira.

O psicólogo pegou uma folha de papel em branco e começou a desenhar um enorme rosto imitando os traços grosseiros de um desenho infantil. Assim que terminou, usou o lápis em sua mão para rabiscar a folha, como se não tivesse gostado do resultado. O som do grafite rasurando a imagem conseguiu despertar a curiosidade da criança.

William pegou outra folha e repetiu a ação, desenhou um rosto e rasurou novamente. Marcelo observava com mais curiosidade, mas reprimia seu desejo de se juntar ao adulto desconhecido. Quando o psicólogo apanhou mais uma folha em branco Marcelo também pegou uma. Ficou parado na sua posição, sem fazer nada, aguardando alguma resposta do psicólogo que continuou de cabeça baixa, focado na sua própria brincadeira.

O menino pegou um lápis preto e começou a desenhar, sem pressa, traço por traço e, de vez em quando, olhava em direção ao psicólogo que continuava concentrado na sua folha.

Imitando William, a criança começou a rasurar seu começo de desenho e foi aumentando a força e a velocidade dos movimentos de forma que o lápis atravessou a folha. William se juntou ao menino e o ajudou a rasurar seu pedaço

de papel com violência. A tia observava tudo meio assustada.

No final, psicólogo e paciente ficaram imóveis, observando a folha em pedaços na mesa. William tinha atravessado a barreira de segurança do garoto quando ele não impediu que entrasse no seu desabafo.

William pegou outro pedaço de papel e começou a desenhar novamente. Agora, não era um rosto. Era o desenho de uma casa, exatamente a fachada da residência que o psicólogo vira na fotografia enviada junto com o relatório da polícia. A casa onde a criança morava.

Com um lápis preto, pintou o céu de escuro, deixando pequenos pontos brancos e um círculo que representava a lua. Aos poucos estava levando a criança para a casa naquela noite. Desenhava sem olhar para o menino, que apanhou um papel em branco e voltou a desenhar também.

Dessa vez, o jovem não estava tentando imitar o desenho do psicólogo, seus traços estavam formando alguma outra coisa. A tia, Artur e o desenhista esticaram os pescoços curiosos para saber o que era, mas se mantiveram a uma distância segura para não quebrar a concentração do menino que estava começando a se expressar.

De longe, Artur conseguiu identificar o desenho de uma cadeira, depois outra ao lado da primeira. Surgiu em seguida uma porta atrás dela e uma tentativa de sofá ao lado da cadeira esquerda. O desenho de um homem foi ilustrado como se estivesse sentado em uma das cadeiras e uma figura feminina começou a se formar sentada na outra. Os olhos da mulher eram desproporcionais ao tamanho do rosto, grandes e esbugalhados. Com medo. William continuava seu próprio desenho, dando olhadas furtivas para o papel de Marcelo sem que ele percebesse.

De repente, a criança se deteve por alguns segundos. Suas mãos tremiam. Voltou a desenhar devagar e fez um círculo do tamanho de uma cabeça entre as duas pessoas sentadas. Começou a reforçar a circunferência, desenhando o círculo repetidas vezes e sem parar aumentava a velocidade colocando mais força sobre o lápis. Foi nessa hora que quebrou o silêncio e, depois de dias sem falar com ninguém, disse suas primeiras palavras:

— Ninguém gosta de linguarudos! Ninguém gosta de linguarudos! Ninguém gosta de linguarudos! — a criança repetia a frase com velocidade e aumentava a violência sobre o papel. Foi quando a mão de William pousou suavemente sobre a dele, fazendo com que Marcelo parasse de desenhar.

Estava ofegante, cansado e seu corpo se inflava com a respiração. Pelo ângulo que o desenho foi feito era claro que se tratava da visão dele sentado na cadeira da frente.

— A pessoa que fez algo mau é a do meio? — disse William com suavidade.

Sem olhar para o psicólogo, Marcelo apenas balançou a cabeça afirmativamente. A tia chorava em silêncio com uma mão na boca e a outra no coração.

— Marcelo, esses dois homens que estão aqui com a gente são os homens bons. E eles vão atrás do homem mau. Você quer ajudar a pegar o homem mau?

Mais uma vez Marcelo balançou a cabeça positivamente sem olhar para William.

— Você lembra como parecia o rosto do homem mau?

O menino fechou os olhos com força, não queria se lembrar daquela noite. Como um espasmo, grunhiu um som de medo, como se o flash do rosto do homem tivesse piscado na sua memória.

— Marcelo, não precisa ter medo, eu vou estar aqui. Sente a minha mão segurando a sua, eu não vou te deixar, tá? Vamos fazer assim, continue de olhos fechados. Eu estou aqui. Eu quero que você imagine aquela noite, tente lembrar como estava o tempo, se estava calor...

De olhos fechados, Marcelo começou a coçar o pulso, como se algo o estivesse incomodando.

— Se tinha algum cheiro no ar, algum barulho...

A criança, ainda de olhos fechados, começava a chorar baixinho.

— Eu estou aqui, Marcelo, você está indo bem, muito bem.

O desenhista olhava com certa desconfiança, meio assustado, como se estivesse presenciando uma sessão de exorcismo.

— Grande. Ele, ele, era grande.

— Ótimo, ótimo, Marcelo. Muito bem. Agora, me fala da roupa dele, qual era a cor da calça do homem grande?

— Pre... pre... preta.

— Muito bem, Marcelo. Qual era a cor da camisa?

— Pre... preta.

— Bom, Marcelo, bom. Agora você vai olhar mais pra cima do homem grande, lá em cima. Me diz como era, o cabelo, o nariz, os olhos, o formato do rosto.

O desenhista se colocou de prontidão, com sua prancheta apoiada sobre as pernas e um lápis de desenho na mão.

— Redonda... careca... — Marcelo continuava coçando os pulsos — orelha pontuda... velho... pelo na cara... bochechudo... olho, olho pequeno... nariz de batata... cara de mau.

Além das palavras de Marcelo o único som escutado na sala era o chiado do lápis do desenhista, enquanto se arrastava no papel, acompanhando a descrição do menino.

— Excelente, Marcelo, muito bom. A cor da pele dele, que cor era?

— Cinza.

A cor da pele causou a mesma sensação de estranhamento em William, Artur, Renata e no desenhista, que até parou de desenhar nesse momento, mas voltou logo em seguida quando o detetive, de forma séria, fez sinal para que continuasse seu dever.

— A pele dele era cinza, Marcelo?

— Sai de perto de mim! Sai de perto de mim!

O garoto começou a gritar de olhos fechados, ele conseguia ver a imagem de forma tão nítida que pareceu sentir a respiração sob a máscara como se tivesse realmente voltado àquela noite. William segurou sua mão com mais força e colocou a outra no seu ombro, balançando-o de leve.

— Marcelo, abre os olhos, Marcelo. Ele não está aqui, não tá aqui, olha, sou eu, sou eu, viu? Sou eu.

O menino levantou e pulou no colo da tia, afundou a cabeça entre os braços dela e se escondeu chorando baixinho. O desenhista continuava seu trabalho como se estivesse possuído e o chiado do grafite agora era mais alto, o homem tinha pressa para colocar no papel tudo que o menino acabara de falar. Depois de pouco mais de cinco minutos terminou. Olhou o resultado e entregou a folha para Artur, que encarou o desenho por alguns segundos e depois esticou o papel para o psicólogo. Ainda tinha algo que precisava ser feito: olhar a figura e confirmar se estava parecido com o rosto do suspeito.

William sabia que era necessário, mesmo assim, uma necessidade não tem o poder de tornar algo mais fácil de fazer. Pegou o desenho e encarou a imagem por alguns momentos, disfarçando qualquer sentimento que tinha por dentro, depois foi em direção ao garoto que estava com a cabeça afundada entre os braços da tia.

— Já chega — ela protestou —, ele já fez o que vocês queriam, por favor.

William estava sentado na mesa com o corpo inclinado em direção ao menino. Colocou uma das mãos nas suas costas afagando-o de leve.

— Você está sendo muito corajoso, Marcelo. Eu só preciso de mais uma coisinha, tá bom? Só mais uma coisa e já vai terminar. Eu preciso que você olhe o desenho que o homem bom fez e veja se ele desenhou certinho. É assim que eles vão pegar o homem mau. É só olhar e me dizer sim ou não, tudo bem?

O menino movimentou a cabeça e seus olhos molhados encararam os de William. O psicólogo estendeu a folha virada ao contrário. Agora fazia parte do tratamento que Marcelo criasse a coragem para virar o papel e encarar seu medo.

A criança pegou o desenho com sua mão pequena e virou a folha lentamente, encarando o rosto do velho de cara emburrada e nariz de batata. Com cuidado e devagar começou a cortar pequenos pedaços da borda do papel. O desenhista esboçou uma reação, mas Artur o deteve colocando seu braço como obstáculo. Marcelo continuou arrancando as partes em branco, contornando a figura desenhada. Depois, com a ponta do dedo, atravessou o olho esquerdo do retrato, em seguida, fez o mesmo com o olho direito. Ao terminar, colocou o desenho sobre o seu próprio rosto e olhou para o detetive.

— Uma máscara — sussurrou Artur.

Logo em seguida, virou a cabeça para William que, através dos grosseiros buracos, conseguia ver os olhos da criança.

No final do dia, William voltou para seu apartamento esgotado pela sessão com Marcelo. Ligou o computador e se sentiu um pouco desanimado por não encontrar nenhum e-mail do misterioso David. Então decidiu ele mesmo recomençar a conversa.

Você parece saber muito sobre mim. Mas eu não sei nada sobre você.

Enviou a mensagem e ficou olhando para a tela na esperança de ter uma resposta rápida. Permaneceu sentado na frente do computador por mais de dez minutos e estava quase desistindo quando soou o aviso de uma nova mensagem.

Não quero estragar sua noite com meus problemas.

Começou então uma conversa através de mensagens.

Minha noite já não está muito boa mesmo. E meu trabalho é esse: escutar problemas.

De crianças, não de adultos.

Às vezes eu me pergunto se há realmente alguma diferença.

O senhor parece frustrado.

Não precisa me chamar de senhor. A não ser que você seja uma criança passando um trote. E sim, eu estou um pouco.

O senhor quer ajudar, mas...

Acho que não estou fazendo tudo que poderia fazer.

Talvez o senhor realmente não esteja fazendo tudo que é possível, mas isso não pode ser chamado de frustração, está mais para covardia ou preguiça. Quem realmente não faz tudo que pode não tem o direito de se sentir frustrado.

Quer saber, eu nem sei por que estou falando com você. Eu nem sei se David é realmente seu nome.

Pode me chamar do que quiser. Palavras são só palavras.

O que você quer?

É você que quer alguma coisa, senhor William: “Infelizmente, é quase impossível realizar um estudo real dessas teorias, levaria tempo, exigiria recursos e acredito que as pessoas envolvidas seriam influenciadas indiretamente pelo simples fato de saberem que estão sendo analisadas. É preciso questionar também se seria ético acompanhar tão de perto o desenvolvimento de uma criança até sua idade adulta para obter conclusões práticas e com embasamento real da influência da sua infância na formação do caráter do indivíduo”.

Um trecho da minha tese de doutorado. E daí?

O que você quis dizer com ético?

Eu realmente não acredito que estou falando com alguém que eu nem sei quem é.

Dê uma chance. Se não gostar, não fale mais.

Houve alguns minutos de vazio na conversa até que William resolveu continuar.

Ficar acompanhando uma criança por anos, como se ela fosse um rato de laboratório em uma experiência. Seria o certo a fazer por fins científicos, mas não seria bom para a criança. E conforme eu disse, não há jeito de prever como a influência do observador iria afetar a observação.

E se houvesse uma maneira de não ter nenhuma influência pelo conhecimento da experiência? E se eu lhe disser que você pode provar suas teorias na prática? Que você pode ter tudo o que é necessário para iluminar o mundo com um conhecimento muito maior do que você tem hoje? Teria a coragem de fazer o que é preciso ser feito ou teria medo de colocar suas próprias ideias à prova e descobrir que pode estar errado?

Eu não tenho medo de estar errado. Você que está começando a me assustar.

Eu não sou o diabo, Sr. William.

Amanhã será um longo dia. Nos falamos em outro momento. Boa noite, doutor.

5.

Cada um adjetiva o tempo independente da cor do céu. E para Luiz e Felipe os dias estavam cada vez mais bonitos. Eram um dos poucos casais homossexuais que tinham conquistado o direito de adotar uma criança e, naquele dia, aproveitaram o começo da tarde para passear no parque com Luiza, uma garotinha de oito anos que agora vivia com eles depois de uma longa batalha judicial.

Os dois defendiam com fervor que igualdade não era só ter o direito de andar pelas ruas de mãos dadas. Na luta que travavam, queriam que todos entendessem que casais homossexuais poderiam dar uma educação tão boa e até melhor do que muitos pais héteros. E não era desconhecido de ninguém que Luiza recebia uma atenção muito mais apropriada do que no orfanato onde fora deixada já com cinco anos de idade, fase em que órfãos começam a ter dificuldades de encontrar um lar, já que a maioria dos casais costumam procurar crianças mais novas.

Foram dois anos de muitas audiências e manifestações até conquistarem a guarda da menina, que depois desse um ano já apresentava grande melhora física, intelectual e emocional. Fora a óbvia particularidade de ter dois pais, era uma família como qualquer outra, se divertindo em um dia de sol no parque.

Luiz era artista plástico e Felipe advogado, fato que ajudou muito no caso de adoção. Ambos faziam parte do conselho da GDFF — Grupo de Defesa da Família Feliz —, uma ONG que lutava pelo direito de adoção para casais homossexuais e já contava com quase duzentos casais sendo orientados.

A residência onde moravam foi escolhida justamente quando decidiram realizar a adoção. O bairro e a estrutura da casa formavam um conjunto que oferecia condições ideais para o desenvolvimento de uma criança. Uma típica casa de comercial de cereal: um sobrado com quintal espaçoso de gramado verde, cachorro e instalações confortáveis. A algumas quadras ficava uma excelente escola de ensino infantil que eles já tinham visitado antes mesmo de conquistarem o direito da adoção de Luiza, e onde a menina estudava agora. Dali era possível chegar aos principais acessos da cidade e, mesmo sendo em uma grande metrópole, a região conseguia resistir à pressão imobiliária e preservar um pouco de natureza e tranquilidade. O cenário perfeito para uma criança ter uma vida normal, ou nas palavras do advogado que era contra a adoção: tudo muito bem armado por Luiz e Felipe. Mas o que importava para eles era que Luiza estava feliz, recebia o tratamento adequado, tinha uma excelente educação e não via problema no fato de ter dois pais.

Às três da tarde, quando pararam o carro em frente à casa, avistaram Rodolfo parado no portão. Felipe tinha combinado de encontrá-lo para uma orientação em sua luta pela adoção de uma criança, mas não escondia sua falta de esperança no sucesso do caso pelo fato de Rodolfo ter se separado do seu companheiro há poucos meses. Nenhum juiz via com bons olhos a tentativa de adoção de um pai solteiro, seja ele homossexual ou não.

Felipe tentava convencê-lo de que seria mais difícil se ele não

conseguisse criar um ambiente adequado para lutar com boas chances de vitória, e a primeira coisa a ser feita era ter uma união estável com alguém.

O casal era muito responsável quando se tratava do futuro de qualquer criança e eles também não se sentiam confortáveis com a situação. Mas, apesar de demonstrar uma rígida seriedade, Rodolfo parecia mesmo se esforçar para mostrar que era um sujeito amável e Felipe tentava ajudá-lo da melhor forma possível.

Quando entraram na residência, Rodolfo ficou de pé na sala e recusou com educação a bebida que Felipe oferecera.

— Vamos sentar e discutir o que podemos fazer, mas como já disse outras vezes, Rodolfo, sozinho será muito difícil que um juiz lhe dê a guarda de uma criança.

— Eu não quero desistir disso, Felipe. Você me conhece, sabe que eu só quero o melhor para qualquer criança.

— Eu sei disso, Rodolfo, mas existem muitas famílias na fila e, se um juiz tem tantas opções, com certeza ele vai buscar o ambiente ideal. Já é difícil para um casal homossexual, imagine um homem solteiro homossexual, e eu nunca te escondi o que penso, neste caso eu também concordaria com o juiz se ele negasse.

Rodolfo não demonstrava estar desconfortável com a opinião de Felipe. Entendia sua preocupação e o respeitava por dizer a verdade.

— Vou ajudar a Luiza com as malas — disse Luiz, subindo as escadas com a menina.

— Vocês vão viajar?

— Amanhã tem uma excursão da escolinha dela, vão para um hotel-fazenda. É a primeira viagem dela sozinha, eu e Luiz estamos meio nervosos.

— Imagino.

— Você não pode ficar se flagelando com a dor, Rodolfo. Tem que ficar pra cima, alto-astral, só assim você vai achar alguém bacana e construir um relacionamento, e isso será ótimo para a adoção, e para você também. Ninguém merece ficar sozinho em um mundo como esse.

— Você está certo. Bom, acho que vou aceitar aquela bebida. Mas nada muito forte, não são nem quatro da tarde.

— Claro. Vamos aproveitar que Luiza está mais entretida com as malas. Não gosto de beber na frente dela. Enquanto isso, vai assistindo esse vídeo.

Felipe pegou um DVD na estante, colocou no aparelho e apertou o play. Era a gravação da última audiência antes de conquistar a custódia de Luiza. Enquanto Rodolfo assistia, ele foi em direção ao bar escolher uma bebida.

— O advogado que estava contra a gente — Felipe dizia sem olhar para o visitante — era um ignorante, daquelas pessoas que ainda devem pensar que o mundo é plano, só pode. Não é à toa que sua capacidade de enxergar as coisas ainda se limitava ao que podia ver dentro do seu campo de visão. Bom, acho que uísque é uma das bebidas fortes que você não quer, né? — brincou.

Felipe estava tão distraído no bar que não viu Rodolfo colocando uma espécie de máscara de cartolina no rosto. O som da TV ajudou para que ele não escutasse o homem se aproximando. Felipe estava de costas e segurava uma

garrafa de licor. Rodolfo estava a menos de um metro de distância, crescendo em tamanho e intenções.

— O que acha de...

Não teve tempo de terminar a frase quando foi interrompido por um pesado golpe o atingindo na nuca. Apoiou uma das mãos no balcão e a outra deixou escapar a garrafa que se estilhaçou no chão. A visão do bar embaralhava-se à sua frente, dançando em vultos.

— O qu...

Sentiu outro golpe forte no mesmo local onde havia recebido o primeiro impacto. Som seco, maciço, pesado. Os joelhos perderam completamente as forças e relaxaram, deixando o resto do corpo desmoronar rente ao balcão de madeira do bar.

Ao escutar o barulho de vidro quebrando, Luiz veio até a escada.

— Felipe? — perguntou, enquanto ainda estava na parte de cima da casa.

— Felipe?

Sem escutar resposta, Luiz acelerou os passos pelos degraus. Encontrou o corpo de Felipe caído próximo ao bar e foi direto em sua direção sem nem se preocupar em olhar ao redor.

Segurou a cabeça do marido e sentiu seu cabelo molhado, como se tivesse colocado a palma da mão em um carpete encharcado. Se assustou ao olhar sua própria mão completamente coberta com o sangue vermelho e denso do companheiro.

— Meu Deus. Felipe, Felipe.

Olhou para trás, mas já era tarde. Um forte golpe desceu no ar sobre sua testa e ele caiu desacordado. Seu pescoço amoleceu deixando a cabeça tombar para o lado, seguida pelo corpo que se desmanchou inconsciente no chão.

Felipe foi o primeiro a acordar, levantando a cabeça com uma dor que pulsava de forma intensa. Sentiu a fita que atava a boca e os braços doloridos amarrados atrás das costas. Olhou para o lado esquerdo e viu Luiz ainda desacordado. Um choro manso e abafado chamou sua atenção e, ao olhar para frente, viu a pequena Luiza amarrada à outra cadeira com os braços para trás e a boca também amordaçada. Tentou se libertar, mas foi em vão. A fita que prendia seus pulsos era resistente demais para ele. Algo fisgou sua atenção e ele paralisou os movimentos. Passos sem pressa desciam as escadas, calmos e pesados. Se esforçou para ver quem era, mas não conseguia virar a cabeça até o ângulo necessário da escada.

Depois de alguns segundos viu Rodolfo, com aquela máscara assustadora cobrindo seu rosto. Ele passou pelo casal e foi até Luiza, se posicionou atrás dela e esticou uma blusa rosa de moletom sobre os ombros da menina, que chorava sem entender o que acontecia. A TV continuava ligada e era possível escutar o advogado que era contra a adoção fazendo perguntas para Felipe.

— *Então o senhor acha que seria um bom pai para a menina?*

Felipe encarava Rodolfo e tentava arrebentar as amarras que prendiam os braços atrás da cadeira. Fazia força tentando abri-los. A tira de plástico dentada afundava cada vez mais para dentro da carne dos seus pulsos.

— *O senhor sabe que crianças costumam ser sádicas umas com as outras. Quando ela estiver na escola e os amiguinhos dela descobrirem que ela, além de adotada, vive não com um pai e uma mãe, mas com dois homens, com dois pais, com certeza farão brincadeiras, brincadeiras cruéis. O senhor diz que fará de tudo para protegê-la. Como vai protegê-la das pessoas lá fora? Como vai mostrar para ela que o senhor está certo e não as pessoas que acham isso... não ideal?*

Um pedaço da tira plástica já estava tão profundo dentro da pele de Felipe que desaparecia na abertura que tinha cavado o pulso. O sangue que escorria gotejava de forma abundante do punho fechado que não desistia de tentar se libertar, ignorando a dor que era afugentada dos seus pensamentos pela imagem da filha amordaçada à sua frente.

Rodolfo estava abaixado mexendo no interior da bolsa preta que tinha levado. Ao se levantar, uma das mãos carregava um alicate, e a outra uma faca.

— Ninguém gosta de linguarudos — disse Rodolfo, um nome que David criou e sustentou por quase oito meses para conquistar a confiança de Luiz e Felipe.

Cerca de meia hora depois, o assassino partiu deixando Luiza amarrada na sala. O choro abafado pela fita era acompanhado pelo som da TV onde a última testemunha levada por Luiz e Felipe questionava o advogado que lutava para não entregar a guarda da menina ao casal.

— *Eu sei que o senhor acha que está fazendo o que é melhor para a criança — disse a testemunha —, mas eu gostaria que o senhor me respondesse apenas uma pergunta, com toda a sinceridade, por favor.*

— *Claro, pergunte.*

— *Se o senhor tivesse que escolher a coisa mais importante para um casal criar uma criança, o que seria?*

O advogado relutou com uma pausa. Tentava não cair na armadilha que se armava, mas não tinha como dar uma resposta diferente sem perder a simpatia dos jurados.

— *Amor.*

— *Eu concordo com o senhor. E quando eu olho para esses dois homens sentados aqui na minha frente, vejo o amor na sua forma mais pura e sincera, um amor capaz de enfrentar o mundo inteiro por outra pessoa. E eu acredito que esse é o tipo de amor que toda criança mereceria receber dos seus pais.*

No outro dia, Artur estava na delegacia e batia com o filtro do cigarro apagado em sua mesa, fazendo o tabaco se compactar mais e mais no interior do cilindro de papel. O dia anterior fora perdido, desperdiçado como tantos outros que se passam sem evolução em qualquer outra profissão. Tinha acabado de sair da sala de Aristes, em uma sessão rotineira de cobrança de resultados. O detetive

se via na desconfortável posição de quem não sabia para onde ir. Sensação que o fazia ficar ainda mais antissocial.

Colocou seus braços atrás da cadeira, fechou os olhos e, mentalmente, voltou para a cena do crime, imaginando-se sentado na posição do garoto amordaçado. Imaginou a tira plástica apertando os pulsos, a sensação da pele fina sendo arranhada de forma áspera, a respiração difícil causada pela fita adesiva que obrigava a respirar somente pelas narinas, o som agitado sendo abafado pelas janelas fechadas. Imaginou uma possível luta entre o pai e o invasor. A vítima era um sujeito aparentemente forte, como ele constataria nas poucas fotos espalhadas pela casa. Mas como não havia nenhum sinal de confronto na residência, descartou a possibilidade. Sobravam ainda diversas hipóteses: Pedro poderia ter sido rendido de surpresa ou obrigado a colaborar por causa da sua família rendida. Pensou também na possibilidade de o suspeito já estar dentro da residência ou que ele conhecia a família e entrou como convidado.

Ninguém gosta de linguarudos.

Imaginou que nenhum amigo da família viria para dar um recado tão agressivo. Se ele não foi convidado e sabia como entrar sem ser percebido, então teve que estudar como fazer isso. E ninguém faz planos por motivos pequenos.

Ninguém gosta de linguarudos, língua cortada, máscara de um rosto, criança viva, blusa cobrindo a criança. Por quê? Por quê?

Não conseguia formar uma imagem do quebra-cabeça com as poucas peças que tinha.

O que falta?

Longe dali, William estava no meio de uma consulta. Olhava para o jovem paciente brincando no carpete acolchoado com a massa de modelar que insistia em grudar nos dedos. A criança estava confusa no meio do conflito da separação dos seus pais. Algo comum hoje em dia. Não a confusão, a separação.

William observava a criança se entretendo em silêncio e pensava na última conversa com o misterioso David, até que o som de alguém batendo à porta trouxe o psicólogo de volta ao consultório.

— Pode entrar.

— Doutor, desculpe incomodar, mas a mãe do garoto está esperando lá fora. Peço para esperar mais um pouco?

— Não, não, Margô, já terminamos aqui.

Depois de se despedir da mulher e da criança, voltou para sua mesa.

— Margô — disse ao telefone —, desmarque as consultas de hoje.

— Mas doutor, o próximo paciente já deve estar chegando.

— Eu não estou me sentindo muito bem.

— Sim senhor. Quer que eu prepare alguma — William desligou antes que Margô completasse a frase.

William se levantou e caminhou para um canto da sua sala onde havia uma mesinha com alguns biscoitos, café, chá, água e suco. Serviu-se de uma dose farta de café. Não estava com dor de cabeça, na verdade estava com a

mente em outro lugar, vagando em pensamentos que impossibilitariam qualquer tentativa de atender um paciente com a atenção merecida. Se não fosse para atender bem, era melhor não fazer nada. O psicólogo voltou a sentar em sua cadeira e lá permaneceu por um longo momento, aparentemente apenas deixando o tempo passar.

Bete se aproximou da mesa de Artur. O detetive ainda estava com os braços para trás da cadeira, os olhos fechados e a boca se movimentava sem emitir nenhum som. Parecia até estar rezando.

— Amém — Artur não despertou com a brincadeira de Bete.

— Artur — ela chamava sem tocá-lo porque sabia que ele não gostava disso.

— Artur!

Ele abriu os olhos meio assustado.

— Aristes quer vê-lo.

— Por que ele não ligou?

— Ele tentou — Bete olhou para o telefone na mesa que piscava uma luz vermelha, indicando ligações perdidas.

— O senhor queria me ver?

Aristes estava de pé ao lado da janela. O olhar preocupado tentava fugir pelas persianas estreitas.

— Vá na 21ª e fale com o detetive Rodrigo.

— O que houve?

Aristes se virou e encarou Artur em silêncio, como alguém que busca as palavras certas para dizer que um parente próximo morreu.

— Parece que temos um assassinato na região deles.

— Se a região é deles por que devo ir lá?

— Encontraram uma menina de oito anos amarrada em uma cadeira, estava amordaçada e tinham mais duas cadeiras na sala da casa. E uma língua no chão.

Artur passou na sua mesa antes de sair. Ele sabia como ter certeza se era a mesma pessoa que cometera esse segundo crime.

Ao chegar à delegacia foi logo encaminhado para um corredor cheio de portas e janelas, a maioria delas com as persianas fechadas. O detetive Rodrigo saiu de uma das salas. Um homem alto, exibindo o início de uma barriga que ainda iria crescer muito com a boemia. Rodrigo estendeu a mão para cumprimentá-lo e Artur olhou por alguns segundos antes de apertá-la.

— Artur, é o seguinte...

— Já me adiantaram o assunto, cadê a menina?

O detetive Rodrigo guardou as palavras e gesticulou mostrando a porta fechada, mas antes que Artur entrasse esticou o braço, bloqueando a passagem.

— Ela não está falando muito.

— Eu não preciso de muitas palavras.

Abriu a porta com cuidado e parou logo na entrada. Viu a frágil menina de costas sentada em uma cadeira, ignorando as tentativas de conversa da policial que a acompanhava.

Artur deu a volta na mesa, trocou olhares com a policial e, meio desengonçado, tentou chamar a atenção da garota.

— Luiza — a policial se adiantou por Artur.

— Oi, Luiza, preciso que você veja uma coisa — sem muito jeito para luto, escorregou um papel pela mesa, na direção do olhar da menina. Ao ver o desenho do retrato falado dado por Marcelo, a garota se assustou, virou o rosto na hora e correu para os braços da policial.

Droga.

Saiu da sala, fechou a porta e olhou pela janela.

— É o mesmo caso — Artur disse sem olhar para Rodrigo.

— Bom, então ele é seu caso. Você já é quase um especialista mesmo, não é?

Artur pegou o celular e ligou para Aristes.

— E então? — disse o delegado.

— É o mesmo suspeito.

— Ache alguém logo, Artur. Não estamos nem na metade do mês e já passamos a quantidade de crimes que o mesmo mês inteiro do ano passado.

Desligou o telefone e o colocou no bolso. Olhou novamente entre as persianas da janela da sala e observou a pequena Luiza. Lembrou-se do caso que resolveu há dois anos, dos repórteres correndo atrás dele, sufocando-o com dezenas de perguntas, todas ao mesmo tempo, que o faziam ficar confuso e desorientado, alguns tentando segurá-lo enquanto entrava na delegacia. Pensou em ligar para Bete, a única pessoa que o entendia, mas não ligou.

Virou para o detetive Rodrigo e pediu para que o levasse até a cena do crime.

— Não quer aproveitar que a criança está aqui e conversar com ela?

— Ela não vai falar com a gente, me leve até a cena do crime, eu quero dar uma olhada.

— Eu não sou seu motorista.

— Então só me diga o endereço, isso você consegue fazer?

— Muita gente pode te achar o máximo, mas pra mim você não passa de um sujeitinho arrogante.

— Arrogante é como os invejosos chamam os competentes.

— Será que você seria bom no que faz se não tivesse esse seu... problema?

— Será que você seria se tivesse? — disse sem parecer um insulto, o que insultava mais ainda.

Quando o táxi que levava Artur até o endereço indicado aproximou-se do local, ele viu o que não esperava ver tão cedo: repórteres. Uma legião deles.

A casa era cercada por um muro de grades que ia de uma ponta à outra do quintal, deixando seu interior completamente exposto. Os repórteres eram

contidos a certa distância por um grupo de policiais. Esperava que nenhum dos jornalistas soubesse da ligação com o primeiro crime. Provavelmente não saberiam porque o anterior não tinha sido de interesse de ninguém. Era difícil visualizar a manchete: *assassinato misterioso deixa criança órfã em um dos bairros mais violentos da cidade*. Era economicamente mais interessante estampar a foto de alguma celebridade se escondendo dentro do carro para proteger a identidade do seu último *affair*. Muito diferente da manchete: *assassino homofóbico corta a língua de um inocente que só queria ter seus direitos escutados*.

Embora crimes de natureza preconceituosa também não sejam lá muita novidade, a notícia era chocante o suficiente para vender e fazer a bela apresentadora do tempo perder alguns minutos do seu espaço para algo mais sensacionalista do que a cor do céu.

Antes de entrar na casa, Artur olhou para um poste que ficava perto: a lâmpada estava lá, intacta. Atravessou o cordão de isolamento da polícia sem ligar para os chamados dos repórteres. Alguns deles ainda lembravam seu nome.

Placas de identificação apontavam pistas dentro da sala, como as marcas de sangue e a garrafa quebrada no chão. Fora os cacos de vidro espatifados, pouca coisa parecia diferente da cena do primeiro crime. Olhou na parte de trás do assento da cadeira direita e viu a marca de sangue indicando que a pessoa estava deitada quando perdeu a língua. Um borriço vermelho se estendia no assoalho feito uma teia de aranha ao lado da cadeira esquerda, causado provavelmente por um tiro na cabeça. O moletom rosa que fora colocado sobre os ombros da criança ainda estava lá. Colocou a mão para fora da janela e sentiu o mormaço do sol.

— Como estava o tempo ontem? — perguntou Artur.

— Como hoje, senhor — o policial próximo respondeu.

Ele realmente se importa com as crianças.

Virou para as duas cadeiras vazias que estavam uma ao lado da outra.

O que você faz com eles depois?

Na parte de trás do quintal da sua casa David regava seu lindo jardim de rosas brancas e vermelhas. O assassino direcionava o jato de água pulverizada com cuidado para não machucar os botões de flores. Assim que terminou, David fechou o registro da torneira e começou a enrolar a mangueira utilizando um dos braços flexionado em noventa graus, como uma espécie de carretel, para enrolá-la em forma circular. Depois de pendurá-la em um suporte na parede, ele foi para o cômodo onde havia entrado com os corpos de Luiz e Felipe na tarde anterior.

O assassino olhou para o aparelho de TV que sempre ficava ligado e parou os movimentos quando notou algo sobre ele: a carteira de couro que utilizava ao encontrar o casal. Com a mão direita deu um forte tapa na própria face. Depois outro, agora com a mão esquerda espalmada. Dois tapas que estalaram no rosto, deixando a pele avermelhada como lembrete da falta de organização com seus objetos. Principalmente aqueles que ele deveria guardar

com mais cuidado.

David foi até o armário que ficava encostado em uma das paredes e o abriu com uma chave que acabara de retirar do bolso. Dentro estavam sete caixas grandes para organização de documentos. Cada uma delas era identificada por uma etiqueta. Ele percorreu os olhos até encontrar uma onde era possível ler os nomes: Luiz e Felipe.

O assassino levou a caixa até a mesa, abriu a tampa presa por duas travas laterais e revelou seu interior. Antes de colocar a carteira na caixa, David vistoriou seu conteúdo. De dentro dela retirou o documento de identidade falso e ficou encarando o nome Rodolfo, a personalidade que havia criado e assumido durante os meses anteriores em que ele se aproximava do casal. Dentro da carteira ainda tinha uma foto de David com outro homem. O assassino havia mostrado a fotografia para Luiz e Felipe dizendo que era seu ex-namorado, aquele com quem tivera a ideia de formar uma família através da adoção. Na verdade, era apenas um rapaz que ele havia contratado para produzir fotografias como se fossem de um relacionamento verdadeiro. Dentro da caixa havia outras fotos, vídeos, documentos e um perfil minucioso do casal. E, agora, também tinha a carteira que o assassino havia esquecido de guardar depois que se livrou dos dois corpos.

6.

No fim daquela mesma tarde, Margô recebeu uma ligação da polícia. Quando a mulher disse o motivo do telefonema, a secretária colocou a mão no peito, assustada.

— Sim, claro, eu aviso.

Quando desligou o telefone, a pele parecia que tinha perdido todo o calor.

— Meu Deus.

— O que houve, Margô? — William passava por ela naquele momento para ir embora e reparou em sua agitação.

— Doutor William... a polícia ligou...

— Aconteceu alguma coisa com o Marcelo?

— Não, não, com o Marcelo não. Mas aconteceu de novo. Dessa vez com os pais, literalmente os pais, de uma menininha. Língua cortada e tudo, minha nossa.

William ficou parado. Sua reação de espanto não era simplesmente pela crueldade do fato, mas pela sua repetição.

— Como o senhor está atendendo o menino...

— Eles querem que eu atenda essa criança também.

— Isso.

— Marque um horário amanhã. Se for preciso, desmarque minhas outras consultas. Eu vou pra casa agora.

— Sim, claro. Minha nossa, isso é coisa do diabo, não pode ser gente de verdade.

Ao chegar em seu apartamento, William foi simplesmente largando suas coisas pelo caminho e foi direto verificar suas mensagens no notebook. Fora os spams comerciais, não encontrou o que foi buscar. Tentava afastar da cabeça um pensamento que parecia absurdo e foi para a sala assistir TV, mas não encontrou a distração que esperava, pelo contrário, a repórter do jornal dava a notícia do misterioso sumiço do casal Luiz e Felipe. Enquanto falava, uma foto com o rosto dos dois homens aparecia do lado superior da tela.

A polícia ainda não sabe dizer exatamente o que aconteceu na residência de Luiz e Felipe. O que temos até o momento é que ambos estão desaparecidos. Aparentemente nada sumiu da residência do casal, o que reduz as especulações de roubo. Os dois homens vivem nesta casa, em um bairro de classe média, e até agora não houve nenhum contato. A possibilidade de sequestro não foi descartada, entretanto, o fato de os dois homens serem assumidamente homossexuais e voluntários da ONG GDFF — Grupo de Defesa da Família Feliz, uma organização que luta pelo direito de adoção de pais homossexuais, levanta a hipótese de crime homofóbico. A presença do detetive Artur, do Departamento de Homicídios, leva-nos a crer que a polícia acredita em assassinato. O detetive ainda não quis se pronunciar sobre o caso. Por enquanto, a única testemunha do crime é Luiza, filha do casal...

A atenção de William deixou a reportagem de lado ao ouvir o som de uma nova mensagem no computador. Ele se levantou devagar, mas atento, como

alguém que vai averiguar o quintal depois de escutar um barulho. Na tela, o nome em negrito indicava o remetente: David.

Como foi seu dia, Sr. William?

O que você quer de mim?

Já passamos por isso. Não é o que eu quero, mas o que eu tenho a lhe oferecer. Já ligaram para o seu consultório pedindo que atenda a segunda criança?

A mensagem caiu como um trovão sem o aviso prévio do relâmpago. Nem mesmo as nuvens escuras no céu tinham preparado William para a confirmação da sensação que estava sentindo. O tal remetente misterioso estava envolvido com tudo aquilo. Com as crianças, os assassinatos, com o próprio William.

O que o faz pensar que eu não vou mostrar isso à polícia?

Era o risco que eu tinha que correr. Mas agora eu tenho certeza que você não fará isso. Qualquer pessoa responderia com algo do tipo: seu louco, seu monstro, assassino e adjetivos do gênero. Ou não responderia nada. A sua resposta me soa mais como um pedido para que eu consiga acalmar sua consciência. Você é psicólogo, sabe do que eu estou falando.

Eu não preciso dizer para um louco que ele é louco.

“Todas as ações deveriam ser julgadas por suas consequências.”

Citar as frases do meu trabalho não quer dizer que você me conheça.

Ah, eu te conheço, Sr. William. E eu sei por experiência própria que uma pessoa pode reagir de diversas formas quando confrontada pela crueldade. Sinceramente, eu mesmo não sei se sou louco, um monstro, um assassino eu sei que sou. Na verdade, é justamente por isso que eu vim atrás do senhor, para entender melhor o que eu realmente sou. Por isso, eu gostaria de contar uma história.

Eu já fui como uma dessas duas crianças. Inocente, indefesa, cheia de expectativas com a vida. Até conhecer a natureza cruel do ser humano. Eu vi meus pais sendo mortos na minha frente. E eu vi tudo amarrado em uma cadeira, sem poder gritar, sem poder fazer nada. Nada!

E sabe por que meus pais morreram? Porque eles eram boas pessoas, gente decente, Sr. William. Meu pai se cansou de ver as ruas do nosso bairro sendo tomadas pelas drogas, as crianças sendo aliciadas, crianças como eu, como Marcelo e Luiza. Então um dia ele pegou o telefone e discou para a polícia, a mesma que o senhor chamaria se alguém entrasse na sua casa com uma faca na mão. Ele disse para o policial tudo que estava acontecendo, disse nomes e

endereços, e sabe o que aconteceu? Não foram bater na porta do traficante, foram bater na porta da nossa casa.

Eu não sei dizer onde a informação se perdeu na hierarquia corrupta da justiça, mas na minha opinião sem provas, meu pai deu o azar de falar com o policial errado. E foi assim que, na noite seguinte, um homem entrou na nossa casa, cortou a língua do meu pai e deu um tiro na cabeça da minha mãe. Calados para sempre. Eu não sei por que o homem que fez isso me deixou viver; o assassino não fez a mínima questão de esconder o rosto, mas o recado para a comunidade do meu bairro tinha sido bem claro: fale e você nunca mais falará de novo.

Eu estive lá, anos depois, e vi no que a região se tornou. Uma grande esquina escura, um buraco de drogas, uma escola de bandidos. Um nojo. Meu pai tentou ajudar aquelas pessoas, meu pai tentou fazer o que era certo para que o futuro das crianças do meu bairro pudesse ter uma chance. Ele falhou.

E eu, primeiro fui para a casa dos meus tios, depois para um reformatório juvenil onde não me ensinaram a ter respeito pelas pessoas, mas a ter respeito pela dor e pelo castigo. E a dor, Sr. William, ela é contagiosa como uma doença, lá dentro a única coisa que eu aprendi foi a passar a minha pra frente, na esperança que ela passasse de vez. Mas ela não passou. E não importava quantas vezes eu machucasse alguém, a minha dor continuava em mim.

Mas nem tudo foi perdido no tempo que eu passei no reformatório. Lá teve uma pessoa boa, um homem que assim como meu pai tentava olhar um futuro para as outras crianças. Sinceramente, não sei por que ele viu algum futuro em mim. Ele tentava colocar na minha cabeça que no fundo eu era uma pessoa boa. O pobre coitado não podia estar mais errado. Mas nem eu fui capaz de convencê-lo do contrário, e olha que eu falei e fiz coisas suficientes para qualquer um desistir. Mas ele não desistiu. E ele conseguiu tocar no meu único ponto fraco, a lembrança do respeito que eu tinha pelo meu pai.

Ele me convenceu a aproveitar o tempo que eu seria obrigado a ficar lá e estudar; ler, encher minha mente com algo construtivo, como ele dizia. Não tinha muito o que fazer mesmo, então eu fiz o que ele me orientou. E modéstia à parte, até que eu me saí muito bem nas minhas tarefas. Eu não diria que fiquei inteligente, acho que a forma correta de dizer é que me tornei uma pessoa mais esperta. Eu nunca fui bom em conversas, mas aprendi a argumentar. Eu lia sobre ciência, política, história, filosofia, eu lia tudo que ele me oferecia para ler; inclusive psicologia, algo que me interessava bastante mas, eu confesso, nunca consegui entender direito a mente das pessoas, os sentimentos que parecem não ter motivos para existirem, tudo tão complicado pra mim.

Então eu comecei a me questionar: por que eu me tornei o que sou? Se aquele homem não tivesse matado meus pais será que eu seria o que sou hoje mesmo assim? Ou será que eu estaria sentado no seu lugar, Sr. William?

Quando completei 18 anos eu fui solto, mas eu não queria voltar pra casa dos meus tios. Ao contrário do meu pai e da minha mãe, todo o resto da família não passava de coisas vivas sem sentido para estarem ali. O homem que cuidou de mim no reformatório me convenceu a aceitar o abrigo na casa de um senhor que vivia sozinho e que precisava de um ajudante. Em troca de um lugar para morar

eu trabalharia pra ele no seu negócio. Esse senhor não era de falar muito, mas era um bom homem. Um imigrante que não tinha família em nosso país, um solitário como eu. Então até que a gente se deu bem. E depois de alguns anos morando lá o velho me ensinou tudo que era preciso saber sobre o trabalho. Eu ganhei sua confiança e o mundo começava a ganhar a minha novamente. Cheguei a pensar que realmente seria possível recomeçar.

Mas a vida é realmente cheia de surpresas desagradáveis. Um dia, dois viciados entraram na casa desse senhor para roubá-lo e no meio do nervosismo enfiaram a faca no estômago dele. Os detalhes não fazem diferença, eu estava fora fazendo um trabalho, mas cheguei em casa bem no meio da confusão. A raiva que estava guardada há tanto tempo dentro de mim veio de uma só vez e, sem pensar, eu matei os dois.

Corri para levar o velho ao hospital, mas antes ele me fez desaparecer com os corpos. Ele sabia que mesmo sendo em legítima defesa eu poderia ser preso novamente por ter matado os bandidos. Que belo sistema de justiça o nosso, não é?

O homem do reformatório tinha me dado seu número de celular caso precisasse falar com ele, e no caminho do hospital liguei para nos encontrarmos lá. Eu não sabia o que fazer. O velho não resistiu e morreu durante a madrugada, deixando tudo o que tinha pra mim: seu negócio e o dinheiro que tinha guardado.

Mas tinha uma coisa que não saía da minha cabeça. A lembrança de matar os dois bandidos. O golpe que desacordou o primeiro, minhas mãos em volta do pescoço do segundo, apertando e apertando e apertando. Eu nunca consegui esquecer os olhos dele. Eu não sei dizer se era prazer, se era a sensação de alguma justiça enfim sendo feita, só sei que aquilo me aliviava de alguma maneira que não consigo explicar.

Por que eu me sentia daquele jeito? Por quê? Será que meu trauma de infância foi capaz de me transformar nisso que eu sou hoje ou eu nasci para ser assim? Será que eu nasci um monstro? Uma pessoa seca que não conseguiu nem chorar a perda de outra pessoa que cuidou de mim? Eu não sei dizer, Sr. William. Eu não sei dizer. Mas eu encontrei um jeito de descobrir.

Eu vou repetir com mais cinco crianças a mesma coisa que aconteceu comigo para ver se no futuro elas serão como eu.

Mas se eu não sei como funciona a minha própria mente, como saber como funciona a dos outros? E é aí que o senhor entra na história. Eu encontrei psicólogos que com certeza não deixariam a consciência ser um obstáculo para esse estudo, profissionais cuja ganância falaria mais alto, afinal, esse será um trabalho para escrever o nome na história. Mas não dá para confiar em quem faz algo apenas pelo bem próprio, apenas por dinheiro. Eu precisava de alguém como você, Sr. William. Alguém com conhecimento, mas que também tivesse um bom coração. Porque só uma pessoa boa é capaz de entender o mal. Quando eu li o seu trabalho "Como se tornam adultos" eu tive certeza que você era a pessoa certa para isso. Não só pelo estudo, mas pela vontade de tentar fazer algo que realmente possa ajudar o mundo a se tornar um lugar melhor. As respostas desse estudo podem fazer isso. O senhor sabe que podem.

Eu sei que não é algo fácil. Mas é racionalmente coerente. E a verdade é

que eu vou continuar matando, Sr. William, porque é isso que eu sou. E eu sei que o senhor pode pegar esse mal e transformar em uma coisa boa, porque é isso que o senhor é.

William não respondeu ao e-mail, nem David pedia uma resposta imediata. Mas naquela noite nenhum dos dois conseguiu fechar os olhos. O psicólogo estava assombrado pelas possibilidades obscuras do futuro e David pelas lembranças sombrias do passado que o presente nunca conseguiu deixar para trás.

Pela manhã, quando William se levantou da cama, colocou imediatamente as mãos nas costas, sentindo fortes dores musculares, algo que não costuma acontecer. Levantou e tentou se esticar, mas o músculo enrijecido doía a cada alongamento. Apesar das dores, ao contrário do que poderia imaginar, sentia-se estranhamente vivo. A proposta de David era cruel e ele nunca havia imaginado compactuar com algo assim, mas por alguma razão não conseguia deixar de pensar que poderia realmente tirar algo de bom disso. Se ele iria continuar matando, como disse, por que não usar o mal para fazer o bem? Mas, agora, o simples fato de saber que isso estava acontecendo, também o colocava como responsável pela ação. Não fazer nada, já era fazer algo. E algo que ia contra todos os padrões morais de uma sociedade teoricamente justa.

Quando chegou ao seu consultório passou direto e em silêncio por Margô, que minutos depois foi à sua sala, bateu e entrou com delicadeza.

— O senhor está bem, doutor?

— Sim, Margô.

— A menina vem hoje pela manhã, ok?

— Sim, sim, me avise quando ela chegar.

Algumas horas depois, Margô bateu na porta novamente, entrou e teve a sensação de que William estava na mesma posição que o havia deixado, como se nada, nem um fio de cabelo tivesse mudado de lugar.

— Doutor William, a menina Luiza chegou.

— Mande entrar, por favor.

— Sim, senhor.

William se colocou de pé e saiu de trás da sua mesa. Através da porta aberta por Margô conseguia ver o corredor que se estendia da sua sala até a recepção. Viu a pequena Luiza surgindo na outra ponta caminhando a passos curtos como se quisesse ter certeza de que o chão não desabaria. O frágil corpo parecia ainda menor daquela distância, com o túnel do corredor se afunilando ao redor dela. Luiza caminhava na frente, seguida por uma mulher que colocava as mãos nos ombros da garota.

A menina parou na entrada da sala adornada por objetos infantis. Seus olhos estudaram o ambiente até se encontrarem com um sapo de pelúcia jogado no chão ao lado de uma poltrona. Ela foi até o brinquedo e o pegou. E agora, era propriedade dela. Sem esperar comando, ela se sentou em uma das poltronas e virou seu rosto para William, e seus olhos grandes e castanhos o encararam com

uma doçura que só se vê nas crianças.

O psicólogo se sentou em uma poltrona na frente da garotinha, separado pela mesa de centro baixa e outros brinquedos espalhados pelo chão.

— Oi, Luiza.

A menina não respondeu. Ficou mexendo nas orelhas de pelúcia do boneco e não olhava mais para William.

— Gostou do sapo?

Ela apenas balançou a cabeça afirmativamente.

— Então você pode ficar com ele de presente. Você pode levar ele com você pra casa, tá?

— Eu não tenho mais casa — as palavras saíram baixas e sem alegria.

— Tem sim, Luiza. Agora você vai ter um nova casa.

— Eu não quero ser adotada de novo.

— Mas você não acha que precisa morar com algum adulto?

— Eu não quero perder meus pais pela terceira vez.

— Luiza...

— Por que uma pessoa gosta de matar outra pessoa?

A pergunta quebrou a tentativa de William de se aproximar devagar e ele não estava preparado para a questão. Não sabia qual seria a melhor resposta.

— Eu não sei, Luiza. Mas que tal a gente fazer uma coisa. Que tal a gente descobrir isso juntos, hein? Eu te ajudo e você me ajuda? O que acha?

A menina apenas balançou a cabeça positivamente.

Sempre que sentia necessidade William ia até o consultório de Rossi, seu antigo professor. Naquela hora de conversa, o psicólogo infantil tentava deixar seu papel como profissional e assumia a poltrona do atendido. Rossi também era um dos nomes da banca que avaliou a tese de doutorado de William. Tinha uma genuína admiração pelo brilhantismo do ex-aluno, embora, em várias ocasiões, o alertara sobre sua quase obsessão pelos mistérios da natureza humana enfatizando a cautela que os estudos da área necessitam. Pelos anos a mais de experiência, Rossi já havia entendido que desbravar o labirinto da mente exigia um nível elevado de autoconhecimento para não se deixar levar pela tentação de querer ter o controle de tudo.

— Como vai o trabalho, William?

— Direto ao assunto como sempre?

— Sempre da forma que você preferir.

— Eu atendi uma criança... oito anos. Um garoto. Os pais dele foram mortos e o menino foi obrigado a assistir tudo. A polícia pediu para que eu tentasse tirar as informações necessárias para prosseguirem com as investigações.

— Você conseguiu que a criança dissesse o que era preciso?

— Acredito que sim.

— Então seu trabalho com ela terminou?

— Meu trabalho com a polícia sim. Com o garoto está só começando.

Rossi sentava de forma elegante. Os olhos atentos em William

demonstravam total atenção, mas não eram invasivos. Mesmo assim, havia algo na forma como projetava sua personalidade que lhe concedia uma autoridade que ao mesmo tempo em que era aberta ao diálogo, era quase inquestionável.

— Claramente a criança irá precisar de uma atenção profissional. Mas o que eu gostaria de saber é por que ela é o motivo de nossa conversa.

— O senhor perguntou como estava o trabalho.

— Você está atendendo só essa criança, William?

— Na verdade, ela não é o único motivo. Há outra criança, uma menina, também de oito anos. Parece que quem matou os pais do menino fez a mesma coisa com os pais dela.

— Pediram para que você cuide da menina também.

— É, pediram — depois de uma breve pausa sem deixar de se encararem, William continuou. — Eu estava conversando com... com um conhecido sobre minha tese de doutorado. Acontece que, depois dessa conversa, eu sei que vai parecer besteira, mas eu tive uma sensação estranha, é difícil de explicar.

— Sem pressa. Mas enquanto você tenta achar uma maneira de explicar essa sensação, por que você achou que isso iria parecer besteira?

— Bom, o senhor sabe melhor do que ninguém que eu não sou o tipo que crê em sensações vindas de um lugar inexplicável.

— Claro, você é um profissional que precisa ter resposta pra tudo.

— Não é bem assim, Sr. Rossi.

Rossi continuava sentado de maneira inabalável. Ele não sabia mas, apesar de todo o respeito que seus alunos tinham por ele, havia uma piada interna sobre o professor. Os alunos diziam que quando Rossi nasceu, logo depois de o médico ter dado aquela famosa palmada no recém-nascido, o bebê Rossi teria encarado o médico com seu olhar tranquilo e pensado: você quer conversar sobre o motivo dessa violência? Alguns iam ainda mais longe e diziam que ele não teria chorado.

— Não?

— Talvez um pouco. Um pouco mais do que deveria — William sorriu antes de continuar. — Às vezes... eu me surpreendo pensando em alguns casos específicos que surgem no meu consultório. Alguns casos onde eu poderia conseguir mais respostas do que o atendido realmente precisa encontrar, entende?

— Você também quer as suas respostas. Isso é natural.

— Mas eu não quero que as minhas perguntas se coloquem à frente das questões dos atendidos. Eu tenho medo de... acabar usando eles... sem querer.

— Sabe por que você conseguiu desenvolver um trabalho de nível tão elevado, William? Porque você conseguiu entender a real função do nosso trabalho. Você foi capaz de entender que procuramos respostas para perguntas que não são feitas — o ex-aluno escutava com atenção — e isso é bom. É muito bom. O que você não deve esquecer é que coisas boas são utilizadas como iscas em armadilhas. Mantenha sua curiosidade profissional sob controle e você sempre fará o que precisa ser feito.

— O senhor perguntou sobre o motivo da conversa. Na verdade, o real

motivo é sobre a pessoa que matou os pais dessas crianças. Eu sinto como... como se ela tivesse me dando o que eu preciso para continuar meus estudos, sabe? E... eu não posso sentir isso, eu não devo me sentir assim.

— Não é errado usar algo ruim para fazer algo bom. Muito pelo contrário, William.

— E se eu interpretar errado o que você está de me dizendo, Sr. Rossi?

— Somos os únicos responsáveis pelas nossas interpretações.

Na delegacia Artur conversava com Bete sobre o caso.

— É um homem de uns 30 ou 40 anos, forte e esperto o suficiente para dominar dois homens sem dificuldades. Não tem sinal de luta em nenhuma das cenas a não ser o copo quebrado na segunda casa, que pode ter sido por qualquer motivo. O que pode ser é que ele talvez se veja como um salvador, alguém que livra as crianças de pais que ele enxerga como problemáticos, e muito provavelmente ele mesmo tenha sofrido maus-tratos na infância. Alguma coisa muito grave deve ter acontecido quando ele tinha oito anos.

Bete ia dizer algo mas Artur interrompeu e continuou seu raciocínio.

— O fato da língua que me deixa confuso, se fosse uma mensagem para alguém específico, não faz sentido fazer isso com vítimas sem nenhuma ligação.

— Talvez a mensagem não seja pra alguém, talvez seja... pra todo mundo — Bete finalmente conseguiu falar.

— Pra todo mundo. Pra todo mundo. Para o mundo. Ele quer que as pessoas saibam de algo.

— Que saibam o quê?

— Não sei, não sei — Artur começava a ficar agitado.

Bete pegou o desenho do retrato falado da máscara.

— De quem será esse rosto?

Depois de alguns segundos em silêncio, Artur pegou o telefone da sua mesa com velocidade, como se a pergunta de Bete tivesse despertado uma ideia. Buscou um número em meio aos cartões que tinha em sua gaveta e discou.

— Aqui é o detetive Artur, você quer aumentar a audiência do seu jornal?

Ao chegar no seu apartamento William encontrou a noiva assistindo TV na sala. Ficou imaginando o que ela pensaria se soubesse do pacto que tinha sido oferecido a ele.

Será que ela entenderia?

Não podia arriscar saber a resposta e também não queria envolvê-la nisso. Olhou para ela e pensou como ficava linda quando estava largada desse jeito no sofá, sem maquiagem, roupas confortáveis, abraçada ao travesseiro.

— Descobriram o rosto do assassino daquele casal homossexual.

A frase despertou William do seu pensamento romântico e ele tentou disfarçar o nervosismo e o interesse de cúmplice. Sentou ao lado dela para assistir à notícia na TV. Um típico rosto de retrato falado ocupava toda a tela enquanto se escutava a voz da repórter.

A polícia liberou hoje o retrato falado do possível envolvido no sumiço do casal Luiz e Felipe, que ainda estão desaparecidos. Se alguém tiver qualquer informação sobre o paradeiro do suspeito ligue no número que está aparecendo na tela. Repetindo: se alguém tiver qualquer informação sobre o paradeiro do suspeito ligue no número que está aparecendo na tela. Você não precisa se identificar.

— Espero que consigam pegar logo esse bandido covarde.

William não sabia se os números estavam realmente piscando na tela ou se era a sua cabeça latejando com a possibilidade de conseguirem encontrar o tal David. Ficou encarando o rosto na TV. Um rosto velho que não parecia com a imagem que tinha pintado na sua imaginação. Levantou-se do sofá e foi até o computador checar seus e-mails. Como não havia nenhuma mensagem nova ele mesmo escreveu.

Seu rosto está na TV!

Durante toda a madrugada ele permaneceu na frente do computador e usava desculpas do trabalho para negar as diversas vezes que a noiva o chamou para cama. Adormeceu na mesa, sem ter recebido nenhuma resposta.

Quando despertou pela manhã, William sentiu o corpo reclamando. Esticou os músculos das costas que pareciam doer ainda mais e, sentado em frente ao computador, sentiu um buraco se abrindo no estômago quando viu um bilhete de Juliana colado na tela apagada do notebook.

Veja seu e-mail.

7.

Sem ao menos ter checado o e-mail, William levantou da cadeira e percorreu o apartamento procurando a noiva.

— Ju?

Ninguém no banheiro.

— Ju?!

Ninguém no quarto. A casa estava vazia. O único pensamento que vinha à cabeça era a possibilidade dela ter visto sua conversa com David na tela do computador enquanto ele ainda estava dormindo na mesa.

Correu para o notebook e viu duas mensagens novas. Uma de Juliana e outra de David. Posicionou o cursor do mouse sobre a mensagem da noiva, com os músculos do corpo contraídos e tensos. Clicou.

Não esqueça o aniversário do Cris.

Te amo.

Mil beijos. Não, 999 porque ontem você me deixou dormir sozinha.

Mal deu tempo de respirar aliviado e foi para a mensagem de David.

Não se preocupe, Sr. William. Esse não é meu rosto.

William suspirou, deixando escapar um ar que parecia estar preso há muito tempo no peito. Junto com o desabafo da respiração, seu corpo amoleceu, como se tivesse relaxado após um esforço prolongado e doloroso. Havia um misto de alívio e tristeza, um peso invisível que parecia aumentar e forçava seus ombros para baixo. Algo que não sabia explicar tomava conta da alma. Algo úmido, embotado. E foi assim, nesse misturado de ânsia e entrega que, depois de muito tempo, William chorou.

O que estou fazendo?

Longe do endereço do psicólogo, David preenchia o interior de uma bolsa preta. Alicates, faca, fita adesiva, máscara de cartolina, entre outras ferramentas e utensílios. O cômodo onde estava não possuía janelas e a luz vinha de dois pares de lâmpadas horizontais no teto e do aparelho de TV sempre ligado. Prestes a sair para cometer o próximo assassinato, David olhou mais uma vez o mapa estendido sobre a mesa, ao lado de uma caixa de documentos com uma etiqueta onde estavam escritos os nomes Lucas e Mirtes. Percorreu com o dedo indicador o trajeto sinalizado no mapa, em seguida fechou e guardou-o dentro da caixa. Um outro documento ainda estava sobre a mesa: a planta de uma casa. Nela, era possível ver marcações indicando onde ficava o quarto do casal e também o da criança. Uma observação estava escrita na parte inferior do papel: cães de guarda. Depois de examinar a planta, ela também foi dobrada e guardada. Antes de sair, David levou a caixa para o armário, onde a trancou com a chave que carregava no bolso. Permaneceu por alguns segundos encarando o móvel, como se estivesse olhando através dele. O armário parecia atraí-lo. Havia algo de vivo naquele móvel aparentemente tão normal, algo pulsante, ao mesmo

tempo convidativo e ameaçador.

Com um movimento rápido, David conseguiu escapar dos pensamentos provocados pela presença do armário e voltou sua atenção para o que tinha que fazer naquele momento. Ao sair pela porta que agora se fechava às suas costas, passou pelo belo jardim de rosas brancas e vermelhas e foi em direção à Saveiro preta que tinha a caçamba coberta por uma grossa lona presa nas laterais do automóvel. Colocou a bolsa com cuidado no assento do carona e partiu em direção à sua terceira vítima.

Como de costume, David dirigia evitando as ruas mais movimentadas. O trajeto alternativo fazia a viagem ficar ainda mais longa, dando tempo para repassar cada etapa da ação e, infelizmente, relembrar cenas da sua vida através de pensamentos que insistiam em assombrá-lo com imagens de sorrisos, olhares, até a lembrança do som do seu nome sendo dito por sua mãe o torturava. Assim os momentos felizes do passado eram trazidos com tristeza pelo sadismo do tempo. Não é à toa que não se colocam fotos tristes em porta-retratos, não é preciso deles para relembrar o que se gostaria de esquecer.

Um turbilhão de pensamentos insistia em bagunçar a mente já confusa de David. Coisas, pessoas, possibilidades. Vieram à cabeça os ensinamentos do velho que abriu as portas da sua casa e do seu trabalho. Ensinamentos que hoje são tão úteis para ele e para que a polícia não o encontre.

Você tem que limpar o corpo, e o mais importante: tratá-lo com respeito. Seja lá para onde a alma dessa pessoa vai, o corpo é a sua responsabilidade. Nós não fazemos simplesmente o corpo desaparecer, nós o transformamos. E toda transformação pede respeito.

Pensou que o velho também deveria ter seu lado sombrio. Todo mundo tem. Basta a vida acertar o lugar certo para despertar o pior em qualquer pessoa.

O dia estava ensolarado, mas o céu parecia ter uma membrana opaca, como água com cloro, que impedia todo o potencial de alegria do azul. Seria uma boa manhã para curtir um dia no parque com a namorada, se ele um dia tivesse uma. Se ele um dia tivesse uma vida normal.

Olhava para as pessoas na rua, entediadas, mal-humoradas, tristes. O jovem, o adulto e o velho. Pensou em como deve ser ficar velho.

Parado no sinal vermelho reparou em um cego na calçada pedindo esmolas.

Ele quem devia dar dinheiro às pessoas pelo que elas são obrigadas a ver todos os dias.

Já estava há quase uma hora dirigindo quando chegou ao pedágio. Pelo menos os das estradas aceitavam dinheiro. Depois de mais algum tempo a paisagem antes movimentada por pessoas deu lugar a uma estrada tranquila. Gostava mais da vista assim.

Foram pouco mais de três horas para chegar a uma pequena comunidade rural. Não havia mais prédios altos nem todo aquele barulho irritante. Pensou que ali deveria ser um bom lugar para aproveitar o resto do tempo depois dos erros da vida adulta.

Entrou em uma estrada de terra.

Olhava pelo retrovisor e via a poeira que se levantava atrás do veículo,

subindo pelas laterais e se fechando como o mar que engoliu os soldados que perseguiram Moisés. De vez em quando passava por uma propriedade rural onde via casas quase sempre ao fundo da porteira, alguns animais e hortas para consumo próprio.

Desacelerou a Saveiro e foi devagar, estava chegando ao seu destino. Subiu uma pequena rua que se elevava após uma bifurcação e dava para um terreno mais alto, rodeado de árvores. Dirigiu mais alguns metros onde encontrou o local em que permaneceria até escurecer. Até a hora de fazer o que tinha que ser feito.

Não demonstrava nenhuma alegria pela tarefa. Também não demonstrava tristeza. Não demonstrava nada. Era como um funcionário qualquer cumprindo o trabalho que tinha tomado o lugar dos seus sonhos.

— O promotor está no meu pé, Artur. Eu preciso dizer alguma coisa pra ele e eu não posso simplesmente chegar e falar “bom, pelo menos sabemos que ele é canhoto e gosta de crianças” — Aristes estava sendo pressionado, então precisava pressionar alguém. É assim que as coisas funcionam em toda organização dividida em hierarquias.

— É fácil cobrar sentado atrás de uma mesa, senhor.

— Vá descobrir alguma coisa, Artur.

O detetive voltou para a sua mesa, puxou a cadeira sem se preocupar com o barulho e apanhou um bloco de papel A3, daqueles usados por desenhistas. Começou a escrever tudo que tinha até aquele momento.

Máscara: o rosto de alguém — sem identificação

Língua: uma mensagem

Blusa: preocupação — sinal de remorso

Região: diferentes — sem ligação

Pais: diferentes — sem ligação

Criança: oito anos — característica comum

Crimes: 2

Olhou para todas aquelas palavras e tentava juntá-las, encontrar um sentido para aquela bagunça. Pegou o maço dentro do bolso do paletó, tirou um cigarro e o colocou na boca, sentindo os lábios umedecerem o filtro e liberar o sabor amargo na língua.

Escurece mais cedo nas zonas rurais, longe da cidade que parece sempre estar em clima de Natal com seus altos prédios e torres com luzes acesas mesmo quando já estão vazios durante a madrugada. Às oito horas tudo estava escuro. O único som vinha da orquestra de aves e insetos noturnos e do vento que corria livre e agitava a folhagem.

David estava na mesma posição de vigilância quando olhou no relógio de pulso. O som da natureza provocava uma sedutora paz para o sombrio predador que se encontrava acordado no meio da mata, malhado pela luz da lua que vazava pelas folhas das árvores.

Todas as vítimas foram estudadas com paciência e para cada ação que seria colocada em prática havia particularidades exigidas pelo ambiente. Por isso o binóculo infravermelho. Dessa maneira o assassino poderia observar com clareza o que acontecia dentro da casa e ao redor da área de ataque.

Moradores de regiões rurais possuem o hábito de dormir cedo e as residências tinham uma larga distância umas das outras.

Perfeito.

É claro que um tiro de espingarda para o alto acordaria um bom número de fazendeiros, pessoas que são mais unidas do que as da cidade e que costumam proteger umas às outras em caso de perigo. Mas tudo estava perfeitamente arquitetado para evitar falhas e a possibilidade de ter caminhonetes acelerando atrás dele com balas zunindo no retrovisor.

Olhou através do binóculo e apenas duas luzes se encontravam acesas na casa principal cercada pela silenciosa escuridão. O céu parecia um vestido de baile preto, adornado por pedrinhas brilhantes coladas aleatoriamente. O assassino continuou olhando a casa até que uma das luzes foi apagada. Esperou. Esperou. Pacientemente esperou até que a última lâmpada foi desligada, despertando o cronômetro invisível da maratona cruel que estava prestes a se repetir mais uma vez.

A escuridão predominou pelas planícies da fazenda, com as irregularidades do terreno sendo sombreadas por diferentes tons escuros que eram iluminados pelo pálido reflexo da lua.

David já tinha deixado a Saveiro na posição exata para agir. Bastou entrar no carro e desengatar o freio de mão para o veículo começar a descer a rua íngreme sem a necessidade de o motor ser ligado. Só precisou controlar o carro com o freio para não tomar velocidade e fazer barulho nas curvas.

Parou antes de chegar ao seu destino e desceu tão silenciosa e sorrteiramente do veículo que era possível escutar as solas do calçado esmagando a grama verde do terreno. Abriu a lona que cobria a caçamba e enfiou a mão em um cooler de isopor, retirando nacos graúdos de carne crua. De uma distância segura atirou os pedaços próximos à casa. O som que fizeram ao cair no chão foi suficiente para despertar o pastor alemão e o rottweiler. O cheiro convidativo fez o resto. Os cachorros se aproximaram com os focinhos farejando o chão até a carne sangrenta, saborosa e impregnada de veneno. Mastigavam com vontade e lambiam a grama avermelhada, emitindo sons afobados de satisfação.

David esperou pacientemente quinze minutos, olhou pelo binóculo e viu os dois cães estirados sem vida na terra. Desengatou novamente o freio de mão e continuou descendo até a porteira da fazenda. Saiu do carro e foi empurrando o veículo para mais próximo da casa, queria estar o mais perto possível da residência quando tivesse que carregar os dois corpos para a caçamba da Saveiro.

Ao chegar a uma distância considerável apanhou a bolsa preta do assento do carona e foi andando furtivamente. Olhou através da janela da sala e confirmou o total silêncio. O interior da casa era um jogo de sombras projetadas pela luz da lua que entrava pelas vidraças ao redor da residência.

Deslizou a faca fina através do peitoril da janela até tocar na trava que a fechava por dentro e, com um movimento firme, escutou o tilintar da dobradiça se abrindo. Atravessou a janela com cuidado para não esbarrar no abajur em cima de um móvel. Ao se posicionar de pé no interior da sala colocou a máscara de cartolina no rosto e foi revistar os cômodos à procura do quarto da criança.

Subiu as escadas de madeira com cuidado. Um degrau rangeu e ele cessou o movimento. Imóvel, se concentrou nos ouvidos atentos.

Dentro do quarto do casal a mulher abriu os olhos ainda pesados pelo sono, levantou somente a cabeça do travesseiro e sussurrou para o marido.

— Escutou isso?

— Uh, o que foi?

— Escutei alguma coisa na escada.

O homem ergueu a cabeça com os olhos mais fechados do que abertos, cegos pela escuridão do quarto totalmente fechado. David permanecia imóvel na escada, os músculos tensos, contraídos, a bolsa preta pendendo em um dos ombros.

— Não foi nada, vamos dormir.

A mulher, ainda meio preocupada, continuou sentada na cama. O marido já havia desistido e se entregava ao sono novamente.

— Eu vou olhar — disse a mulher.

Quando retirou o lençol que cobria seu corpo, a mão do marido segurou seu braço.

— Pelo amor de Deus, mulher, vamos dormir.

Entregue ao pedido do marido e por não ter escutado mais nenhum movimento, ela se convenceu e voltou a deitar. O trabalho no campo esgotava o corpo e o cansaço muitas vezes falava mais alto que o senso de alerta.

O invasor mascarado continuou sua subida, tomando cuidado com os degraus, e avistou quatro portas no corredor superior da casa.

A maçaneta do primeiro quarto girou lentamente sem fazer barulho e, pela pequena abertura da porta, os olhos por trás da máscara de papel apareceram vasculhando o cômodo. Observou o casal na cama. Fechou a porta e passou para a próxima, um banheiro. A terceira era um quarto vazio com uma cama de casal, um beliche e um armário. Provavelmente um quarto de hóspedes.

Atrás da máscara os olhos se moviam com firmeza e avistaram a última porta no final do corredor. Ao abri-la, a luz fraca entrou pela pequena fresta e deslizou pelo chão projetando um risco pálido sobre a cama da criança que dormia.

David entrou silenciosamente e agora era sua sombra que deslizava sobre o assoalho, avançando em direção ao garoto. Ficou algum tempo abaixado próximo ao rosto do menino, observando sua expressão tranquila, dormindo sem imaginar que o predador o encarava na penumbra da noite.

Com um gesto rápido tapou a boca e as narinas da criança com um pano umedecido em clorofórmio, fazendo com que o garoto despertasse assustado, debatendo-se de forma impotente contra o invasor que segurava seu corpo. No quarto pouco iluminado a máscara de cartolina ganhava uma tonalidade

fantasmagórica. Não era possível lutar contra a força do homem que o segurava com firmeza, e o efeito da substância agia mais rapidamente ao ser aspirada com velocidade pela respiração ofegante do menino. Em questão de segundos seu pescoço amoleceu e as pálpebras tombaram escondendo o medo dos seus olhos. David permaneceu imóvel, com os sentidos vigilantes, e só se levantou depois de ter certeza de que ninguém havia acordado.

A casa continuava em silêncio até que um som forte veio do quarto da criança e fez seus pais despertarem em alerta.

— O que foi isso? — a mãe falou primeiro.

— Fica aqui que vou olhar.

— Veio do quarto do Pedro?

— Silêncio. Fica aqui que eu vou ver.

Lucas esfregou os olhos embaçados e abriu a porta com cuidado. Seu olhar percorreu o corredor até o quarto do filho, que estava com a porta fechada. Andou de forma noturna pelo piso de madeira, o peito do pé tocando o chão primeiro e, passo a passo, chegou ao quarto. Ao entrar, viu a cama vazia e sentiu um vento gelado vindo da janela aberta, fazendo a cortina dançar no ar.

Correu até a janela e colocou metade do corpo para fora, olhando para baixo com medo de ver o seu filho estendido no chão. Mas não havia nada lá. Permaneceu na mesma posição por alguns segundos, de costas para o quarto, olhando o quintal e tentando encontrar algo que nem sabia que estava procurando. Foi quando escutou um rangido vindo das suas costas e virou rapidamente para trás.

Nada.

Apenas o vento soprando pelo quarto vazio.

Reparou que o armário de roupas estava levemente aberto, transparecendo apenas uma fresta escura por onde não se conseguia enxergar seu interior.

— Pedro?

— O que está acontecendo? — gritou a mulher do seu quarto.

— Está tudo bem, é só o Pedro brincando — Lucas também tentava se convencer que era só uma brincadeira de criança.

O homem foi andando devagar em direção ao armário e parou a poucos passos de distância. Segurou os puxadores das portas e abriu os braços como uma ave. As roupas penduradas no cabide tinham um volume maior do que o normal, como se algo estivesse atrás delas. Enfiou as duas mãos entre as roupas e jogou metade para cada lado. Pedro estava lá dentro, o corpo encostado na parede do móvel, desacordado. Virou-se com velocidade para procurar o interruptor de luz na parede, mas foi surpreendido ao se chocar com um homem parado no meio do quarto. Com o susto, Lucas cambaleou para trás e David, com a mão esquerda, segurou a nuca do homem enquanto com a direita pressionou o pano úmido no seu rosto. Tudo aconteceu tão rápido que não houve tempo para pensar, não houve tempo para reagir, a surpresa congelou os reflexos de Lucas e, quando ele tentou afastar os braços que o imobilizavam, seus músculos já tinham perdido a força. Após alguns segundos o corpo do homem cedeu, mas, antes de cair na escuridão, seus olhos encararam os do invasor e pareciam tentar dizer alguma

coisa. Pareciam dizer: por quê?

— Lucas?

— Lucas?!

A mãe gritava do quarto, sentada na cama e apavorada pelo silêncio do marido. Escutou passos que rangiam no corredor de madeira e vinham em sua direção.

— Lucas?

Uma silhueta alta parou na entrada da porta, sendo delineada pela luz fraca que pintava o ambiente como um cenário de filme de terror. A mulher se arrastou pela cama chorando, fugindo, até suas costas encontrarem a parede fria.

— Pode levar o que você quiser. Leva o que quiser.

Eu vou levar.

Tic... tic... tic...

William estava no aniversário do seu amigo Cris e tentava disfarçar o desconforto de estar ali, em plena comemoração, rodeado de sorrisos.

— Você parece meio amargo — disse Cris estendendo um copo de uísque ao amigo.

William recusou educadamente, um gesto inesperado, principalmente em tal ocasião comemorativa. Ele conhecia bem o efeito do álcool e não queria correr o risco de ter a língua solta confessando seus pensamentos.

— Amanhã acordo cedo.

— Todos vamos acordar — disse Cris, que logo em seguida se afastou para receber outros convidados que chegavam.

— O que houve? — perguntou Juliana.

— Nada, só estou cansado.

— O caso daquelas crianças está mexendo com você, né?

— Um pouco.

— A polícia já sabe algo sobre quem está fazendo isso?

— Eu só cuido das crianças, não me envolvo na investigação.

— É assustador saber que um monstro assim pode estar em qualquer lugar.

William olhou ao redor pensando nas palavras da noiva.

Um monstro assim pode estar em qualquer lugar.

Assustou-se ao pensar que não fazia ideia de quem era David, nem como era seu rosto, já que ele havia dito que o retrato mostrado na TV não era o dele. Ele poderia muito bem estar naquele mesmo bar. Poderia ser o homem solitário sentado no balcão ou o barman que servia o homem solitário; poderia ser a garçonne ou o senhor mais velho que não tirava os olhos do decote dela. Poderia ser qualquer um. Poderia estar lá fora fumando um cigarro ou ser o sujeito no metrô lendo um livro. Poderia ser qualquer um.

— E não é que ele veio mesmo? — disse Cris que acabava de se aproximar de William novamente.

— Por que você convidou ele?

— Eu encontrei o Renan na rua e aproveitei pra fazer o convite. Quando

eu estava na metade da frase o Érico apareceu do nada. Tive que estender o convite pra ele também. Infelizmente.

— Aquela namorada é nova — comentou Juliana.

— O Érico troca a cada seis meses — disse William.

— Vocês acham isso mesmo? — Sheila, mulher de Cris, havia se juntado ao grupo. — Até parece. Pra mim, são elas que não aguentam muito tempo com ele. Olha aquele cabelo.

Toda sala tem aquele aluno que não faz muita questão de querer ser agradável. Um mala por natureza, como muitos diziam. Érico era esse sujeito da turma de Psicologia de William, Cris e Juliana. E lá vinha ele, caminhando com aquela movimentação corporal típica de um mala por natureza, com a coluna forçadamente ereta, cumprimentando as pessoas a distância apenas com um levantar de mão, como se fosse alguém popular. E para completar, tinha aquele cabelo certinho de namorado de boneca.

William já pressionava uma das têmporas com o dedo, indicando o aumento de uma dor de cabeça.

— William, quanto tempo — Érico tentava ser cordial, mas era claro que estava fazendo um enorme esforço.

— Verdade, Érico, já faz algum tempo mesmo.

— Essa é a Jana. Jana, esses são os colegas da faculdade que te falei.

Jana parecia ser uma garota simpática. Era fácil perceber isso. E, justamente por esse motivo, todos tinham a sensação de que ela conhecia Érico há pouco tempo.

— Vocês estão juntos há muito tempo, Jana? — perguntou Juliana.

— Quase dois meses — Érico respondeu.

— Você não perde essa mania de não deixar as pessoas falarem, não é, Érico? — Juliana falava sem parecer grosseira, quase em um tom de brincadeira, uma forma profissional de chamar a atenção de alguém que merecia um puxão de orelha em público. Érico apenas riu de forma contida.

— Ok, ok, me desculpem. Eu tenho mesmo essa mania.

William se movimentou de forma desconfortável, olhando em direção à porta como se o lugar estivesse pegando fogo.

— Algum problema, William? — perguntou Érico.

— Não, só estou um pouco cansado.

— William. Somos todos psicólogos aqui. Quase todos. Não dá pra mentir pra gente.

— Não estou mentindo, Érico. Ju...

— Jana, esse é o William que eu comentei.

— Ele realmente disse que a banca adorou seu trabalho. Parabéns — a moça era realmente simpática. William ficou com pena dela.

— Obrigado, Jana.

— O Érico comentou que você fez Medicina antes de resolver fazer Psicologia — a garota continuou a conversa de forma inocente.

— Sim, é verdade.

— Eu não contei por que você resolveu abandonar a Medicina já no final do curso — continuou Érico.

— É meu aniversário, gente, vamos falar de algo mais divertido.

— Desculpa, eu não queria tocar em nenhum assunto chato.

— Não, Jana, não tem problema. Bom — o psicólogo tentou disfarçar a respirada mais forte —, eu nunca pensei em fazer Psicologia. Na verdade, eu sempre quis ser cardiologista. Meu pai era cardiologista e, você sabe, eu também queria ser um. E eu realmente gostava dessa ideia. Eu estava quase terminando o curso, faltavam apenas dois semestres — William limpou a garganta — e um dia, voltando de uma viagem, eu estava no carro sozinho, na verdade o carro nem era meu, era do meu pai, e do nada um outro automóvel passou por mim com muita pressa. Lá na frente ele perdeu o controle e capotou. Eu acelerei para chegar lá, encostei e fui ver o veículo que estava de ponta-cabeça todo retorcido. Só tinha uma pessoa lá dentro, um rapaz inconsciente, com o rosto todo cortado e sangrando. Outros carros pararam para ajudar. O rapaz não tinha pulsação e o pescoço não apresentava fratura aparente, ele enfartou enquanto dirigia. Eu precisava fazer algo naquela hora. Então eu me agachei e entrei com a metade do corpo pela janela quebrada — William mostrou o braço para Jana que escutava atenta —, o que me rendeu essa cicatriz de lembrança...

— Pula essa par... — Érico se intrometeu, mas foi logo calado por Jana, o que fez todos ao redor gostarem dela de imediato.

— Deixa ele contar, Érico. Continua, William.

— Eu destravei o cinto e puxei o homem pra fora, e tinha um senhor me mandando esperar a ambulância, dizendo que não podia mexer, que podia ter fraturado algo e eu gritava que não dava tempo pra esperar. Senti o pulso: nada. Comecei uma massagem cardíaca e nada de resposta. Eu corri pra dentro do carro do meu pai porque lembrei que ele tinha deixado uma maleta com remédios e instrumentos na parte de trás. Voltei correndo, abri o estojo e procurei até achar um vidro de Epinefrina.

Jana fez uma careta indicando que não sabia o que era a substância.

— Adrenalina — simplificou.

— Ah, tá.

— Peguei uma seringa e injetei na veia do rapaz. O efeito é muito rápido. O rapaz acordou como se tivesse rompido um plástico que o segurava debaixo d'água. Os olhos esbugalhados, ofegante. Eu mandei ele se acalmar, expliquei que tinha acontecido um acidente, ele estava muito nervoso, muito agitado. Fiz alguns curativos no rosto dele, verifiquei se havia alguma fratura fácil de localizar, mas minutos depois a ambulância chegou.

— Você salvou a vida do homem. Eu ainda não entendi.

— É que essa é a parte feliz da história — respondeu William, sem nenhum sinal de empolgação. — Depois de oito dias saiu uma reportagem no jornal que falava de uma família, um casal e duas crianças, mortos a tiros dentro de casa. O assassino se suicidou em seguida. A foto do assassino estava aparecendo na tela da TV...

— Não, fala que não é...

— O homem que eu salvei no acidente.

— Minha nossa — Jana colocou as duas mãos na boca.

— Na noite que ele capotou o carro, ele estava indo matar essa família.

Por isso a pressa, por isso a agitação quando acordou. Ele era o ex-marido da mulher e pai das duas crianças, duas meninas, uma de nove e outra de doze anos. Era um viciado e por isso a mulher o abandonou e foi morar na casa de um amigo, não era nem namorado dela, era só um amigo.

— Não tinha como você saber — Jana ainda estava com uma das mãos no rosto.

— É o que a gente sempre fala — Cris disse ao lado.

— Não foi por culpa que eu desisti de ser médico. Médicos devem salvar qualquer pessoa, inclusive aquelas que cometeram algum crime, faz parte do trabalho. Eu desisti porque — William respirou com um pesar antes de continuar — eu percebi que não era o bastante, não era o bastante salvar um corpo, eu tinha que encontrar um jeito de salvar a cabeça das pessoas, de alguma forma eu tinha que... — William pareceu se perder em alguma curva do raciocínio e ficou em silêncio, ignorando a presença de todos que o escutavam.

— William — Juliana chamou com carinho e deu um leve apertão em seu braço.

— Eu não quero fazer um curativo no dedo, eu quero... tirar o corte da faca.

Jana estava em silêncio e olhava para William.

— E assim surgiu meu concorrente — Érico não fazia questão de se sensibilizar e foi ignorado, sendo obrigado a desmanchar de forma sem graça o sorriso sem plateia.

— Que bom que ainda tem gente que se preocupa em fazer algo pelos outros. Mesmo que tenha que desistir das coisas que gosta pra isso — disse Jana.

— Gente, isso aqui é uma festa, vamos falar de histórias de festas — o aniversariante não queria apenas tentar salvar a comemoração, mas também queria mudar o rumo da conversa que, sabia ele, não agradava o amigo.

— O Cris tem razão, chega de assuntos chatos — completou William, tentando de forma incapaz demonstrar alguma animação.

Ficaram no evento por mais trinta minutos, mas William estava calado, dentro da sua própria cabeça. Sua expressão não era cansaço, mas alguma preocupação, algo sério demais para dar espaço à festividade. Juliana havia percebido mas, toda vez que tentava tocar no assunto, era rapidamente colocada de lado com uma desculpa qualquer.

— Estou com uma dor de cabeça terrível. Se importa se a gente for embora?

Ao se despedirem, Cris tentou convencê-los a ficar, causando uma irritação que William não se esforçou em esconder.

— O Cris só estava tentando ser gentil, e é aniversário dele, não precisava ficar irritado daquele jeito.

William dirigia em silêncio. Sabia que isso incomodava a noiva, mas não estava disposto a discutir.

— Está tudo bem mesmo?

— Sim, só estou cansado.

— Se tiver alguma...

— Quantas vezes eu tenho que dizer que não é nada?

Nas raras vezes que William fora duro sem razão com Juliana ele sempre se desculpava logo em seguida. Mas dessa vez isso não aconteceu.

— Tudo bem se eu preferir ficar em casa hoje?

— Tudo bem.

Não era a resposta que ela esperava. Eles nunca iam dormir sem resolver uma discussão. Coisa de psicólogos ou de casal bem resolvido. Mas dessa vez, além de dormirem sem resolver a situação, cada um ia dormir em sua casa.

Depois que Juliana desceu do carro, dando um tchau sem beijo, William percebeu o estrago na noite. Não conseguia dividir seus pensamentos que agora eram quase que exclusivos para a proposta do estudo de David. Pensou em ligar para Juliana, em subir até o apartamento dela, em fazer algo. Mas ele apenas se foi.

David já estava na cidade. Passava por sua cabeça se deveria sentir algo especial, alguma euforia, algum sentimento próximo de orgulho por tudo estar caminhando como planejado. Mas ele não sentia nada, apenas o vento que entrava pela janela.

De repente, o vazio foi preenchido pelo medo em forma de luzes vermelhas e azuis girando no meio da rua quando virou uma curva e deu de frente com uma blitz policial. Os carros à frente andavam com velocidade reduzida enquanto policiais armados observavam a movimentação com olhares de quem busca qualquer detalhe suspeito. A maioria dos carros passava direto, enquanto alguns recebiam o sinal de uma lanterna e eram obrigados a parar para averiguação.

David olhou pelo retrovisor com o pensamento de dar ré no automóvel, mas isso com certeza chamaria muita atenção. E, mesmo que quisesse fazer tal manobra, não seria possível porque outros carros já estavam atrás dele impedindo uma possível fuga pela contramão.

Eles não vão me mandar parar; eles não vão me mandar parar.

Mas o pensamento positivo nunca fez parte do seu repertório de estilo de vida. Sem fazer nenhum movimento brusco abriu a bolsa ao seu lado, tirou a arma que ainda estava com o silenciador no cano e a escondeu sob as pernas de forma que fosse fácil sacá-la rapidamente, caso necessário.

A cada segundo ele se aproximava mais dos carros da polícia. As luzes ficavam cada vez mais fortes e o irritavam na mesma intensidade, mas David tentava manter sua expressão calma. Depois de tanto cuidado para evitar esse tipo de situação, lá estava ele, dirigindo lentamente para um possível fim prematuro.

Ainda não estou pronto. Ainda não estou pronto.

Um policial em pé no lado esquerdo da rua apontava a lanterna nos rostos dos motoristas enquanto apoiava a outra mão na pistola pendurada na cintura. Outros dois policiais empunhavam espingardas calibre doze. Ao lado estavam duas viaturas e outros homens fardados próximos aos veículos.

David contava e calculava as possibilidades comparando com a

quantidade de munição que tinha. Só mais dois carros na frente.

Tic... Tic... Tic...

A mente do assassino começava a brincar com ele. David olhou para a bolsa preta ao lado, o som metálico do alicate parecia crescer do seu interior escuro à medida que a distância dos policiais diminuía.

Tic... Tic... Tic... Tic... Tic... Tic...

O primeiro dos dois carros da frente foi liberado. O segundo avançou meio metro. O assassino sentiu dificuldade em mover a perna no acelerador.

Tic. Tic. Tic. Tic.

O policial apontou a lanterna para o motorista da frente. Poucos segundos estavam entre o alívio e o tiroteio. A única coisa que David sabia era que a primeira bala iria parar entre os olhos do policial que segurava a lanterna. Não conseguia pensar para frente disso. Não poderia ser pego. Isso não era uma possibilidade.

Não, não, não e não.

O motorista da frente recebeu o sinal para continuar.

Tictictictictictictictictictictic.

David olhou o policial da lanterna que parecia dizer alguma coisa para os dois policiais próximos dele. Um cochicho, algo. O assassino olhou dentro do carro à sua frente que começava a se mover para ir embora, e ele notou os olhos do motorista no retrovisor encarando os seus. Havia um sorriso naqueles olhos no espelho.

Parem esse cara. Ele tem algo no carro. E ele sabe que eu também tenho.

O policial segurando a lanterna gesticulou para David, que obedeceu lentamente. A luz do feixe caiu sobre seu rosto. O policial não tirava a outra mão da arma na cintura. David também estava com a mão na sua pistola e com o dedo já sentindo a pressão do gatilho. Eles se encararam. O policial apontou a lanterna para a bolsa aberta no banco do carona de David. O alicate foi iluminado.

— Ferramentas — David disse de forma segura.

O policial não disse nada. Apenas voltou a apontar a lanterna para o homem que carregava dois corpos na caçamba do seu veículo.

— O que tem na caçamba? — a voz era séria e focada.

— Nada. Está vazia.

O policial encarou David. Depois voltou a luz para a caçamba do veículo. E o que o assassino não esperava aconteceu.

— Encosta ali.

Os outros dois policiais estavam atentos à movimentação do motorista.

Não havia tempo a perder. O dedo indicador deslizou sentindo o metal do gatilho.

— Encoste ali, senhor.

Se encostasse o carro, a fuga seria muito mais difícil, se acelerasse naquela hora teria duas viaturas na sua cola e a identificação do seu veículo rodando todos os rádios da polícia. Pensou nos dois corpos que jaziam na caçamba.

Eles vão olhar lá atrás.

David engatilhou a arma sob suas pernas e seus olhos não demonstravam a intenção de encostar o carro. Os dois policiais que empunhavam as espingardas deram alguns passos em direção ao veículo.

De repente, um barulho alto de pneus queimou o asfalto e o cheiro de borracha preencheu o ar. David ficou assustado e olhou pelo retrovisor. O carro que vinha logo atrás dele saiu em disparada pela contramão após uma bem-sucedida manobra. O policial com a lanterna gritava e acenava para David sair do caminho e seguir em frente para dar passagem às viaturas que aceleraram em direção ao veículo em fuga.

Sempre se achou um homem sem sorte, e tinha todos os motivos para pensar dessa maneira, mas hoje, ela sorriu para ele. Em pouco mais de vinte minutos David cruzava a esquina da sua rua. Sem perceber, ainda estava com a arma debaixo da perna. Com um toque no controle remoto o portão de metal se abriu rapidamente e uma mulher que andava com um cachorro na calçada teve seu rosto iluminado pelos faróis da Saveiro. David reparou que ela deu uma espiada para dentro do quintal, mas não tinha com o que se preocupar, nada ali era suspeito. Entrou e fechou o portão.

Quando estava retirando a lona que cobria a caçamba escutou a campainha tocar. Ficou em silêncio, imóvel e pensou em não atender, mas poderia despertar alguma suspeita. Foi até o portão e abriu uma pequena portinhola que dava para a rua. Era a mulher que estava passeando com o cachorro.

— Oi, desculpa incomodar a essa hora, tudo bem?

— Em que posso ajudá-la?

— Desculpa parecer intrometida, mas eu reparei na roseira linda que você tem na parte de trás do quintal. Eu estou fazendo um jardim na minha casa e não tenho nenhuma rosa. Será que você poderia me dar uma muda?

David pareceu ficar um pouco nervoso com a situação, olhou para trás como se tivesse sido chamado e depois voltou a atenção para a mulher.

— Eu vou preparar uma muda e já trago.

— Muito obrigada. E mais uma vez, desculpa incomodar.

Ao fechar a portinhola, a moça se assustou com o barulho de aço pesado. David entrou em casa, pegou um vaso, algumas ferramentas de jardinagem e foi ao quintal. Olhou para a roseira como se ela tivesse algum significado especial, muito mais do que meras flores para enfeite. Procurou com cuidado e encontrou a parte ideal de uma das plantas para ser utilizada como muda. Enterrou a pá de jardinagem na terra fofa e começou a preencher o vaso, contornando o pedaço da planta que tinha cortado.

A mulher estava esperando do lado de fora com seu cachorro, e cantarolava uma canção feliz que fez David diminuir a velocidade dos passos para poder ouvir mais um pouco. Tentava lembrar onde havia escutado aquela música, mas não conseguia recordar. Encostou o rosto no portão e ficou ali, escutando, tentando não fazer barulho para não interromper a canção. Pensou em perguntar para a mulher, mas desistiu da ideia. Essa atitude poderia dar

abertura para mais intromissões da garota e ele não podia se dar ao luxo de pensar em outra coisa a não ser no que devia fazer.

Quando o portão se abriu repentinamente, revelando David com o vaso nas mãos, a moça parou a cantoria.

— Nossa, não precisa por no vaso, eu trago ele de volta amanhã.

— Não precisa. Eu tenho vários.

— De verdade, muito obrigada.

A mulher tinha os cabelos lisos, com uma quase imperceptível ondulação logo abaixo das orelhas. As pontas terminavam assim que alcançavam os ombros e, por trás da muda da planta, David viu seus olhos, uma mistura de inocência e curiosidade. Não devia ter mais do que trinta anos, talvez nem isso.

— Essas são rosas muito especiais — disse David.

— De que espécie elas são?

— Rosa-louca.

— Que nome feio para uma flor tão bonita.

— Eu gosto do nome.

— Bom, melhor eu ir andando. Muito obrigada de novo.

David não deu tempo para a conversa se estender e desapareceu atrás do portão, que fechou tão rápido quanto tinha aberto. A mulher abraçou o vaso com um dos braços, enquanto segurava a coleira do cachorro com a outra mão, e foi em direção à sua casa. Feliz com a nova planta que logo iria florescer no seu jardim. Mal sabia ela o verdadeiro significado daquela rosa-louca.

8.

Pela manhã Artur estava em sua mesa na delegacia com a anotação da noite anterior nas mãos. Havia escrito as informações mais relevantes do caso e esperava que, de cabeça descansada, elas pudessem levá-lo a descobrir alguma coisa nova. Alguma coisa. Qualquer coisa.

Máscara: o rosto de alguém — sem identificação

Língua: uma mensagem — indefinida

Blusa: preocupação — sinal de remorso

Região: diferentes — sem ligação

Pais: diferentes — sem ligação

Criança: oito anos — característica comum

Crimes: 2

Cerrou os olhos. Tinha algo naquele jogo de palavras, como se fossem um quadro que precisava ser reparado. Mas havia tantas possibilidades que Artur não conseguia se agarrar em uma.

Regiões diferentes, pais diferentes, crianças com a mesma idade, dois crimes.

Crianças com a mesma idade. Duas.

Duas.

Uma única característica em comum. Todas as outras diferentes.

Duas.

Números. Sequência. Repetições. Testes. Teste.

O telefone de Artur tocou, fazendo o detetive sair do mundo das possibilidades. Ao ouvir o motivo da ligação começou a ficar agitado. Desligou, pegou sua arma na gaveta da mesa e estava saindo, quando Bete se aproximou.

— Que pressa é essa?

— Encontraram o dono do rosto da máscara.

— Como?

— Uma ligação anônima.

Artur saiu apressado, acompanhado de outros policiais. Iam fazer a batida naquele momento e não sabiam ao certo o que encontrariam. Não tinha a esperança de capturar o assassino mascarado, afinal, nenhum criminoso usaria uma máscara com seu próprio rosto, mas esse sujeito deveria estar envolvido por algum motivo. Mesmo que nem ele soubesse qual.

Três viaturas dispararam com destino ao endereço fornecido pelo informante. As sirenes ligadas faziam os carros da frente abrirem passagem para os veículos da polícia que corriam em alta velocidade e zuniam ao cortar o vento. A polícia em ação sempre chamava a atenção dos pedestres, motoristas e passageiros de ônibus que se esticavam para ver o que acontecia. O bairro era afastado do Centro e só depois de quase quarenta e cinco minutos pisando fundo as viaturas se aproximaram da região indicada. Duas delas seguiram pela rota mais próxima enquanto a terceira deu a volta para chegar pelo outro lado da rua, caso o suspeito resolvesse fugir assustado pelo som das sirenes.

Artur estava em uma das duas viaturas que chegaram primeiro ao local.

As pessoas na rua abriram passagem rapidamente para os policiais que desceram e se posicionaram divididos em cada lado da casa com suas armas em punho.

Artur tocou a campainha e aguardou. Nenhuma resposta. A casa estava trancada, as janelas fechadas, mas o veículo na garagem indicava que poderia haver alguém. Artur tocou a campainha novamente, segurando por um tempo maior.

Dentro da casa, um homem aparentando ter uns sessenta anos estava de pé na sala, visivelmente nervoso com a chegada da polícia. Pensou em pular o muro dos fundos e fugir, mas nessa idade seria presa fácil para os policiais. E a tentativa de fuga apenas levantaria mais suspeitas sobre o envolvimento dele no crime noticiado nos jornais.

Olhou para um porta-retrato na estante da sala onde havia a foto de uma linda garotinha. Sua neta, que ele via raramente. A campainha tocou estridente mais uma vez.

— Se tiver alguém em casa apareça! É o último aviso.

Os vizinhos observavam tudo o que acontecia escondidos atrás das suas cortinas. Artur deu sinal para um policial que foi até o porta-malas de uma das viaturas e voltou trazendo um grande alicate mecânico. Posicionou-se em frente ao portão e estava prestes a cortar o cadeado quando ouviram uma porta dentro da residência sendo aberta.

— Estou indo, droga. Estou indo — a voz saía arranhada, rouca.

O senhor de idade apareceu com os braços abaixados, como quem não tem nada a esconder. Era mesmo o dono do rosto desenhado na máscara, até as orelhas pontudas eram iguais à descrição. Seus olhos eram opacos, incisivos e frios.

— O que vocês querem?

— Abra o portão devagar.

— Como se alguém como eu pudesse abrir o portão de outro jeito. O que vocês querem?

— Um homem da sua idade com certeza gasta muito tempo sentado na frente da TV, então não finja que não sabe.

Ele olhou para Artur com raiva. O detetive não sabia dizer se era porque o homem tinha algo a esconder ou porque o chamou, educadamente, de velho.

Ele colocou as mãos no bolso do moletom preto.

— Devagar.

— Eu preciso das chaves para abrir o portão, senhor policial.

— Devagar.

Após o estalo do cadeado se abrindo, o velho olhou para Artur com a mesma raiva de antes e virou-se colocando as palmas das mãos no carro estacionado na garagem. Um policial abriu o portão e Artur entrou e revistou o homem, sempre com a arma em punho.

— Vamos conversar lá dentro.

O dono da casa foi na frente, escoltado por Artur e mais três policiais. Os demais permaneceram do lado de fora.

O velho se sentou em um sofá e, enquanto os policiais foram vasculhar

os outros cômodos, Artur esperou de pé, em silêncio, encarando o senhor até que os outros voltaram.

— Vazio.

— Qual o seu nome?

O velho esperou um pouco para responder, parecia resmungar por dentro.

— Marcos.

Artur olhava ao redor da sala, curioso, ia e voltava os olhos, pensava em silêncio até que avistou o porta-retratos na estante.

— Sua neta?

— Sim.

— Não vejo nenhuma foto do seu filho ou filha.

— Isso é crime?

— Ainda bem que não.

— Filho ou filha?

— Filho.

— Há quanto tempo vocês não se falam?

— Quem disse que a gente não se fala?

— Sua estante. Há quanto tempo?

— Alguns anos.

— Culpa dele ou sua?

— Você tem um mandado para entrar na minha casa assim?

— Tenho e também tenho autorização para levá-lo pra delegacia caso queira perguntar isso depois. Culpa dele ou sua?

O velho olhou para o lado. Rabugento.

— Não interessa mais de quem foi a culpa.

— Culpa sua então.

Artur observava sua reação a cada pergunta.

— Quantos anos o senhor tem?

— Cinquenta e nove.

— Vovô novo.

— Filho inesperado. O meu e o dele.

— Onde ele mora?

— Vai prendê-lo também?

— Acho que não. Onde ele mora?

— Fora da cidade.

— Por que seu rosto é usado como máscara por um assassino?

A pergunta repentina espantou até os outros policiais que estavam na sala.

— O quê?

— Vamos fazer o jogo do não sei do que você está falando?

— Não sei do que você está falando.

— Então você não viu nos jornais o seu rosto como suspeito de envolvimento no assassinato do casal homossexual?

— Só porque a descrição parece comigo não quer dizer que sou eu.

— Algum dos seus vizinhos discorda.

- Vizinhos só servem pra discordar da gente.
- Você vai me dizer ou não?
- Você vai ter que se esforçar um pouco mais, detetive.
- Então vamos nos esforçar lá na delegacia.

Artur saiu da sala, mas antes de atravessar a porta mandou os policiais algemarem Marcos e o levarem. Enquanto o detetive olhava o velho sendo colocado no banco de trás da viatura, um jovem policial chegou perto dele com a típica curiosidade de quem está começando.

- Senhor, posso fazer uma pergunta?
- Por que todo mundo começa uma conversa assim?

O policial ficou em silêncio.

- Claro. Pode fazer a segunda pergunta.

— Com todo respeito, por que ficar perguntando coisas banais, como o senhor fez dentro da casa? Por que não ir direto ao assunto e colocá-lo na parede de uma vez?

— Eu não sou muito bom em entender o que as pessoas dizem, então eu faço perguntas que eu sei que são verdadeiras e fico prestando atenção no jeito como a pessoa responde, assim quando eu pergunto algo que não sei fica mais fácil saber se ela está mentindo.

Marcos entrou na delegacia e uma das primeiras coisas que viu foi uma folha com seu retrato falado fixada em um painel, junto a outros retratos. Foi acompanhado por dois policiais até uma pequena sala, com uma janela de vidro fechada por persianas.

Havia uma mesa com uma cadeira de um lado e duas do outro. Os dois policiais saíram, trancaram a porta e o deixaram lá. Artur foi para a sua mesa pensar.

- E aí? — Bete apareceu do nada.
- O sujeito está na salinha, vou deixar ele pensar um pouco.
- Vai deixar ele pensar na mentira que vai contar?
- Não. Vou deixar ele pensar se vale a pena mentir.

Artur esperou pacientemente em sua mesa, olhando para o retrato falado do homem que agora estava trancafiado a poucos metros de distância.

Passaram-se trinta minutos e ele foi até a sala. Marcos estava de pé, impaciente pela demora. Artur sabia o efeito do silêncio nas pessoas. Sem dizer nada, puxou uma cadeira, sentou e esperou que o homem fizesse o mesmo. Coisa que fez depois de encarar Artur com aquele mesmo olhar rabugento.

— Eu gostaria muito de saber por que alguém usaria o meu rosto em uma máscara. Mas eu não sei, eu não sei. Eu só quero ficar em paz.

— Paz é uma coisa que você nunca teve e nem deixou que outras pessoas tivessem. Você tem um longo histórico de coisas bem ruins, Marcos.

— Então me chama um padre, porque se tivesse sido culpado por algo eu teria sido preso. Eu sou inocente.

— Ninguém é inocente.

— Por quanto tempo você vai me manter aqui?

— Você sabe bem como funciona.

— Como eu disse, detetive — Marcos relaxou na cadeira em sinal de provocação —, eu não sei de nada.

Artur estava começando a perder a paciência. Ele tentava provar para todo mundo que podia ser como qualquer um, mas a verdade é que ele odiava essa parte do trabalho: conversar com pessoas. Preferia mil vezes ficar na cena do crime, analisar provas que falavam sem palavras e, justamente por isso, nunca mentiam.

— Alguém está matando casais com filhos de oito anos, ele corta a língua de um e mata o outro com um tiro na cabeça, depois desaparece com os corpos e deixa a criança amarrada em uma cadeira. Eu sei que não foi você, mas ele está usando seu rosto por algum motivo e eu tenho que saber por quê.

— Detetive, deixa eu te contar uma coisa que você já deveria saber a essa altura: eu não sei de nada.

Fora da delegacia a imprensa já estava com o circo armado. O crime contra o casal homossexual era a notícia chocante da vez e os jornalistas disputavam as primeiras informações como se fosse uma corrida atrás de um coelho em uma esteira.

Muitos policiais recebiam pagamentos para informar aos jornalistas as últimas novidades de um bom caso. E algum deles havia dito que o suspeito de matar o casal estava sendo interrogado naquela tarde. A notícia veio em forma de plantão urgente interrompendo a programação normal da TV, com uma jornalista relatando a possível prisão.

Ainda não sabemos a identidade do homem que está sendo interrogado neste instante aqui na 27ª Delegacia de Polícia. Até agora as informações que recebemos sugerem que o suspeito pode ser o autor do crime na residência do casal Luiz e Felipe. Ele foi encontrado após uma denúncia que entregou seu endereço depois de o retrato falado ter sido mostrado pela imprensa. Não temos notícias sobre o paradeiro do casal, mas fortes indícios...

Dentro da sua casa, o verdadeiro assassino estava na frente da TV. O queixo tremia, fazendo-se ouvir dentro do crânio a batida dos dentes. Com os punhos fechados cravava as unhas na pele grossa da palma das mãos. Movimentou o corpo em um giro em direção à porta de saída, deixando a voz da repórter ecoar pelo cômodo.

Em questão de poucos minutos ele já estava atrás do volante do carro, cortando as ruas sem se preocupar em pegar as vias menos movimentadas como de costume. Também não havia motivo para essa preocupação já que dessa vez não carregava nenhum corpo na caçamba do automóvel. O plano já tinha sido cuidadosamente pensado e, para dar certo, o objetivo agora não era apenas chegar em segurança, mas também no tempo certo. A única coisa em que pensava era chegar à delegacia antes que o suspeito fosse liberado. Ele precisava estar lá quando isso acontecesse.

Olhava fixamente para frente, apertando o volante com força e dirigindo com velocidade, atravessando os sinais amarelos sem preocupação sob o escuro

manto do céu carregado de pesadas nuvens de chuva. David fez um movimento brusco para desviar de um motociclista que se atreveu a entrar em sua frente. Um reflexo automático e desdenhoso. Nada mais importava, nada seria capaz de mudar o destino escrito por ele mesmo.

Quase cinquenta minutos depois, David estacionou próximo à entrada da delegacia. Não lhe faltava paciência para esperar o tempo que fosse necessário. E esperou. O dia escuro ganhou um tom alaranjado, um borrão de cor e sujeira que enegrecia gradualmente com a contagem do relógio.

Já era noite quando uma grande movimentação agitou os degraus da entrada do departamento de polícia, com jornalistas tentando uma declaração do homem suspeito de assassinar o casal Luiz e Felipe.

— Eu não fiz nada, por isso estou indo embora. Me deixem em paz.

Marcos entrou com a mesma cara fechada no táxi que já o aguardava e saiu com pressa. Dois faróis se acenderam logo atrás e a Saveiro preta de David foi seguindo o automóvel com certa distância.

O táxi parou em um sinal vermelho e David encostou bem ao lado da janela de Marcos. Não fossem os vidros quase totalmente escuros da Saveiro, o homem no táxi poderia ver o motorista ao lado encarando seu rosto cansado.

O sinal abriu, o táxi continuou seu rumo e David deixou o veículo tomar distância, sem nunca perdê-lo de vista. Foi mais de meia hora de corrida até chegar ao seu destino, a casa simples de Marcos. David passou reto pelo táxi estacionado, fazendo o motorista do veículo lançar um olhar inquieto para a Saveiro preta. Marcos estava dentro da sua própria cabeça, circulando em pensamentos do passado, e não notou o veículo que o seguiu.

O táxi deu a partida e saiu. O motorista viu novamente a Saveiro, agora com faróis desligados, estacionada a poucos metros da residência do seu ex-passageiro. Pelas janelas escuras conseguiu enxergar o vulto de um homem, a imagem de um fantasma.

Cada um que cuide dos seus problemas.

O taxista passou pelo veículo desligado e foi embora.

David esperou. Esperou até a noite silenciar com a chegada da madrugada. A paciência é a característica mais perigosa que um inimigo pode ter.

Clic.

Fez o cinto de segurança ao ser destravado. Cada som era ouvido nitidamente por David, como se tudo tivesse silenciado e ele pudesse ouvir apenas os seus próprios movimentos. Saiu do carro segurando sua bolsa preta, olhou para os lados: ninguém. Ecuridão. Olhou através do portão da casa vizinha e viu um cachorro preto o encarando, vivo, totalmente desperto em seus olhos profundos. O animal estava estranhamente quieto, como se compactuasse com as suas intenções.

David pulou o muro sem fazer nenhum barulho ao pousar os pés no terreno da casa. Parou ao lado da janela e olhou para dentro. Sem movimento. Poucos passos depois estava parado em frente à porta, que abriu com facilidade

utilizando dois grampos de ferro feitos justamente para esse fim. A maçaneta girou deixando escapar um baixo rangido e o fantasma entrou na cozinha escura, iluminada apenas pela pouca luz que atravessava as janelas.

Caminhou com tranquilidade até a sala e viu duas malas prontas.

Não, você não vai escapar dessa vez.

No final do corredor havia um quarto com a porta entreaberta. David abriu sua bolsa preta, retirou um alicate e foi em direção a ele. Abriu a porta devagar e parou ao lado da cama onde o velho dormia como se não tivesse culpa.

Tic. Tic. Tic. Tic...

Marcos abriu os olhos, aterrorizado com o som metálico da ferramenta. Não se moveu, agarrando-se à falsa esperança de que fosse sua mente atordoada pela idade lhe pregando uma peça.

Tic. Tic. Tic...

Estava de costas, mas conseguia ver uma sombra projetada na parede à sua frente, a sombra de alguém parado de pé ao lado da sua cama.

— Ninguém gosta de linguarudos — a voz entrou como um cochicho, escorregando rasteiramente no silêncio.

Marcos se virou lentamente em direção ao som e encarou David, que usava a máscara com o rosto do velho. E foi assim que ele se viu estampado na face do seu próprio algoz.

— Por favor, seja rápido.

— Não. Vai demorar. Vai demorar.

Tic. Tic. Tic.

Já estava virando rotina William usar as horas da madrugada para trabalhar no acompanhamento das crianças. As noites de sono se tornavam cada vez menores à medida que ele se aprofundava nos relatos e sentimentos de cada uma delas. Durante essa madrugada não foi diferente e ele estava na frente do seu computador mergulhado nas questões que não paravam de surgir. Questionamentos que ele sabia, só o tempo traria respostas.

Anotações

Criança: Luiza

Andrea, que tinha ficado com a guarda provisória de Luiza, me contou que a menina apresentava uma hostilidade que não era comum do seu comportamento antes tão educado e tranquilo. Em diversas ocasiões a menina não respeitava as orientações dela, nem do seu marido, e tinha grande dificuldade para dormir.

Expliquei à Andrea que talvez Luiza esteja testando os sentimentos dela e do marido, dos seus novos pais, para ver se eles a amam de verdade a ponto de aguentar suas malcriações ou se em alguma circunstância poderiam desistir dela. E que isso, provavelmente, seria apenas uma fase, mas que seria acompanhada.

Em nossa última sessão, Luiza não mostrava muita abertura para minha aproximação, dedicando-se mais às atividades individuais, com o mínimo de contato verbal. Sua preferência ficava nos desenhos que ela fazia.

Notei que ela não utilizava muitas cores em suas pinturas e raramente preenchia os objetos ou pessoas das cenas, desenhando apenas seus contornos.

Mas um desenho, em especial, chamou minha atenção. Em uma folha em branco ela havia desenhado uma casa, próxima ao centro da folha. No lado superior, como se fosse no céu, ela desenhou dois homens que claramente representavam Luiz e Felipe. E um pouco abaixo da casa, quase que saindo do papel, ela desenhou um outro homem de mãos dadas com uma garotinha. Os rostos dos dois homens no céu tinham sorrisos e olhos pequenos, quase como dois pontinhos pretos. Já o outro homem, que estava de mãos dadas com a garotinha, tinha um rosto bravo, com sobrancelhas em “V” e dentes pontiagudos. O mais intrigante, no entanto, é que a garotinha não tinha rosto. Não tinha olhos, nem boca, nem nariz. Era um círculo vazio, com cabelos em volta. Cabelos parecidos com os de Luiza.

Quando questionei Luiza para saber por que a garotinha estava com o homem de cara brava, ela simplesmente não me respondeu. Mas pareceu ter medo que eu não gostasse da resposta.

O que eu gostaria de descobrir é se a menina estava sendo levada pelo homem ou se estava indo com ele por espontânea vontade.

Antes de terminar a nossa sessão tentei conversar com ela sobre a sua dificuldade de dormir. Mas nada do que ela disse me esclareceu se havia algum medo de ficar sozinha no quarto.

A pouca conversa que tivemos terminou com um questionamento dela.

Em suas palavras:

— *Por que fica escuro de noite?*

— *Por que você acha que fica escuro à noite, Luiza?*

— *Eu perguntei primeiro.*

Então eu expliquei, inclusive com desenhos, que era quando o sol estava do outro lado da Terra. Que ele dava a volta para iluminar o outro lado.

Ela me chamou de mentiroso.

Eu perguntei “por quê?”

Ela me disse que Felipe, um dos seus pais, tinha lhe dito outra coisa.

Em suas palavras:

— *A noite é escura porque é quando as cores dormem.*

William parou de escrever apenas quando o relógio marcava quase três da manhã. Quando acordou, se moveu e parou no mesmo instante.

Minha nossa.

As dores pareciam aumentar a cada dia. Sentiu os estalos da noite mal dormida na companhia dos pesadelos cada vez mais recorrentes. No sonho as pessoas faziam suas atividades normalmente, mas todas elas apareciam pálidas, sem vida e sem cor.

Os cabelos estavam grudados na testa pelo suor. A cama estava úmida, fria e ele se sentiu sozinho como há tempos não sentia. Olhou para o relógio ao lado da cama, já era tarde, perdera a hora.

Sequer teve vontade de tomar um banho, apenas lavou o rosto com a água fria da torneira, escovou os dentes rapidamente e preparou um café forte e sem açúcar.

— Margô, eu não acordei bem — disse esfregando os olhos —, acho que estou doente, desmarque as consultas de hoje e peça desculpas, por favor.

— Mas, doutor — a secretária dizia sussurrando —, a senhora...

— Eu sei, Margô, por isso eu disse para pedir desculpas.

Desligou o telefone de forma pesada e foi direto para o computador. Uma nova mensagem de David gritava em negrito na caixa de e-mail.

Bom dia, Sr. William.

Segue o endereço da terceira criança. Ela não será encaminhada ao senhor pela polícia. É uma comunidade pequena, em uma região afastada da cidade, longe da jurisdição do distrito responsável pelo caso. Há um centro de saúde na comunidade. Vá para lá e diga que você está fazendo um trabalho comunitário em regiões mais afastadas para cuidar de crianças que precisam de acompanhamento. Diga que é sem custo, que é um trabalho social. O que não é mentira. Eles já devem estar cientes do acontecido.

William não respondeu ao e-mail. Após tomar um banho, pegou o carro e saiu. Teve que frear bruscamente na saída do prédio pois não notou que duas mulheres estavam atravessando a calçada. Uma delas, a mais velha, não hesitou em lançar alguns palavrões ao motorista desatento que, ciente da culpa, pediu desculpas de dentro do automóvel.

A rua do seu prédio era tranquila, mas isso durava só até virar a esquina.

Anda, anda, para, anda, para, fica parado, anda devagar, para, anda. William já estava ficando impaciente. Uma moto passou pelo corredor entre os veículos, seguida de mais uma e mais uma e outra. O dia não parava de ganhar volume. A cidade parecia um palco onde uma orquestra estava se reunindo para tocar e, a cada hora, chegava mais um músico, um grupo onde cada integrante tocava o que queria.

Uma sensação claustrofóbica tomou conta de William. Passou a mão na testa, os dedos ficaram molhados. Ligou o ar-condicionado e depois olhou pelo retrovisor, era tarde para voltar.

Para chegar à via expressa foram quase quarenta minutos. Sair do trânsito parado e entrar na via rápida devia ser a mesma sensação que uma rolinha tem ao ser expelida da garrafa. Enquanto no outro sentido da pista os motoristas trabalhavam a paciência para entrar no show de mais um dia, à sua vista agora era possível sentir a liberdade de ir em frente e deixar tudo para trás. Um sentimento que não era possível ser aproveitado completamente devido ao motivo da viagem.

Constantemente os olhos do psicólogo fugiam para o outro sentido da pista, onde o trânsito fluía com lentidão. A fila de carros que ia ficando para trás lembrava uma plateia, expectadores atrás das grades de segurança, vendo o artista indo embora. E ele ia em frente, tinha que fazer o que devia ser feito. Assim como os outros motoristas, que estavam parados no trânsito no sentido oposto, também vinham para realizar suas funções nesse jogo de tabuleiro da vida real. Cada um tinha a sua tarefa e ninguém estava muito satisfeito.

William diminuiu a velocidade para passar pelo pedágio.

Há sempre um pedágio se você quer fugir de algum lugar.

No outro sentido o trânsito estava ainda mais lento naquele trecho, devido à necessidade de parar e pagar a cobrança. Ainda estava em baixa velocidade quando reparou em um ônibus que transportava funcionários de uma empresa de uma cidade para outra. Lá dentro, todos pareciam estar dormindo, como se o lado de fora não fosse problema deles.

À medida que o veículo ganhava velocidade e se distanciava, William sentia um certo alívio. Por um momento, nem que fosse pela questão geográfica, sua vida estava ficando cada vez mais distante. É uma sensação libertadora ver as coisas diminuindo e sumindo no retrovisor.

Ele olhou para o banco do carona e conseguiu imaginar Juliana ali, sentada ao seu lado. A cena da lembrança passava como um filme. Ela ria mais, o corpo inclinado para frente, as costas desgrudadas do encosto, ria, e olhava para trás onde também estavam Cris e Sheila. Os três pareciam conversar sobre algo divertido, mas o psicólogo não conseguia escutar, só ver. Era como se a noiva e os amigos estivessem dentro de uma casa e ele olhando através de uma janela. Quando estava sentada, Juliana tinha a mania de levantar a perna direita assim que começava a rir. William sempre reparava nisso quando ela fazia tal movimento. Os olhos se contraíam e seu rosto se voltava para o céu. Ela sorria com o corpo todo. Atrás do assento da noiva estava Cris, mais relaxado no encosto do banco, o rosto voltado para o lado direito, sorrindo e falando e fazendo alguma brincadeira com Sheila. William se lembrava da cena, foi a última

viagem que os quatro fizeram juntos há alguns meses. As passagens de avião estavam caras e Cris deu a ideia de ir dirigindo.

A gente reveza.

Ele dizia que seria divertido, e realmente foi. Era uma daquelas lembranças que você guarda dentro da sua caixa de emergências.

Olhou para o celular, mas não havia nenhuma mensagem de Juliana. O que por um lado era bom, não queria dar explicações a ninguém, não queria dizer aonde estava indo. Esse era um assunto só dele. O psicólogo não conseguia se imaginar contando a verdade para a noiva.

Você consegue entender por que eu estou fazendo isso?

Ela não entenderia.

Alguém entenderia?

Bete aguardava em frente à guarita de um prédio, ao fundo o som de interfone chamava o morador.

— Sim? — a voz era metálica e feminina. E nem o chiado do aparelho foi capaz de esconder a fragilidade de quem estava do outro lado.

— Judite?

— Eu mesma.

— Sou a detetive Bete, nos falamos por telefone.

A resposta veio em forma de um estalo sinalizando que o portão tinha sido destravado.

Depois de quatro andares, Bete encontrou Judite que já a esperava com a porta aberta. A garota tinha entre os dedos um cigarro recém-aceso. O corpo inclinado para dentro da residência convidava a detetive sem a necessidade de palavras.

Ao entrar, Bete teve uma nostálgica sensação; o apartamento não era exatamente como o que ela morava quando tinha seus vinte e poucos anos, mas estava impregnado no ar, marcado nos móveis, no alinhamento dos objetos, o familiar estilo de apartamento de mulher nos seus primeiros anos de independência. Não era um apartamento muito sofisticado, muito menos luxuoso, mas era espaçoso e acolhedor.

— Você divide o aluguel com mais alguém? — Bete sabia encontrar o tom certo para falar com cada pessoa. Uma forma natural de se aproximar que lhe ajudava muito no trabalho.

— Sim, uma amiga. Mas ela viajou para visitar os pais. Só volta na semana que vem.

— Tudo bem se eu sentar?

— Claro, claro, me desculpa. Senta, por favor — Judite deu uma tragada forte, foi até a janela, abriu a cortina, balançou a mão no ar para espalhar a fumaça e voltou.

Bete se acomodou no sofá, os cotovelos firmados nas pernas sustentavam o corpo inclinado para frente. A garota sentou no sofá ao lado. Bateu o cigarro no cinzeiro que estava na mesinha no centro da sala. Tinha as mãos delicadas, finas, unhas sem esmaltes, mas bem cuidadas.

— Como eu disse ao telefone, eu estou investigando a morte do Nicolas.

Vocês namoravam há quanto tempo?

— Ia fazer um ano e três meses na próxima semana.

— A gente nunca esquece as datas, não é? — Bete mantinha-se em uma postura firme, mas falava com um tom sensível e honesto.

Judite ajeitou o cabelo preto para trás da orelha. Bete não demonstrou, mas, ao ver a namorada do hacker assassinado, esperava uma menina mais exótica, talvez alguma parte do cabelo colorido, algo do tipo. Mas a garota não tinha nada de exótico. Era bonita, sem ser demais, os cabelos alcançavam os ombros e eram lisos naturalmente, ou com um alisamento muito bem feito, pensou a detetive. E tinha o brilho do olhar ainda ofuscado pela tristeza de quem perdeu alguém recentemente.

— Judite, você sabia que o Nicolas fazia trabalhos extras além do que tinha na empresa de segurança digital?

— Ele disse que fazia uns freelas.

— Você sabia que esses freelas que ele fazia eram para invadir computadores dos outros?

— Sempre que eu perguntava ele falava muito por cima.

— Você chegou a conhecer algum cliente desses freelas?

— Não.

— Escutou algum nome, pelo menos?

— Não, nada.

— Judite, eu tenho muito pouco até agora. Não tem nada que você se lembra de não ter falado?

— Bom, a única coisa...

— Qualquer coisa pode me servir.

— Ele deixou uma mochila dele aqui em casa.

— Eu gostaria de dar uma olhada.

Judite apagou o cigarro que já estava no fim. Bateu o maço na palma da mão, retirou outro e acendeu mais um antes de se levantar. Tragou até que ele acendesse e caminhou até desaparecer na esquina do corredor do apartamento. De onde estava, Bete conseguiu escutar uma porta de um armário sendo aberta. Menos de um minuto depois, Judite voltou carregando na mão uma mochila preta. Bete pegou com cuidado, segurando pela alça superior e colocou ao seu lado no sofá. Abriu o primeiro zíper e encontrou apenas algumas peças de roupas emboladas. Abriu o segundo zíper, mas seu interior estava vazio. Dentro havia um compartimento menor, selado por outro zíper. Enfiou a mão na cavidade e bateu os cantos. Foi quando os dedos encontraram algo e, sem retirar a pequena peça, ela pôde imaginar o que era.

Um pen drive.

— Posso usar seu computador, Judite?

Depois de percorrer um longo caminho de rodovia, finalmente William chegou ao centro de saúde da pequena comunidade. Parecia um hospital em miniatura, sem grandes recursos, mas com pessoas dispostas a fazer o melhor que podiam. O psicólogo se sentiu confortável no ambiente, ao lado de outros

profissionais que estavam se sacrificando assim como ele para ajudar o próximo.

Seu estômago roncou alto, o lembrando de que não havia comido nada desde a tarde do dia anterior. A única coisa que pôs na boca foram duas xícaras de café preto. Mas ele não se sentia fraco, nem com fome. Pelo contrário, não tinha vontade de comer coisa alguma.

— Bom dia — disse William a uma moça na recepção.

— Bom dia, senhor.

— Meu nome é William, sou psicólogo infantil e eu gostaria de falar com o responsável do posto para oferecer meus serviços para a comunidade.

— Não sei se acredita em destino, mas acho que vamos precisar muito do senhor. Só um momento.

Minutos depois a mulher voltou acompanhada de um homem que devia ter entre quarenta e cinquenta anos e vestia um jaleco branco que já apresentava estar em uso há muito tempo.

— O senhor é o psicólogo?

— Sim, sou eu.

— Venha, vamos até minha sala, por favor.

Ao caminhar pelos corredores da unidade de saúde William viu pessoas com as mais diversas necessidades. Desde crianças com simples resfriados a adultos em macas à espera de atendimento.

— Temos muito trabalho por aqui — o homem fez uma pausa arrastada.

— William.

— Muito trabalho, William. A gente tenta fazer o que pode, mais até, mas você sabe que os recursos para a saúde pública nunca são suficientes para ajudar todo mundo da forma que é preciso.

— Sei bem como é.

O homem olhou para William com uma certa desconfiança tentando perceber se o psicólogo realmente sabia como era passar alguma dificuldade.

— Sente-se, por favor. Que tipo de trabalho o senhor pretende oferecer?

— Eu trabalho com crianças, atendo desde aquelas que precisam de um acompanhamento mais simples, como as que estão no meio da separação dos pais, até traumas mais graves, acidentes, fobias, problemas de convívio social, traumas de violência doméstica. Se pudermos ajudar enquanto elas ainda são crianças, provavelmente não precisaremos nos preocupar tanto quando elas crescerem. Assim como vocês, eu estou tentando ajudar o máximo que posso. E mais até.

— Aqui é uma comunidade pequena, claro que existem separações, mas eu vou aproveitar que você está aqui para tirar o máximo de proveito do senhor, já que está tão disposto a ajudar.

— Sim, eu estou.

— Você disse que tem experiência com crianças que sofreram traumas graves, inclusive de violência.

— Exatamente.

— Então eu acho que o senhor não vai ter a tranquilidade de começar devagar, senhor William. Uma criança de oito anos presenciou o possível assassinato dos pais ontem à noite. Arrancaram a língua do pai na frente do

garoto. Pra ser sincero, ainda sabemos pouca coisa do que aconteceu. A polícia não sabe onde eles estão, nem se estão vivos, mortos, nada. Mas enquanto eles fazem a parte deles, nós podemos fazer a nossa.

— Acho que eu sou a pessoa perfeita para ajudar.

O homem descansou as costas no encosto da cadeira e encarou William com uma seriedade triste.

— Eu era da cidade também, Sr. William. Sabe por que eu me mudei de lá?

— Por quê?

— Eu saí de lá porque não queria me tornar alguém que não se choca quando escuta uma notícia dessas.

William entendeu muito bem a indireta.

— Talvez eu já tenha ficado tempo demais por lá.

— Isso me preocupa um pouco. Claro que precisamos de toda ajuda possível, mas será que alguém que não sente a dor do outro pode ajudar essa pessoa a entendê-la?

— Quando a gente entende a dor, paramos de sentir medo dela e conseguimos encará-la de frente, argumentar com ela e fazer com que ela vá embora ou que pelo menos fique em silêncio.

O homem ficou alguns segundos quieto, como se estivesse lendo.

— A criança está na casa dos tios. Você terá que se deslocar para cá toda semana. É muito trabalho para o senhor?

— Se fosse eu nem teria vindo.

O homem anotou o endereço e o telefone dos tios da criança em um papel e entregou a William.

— Bem-vindo ao time.

Antes que o psicólogo deixasse a sala, o homem disse uma última frase.

— Elas eram ótimas pessoas. Os pais da criança.

— Tomara que a polícia os encontre bem — tentou ser o mais sincero possível.

— Ainda há um coração batendo aí, Sr. William. Não deixe ele endurecer, senão o senhor não poderá ajudar ninguém.

Quem sabe se essas palavras tivessem sido escutadas antes. Talvez sua decisão fosse outra. Mas agora ele sabia que era tarde demais para voltar atrás. Agora ele iria até o fim, esperando as cartas da mesa serem viradas para saber o resultado da sua aposta.

A casa dos tios do garoto ficava a quase uma hora da unidade de saúde. Era uma propriedade rural modesta, onde a principal fonte de renda vinha da criação de vacas leiteiras. Ao passar pelo portão, conseguiu ver de longe um grupo de pessoas próximas à entrada da casa. Parentes e amigos estavam reunidos para ajudar nesse momento de dor.

William parou o carro e notou todos os olhares voltados para ele. Era uma pessoa estranha na região e sabia que visitantes sempre causam esse tipo de reação em regiões de comunidades pequenas, onde todos são conhecidos. Um

crime dessa natureza não passaria despercebido do conhecimento de ninguém.

Ao chegar, foi recepcionado por Astor, dono da casa e tio do garoto. O médico da unidade de saúde já havia ligado e informado sobre a visita do psicólogo e da ajuda que ele estava oferecendo.

O homem vestia uma camiseta branca que entrava pela cintura da calça jeans batida. A sombra do boné velho caía sobre o rosto sem esconder as profundas marcas do arado do tempo, reforçadas pelo trabalho debaixo do sol. Os braços magros eram fortes, com veias que pareciam querer saltar da pele. A mão era áspera como a própria terra que cuidava, e a educação polida pela simplicidade.

— O senhor deve ser o doutor, né? Muito obrigado pela ajuda.

— Sim, meu nome é William. Sinto muito pela sua perda.

— Ainda temos fé em Deus que vamos encontrar meu cunhado e minha cunhada bem. Sem corpos não existe morte, né? Temos que ter esperança.

— Claro.

William nunca fora religioso. Para ele, fé era uma maneira de ter esperança, mas ir à igreja era simplesmente ter desespero, e todos que diziam amar Deus, amavam com segundas intenções, por interesse próprio.

— Por favor, vamos entrar. Só não repare a bagunça.

— Não se preocupe.

William cumprimentou o grupo de homens com um leve aceno de cabeça e entrou na casa com toda a educação de um médico da cidade. Foi recepcionado por olhares de um grupo de mulheres que se dividiam em trabalhos domésticos, todas tentando ajudar de alguma forma.

— Rute. Rute!

A mulher surgiu através da larga porta que separava a sala da cozinha, acompanhada pelas sombras de outras duas mulheres.

— Esse é o doutor que veio ajudar o Miguel.

Rute demonstrava uma hospitalidade que só se vê em pessoas simples.

— Graças a Deus. Doutor por favor — ela falava rápido.

— Calma, Rute.

— Desculpe — a mulher disse abaixando a cabeça para segurar as lágrimas — minha irmã, quem faria uma coisa dessas?

O marido passou uma das mãos sobre seu ombro.

— Vá buscar Pedro.

— Acho melhor eu ir até ele — William se adiantou.

Rute não olhou para o psicólogo, apenas acenou positivamente com a cabeça, e olhando para o chão movimentou o corpo para o doutor segui-la.

Subiram as escadas de madeira rústica até o quarto do casal. Dentro dele, viu o pequeno Miguel deitado com a cabeça no colo de uma mulher mais forte do que o próprio psicólogo. Ela acariciava os cabelos do garoto, que estava de olhos abertos e parecia nem piscar. Uma outra mulher fumava um cigarro ao lado da janela. As duas acenaram com a cabeça para William. Ele se aproximou devagar e sentou no chão ao lado da cama, ficando na altura dos olhos da criança que pareciam atravessar o psicólogo.

Do lado de fora da casa os homens fumavam, bebiam a cachaça

produzida por um deles e faziam suposições sobre o crime sem motivo aparente. A manhã cedea seu lugar à tarde e o vento que não encontrava prédios como obstáculo corria livremente pela campina aberta, balançava as copas das árvores, e o farfalhar das folhas se fundia aos mugidos das vacas e à agitação das galinhas que ciscavam próximas à residência.

Um cão que estava deitado na terra se levantou em posição de defesa e rosnou mostrando os dentes quando William apareceu ao lado de fora da casa. O cachorro o encarava ameaçadoramente, mas foi logo acalmado por Astor.

— Pode ficar tranquilo, doutor. Esse vira-lata não morde, não sei o que deu nele agora.

O psicólogo tentou sem sucesso recusar o café que uma das mulheres da casa tinha preparado. É impressionante como as pessoas que moram em regiões rurais comem em todas as ocasiões: nas felizes, nas tristes, em comemorações, em luto. A recepção tão carinhosa de todos incomodava ainda mais William, que só queria sair dali, longe da presença de pessoas querendo agradecê-lo.

Seus olhos encheram-se de lágrimas ao dar a primeira mordida no bolo de laranja, fazendo Rute ficar meio assustada com a reação do doutor.

— Se não gostar não precisa comer... eu posso fazer outro, basta me dizer que tipo de bolo o doutor gosta.

— O bolo está ótimo, Rute. Ótimo mesmo. É que... toda essa situação... tudo isso...

— Que situação? — perguntou Astor.

Ninguém da casa sabia dos outros casos e William tentou disfarçar.

— Eu fico pensando... como alguém pode ser capaz de fazer uma coisa dessas com uma criança. Eu olho para vocês e vejo pessoas tão boas e... ninguém faz nada para impedir isso. O que é ainda pior que a pessoa que realmente comete um crime desses. Qual é o ponto de tudo isso, se sempre acontece, se repete e nada muda. A gente só continua, como se fôssemos obrigados a aceitar. Alguém precisa fazer algo.

William tomou um gole do café preto e assim que a bebida preencheu a boca sentiu seu gosto doce. Não costumava adoçar o café.

— Se quiser mais açúcar – Rute colocou na mesa um pequeno pote de porcelana aberto onde era possível ver os cristais brancos como neve.

— Está ótimo assim. Obrigado, Rute.

O psicólogo ficou olhando o interior do pote. Um açúcar de branco reluzente. Depois voltou a olhar para dentro da sua xícara, o líquido adoçado e totalmente preto no seu interior.

O branco açúcar pode mudar o gosto do café, mas ele ainda continuará preto.

William se despediu de Rute e Astor e disse que visitaria a criança uma vez por semana para acompanhá-la de perto. Deixou seu cartão com os tios, caso precisassem. Carregava com ele uma travessa de bolo que Rute quase o obrigou a levar. Antes de entrar no carro deu uma última olhada para trás e viu todas as pessoas reunidas em frente à casa acenando com hospitalidade.

Se eles soubessem o que eu realmente sou.

Em poucos minutos William estava percorrendo a estrada de terra. Pisava fundo como se estivesse sendo perseguido por um fantasma. Atrás dele uma cortina de poeira se levantava e cobria a vista no retrovisor. O ponteiro do acelerador não parava de subir e o psicólogo não freava nas curvas, fazendo o carro quase sair da estrada em algumas delas.

Seus olhos estavam embaçados pelas lágrimas que escorriam abundantes. Pela segunda vez, em poucos dias, chorava.

Uma curva muito fechada estava logo à sua frente e ele mal conseguia ver a pista por causa dos olhos molhados. Destravou o cinto de segurança e acelerou mais. De repente, o som alto de uma buzina soou forte quando um carro apareceu vindo de frente. Não fosse o outro motorista puxando seu veículo para o lado, os dois automóveis teriam se chocado violentamente. William pisou no freio com força, fazendo o carro perder o controle e ziguezaguear na rua de terra até parar próximo a um barranco que descia verticalmente ladeira abaixo. Uma densa cortina de poeira envolveu o automóvel.

O psicólogo estava encostado com a testa no volante, gemia uma dor que não vinha do corpo e a saliva densa que escorria da sua boca pingava no banco de couro. Saiu do carro carregando a travessa de bolo, sentou no meio da estrada de terra e a cortina de poeira que ainda pendia no ar grudava no rosto molhado como maquiagem borrada.

Arrancou nacos graúdos de bolo e enfiou com violência na boca, parecia querer comer os próprios dedos. Nem terminava de engolir e enfiava outro pedaço. Encostou a cabeça na lataria do automóvel, da garganta saltava uma veia grossa e o rosto tinha um rastro de terra grudado nas lágrimas secas. Olhou para a travessa de bolo. Vazia, oca. Sobravam apenas as migalhas e farelos do que antes a preenchia por inteiro. E era tão bom.

Já estava anoitecendo quando William entrou no seu apartamento. Sem acender nenhuma luz, atravessou o corredor direto para o seu quarto, ignorando o computador que continha uma nova mensagem.

10.

— Alô?

— Artur?

— Que horas são?

— Não tão cedo para esta notícia.

— Diz de uma vez.

Você pediu para pesquisar qualquer coisa parecida com o caso das crianças.

— Hum?

— Você não vai acreditar.

Artur já estava sentado com as pernas para fora da cama. Passou a mão na boca seca e respondeu com o humor de quem acabara de acordar.

— Diz logo.

— Eu encontrei mais uma. Mais uma criança. Aconteceu há dois dias. Foi em uma pequena comunidade de uma região rural.

O detetive abriu a gaveta do móvel que ficava ao lado da cama, apanhou um bloco de anotações e uma caneta.

— Pode falar. Uhum. Certo.

Depois de desligar o celular, Artur continuou sentado. Cortou o pedaço de papel e depois colocou o bloco de notas e a caneta no mesmo lugar onde estavam. Olhou para os chinelos perfeitamente alinhados no chão e os encarou por alguns segundos. Esticou o braço para puxar a cortina e espiou o céu da manhã cinza.

Entre tomar um banho, se trocar e chamar um táxi, foram pouco mais de trinta minutos.

Ele já estava na calçada quando o veículo estacionou à sua frente. O endereço do destino já tinha sido dado pelo telefone e o taxista tinha adorado a notícia de uma viagem longa e rentável.

Ao entrar na via expressa o trânsito estava aberto no seu sentido. Do outro lado, uma fila de carros se movia com menor velocidade. No período da manhã, o sentido congestionado era o que vinha das cidades vizinhas. Homens e mulheres que preferiam dirigir um pouco mais para morar em regiões com maior tranquilidade, longe do grande centro onde tudo acontecia de forma exagerada. A maioria dos carros tinha os vidros fechados, assim como os ônibus interestaduais que faziam o transporte coletivo de quem preferia ir dormindo durante o caminho. Do lado de fora era possível ver os rostos achatados contra as janelas, uma mistura de careta e falta de vontade de estar ali. Artur reparou que, dentro de um ônibus, uma mulher lia o jornal. Era a única acordada.

O táxi diminuiu a velocidade e o detetive viu o pedágio que pegariam nessa viagem. O trânsito do outro lado da pista era ainda mais congestionado pela necessidade de pagar um preço para seguir em frente.

Ao passo que o veículo se distanciava do habitat natural do policial, Artur sentia um desconforto crescendo dentro dele. A cidade realmente dava muitos motivos para fugir dela, e o detetive até gostaria de conseguir fazer isso, mas para ele não era apenas uma questão de querer. Era difícil ter coragem de sair. Ir para algum lugar estranho, ter que conhecer tudo de novo, pessoas novas, era

tudo muito complicado e delicado e, mesmo não querendo deixar que suas limitações definissem seu destino, tinha sim uma grande dificuldade de se aventurar pelo mundo de outras pessoas. Só em pensar nessa possibilidade, Artur ficava agitado. O detetive sabia mais do que ninguém: a melhor maneira de se sentir seguro é conhecendo o lugar onde está. Um ensinamento que ele aplicava não só para a cidade, mas também para os ambientes sociais. Principalmente para os ambientes sociais. As ruas, os prédios marcantes na geografia faminta, ele sabia onde estava, ele sabia o que esperar.

Para a maioria das pessoas a característica mais diferente de uma cidade para outra é sua paisagem. Para Artur era o cheiro. E ele já sentia o perfume do próximo município se aproximando. Era algo mais leve, mais com cara de infância. E, para ele, essa era a principal diferença. As crianças parecem crescer mais rápido em cidades grandes. Não é à toa que normalmente elas são cinzas.

No meio desses pensamentos, lembrou de uma frase que Bete havia lhe dito quando conversavam sobre mudar ou não mudar de cidade.

“Na minha infância piscina era diversão, era brincadeira. Para as crianças de hoje piscina virou aula, virou escola.”

Bete tinha razão, pensou Artur.

Quase três horas depois Artur entrava com o táxi pelo portão da propriedade que foi investigar. Astor estava sentado do lado de fora da casa e se levantou quando o automóvel parou em frente à sua residência.

— Bom dia, senhor.

— Bom dia.

— Meu nome é Artur. O senhor é o tio do garoto que teve os pais assassinados? — disse mostrando seu distintivo.

— Não sabemos se eles estão mortos. Pensei que quem estava investigando era...

— Eu não sou daqui. Podemos entrar para conversar?

— Claro. Me desculpe, faz favor, vamos entrar.

Artur seguiu o homem até a sala da casa.

— Pode sentar. Gostaria de beber alguma coisa?

— Não obrigado. Senhor...

— É Astor, mas não precisa do senhor na frente.

— Ok, Astor. Os pais do seu sobrinho não foram as primeiras vítimas deste criminoso.

Artur realmente não sabia como preparar uma notícia inesperada.

— Desculpe, senhor Artur, eu... como é?

— Outras duas famílias na cidade foram vítimas do mesmo tipo de ação, dois casais diferentes com um filho de oito anos. Acharam uma língua no chão?

— Sim... sim, senhor — a voz de Astor saía confusa.

— O mesmo aconteceu com os outros casais. O garoto está ficando com vocês agora?

— Sim.

— Um psicólogo está cuidando das outras duas crianças, vou pedir para ele vir cuidar do seu sobrinho. Acho que ele pode ajudar.

— Já veio um doutor aqui para cuidar dele.

— Qual o nome dele?

— Ah... eu não lembro de cabeça, desculpe, vou pegar o cartão dele.

Astor se levantou da poltrona e foi em direção a um móvel que estava na sala. Lembrava que tinha deixado o cartão de William na primeira gaveta e precisava dele para recordar seu nome. O psicólogo estava prestes a ser entregue pelo seu próprio cartão de visitas. Como iria explicar ao detetive a descoberta da terceira criança antes mesmo da chegada da informação à polícia?

A pesada gaveta de madeira rangeu ao deslizar para fora, revelando seu interior desorganizado, cheio de papéis aleatórios. Revirou folhas e pequenos objetos em busca do cartão.

— Será que a Rute guardou em outro lugar?

— Tudo bem, Astor, não preciso do nome, mas é melhor que o mesmo psicólogo que está cuidando das outras crianças também converse com o seu sobrinho, eu vou avisá-lo e ele virá falar com o senhor.

— Tudo bem, claro, sem problema.

Astor fechou a pesada gaveta guardando para o futuro a pista que poderia ajudar Artur a encerrar o caso e impedir os próximos assassinatos.

O detetive se levantou e foi até a janela. Ficou olhando por um tempo para fora. Viu no fundo do terreno um pequeno estábulo onde ficavam os animais e uma horta onde eram cultivadas verduras e legumes para o consumo próprio. Ao seu lado havia um bonito vaso de cerâmica com rosas brancas. Observou que as pétalas estavam ganhando uma coloração levemente rosada. Seus pensamentos foram interrompidos pela voz de uma mulher.

— Não sabia que tinha visita.

— Rute, esse é o detetive Artur. Ele está... investigando outros dois crimes na cidade que... são iguais ao que aconteceu com o Lucas e a Mirtes.

— Santo Deus — a mulher falou colocando uma mão no peito e outra na frente da boca.

— Eu quero ver a casa onde tudo aconteceu — disse o detetive, sem se importar muito com o choque da dona de casa.

Ao chegar, Artur ficou quase vinte minutos estudando a residência por fora, olhando como se ele mesmo planejasse invadir o local. Desviou a atenção para o terreno ao redor.

Tinha que ser de noite.

Entrou devagar. Parou e olhou mais uma vez ao redor. Dava alguns passos, parava, observava. Viu as escadas que davam acesso ao segundo piso. Subiu devagar. Olhou as portas no corredor.

— O quarto do meu cunha...

— Silêncio. Ninguém disse para o assassino onde era cada lugar — o detetive falava sem dar atenção à Astor.

Foi até a porta mais próxima, abriu uma pequena fresta e olhou o interior. Era o quarto do casal. Fechou a porta devagar, como se não quisesse fazer barulho. Foi até a outra e fez a mesma coisa. Chegou ao último quarto,

abriu e entrou. Não tocava em nada, apenas observava. Deu de frente com a cama de solteiro da criança. Abriu o guarda-roupa.

Caberia alguém aqui, meio apertado mas caberia.

Virou e viu a janela que dava para o enorme terreno de fora. Olhou atrás da porta. Desceu novamente as escadas até a sala.

— Tinham três cadeiras aqui?

— Sim. A polícia levou o carpete. Estava... cheio de sangue. Vocês encontraram alguma pista nas outras duas casas?

— Nas casas não encontramos muita coisa além do que provavelmente vocês encontraram aqui. Nada foi levado?

— Não, nada.

Já era fim de tarde quando Artur voltou para a cidade. O céu estava uma aquarela de cinza, azul e vermelho, e o detetive resolveu não ir para a delegacia. Foi direto para o consultório de William.

— Alguma novidade com as crianças?

William ficou em silêncio por alguns segundos.

— Estamos trabalhando, é muita coisa para elas assimilarem. Leva tempo.

— Descobri algo que o senhor não vai gostar.

William não disse nada, ficou apenas olhando para Artur.

— Temos mais uma criança.

— Mais uma? — William tentou disfarçar a notícia que já não era novidade.

— Ela não é da cidade, é de uma comunidade afastada, umas três horas daqui. Parece que já tem um psicólogo atendendo ela, mas achei que o senhor gostaria de cuidar dela também já que está cuidando das outras duas.

— Claro, sem dúvida, eu irei fazer isso.

— Não quer que eu lhe diga o endereço?

— Sim... a Margô pode anotar pra mim quando estiver saindo.

Artur estava inquieto. Mesmo sentado na poltrona, parecia se mover pela sala.

— O que você acha disso tudo? — perguntou o detetive.

— Das crianças?

— Não. Da pessoa que está fazendo isso. O que você acha que ela quer?

— Eu acho que... há algum motivo particular para tudo isso. Mais do que a vontade de matar pessoas. Acho que ele está querendo provar algo.

— Sim. Um estudo.

Artur conseguiu ganhar toda a atenção de William.

— Um estudo?

O detetive se levantou da cadeira, andou pela sala com calma, olhava os brinquedos e materiais que davam um clima de fantasia ao consultório infantil.

— Existem diferentes formas de testar algo, um medicamento, por exemplo. Mas é preciso fazer comparações, ver o que influencia e o que não influencia no objeto de estudo ou... teoria social. É isso que o suspeito está

fazendo — Artur passou o dedo para sentir a maciez de um boneco de pelúcia —, do jeito dele, mas está fazendo. Não tem nada a ver com os pais, na verdade os pais são apenas um dos dados, por isso eles são diferentes, assim como o tipo de criação, as regiões onde elas cresceram, o sexo. Somente dois dados desse estudo são comuns, a criança de oito anos e o método dos crimes.

Agora era William que se levantava da cadeira. De repente, o assento pareceu desconfortável, apertado, incômodo. O psicólogo colocou as mãos no bolso e não olhava para o detetive. Demonstrava estar pensando no que Artur dissera. Desabotoou o primeiro botão da camisa. As paredes, o teto e o chão do consultório pareceram se mover de forma pesada, como se estivessem se aproximando, se fechando.

— Mas é só uma teoria. O que você acha dela? — Artur olhou para William. — Você é o profissional das teorias.

O psicólogo tentava entender se Artur estava apenas contando suas ideias para alguém ou se tinha algum propósito em contá-las para ele.

— Se ele quer ter bons dados para esse... estudo, com certeza não serão apenas dois crimes — William disfarçava com uma tentativa de parecer ajuda. — E nós dois somos profissionais de teorias, detetive.

— Só enquanto eu não resolver o caso.

Só enquanto eu não terminar o estudo — era o que gostaria de responder.

— Falando em caso — tentou mudar a direção da conversa —, eu li sobre aquela série de crimes que você resolveu há uns dois anos. Foi uma forma pouco comum de prender um criminoso.

— Essa é outra história.

Os dois permaneceram cada um no seu mundo, dividindo a mesma sala com pensamentos silenciosos.

— Às vezes você não para pra pensar o porquê de tanta coisa errada?

— São as coisas erradas que nos dão emprego, doutor. O meu e o seu.

— E isso faz você se sentir melhor?

— Faz eu me sentir útil.

— Ter um propósito — William completou concordando.

De alguma forma, ele estava gostando da conversa com Artur. Apesar de saber mais do que deveria, o detetive tinha um jeito de pensar que, querendo ou não, concordava com a forma de agir do psicólogo. Pelo menos era assim que ele estava interpretando o policial.

— Você gosta do que faz, detetive?

— E alguém gosta realmente do que faz? O senhor acorda todas as manhãs sorrindo sabendo que vai passar o dia todo escutando problemas?

— Um sorriso nem sempre quer dizer algo bom, detetive. Isso me lembrou uma coisa. Um dia eu assisti um documentário, um desses documentários da natureza selvagem. Os pesquisadores estavam tentando desvendar o motivo dos sons emitidos pelas hienas. A maioria das pessoas acha que aquele som é uma risada, mas os pesquisadores chegaram à conclusão de que hienas de menor posição hierárquica no grupo, hienas dominadas, hienas frustradas, emitiam mais alto esse som que parece uma “risada”. Às vezes damos a impressão de que gostamos de alguma coisa, quando na verdade só estamos

com medo, com dor, com fome. Não tem nada de engraçado em ser um animal carniceiro que se alimenta do que sobrou dos mortos.

O diálogo entre William e Artur pedia intervalos de silêncio que ambos respeitavam sem a necessidade de uma resposta rápida. Não era uma conversa, era um jantar.

— Deixa eu te mostrar uma coisa — William foi até um canto do consultório onde havia um armário e deslizou uma porta do móvel, revelando um aparelho de TV.

— Se quiser se sentar.

— Estou bem assim.

— Como quiser.

Ao apertar o play de um aparelho de DVD apareceu a gravação de uma sessão com Marcelo, a criança do primeiro crime. Pelo ângulo da câmera ele não parecia saber que estava sendo filmado. Em alguns casos William costumava gravar as sessões para analisar com calma as reações do paciente. O psicólogo não aparecia nas cenas, mas era possível reconhecer sua voz no vídeo.

— O que você diria para a pessoa que fez isso? — a voz de William perguntava para a criança.

— Por que ele fez isso comigo.

— Mas ele fez com seus pais, não com você.

— Ele fez comigo. Me deixou sozinho.

A criança parou um pouco.

— Mas eu tenho pena dele.

— Pena por quê?

— Pessoas más são pessoas tristes. Por isso elas são más. Ele não deve ter nenhum amigo pra ficar feliz.

— Se ele pedisse desculpas você desculparia ele, Marcelo?

— Não. Eu também estou triste. Tristeza faz a gente virar uma pessoa ruim.

O psicólogo parou a gravação, congelando o vídeo na imagem do garoto sentado no chão, mexendo em um robô de brinquedo. Artur e William ficaram um tempo em silêncio, olhando o aparelho de TV com a imagem estática.

— O mal nada mais é do que um buraco que quer desesperadamente ser preenchido, detetive. Se a sua teoria estiver correta, se ele está realmente fazendo esse estudo, três casos são pouco para uma comparação. É melhor você se apressar, porque quem está fazendo isso irá matar mais.

Já era noite, mas Artur resolveu ir para a delegacia. Não queria voltar para casa, não queria perder tempo. Ao chegar, viu um envelope fechado com seu nome em cima da mesa. Quando Luiz e Felipe foram levados, a irmã de Felipe ficou com a guarda provisória da menina. O envelope tinha o nome dela como remetente: Andrea. Dentro havia uma fotografia. Era a foto da menina Luiza sentada perto de uma janela, olhando para fora. Tinha cara de saudades e segurava o sapo de pelúcia que encontrou na sala de William. No verso da fotografia havia uma mensagem de Andrea.

Pegue quem roubou a felicidade dela.

Artur virou a fotografia novamente e olhou a garota sentada ao lado da janela. Era possível ver as gotas da chuva escorrendo pelo vidro fechado, como se o mundo estivesse refletindo seus sentimentos.

Logo abaixo da menina estava um cachorro, deitado perto dela. Ao lado tinha um móvel com um vaso de flores brancas, com uma coloração rosada que se abria do centro em direção às pontas das pétalas. Congelou os olhos no vaso feito de uma cerâmica clara, com a base estreita, que ia se alongando até a borda, onde começava a planta que saía da terra. Em um clarão de lembrança recordou ter visto o mesmo vaso na casa da família da fazenda.

“Recebemos dois dias após o desaparecimento da minha irmã e do meu cunhado” — lembrou da frase de Rute sobre o vaso.

Remexeu em alguns papéis na sua mesa e folheou uma pasta onde estava tudo que tinha de Luiz e Felipe. Procurou o telefone de Andrea e discou.

— Alô?

— Andrea?

— Quem gostaria?

— Aqui é o detetive Artur, recebi sua carta.

— Ah, sim.

— Tem um vaso na foto com umas flores brancas.

— Sim, alguém mandou pra gente... uns dois dias depois que... você sabe.

— Tinha algum bilhete junto?

— Sim, por quê?

— Você ainda tem o bilhete?

— Acho que sim.

— Estou mandando um carro ir buscar o vaso e o bilhete na sua casa.

— O que você quer com o vaso, detetive?

— Ele pode ter sido enviado pelo assassino.

Artur ligou para a casa dos tios da primeira vítima e eles confirmaram que haviam recebido um vaso com as mesmas descrições dadas pelo detetive. Uma equipe de policiais foi enviada para a casa de cada família para buscá-los e trazê-los até a delegacia.

Artur ainda estava trabalhando quando Bete ligou no seu celular.

— Oi, Bete.

— Onde você está?

— Na delegacia.

— Artur, você não esqueceu do jantar, né?

— Droga, sim. Só precisava resolver umas coisas, estou indo agora mesmo, eu preciso levar algo? Flores?

— Uma garrafa de vinho já está ótimo, Artur.

— Ok, então, estou aí em alguns minutos.

— Ótimo.

Depois de muito insistir, Bete havia convencido Artur a deixá-la

apresentar uma amiga para ele. O marido de Bete era chefe de cozinha, então resolveram fazer um jantar no seu apartamento. Artur não se sentia muito confortável com a situação e estava realmente nervoso com o momento que se aproximava.

Já de pé, esfregava as palmas das mãos no tecido da calça. Andava de um lado para o outro e pensou até em pedir algum conselho para um policial que estava trabalhando em outra mesa.

Só espero que ela não seja muito bonita.

Alguns minutos depois estava em um supermercado olhando os rótulos das garrafas. Não era de beber e não sabia qual levar, então pediu ajuda para um homem que estava com uma garrafa na mão. Ele realmente parecia saber o que estava fazendo.

— Por favor, eu preciso levar um vinho para um jantar e não sei qual, o senhor poderia me ajudar? — Artur estava realmente nervoso com a situação.

— O que será servido?

— Eu não sei.

— Que tipo de ocasião?

— A mais constrangedora possível.

— Vai jantar com uma mulher pela primeira vez, então.

— Isso. E um casal de amigos.

— Quais são suas intenções?

— Não parecer estranho.

O homem se divertia com o nervosismo de Artur.

— Leva esse.

— Por que esse?

— Depois de abrir um desses, você não vai precisar falar muito.

— Perfeito.

Vinte minutos depois Artur entrava pela porta do apartamento de Bete. Ao sentir o cheiro que perfumava o ar, conseguiu entender o exagero com que Bete falava da comida do marido. O aroma realmente dispensava elogios. Pensou que seria um bom hobby para aprender. Afinal, de boca cheia as pessoas não poderiam falar muito. Pelo menos as educadas.

— Artur, essa é a Rosa.

O detetive olhou para a mulher de cabelos castanhos e olhos grandes e bonitos, mas seu pensamento ficou na ironia do nome.

— Eu trouxe o vinho.

Quando foram para a mesa Artur ficou observando onde cada um iria sentar e, tentando ser o mais natural possível, puxou uma cadeira ao lado de Rosa.

— Ótima escolha, Artur — disse Oscar sobre o vinho.

O policial apenas deu um sorriso nervoso.

A mesa estava montada de maneira caprichosa, mas sem deixar de lado a simplicidade de um encontro entre amigos, sem todas as formalidades exigidas dentro de um restaurante. O prato principal era costoletta di vitello alla milanese,

como disse Bete, orgulhosa do marido.

— Carne de vitela? — perguntou Artur.

Oscar congelou seus movimentos, não tinha pensado na possibilidade de o detetive ser contra carnes de bezerros abatidos ainda muitos jovens.

— Desculpe, Artur, eu nem me toquei em perguntar se alguém tinha algum problema com carne de vitela.

— Não tem problema, não é isso. Eu só... parece que está muito bom.

— Ainda temos — Oscar mostrou a travessa — risoto de açafrão e uma saladinha com endívias vermelhas, rúcula, figo e queijo de cabra. Não esqueçam de espremer o limão siciliano por cima, faz toda a diferença. Pra ser sincero, é um jantar bem simples, mas espero que gostem.

— Eu não disse que Oscar cozinhava muito bem, Artur?

— Sim, várias vezes, Bete.

Artur falava de um jeito que fazia suas frases ganharem um tom divertido. Mas ele não entendia por que os três riam.

— Bete disse que você é o melhor detetive da delegacia

Rosa tentava deixá-lo mais à vontade. A amiga já tinha lhe adiantado sobre as suas peculiaridades.

— Na verdade são os outros que não são muito bons.

— É um jeito interessante de ser modesto.

— Eu não preciso ser modesto, é só a verdade mesmo.

Ele olhou para Rosa, que usava um vestido azul claro, e reparou na forma como ela se mexia, como pegava a taça de vinho e colocava na boca para depois contrair o lábio inferior que ficava molhado com a bebida e secá-lo com suavidade. Ela se movia com facilidade, sem querer parecer outra pessoa, nem impressionar ninguém. E ele gostava disso, havia uma naturalidade tão fácil nela que ele gostaria de conseguir dizer algo que não o fizesse parecer estranho.

— Você é realmente muito bonita, Rosa.

— Ah, obrigada.

— Você não tem filhos, não é?

— Como você sabe?

— Seus seios. Seus seios dizem que não tem filhos.

Bete e Oscar se olharam pelos cantos dos olhos.

Rosa tinha aquele sorriso de quem não entendeu muito bem o que Artur queria dizer.

— Eu vou encarar isso como um elogio, Artur.

— Foi um elogio.

— Então, obrigada, Artur — a frase veio acompanhada de um sorriso que misturava graça e elegância, sem parecer de mentira.

Oscar estava se divertindo com toda aquela cena e, antes que a mesa pudesse cair em silêncio, ele direcionou a conversa colocando Bete no centro das atenções.

— Você já falou pro Artur da sua teoria sobre a luz interna da geladeira?

— Não é teoria, amor, é uma certeza — Bete respondeu com a autoridade da mulher da casa.

— Então diga pra todo mundo. Vamos ver se eles concordam.

— Artur, sabe por que a geladeira tem uma luz que acende quando você abre a porta?

— Para ver o interior.

— Errado. Para isso temos a luz da cozinha. Ela tem luz interna para que você possa acordar no meio da noite e assaltar a geladeira sem precisar acender a luz da casa, assim você não acorda ninguém que possa te pegar em flagrante.

Bete, Oscar e Rosa caíram na risada. Artur ficou pensando sobre a teoria.

— Faz todo sentido — Rosa apoiou o pensamento da amiga.

— Viu, querido, não tem ninguém que discorde das minhas certezas.

— Você é policial, amor, as pessoas não discordam de quem carrega uma arma.

O jantar foi assim durante toda a noite. Leve, tranquilo e, por algumas horas, Artur quase não sentia desconforto por estar ali, em um evento social, com o ingrediente constrangedor de um encontro planejado. Nem a comida foi capaz de silenciar a mesa e, algumas taças de vinho depois, todos foram para a sacada do apartamento onde a conversa continuou, como disse Oscar, interessante.

Rosa e Artur deixaram o apartamento e combinaram de dividir um táxi que deixaria Rosa primeiro. Ao fechar a porta, Bete olhou para o marido que estava na sacada rindo e ficou na torcida para que o táxi não precisasse deixar Artur em outro destino.

11.

Na outra manhã, Bete estava terminando de se arrumar em seu apartamento. A TV estava ligada e a apresentadora dava a previsão do tempo para o dia.

Não saia de casa sem seu guarda-chuva. Hoje o tempo ficará fechado o dia todo e uma massa de ar frio irá se chocar com o ar abafado, o que pode provocar uma forte chuva no fim da noite.

Bete olhou pela janela e viu o céu coberto por ameaçadoras nuvens escuras.

— Hoje vai ser um dia feio.

Segurava o coldre da arma com o cano apontado para o chão, verificou a munição e colocou na cintura.

— Não vai passar na casa do Artur? — perguntou Oscar, que também já estava pronto para ir ao trabalho.

— Estou tentando ser otimista. Espero que ele não precise de carona.

O celular de Bete vibrou, sinalizando uma mensagem.

Que droga, Artur.

Bete dirigia sem pressa sob o manto cinza do céu e ao chegar à esquina do prédio de Artur não viu ele parado na calçada como sempre fazia. Ela esperou alguns minutos e, como ele não havia descido, resolveu apertar o interfone. Depois de três chamados, escutou a voz metálica do policial saindo pelo interfone.

— Quem é?

— Quem você acha que pode ser?

— Qualquer pessoa que tenha um dedo.

Às vezes, nem Bete sabia se Artur estava falando sério ou brincando com a pessoa.

— É a Bete, Artur.

— Se você tivesse perguntado “quem você acha que é” eu responderia que era você. Mas você disse “quem você acha que pode ser?” — intensificou a palavra pode — e isso muda completamente a resposta.

— Desce logo, Artur.

O detetive entrou no carro como se nada tivesse acontecido na noite anterior, girando nos dedos seu cigarro apagado, até que Bete, que não parava de olhar para ele, resolveu ir direto ao assunto sem perder tempo com preliminares.

— E aí? Conta.

— Contar o quê?

— Como assim o quê? E a Rosa?

— O que tem ela?

— Meu Deus, Artur. Depois que vocês saíram de casa o que aconteceu?

— Nós entramos no táxi, fomos até a casa dela, eu deixei ela lá e fui pra minha.

— Não rolou nem um beijinho?

— Ela não queria me beijar.

— Minha nossa. É claro que ela queria.

— Não queria, eu perguntei.

— Você perguntou?

— O táxi parou, eu desci com ela até o portão, ela disse que tinha adorado a noite, que foi divertido e que poderíamos fazer isso mais vezes. Aí eu perguntei se podia beijá-la e ela disse “você vai ter que fazer mais do que isso para me beijar”. Então eu fui embora.

— Meu Deus, Artur — Bete não conseguia acreditar. — Ela estava sorrindo quando disse isso?

Artur fez um silêncio como se estivesse pensando.

— Não era bem um sorriso.

— Você devia ter beijado ela.

— Mas ela disse que eu tinha que fazer mais alguma coisa antes. E seu eu beijassem e ela dissesse “não me escutou”?

— Aí você falava: escutei sim, mas é minha boca que está te beijando e ela não foi feita para ouvir — Bete falava gesticulando de um jeito exagerado, encenando um galã de filmes.

— Eu fiz tudo errado.

— Não, não, você foi um cara legal. E não se preocupe com isso de dizer coisas erradas. Sair com uma pessoa não é como uma prova de concurso público onde uma resposta errada elimina uma certa. Ninguém consegue acertar tudo. Na verdade, eu diria que hoje em dia se você acertar vinte por cento já passa.

— Vinte por cento? Como eu faço essa conta?

— Esquece a conta, Artur. Mas na próxima vez vê se lasca um beijo na boca dela. Só não pergunte pra uma mulher se você pode fazer isso, ok?

Artur respondeu em silêncio, estava guardando os conselhos românticos na memória. Alguns segundos depois e a conversa já tinha virado trabalho.

— E como está o caso das crianças? — perguntou Bete.

— Nós descobrimos uma terceira.

— Que droga.

— Tem um vaso que todas as famílias receberam, um vaso de flores, todas elas receberam dois dias depois do sumiço, mandei uma equipe para cada casa buscar os vasos e levar para a perícia dar uma olhada pra ver se encontram algo.

— Um vaso?

— Um vaso de cerâmica clara, com flores brancas, meio rosadas. Eu vi esse vaso na casa da terceira criança e depois na casa da segunda. Todas as vítimas receberam um.

— Acha que o assassino está mandando flores pras vítimas?

— Talvez.

— Que doente. Tem alguma ideia do motivo das flores?

— Não. Preciso esperar o laudo da perícia.

— A parte boa é que seu caso deve passar na frente de todos os outros e o resultado vai sair mais rápido. Aristes está louco para você encerrar isso logo.

— E você, e o hacker, alguma novidade?

— Eu fui até a casa da namorada dele, uma menina legal. Judite. Ela não sabia muita coisa sobre a vida dupla do namorado. Sabia que ele fazia uns trabalhos por fora, mas não que isso fosse perigoso. Só que o rapaz deixou uma mochila na casa dela e eu encontrei algo.

— O quê?

— Um pen drive. Eu abri lá mesmo no computador da namorada, olhei as pastas e achei uma que parece ser um trabalho recente dele. Tinha um arquivo onde estavam anotados alguns dados da pessoa que era seu cliente.

— Qual era o trabalho?

— Ele estava acessando o e-mail de uma outra pessoa.

— Tinha o endereço?

— Da pessoa hackeada ou do cliente?

— Do cliente.

— Endereço, telefone, até algumas fichas médicas tinha. Parece um sujeito problemático. A namorada do hacker disse que ele investigava os clientes pra quem fazia os trabalhos.

— Onde fica a casa dessa pessoa?

— Fica...

O celular de Bete vibrou sinalizando a chegada de uma mensagem. Era Rosa.

— Hora do relatório romântico. Vamos ver — Bete disse rindo.

Seu amigo é divertido. E diferente. Gostei.

Bete leu a mensagem com os olhos, fazendo Artur ficar ansioso.

— O que ela disse?

— Papo de mulher, Artur.

— Você realmente não vai me dizer?

— Você é detetive, descobre.

— Não acredito que você não vai me contar.

— Vou dar uma pista: ela... gostou.

Bete e Artur foram dirigindo até a delegacia com ele tentando convencê-la a contar sobre a mensagem, mas Bete se recusou a revelar as palavras exatas da amiga. Ela queria que Artur se dedicasse a entender os sinais por conta própria, e se divertiu com a ansiedade do amigo que ficava colocando e tirando o cigarro da boca.

Depois de deixar Artur na delegacia, Bete seguiu para o endereço encontrado nos arquivos de Nicolas. Foram quase cinquenta minutos dirigindo. Ainda era cedo, mas o trânsito nas ruas já estava carregado.

Bete chegou à rua escrita no pedaço de papel.

Duzentos, duzentos e trinta, duzentos e setenta, trezentos.

Um portão de chapa de ferro cobria a fachada da casa e muros altos impediam que Bete conseguisse olhar seu interior. A detetive desceu do veículo e olhou para os dois lados. A rua tinha pouco movimento. Tocou a campainha uma vez e aguardou. Tocou a segunda vez. Uma portinhola no portão de metal se abriu revelando olhos intrigados atrás do pequeno retângulo aberto.

— Sim?

— Bom dia, o senhor é o David?

— Sim.

— Pode abrir o portão, por favor? — Bete mostrou o distintivo da polícia. Atrás do pequeno quadrado os olhos não demonstraram nenhuma reação nervosa. Se a pessoa do outro lado estava escondendo algo, ela era boa em não demonstrar isso.

— Claro.

A portinhola se fechou. Em seguida o portão se abriu rapidamente, assustando Bete com a sua velocidade. Por impulso, a detetive colocou a mão na cintura onde estava sua arma.

— Algum problema? — perguntou o homem alto que se revelou por trás da chapa de aço.

Bete franziu o rosto.

— A gente se conhece de algum lugar, não?

— Lembra do... incidente na frente de uma escola infantil há algumas semanas?

— Claro, você era o homem que estava quebrando a cara daquele outro.

— Daquele pedófilo. Aquele homem era um pedófilo.

— Isso. Que bom que você estava lá. Ele realmente era.

Quando os policiais levaram David e o outro homem para a delegacia, buscaram a ficha do rapaz agredido e constataram que ele já tinha cumprido pena por pedofilia e estava sob liberdade condicional. Ao descobrirem seu passado, agradeceram a David e o liberaram sem a preocupação de buscar a ficha dele também.

— Posso entrar?

Os dois ficaram reparando nas reações um do outro. Ambos preparados como duas pessoas em um duelo de faroeste. Apesar da cooperação de David, havia uma certa tensão no ar, como se algo estivesse para acontecer a qualquer momento.

— Claro. Por favor.

Bete não sabia o que a esperava, estava entrando na casa de um possível suspeito de assassinato, mesmo que ele tivesse prestado uma ótima ajuda ao impedir que um pedófilo fizesse outra criança de vítima. Passou pela cabeça de Bete se talvez o hacker também não fosse um pedófilo e tinha sido morto por isso. Reparou no grande quintal que se escondia dentro do terreno. A casa estava com todas as janelas fechadas.

— Espero não estar interrompendo nada, David.

— Não está. É sobre aquele pedófilo?

Os dois se olhavam. Olhos nos olhos. Nenhum demonstrava receio com a presença do outro. O homem tinha um olhar lobotomizado, frio como um veterano de guerra.

— Não, esse não vai fazer mal a nenhuma criança por um bom tempo.

Com um aperto no controle remoto o portão de metal se fechou atrás de Bete e o som a fez ficar apreensiva. As nuvens no céu se movimentavam sem velocidade.

— Algum problema em me deixar conhecer sua casa? — Bete reparou que David não se mexia.

— Não, nenhum. Vamos pela parte de trás.

Foram andando e deram a volta, onde havia o belo jardim de rosas brancas e vermelhas.

— Bonitas flores — Bete parou próxima ao jardim.

— Obrigado.

— Você fez um ótimo trabalho lá na escola defendendo aquelas crianças — disse Bete.

— Eu não suporto a ideia de alguém que seja capaz de fazer mal a uma criança. Isso é... inaceitável — David conseguia falar de forma agressiva sem alterar o tom de voz.

— Você trabalha com o quê, David?

— No momento estou desempregado.

— Sabe alguma coisa sobre computadores?

— Normalmente eu só uso para mandar e-mails. E fazer algumas pesquisas.

— Pode me mostrar sua casa?

— A senhora pode me adiantar do que se trata?

— Conhece um homem chamado Nicolas? — Bete falou preparada para sacar a arma dependendo da reação do suspeito. David era esperto o suficiente para saber que se ela estava ali é porque tinha feito alguma ligação do seu envolvimento com o hacker. Mentir que não o conhecia só faria a suspeita aumentar.

— Sim, ele fez um trabalho pra mim. Estava com um problema em acessar um e-mail. Mas o que tem ele?

— Ele está morto.

— Morto?

Havia frieza, mas não parecia haver mentira na reação dele. Talvez por não ter nada com isso ou pior — Bete pensou —, talvez por não se importar.

— Alguém o enforcou dentro do seu apartamento.

— Que coisa horrível.

— Que tipo de trabalho o senhor disse mesmo que ele fez?

— E-mail. Eu precisava acessar um e-mail, era uma outra conta que eu tinha e eu não conseguia acessar de jeito nenhum. Que pena que ele morreu, ele fez um bom trabalho pra mim. Um ótimo trabalho, aliás.

— Nicolas era um hacker, David. Você por acaso estava tentando acessar os e-mails de outra pessoa?

— Espera, a senhora não acha que eu matei esse homem, não é?

— O que eu sei é que ele prestou um serviço pra você.

— Exatamente. E sabe porque eu lhe disse.

— Na verdade eu sei por causa do pen drive que estava na casa da namorada dele.

Pela primeira vez David pareceu tentar disfarçar sua reação.

— Entendi. E por acaso só tinha o meu nome nesse pen drive?

— Não, tinha alguns outros também.

— E qual é o próximo passo agora? — David olhava para os olhos da detetive sem deixar de prestar atenção na mão dela, que estava próxima à arma.

— É continuarmos nossa conversa. Você pode me explicar melhor sobre esse problema que você estava tendo em acessar essa outra conta de e-mails.

— Sinceramente, não há muito o que explicar além do que eu lhe disse.

— Você me permite ver essas duas contas de e-mail?

— Essa invasão de privacidade é mesmo necessária, detetive?

— Eu também não gosto que fucem nas minhas coisas, David, mas, sim, é realmente necessário. Eu posso voltar com um mandato, mas...

— Não será necessário, detetive. Eu não tenho nada a esconder. Vamos entrar que eu mostro para a senhora.

— O senhor é o dono da casa, eu o acompanho.

— Claro.

David tomou a dianteira, sendo seguido de perto por Bete que olhava ao redor.

— Só um minuto, por favor — a detetive interrompeu o trajeto quando reparou, no canto do jardim, em uma fileira de vasos feitos de cerâmica. Por um breve instante sua atenção se voltou para as flores. A maioria delas brancas e algumas com uma leve coloração rosada nas pétalas.

“Todas as famílias receberam um vaso de flores... um vaso de cerâmica clara com flores brancas, meio rosadas” — Bete lembrava da conversa que tivera no carro com Artur.

“Acha que o assassino está mandando flores pras vítimas?”

“Talvez.”

Esse intervalo de atenção foi o suficiente para que David se distanciasse sem ser notado. Como um gatilho, a conexão foi feita na mente da detetive. O homem que ela buscava pelo assassinato do hacker era o mesmo que havia matado todos aqueles casais. Bete colocou a mão na cintura com intenção de sacar sua arma, mas o gesto foi interrompido por um fino arame em volta do seu pescoço.

Com um movimento, David girou o corpo de Bete e a derrubou no chão de barriga para baixo. O assassino caiu sobre ela com um dos joelhos em suas costas, fazendo força no garrote e flexionando os braços enrijecidos como se estivesse domando um cavalo selvagem. Bete tentava colocar os dedos entre o arame e seu pescoço, mas não encontrava nenhuma brecha. Seu corpo era arqueado para trás com a força de David, que mantinha o joelho sobre as costas da detetive, fazendo com que seu rosto ficasse voltado para o jardim. Ela via as flores brancas, rosas e avermelhadas enquanto suas pernas se debatiam com violência, dobrando e esticando os joelhos sem fazer seu corpo sair do lugar, arrastando os pés que iam escavando a terra do chão. O fio pressionava sua garganta, impedia a circulação do sangue e fazia sua cabeça latejar. O ar não conseguia atravessar a barreira do garrote. David colocou mais força no fio, fazendo veias vermelhas trincarem os olhos de Bete, que ficavam cada vez mais rubros, até congelarem brilhantes com as lágrimas que se acumulavam sob as pálpebras, e que agora escorriam lentamente pelo rosto sem vida da policial.

Quando os últimos espasmos de Bete cessaram, o assassino a colocou

em seu ombro, abriu o cômodo detrás da casa e a carregou pra dentro. Depositou o corpo em uma mesa de metal e com as costas da mão enxugou o suor da testa. Não houve flores, tiros para o alto, nem amigos, apenas um cortejo frio, acompanhado pelos olhos do homem que tirou sua vida.

Na delegacia, Artur tamborilava os dedos na mesa e na outra mão girava um cigarro. Olhava os três cartões que foram enviados juntos com os vasos de flores. Estavam dispostos lado a lado e tinham a mesma mensagem escrita à mão com uma caneta vermelha sobre o papel branco.

Sinto muito.

— Artur! — o delegado gritou seu nome com metade do corpo pra fora da porta do seu escritório.

Ao entrar o detetive o viu em pé, em frente à TV ligada assistindo ao noticiário.

O que se achava a princípio que seria um crime homofóbico acaba de ganhar patamares ainda mais assustadores. Outros dois casos com os mesmos critérios de violência também aconteceram. Duas famílias, uma no subúrbio da cidade e outra em uma pequena comunidade rural, também estão com dois membros desaparecidos, deixando apenas uma criança como testemunha do crime. O que se sabe até agora é que a única ligação entre as três famílias é que cada uma possuía um filho de oito anos. Segundo nossas fontes, não houve pedido de resgate em nenhum dos casos. Como os crimes estão sendo investigados pelo Departamento de Homicídios, só nos restam perguntas sem respostas: estamos à mercê de um novo assassino em série? E o que ele quer, já que até onde se sabe, o motivo não é dinheiro? Aguardamos o pronunciamento do Departamento de Polícia. A sociedade quer saber o que está sendo feito. E, principalmente: estamos seguros?

Quando o pronunciamento do repórter terminou, a TV voltou para o programa de entrevistas de celebridades. Com um aperto no botão do controle remoto o delegado colocou o aparelho no mudo.

— Faça da pergunta do repórter a minha, Artur. O que temos?

— Estou esperando a análise da perícia sobre as flores recebidas pelas famílias, não encontramos nada nos cartões além da mensagem, sem digital, nada, só a frase “Sinto muito”.

— “Sinto muito”. Agora que a mídia está em cima eu preciso de algo concreto, Artur — o delegado passou as mãos na cabeça.

— O intervalo entre uma morte e outra é muito curto, ele não está perdendo tempo, é pouco provável que o suspeito tenha um emprego comum com horários, ele deve ter o seu próprio negócio ou talvez nem tenha um trabalho fixo — disse Artur.

— Ótimo, vamos interrogar todos os desempregados — completou Aristes, antes de ser interrompido pelo toque do telefone da sua mesa.

— Sim.

— Merda.

Artur estava saindo da sala, quando o delegado gritou seu nome sem tirar

o telefone do rosto e fez um sinal para que ele esperasse.

— Quando?

— Onde?

Aristes estava com a expressão ainda mais fechada, apanhou um bloco de anotações na sua mesa e escreveu algo que a pessoa do outro lado da linha dizia.

— Droga — o delegado desligou o telefone e passou a mão nos cabelos. — Temos mais uma família — estendeu o braço entregando a anotação para Artur onde havia o endereço do provável quarto crime.

— Artur, não podemos continuar só limpando a sujeira.

— Sim, senhor.

O detetive saiu da sala com o peso de estar sempre um passo atrás do assassino. Até agora não conseguira nada que realmente o colocasse próximo de pegá-lo. Foi até sua mesa, apanhou o paletó sobre o encosto da cadeira e percorreu os olhos sobre as pistas que tinha até o momento. Olhou os bilhetes enfileirados lado a lado. Três. Pensou que logo haveria mais um para a coleção. Sentiu-se um estudante universitário, apenas catalogando sua pesquisa para finalizar seu trabalho de fim de curso.

Pensou nos muitos casos que ficavam sem solução, engavetados nas prateleiras empoeiradas do sistema criminal. Nas vítimas sem justiça. Nas pessoas sem vingança. Até que seu pensamento foi quebrado por um policial da patrulha.

— Pronto para ir, senhor?

— Sim. Vamos.

Com o policial no volante e Artur no banco do carona a viatura acelerou do pátio da delegacia rumo ao seu destino, um dos bairros mais ricos da cidade. Ao se aproximar da região, o detetive observou o lugar que se abria como uma ilha particular. Ruas arborizadas pintavam o lugar com suas copas bem cuidadas e de um verde acolhedor. Até o ar era diferente, como se filtros tivessem sido espalhados ao redor do bairro impedindo a entrada da poluição e do barulho.

Outras viaturas de polícia passavam sem pressa como seguranças particulares. Em várias esquinas havia pequenos postos de vigilância com verdadeiros seguranças contratados, onde homens impecavelmente uniformizados estavam de prontidão, atentos como guardas da rainha.

Não havia crianças brincando nas ruas, fazendo a beleza e a paz do lugar se contrastar com a frieza da falta de alegria infantil, sob os olhares de ficção científica das câmeras posicionadas na frente dos portões. Através dos muros altos que rodeavam as quadras era possível enxergar apenas as partes superiores dos imóveis, com seus telhados de formas irregulares, onde cada casa parecia um clube de campo.

No horizonte, grandes prédios pareciam lustres no céu, com suas largas sacadas envidraçadas. E foi em um desses que inexplicavelmente o assassino tinha conseguido entrar.

— O problema das pessoas é que elas só constroem muros do lado de

fora. O mal consegue atravessar o concreto — disse o policial que dirigia.

Artur reparou no terço enrolado no retrovisor, onde uma pequena cruz balançava com o movimento do automóvel. Olhou para a mão do policial e viu a marca de sol onde deveria estar uma aliança de casamento.

— Olha aquele prédio. Só a sacada é duas vezes maior que a minha casa. Contando com o jardim — o policial deu uma pausa para a resposta e continuou. — Você não é de falar muito, né?

— Eu prefiro escutar.

— Você é que tá certo.

Ele olhou para o cigarro que girava apagado na mão de Artur.

— Quer fogo?

— Eu não fumo.

O carro virou à esquerda, revelando um conjunto de prédios no final da rua. De onde estava já era possível enxergar uma grande guarita na entrada. Ao se aproximar, o policial parou o carro. Artur olhou para fora e viu ao seu lado uma torre de uns quatro metros.

Um pouco acima da altura do carro começava uma janela totalmente escura por onde não era possível enxergar o interior. À frente, um portão de barras de metal impedia a passagem da viatura. Ao seu lado esquerdo, o policial falava com a parede, onde havia um aparelho de TV. Na tela era possível enxergar o segurança que estava no interior de uma das torres negras. Estava uniformizado e sua expressão não escondia a tensão. Talvez pela profissão ou mais provavelmente porque alguém tinha atravessado a vigilância da sua equipe na noite anterior.

— Policial Raul e detetive Artur.

Artur olhou para cima e viu os olhos das câmeras voltados para o veículo. Já estava trabalhando. Pensava como o assassino teria passado por toda essa revista. Ao lado esquerdo a voz metálica de robô dava instruções de como chegar à torre onde ficava o apartamento.

— Obrigado.

Sem fazer barulho, o portão de ferro abriu como dois braços que se abrem em boas-vindas. A viatura percorreu um largo caminho de entrada arborizada, sendo perseguida por olhares curiosos de moradores e funcionários do condomínio de luxo. Fez uma curva à direita e depois à esquerda, deslizando por um jardim onde havia uma grande fonte no centro. Seguiu por mais duzentos metros até parar com o motor ligado em frente a uma torre de vinte e três andares.

O único a sair do carro foi Artur, que desceu olhando para o topo. Daquele ângulo, o prédio se afunilava até um céu cinza, nublado de nuvens carregadas e imóveis. À sua frente estendia-se uma escadaria de degraus brancos que chegava até a entrada com largas portas de vidro. Policiais conversavam com moradores, fazendo anotações em seus blocos de notas. Ao chegar ao hall de entrada, Artur viu um salão espaçoso, claro, onde pendia um majestoso lustre de cristais no centro do teto. A única cor vinha de um grande quadro abstrato que cobria boa parte da parede principal. Logo abaixo, haviam dois elevadores e Artur entrou em um que já estava aberto. Dentro, um policial

buscava impressões digitais do painel onde estavam os botões de cada apartamento. Um por andar. Na parte superior, o globo preto de uma câmera de segurança o encarava.

— Pode apertar o botão da cobertura, por favor?

— Sim, senhor.

O elevador se moveu sem fazer barulho e com muita velocidade já estava no vigésimo terceiro andar. Quando a porta se abriu ficou claro que o problema da falta de recursos da polícia era rapidamente resolvido em casos de interesse maior. Desta vez não faltavam profissionais à procura de evidências deixadas pelo assassino: impressões digitais, fluidos corporais invisíveis a olho nu. Artur teve que tomar cuidado para não esbarrar nas placas numeradas ao lado de manchas de sangue no piso de mármore branco. Olhou ao redor, a vista quase se perdia na dimensão do imóvel. Um homem deixou a conversa com outros dois policiais e veio em sua direção.

— Detetive?

Artur apenas balançou a cabeça.

— Sou o chefe de segurança do condomínio, Caio — Artur olhou para a mão estendida por um segundo antes de retribuir o gesto.

— Como alguém estranho entraria aqui?

— Sinceramente? Eu não sei. Temos tudo para que nossos moradores estejam completamente seguros.

— Está claro que nem tudo. A única entrada é pela guarita da frente?

— É... não, também temos uma entrada de serviço na parte de trás. Para entregas de buffet, caminhões de mudança, serviços. Sempre verificamos todos os veículos que entram: caçambas, porta-malas, tudo. Ninguém tem acesso sem cadastro. E trabalhamos apenas com grandes empresas.

— Nada nas câmeras de segurança?

— Não temos nenhuma imagem que revele algo... mas... bom, é melhor eu mostrar do que dizer. Por favor.

Artur seguiu Caio até uma mesa em uma das salas do imóvel. Enquanto caminhava, olhou a sala principal e viu a cena recorrente em todos os crimes. As duas cadeiras lado a lado, com outra à sua frente. Flashes de luzes das câmeras dos policiais piscavam a todo instante.

— Aqui.

Em cima da mesa estava um notebook aberto, com um mosaico de várias imagens de segurança.

— Cada uma dessas telas são as câmeras de segurança de todos os possíveis trajetos que alguém faria, desde a entrada no condomínio até a porta do apartamento. Veja, essa é a câmera da portaria principal, no momento em que o Sr. Jonas entrou na noite anterior — Caio apontou para o primeiro quadrado do mosaico na tela do computador. Era possível ver o sedã preto parado entre as duas colunas da portaria.

— Pode aumentar a imagem?

— Claro.

Com um clique o pequeno quadrado se expandiu e tomou toda a tela do notebook

— Congela.

Artur olhou a imagem estática na tela.

— Os vidros?

— Sim, estão todos estilhaçados. Nossos funcionários estão orientados a não se intrometer na vida dos moradores. Mas algo assim é difícil de não questionar. Veja dessa maneira e escute.

Com outros cliques, a tela do computador foi dividida por duas cenas. Em uma delas era possível ver a câmera que filmava o veículo de frente. Na outra, mostrava a visão do segurança da cabine, como se ele estivesse olhando a tela da câmera que ficava na altura da janela do motorista, que estava abaixada. Era possível ver o rosto do Sr. Jonas ao volante. Pelos vídeos não havia mais ninguém no carro.

— Está tudo bem, senhor? — dizia a voz metálica do segurança, saindo pelo alto-falante da portaria.

— É, sim, sim. Eu bati o carro, mas, mas, sim, está tudo...

— Desculpe, senhor, o microfone falhou e eu não consegui escutar o final da frase.

— Está tudo bem eu disse. Tudo bem. Tudo bem.

— Ok, senhor. Bom descanso. Se precisar de algo, é só chamar.

Caio voltou a colocar o mosaico de cenas na tela e Artur conseguia acompanhar por vários ângulos a visão do veículo entrando no condomínio.

— Repare que algumas câmeras falham de vez em quando, quase saindo do ar — disse Caio apontando para algumas telas que se distorciam.

— Isso já aconteceu alguma vez?

— Nunca.

— Todos os vidros estão estilhaçados, mas não há nenhum amassado na lataria — observou Artur. — Volta na cena que filma o rosto dele.

— Ai está.

— Coloque na tela cheia.

— É, sim, sim. Eu bati o carro, mas, mas, sim, está tudo...

— Desculpe, senhor, o microfone falhou e eu não consegui escutar o final da frase.

— Está tudo bem eu disse. Tudo bem. Tudo bem.

— Congela. Tem mais alguém dentro do carro — disse Artur. — Olha o retrovisor. Nessa posição ele não serve para o motorista ter uma visão da traseira do automóvel, está inclinado mais pra cima e para dentro, o assassino está no banco de trás e consegue ver a expressão do motorista pelo retrovisor para ter certeza que ele não está fazendo nenhum sinal. Continua rodando.

Artur puxou uma cadeira e sentou ao lado de Caio. Não escutava as gavetas da casa sendo abertas e fechadas, não escutava os flashes das máquinas que registravam qualquer coisa que poderia servir de pista, nem o burburinho dos policiais comentando sobre o tamanho do apartamento. Sua atenção estava totalmente voltada para o mosaico de cenas que mostrava todo o trajeto do carro.

— Veja.

O veículo parou em uma das seis vagas do seu estacionamento privativo. Havia mais dois carros estacionados. Um da sua mulher e outro da empregada

que morava com eles. O veículo ficou parado por cerca de dois minutos sem nenhum movimento.

De repente, as três câmeras de segurança do estacionamento saíram do ar e ficaram totalmente distorcidas. O defeito durou pouco mais de um minuto e as telas voltaram ao normal quando o carro já estava vazio. Em seguida aconteceu o mesmo com a câmera de segurança do elevador, onde provavelmente Jonas estava.

— Temos um relatório de funcionamento dos elevadores. Sabemos exatamente sua movimentação e nesse momento ele estava subindo até aqui — disse o chefe de segurança.

— Existem aparelhos portáteis que emitem ondas magnéticas que interferem em outros aparelhos eletrônicos, o assassino devia estar com um desses — disse Artur.

— É fácil conseguir um aparelho assim?

— É fácil conseguir qualquer coisa na internet.

— Não há nenhuma movimentação nas câmeras de segurança por mais quarenta e seis minutos. Depois veja só. Novamente a câmera do elevador sai do ar, ficando com a imagem distorcida. Depois, as três câmeras do estacionamento. A interferência só para quando o sedã preto começa a se movimentar.

Artur e Caio voltaram a acompanhar o trajeto inverso do automóvel, que já estava do lado de fora do estacionamento, seguindo em direção à portaria. O carro parou na frente do portão fechado e o motorista acenava de lá de dentro.

— Congela e amplia.

Através do para-brisa estilizado é possível ver a figura de um homem, com a mão levantada, acenando. Era impossível reconhecer o rosto atrás das ramificações que saíam do local da batida no vidro e se estendiam cravejadas como um relâmpago. Artur sabia que o assassino estava ali, como um monstro desfigurado atrás de um véu de teia de aranha.

Caio olhou para Artur sem saber se devia deixar o vídeo seguir. O detetive continuava encarando a tela do notebook, mantendo a fantasia congelada. Enquanto o vídeo estivesse parado o assassino estaria ali, na sua frente. Mas ao mandar Caio continuar, Artur teve aquela sensação de fracasso ao ver o veículo se distanciando do detetive e o deixando apenas com duas cadeiras vazias e muitas poças de sangue no chão.

Artur se levantou da cadeira.

— O carro foi encontrado a algumas quadras daqui — disse Caio.

— Eu sei — olhou ao redor —, algo mais que queira me mostrar nas câmeras de segurança?

Caio apenas franziu o rosto e balançou a cabeça negativamente.

— Ok Ok

O detetive foi olhar o apartamento. Dirigiu-se até a sala principal e parou com alguma distância do cenário familiar. As duas cadeiras estavam lá, lado a lado. A outra na frente. Deu a volta com cuidado por trás de um largo sofá claro. Uma brisa fria entrava através da extensa porta que se abria para a sacada. Lá fora, o crepúsculo alaranjado se misturava com o cinza-chumbo das nuvens

carregadas em uma bela vista de aquarela. Olhou para a parte inferior da cadeira onde poças de sangue ainda brilhavam frescas.

Na cena do primeiro crime, demorou três dias para alguém entrar na casa. Nessa, não foi preciso esperar mais do que o amanhecer para darem falta do Sr. Jonas, um grande empresário, sócio de uma das maiores empresas de tecido do país. Seu tempo era valioso demais para se dar ao luxo de desaparecer por algumas horas.

Subiu com os olhos as escadarias que levavam até a parte de cima do luxuoso duplex. Suas pernas resolveram fazer a mesma coisa e, sem pressa, venceu degrau por degrau até chegar ao largo corredor branco, colorido apenas por diversos quadros que pareciam janelas abertas para cenários abstratos. Artur nunca conseguiu entender o valor que as pessoas davam a esse tipo de pintura.

Percorreu o corredor entrando em quarto por quarto. Aparentemente, nada fora do lugar. No quarto da criança, nada de anormal. Video game, uma TV de tela plana finíssima, cama de solteiro, tudo muito bem arrumado, uma estante com vários livros infantis, muitos brinquedos e bonecos tão realistas quanto os próprios personagens dos filmes de onde saíram.

A porta do quarto dava para outra bem à sua frente. Ao entrar, viu um policial de pé, ajustando uma câmera fotográfica na mão, ao lado da cama onde o corpo da empregada que cuidava da criança estava estendido de barriga para baixo.

— Tiro na nuca — falou o policial com a câmera na mão. — Pela posição, nem deve ter visto o assassino entrar.

Ao terminar a frase, disparou a câmera, fazendo relampejar dentro do quarto.

Artur saiu do cômodo, percorreu o corredor de volta e parou, observando do alto as três cadeiras vazias na sala. O apartamento ainda estava bem movimentado com o vai e vem de policiais varrendo todos os cantos com suas máquinas fotográficas e lanternas ultravioletas. Dentro de sua cabeça, tentou refazer o itinerário do assassino.

Abordou o Sr. Jonas em algum lugar na saída do trabalho.

Levou seu carro para uma rua sem movimento.

Estilhaçou os vidros com algum objeto pesado.

Posicionou o retrovisor do motorista para observar seu rosto, enquanto estava escondido atrás do banco provavelmente com uma arma pressionando as costas do assento.

Passou pela portaria.

Ligou o aparelho para interferir no sistema de segurança.

Subiu. Deu uma coronhada no empresário logo ao entrar pela porta, fazendo o homem desmaiar, o que explicaria os respingos de sangue no chão.

Já era tarde e todos dormiam. Foi ao quarto da empregada e atirou na sua cabeça.

Imobilizou a esposa e a levou pra sala.

Amarrou o casal nas cadeiras. Depois a criança.

Matou os dois e carregou os corpos para o sedã preto.

Saiu calmamente, trocou de veículo e abandonou o carro com os vidros

estilhaçados.

E agora deve estar preparando o vaso de flores para enviar...

Artur freou o pensamento naquele instante e desceu as escadas correndo até Caio.

— Para onde a criança foi levada?

— É...

— Onde?

— O irmão do Sr. Jonas estava aqui. Deve ter ido com ele.

— Preciso do telefone dele. Agora!

Artur pegou o celular e ligou para Aristes.

Não demorou três toques para o delegado atender.

— Descobriu algo, Artur?

— Preciso de uma equipe disfarçada agora.

— Como assim? Pra quê?

— Todas as famílias receberam o vaso de flores dois dias depois dos assassinatos, nenhuma delas prestou atenção no entregador, talvez tenha sido um entregador comum, talvez o entregador tenha sido o próprio assassino, precisamos interceptar a entrega do quarto vaso.

— Me passa o endereço. Vamos pegar esse filho da puta.

12.

Juliana estava sentada de um lado da mesa. Cris estava logo à sua frente. Os dois esperavam a garçonete terminar de servir o pedido que tinham feito. Café preto para Cris e com leite para ela.

— Mais alguma coisa?

— Não, obrigada — Juliana respondeu com um olhar que não tinha sua característica alegria.

Assim que a garçonete deixou os dois a sós, Cris tomou a iniciativa na conversa.

— Como assim, o William não está bem?

— Eu não sei direito, Cris. E para eu não saber o que está acontecendo é porque realmente tem algo errado. Ele simplesmente começou a se fechar de uns dias pra cá.

— Será que você não está exagerando, Ju. O William está...

— Trabalhando demais, eu sei, Cris, mas ele sempre trabalhou demais e nunca ficou do jeito que está. Esse negócio todo com as crianças que ficaram órfãs...

— A polícia ainda não disse se os pais foram mortos.

— Eu sei, mas não é porque a polícia não disse nada que realmente não aconteceu. E não é esse o problema. Isso não é assunto do William, mas ele está envolvido demais.

— O William sempre se envolve demais com as crianças que atende, você sabe disso.

— Eu sei, Cris, mas é diferente, é como se ele se sentisse, não sei, se sentisse responsável por tudo isso. Ele está se cobrando demais dessa vez, mais do que o costume.

— Você já conversou sobre isso com ele?

— Aí que está o problema, ele não me diz o que tem feito, não é como nas outras vezes em que ele sempre dividia os assuntos do trabalho, e é por isso que eu estou preocupada. Ele não está bem. Até a aparência dele está mudando, ele emagreceu, está com cara de cansado...

— É porque ele realmente está cansado, Ju.

— Não é só cansaço, ele parece um viciado, parece que uma droga está consumindo ele, sabe?

— Você não acha que...

— Não, não acho, é só uma forma de falar. Mas ele está abatido, está nervoso, quando não está trabalhando no consultório, está na frente do computador escrevendo sobre as crianças. Ele está diferente e acho que nem ele mesmo está conseguindo perceber isso. E o problema é que ele não me deixa mostrar que tem algo errado nisso.

— Será que o problema que você está vendo não é justamente o fato dele não estar te incluindo no trabalho dessa vez e... você é que está vendo algo errado nisso. Tem coisas que devemos resolver sozinhos, Ju, nem sempre queremos a influência de outras pessoas.

— Cris, eu entendo o que você está tentando dizer.

— Tentando, não. O que eu estou dizendo.

— Eu sei, Cris. Eu não quero que você compre o meu lado, não é uma disputa aqui. Eu só queria que você desse uma checada. Que fosse conversar com ele, ver se eu estou imaginando coisas ou se o William realmente está precisando da gente. Você é o melhor amigo dele, talvez ele se abra com você.

— E se não tiver nada para se abrir, você ficará mais tranquila?

— Claro que eu vou ficar tranquila. Eu só preciso ter certeza que ele está bem, que não há nada de errado acontecendo.

— Você acha que... pode ser algo entre vocês dois?

— Não, eu não acho que o William esteja fazendo nada em relação a gente. Você o conhece, se tem algo que ele respeita são os compromissos que assume. Mas, às vezes, a gente tem um problema e não consegue ver que tem. Eu só queria que você fosse conversar com ele. Você é como um irmão para o William e, se estiver algo errado, ele vai se abrir com você. Por favor?

— É claro que eu vou falar com ele. Pode ficar tranquila.

Aquele dia ainda estava longe de terminar para William que, sentado à mesa da sala do seu apartamento, digitava com velocidade suas observações obtidas em mais um dia de trabalho com a jovem Luiza.

Passara a tarde toda com ela no seu consultório. Já havia ganhado a confiança da menina, que o via como um amigo grande e conversava, ainda que com tristeza, sem oferecer grandes obstáculos para os questionamentos do psicólogo. Abria suas confissões, suas dúvidas, seus medos, mas durante a tarde toda não abria nem o esboço de um sorriso.

Anotações

Criança: Luiza

Fora a lógica imaturidade de alguém com tão pouca idade, Luiza conversava séria como um adulto. Ao se sentar com ela no chão, onde estavam diversos brinquedos, a menina não demonstrou nenhum interesse por eles, a não ser pelo sapo de pelúcia que estava sempre com ela. Sentou encostada na parede do consultório, com as pernas frágeis esticadas e mexia nos dedos das mãos sempre olhando para baixo. Mas não conseguia esconder seu olhar perdido, que às vezes visitava o teto, a parede ao lado, os próprios dedos.

Quando questionei como estava sendo morar com a tia, respondeu com um “ela não é minha tia, eu sou adotada”. Às vezes falava de cabeça erguida, mas me encarava com seus olhos grandes como se esperasse uma advertência. É possível observar nela um conflito de quem está querendo provar que já não é mais uma criança, mas ainda apresenta as características infantis de quem espera a aprovação ou reprovação de um adulto.

Ao lado do notebook de William, descansava uma dose generosa de uísque, onde três pedras de gelo já estavam quase que completamente derretidas. O copo suava na mesa fazendo um círculo de água se alargar ao seu redor. A bebida estava lá, como um botão de incêndio atrás da vidraça, enquanto William trabalhava na penumbra, tendo como fonte de luz apenas o frio brilho da tela

azulada do computador.

O som do teclado ficou mudo, William congelou os dedos nas teclas e parou para escutar. O zumbido de uma mosca ia e voltava em rasantes, passando de uma orelha à outra tão rápido que dava a impressão de haver mais do que uma. Em um instante, o silêncio convidou William a voltar ao trabalho.

Perguntei a Luiza se tinha medo do escuro...

A mosca havia pousado na tela do computador. Gorda, de um verde-azulado brilhante que refletia a luz da tela. Percorria as palavras como quem anda em um labirinto. De vez em quando parava, esfregava as patas traseiras e voltava a explorar a tela. Levantou voo com o som alto do interfone que tocou estridente. William ficou em silêncio, com a luz azulada do monitor reforçando o aspecto cansado dos olhos que começavam a afundar em suaves olheiras. Pensou em não atender. Olhou o relógio no pulso. Dez e treze. Àquela hora só poderia ser: Juliana, Cris ou engano. Levantou sem pressa, querendo que fosse engano.

— Sim.

— Senhor William, é seu amigo Cris.

William pressionou os olhos com os dedos e desceu a mão em sinal de cansaço.

— Pode subir.

Fechou a tela do notebook e acendeu a luz da sala. Só se deu conta naquele momento do estado do apartamento. Sacolas de compras sem guardar, caixas de comida congelada que não lembrava de ter comido, copos, um prato sujo em cima da mesinha de centro. Não se deu ao trabalho de organizar nada. Sentou no sofá de forma jogada e sentiu, como há tempos não sentia, a leve sensação de bem-estar ao se jogar no sofá na frente da TV depois de um dia cheio de trabalho.

A campainha tocou.

— Tá aberto.

— Meu deus, há quanto tempo a empregada não vem?

— Outra despedida de solteira de alguma amiga da Sheila?

— Não, hoje quem pediu uma carta de alforria fui eu.

Cris andava pelo apartamento, ergueu uma caixa vazia de congelado, olhou a louça suja.

— Minha nossa, isso aqui tá um chiqueiro.

— Se quiser limpar, fique à vontade.

— Não. Já basta a Sheila com chicote. Vai, levanta, joga uma água no corpo e vamos beber alguma coisa.

— Nem pensar, Cris, eu trabalhei o dia inteiro.

— Então, mais um motivo pra gente sair.

— Amanhã eu preciso acordar cedo.

— Todos nós precisamos. Vai.

Cris chutava a perna do amigo.

William passou as mãos na cabeça, alisando os cabelos pra trás e encarou o amigo de pé, com aquela expressão difícil de vencer.

— Droga, Cris, amanhã eu vou falar com a criança com bafo de álcool.

— Qualquer coisa você diz que está personificando a figura paterna alcoólatra.

Os dois se olharam sem risadas.

— Muito cedo pra piada?

— Muito cedo.

William ainda tentou um último manifesto.

— Eu falei pra Ju que não ia sair com ela e agora vou sair com você?

— Relaxa que eu já falei com ela. Vai, banho, que não é só o apartamento que está um nojo.

William saiu se arrastando até sumir para dentro do banheiro. Cris deslizou a porta da sacada deixando um vento frio entrar. Esfregou os braços para se aquecer. Lá fora o céu negro fechado por um tapete de nuvens carregadas impedia o sinal de qualquer estrela. Foi quando lembrou que precisava mandar um e-mail. Viu o notebook de William ligado sobre a mesa. Puxou uma cadeira, sentou e levantou a tela do computador, dando de cara com as anotações do amigo. Percorreu rapidamente os olhos.

— Minha nossa.

Minimizou o programa, descortinando a tela do navegador. A última mensagem de David estava aberta. Passou os olhos sem muito interesse, mas pouco a pouco sua expressão tranquila foi se transformando. Os músculos do rosto enrijeceram e as sobrancelhas desceram cerrando os olhos que não acreditavam no que estava lendo.

Sr. William,

Provavelmente amanhã a polícia deve comunicá-lo que outra criança precisará da sua atenção. Por pertencer a uma família rica, pode haver o obstáculo dos parentes quererem que a criança fique sob aos cuidados de algum médico conhecido. É seu papel convencer a polícia e os familiares que você é o profissional mais adequado para atendê-la. Acredito que você tenha argumentos suficientes para conseguir isso sem grandes problemas. Com ela, já são quatro. Estou me preparando para a última delas e assim terminarei minha parte em nosso acordo e guardarei com ansiedade a conclusão do seu estudo.

David.

Cris se levantou da cadeira, processando a mensagem com dificuldade, ainda confuso. O barulho do chuveiro cessou e Cris ficou esperando, de pé em frente ao notebook aberto. William saiu do banheiro vestindo uma calça jeans, uma camiseta branca e segurando a toalha molhada nas mãos.

— O que você fez, William?

William olhou para a mesa e viu o notebook aberto, deixando a toalha cair. Foi com pressa em direção ao computador, virou a tela para ele e viu o e-mail de David aberto.

— Meu Deus, William, o que você fez?

— Quem deu autorização pra você mexer nas minhas coisas?

O corpo de William estava arqueado, com um dos braços em volta do computador, protegendo a máquina. Olhava para o amigo como um animal

acuado, mas alerta.

— Anda, me fala que e-mail é esse, quem é esse tal de David?

— Você não vai entender.

— Não tem nada para entender, mas tem para explicar. Que merda é essa?

— Você não precisa desse fardo nas suas costas também, Cris.

— Deixa esse computador aí e senta lá no sofá. Você vai me dizer exatamente o que está acontecendo.

William demorou alguns segundos para se distanciar da máquina, como um viciado que não quer largar a droga. Não tirava os olhos dela. Foi se arrastando de forma pesada até o sofá e sentou.

— Olha pra mim!

— Por que você tinha que vir aqui?

— Porque eu sou seu amigo, droga. É isso que amigos fazem, amigos batem na porta, amigos derrubam a porta. E amigos não mentem pro outro. Então você vai me dizer o que está acontecendo, quem é esse David e que merda de acordo é esse que você aceitou.

— Eu não aceitei nada.

— Não é preciso dizer sim para aceitar alguma coisa, William.

— Eu não sei o que há de errado comigo — William falava sem olhar para o amigo, com a cabeça enterrada entre as mãos.

— Eu fiz algo horrível — ergueu os olhos para Cris — e isso está acabando comigo.

Seus lábios tremiam involuntariamente junto com o queixo. Cris sentou ao seu lado e William deixou a cabeça desabar sobre o peito do amigo.

— Ei, ei, ei — Cris levantou a cabeça de William, segurando entre suas mãos. — Eu vou te ajudar. Mas primeiro você precisa me contar tudo desde o começo.

William contou tudo para o amigo. O primeiro contato de David, a primeira criança que foi levada ao seu consultório pela polícia, a segunda, a terceira. Contou que no começo também não conseguia aceitar a ideia, mas que depois começou a olhar para ela de outra forma, e que talvez, talvez, o sacrifício fosse algo que poderia render um resultado que ajudaria um maior número de pessoas. Mas tinha a consciência, ou a falta dela, de que deixou que um plano cruel fosse realizado e isso estava consumindo o que ele tinha de melhor: seu coração.

— A gente vai contar tudo isso pra polícia.

— Não, não, não. Agora é tarde demais.

— Nunca é tarde demais pra fazer a coisa certa, William!

— Você não entende, eu sabia que não ia entender, ninguém poderia entender, apenas eu. Eu!

— Você que não está conseguindo entender o que está fazendo. E tudo isso, tudo que você fez, ou deixou que fizesse, tudo isso vai ter uma punição. Não dá pra simplesmente sair dessa.

— Você acha que eu estou com medo de alguma punição? De ser preso? A minha punição já está no pacote e não é a cadeia.

— Esse não é você. Você não é assim, William. Ainda dá para fazer alguma coisa boa.

— Eu estou fazendo uma coisa boa, uma coisa que ninguém teria coragem de fazer.

— Não, você está fazendo uma coisa que ninguém deveria concordar, será que não consegue ver isso? Você precisa entregar essas conversas pra polícia tentar rastrear esse tal de David antes que ele mate mais alguém.

— Só vai acontecer mais uma vez, só mais uma.

— E você não vê problema nisso? Não vale a pena tentar salvar o mundo quando você acha que uma vida perdida é um preço aceitável a se pagar. Você ainda pode impedir que duas pessoas sejam mortas. Que uma família seja destruída.

— E as outras pessoas que morreram? E as outras crianças que ficaram órfãs? Se eu não terminar o que comecei... tudo, tudo que deixei acontecer terá sido em vão. Você acha que eu estou contente com isso, Cris? Você acha que eu realmente queria que tudo isso estivesse acontecendo? Minha vida está um inferno. É muito fácil chegar aqui e dizer que eu estou errado, é muito mais fácil julgar do que entender.

Cris apanhou as chaves do carro de William e jogou ao seu lado no sofá.

— Se você não fizer isso, eu vou fazer.

William apanhou as chaves, que tremelicavam como sinos em suas mãos. Levantou do sofá e foi se arrastando em direção à porta do apartamento com a cabeça baixa. Cris colocou o braço ao redor do ombro do amigo e ambos desceram até a garagem do prédio onde estava estacionado o carro de William.

— Deixa que eu dirijo — disse Cris.

— Não, deixa. Eu preciso percorrer esse caminho.

— O cinto — disse Cris.

Ao deixar o prédio, as nuvens carregadas enfim explodiram em uma chuva pesada. O automóvel cruzou algumas ruas até chegar a uma longa avenida e o silêncio era quebrado somente por frases picadas de Cris, como se ele estivesse falando sozinho.

— Meu tio é um ótimo advogado.

— Sim, eu vou falar com meu tio.

— A gente tenta um acordo.

— Você não matou ninguém.

William olhava fixamente para frente, com o limpador de para-brisas funcionando de forma nervosa, soando o barulho da borracha que puxava a água do vidro mas que logo era coberto novamente pela chuva. A água fazia a lanterna vermelha do carro à frente parecer com duas estrelas em chamas. E quando passava por baixo de um poste, a luz lambia o rosto de William fazendo seus olhos brilharem, um brilho que parecia ainda mais intenso quando a luz ficava para trás e seu rosto caía na penumbra.

Os pneus do automóvel corriam pela rua molhada e um poste de concreto se aproximava à direita do veículo. O velocímetro não parava de se mover.

Setenta. Oitenta.

O poste passou como um fantasma ao lado do carro e mais à frente vinha outro ganhando tamanho de forma ainda mais rápida.

Noventa. Cem.

William não sabia se a visão era turvada pela chuva no para-brisa ou pelas lágrimas que começavam a encher as pálpebras.

Cento e dez, cento e vinte.

Ao piscar os olhos, uma delas desceu fugitiva, contornando a pele até parar e se agarrar desesperada na ponta do queixo, balançar e despencar no ar ao encontro da perna de William que pisava no acelerador.

Cento e vinte e cinco, cento e trinta.

Sem virar o rosto para Cris, disse sua última frase para o melhor amigo.

— Sinto muito.

Com um movimento rápido, apertou a trava que prendia o cinto de segurança do amigo e girou o volante bruscamente para a direita, fazendo o carro se chocar com violência no poste. O airbag não foi suficiente para segurar o corpo de Cris, que atravessou o para-brisa fazendo com que os cacos pontiagudos do vidro esfolassem sua pele até que seu corpo se chocou no que restou do poste de concreto, em um impacto duro e seco.

William demorou alguns minutos para acordar. A chuva entrava no carro através do enorme buraco estilhado no para-brisa, encharcando o banco que antes era ocupado pelo amigo. Com a visão nublada pela batida não conseguia focar o que via. À sua frente tudo estava em vultos.

Custou a destravar o cinto de segurança. Quando conseguiu abrir a porta e deu o primeiro passo, seu corpo despencou sem forças. Tentou se levantar apoiando-se no automóvel retorcido, mas sua mão escorregou na lataria molhada fazendo seu rosto encontrar novamente o chão.

Viu o corpo de Cris estirado à frente e a imagem latejava nos seus olhos chamuscados. Foi se arrastando pela pista molhada com os pingos de chuva estalando nas costas. Sua mão tocou a de Cris, mas o amigo não se moveu. Juntou o que lhe restava de forças e colocou a cabeça do amigo entre seus braços.

— Alguém me ajuda! Alguém, por favor, me ajuda! Alguém, por favor, alguém. Alguém.

13.

Sua vista custava a focar, entrecortada pelas pálpebras pesadas que subiam hesitantes, reféns dos espasmos da tremedeira. Do lado de fora da janela a tempestade deslizava pelo vidro e a sombra das gotas era projetada no rosto do psicólogo, fantasmas de lágrimas rastejando sobre a face de William como se fosse um sistema circulatório, um emaranhado de veias escuras onde circulava sangue negro.

O corpo estava dormente, mas sentia um leve formigamento nos dedos das mãos. Tentou mover a cabeça para o lado, mas foi impedido pela dor e por algo que pressionava seu pescoço.

Vasculhou com os olhos o local onde estava. Um quarto de hospital. Sem virar a cabeça conseguiu ver uma grande janela de vidro que dava para o corredor. Juliana estava do outro lado, de costas para ele, e falava ao celular de cabeça baixa. Tentou se levantar da cama, mas algo pressionava seus ombros e costelas.

Juliana desligou o celular, olhou para o quarto e viu William acordado, a encarando. Olhos de uma imensa escuridão, que gritavam em silêncio sem o brilho de outros tempos. A noiva ainda ficou alguns segundos do lado de fora. Tomava coragem.

Entrou devagar, se aproximou do noivo e colocou sua mão sobre a de William sem dizer uma palavra.

— Cris? — o som da sua voz parecia mais com um gaguejar.

Juliana apenas balançou a cabeça com o peso do luto afundando seus olhos, preocupando-se em enxugar rapidamente as lágrimas que escapavam sem permissão.

— É minha culpa — a voz áspera arranhava a garganta.

— Não diga isso, por favor. Foi um acidente. Estava chovendo muito.

William virou o olhar para longe dos olhos da noiva. Sentiu os dedos dela ajeitando seu cabelo.

— Como a Sheila está? — antes que Juliana pudesse responder, William continuou. — Que pergunta idiota.

— Ela sabe que foi um acidente.

— Eu pensava que tinha o controle. Uma curva errada e... tudo, tudo mudou.

— Não pensa nisso agora.

— Não tem como não pensar.

— Agora você tem que se preocupar com você. Como está a dor?

— Eu não sinto nada.

— Que bom.

— Você não entende — William encarou a noiva com seus olhos ociosos.
— Eu não sinto nada. Eu não sinto nada.

Houve um momento de silêncio logo seguido por um gemido baixo.

— Tem algo apertando meu peito.

— A batida foi muito forte. Os médicos colocaram um colete para imobilizar sua coluna. Teve uma pequena lesão, mas não foi nada grave.

— Meu melhor amigo está morto e você diz que não foi nada grave.

— Não foi isso que eu quis dizer, por favor.

— Eu sei, eu sei, me desculpa.

— Você quer alguma coisa?

— Sim. Quero ficar sozinho.

— Não, William.

— Por favor — falou de olhos fechados — me deixa sozinho.

Juliana balançou a cabeça e apertava com força a mão de William. Sem dizer nada, deixou o quarto. William escutou a porta se abrindo e depois de um tempo maior se fechando. Abriu os olhos que não sabiam para onde olhar.

Não queria ficar ali deitado. Com dificuldade retirou o lençol que cobria seu corpo e viu o colete ortopédico que pressionava seus ombros e costelas, limitando seus movimentos. Pensou em mexer os dedos dos pés e olhou para ver se eles se mexiam.

Foi arrastando com dificuldade e lentidão a perna direita para fora da maca. Depois fez o mesmo com a perna esquerda, deixando quase metade do seu corpo pendurado para fora do colchão. Ao inclinar o tronco, perdeu o equilíbrio, desabando no chão duro e levando com ele o abajur que se estilhaçou em cacos.

Em outra parte da cidade a rua estava com o movimento normal de uma tarde chuvosa, com o céu cinza chumbo acentuando ainda mais a cor de concreto do chão. Até o verde vivo das copas das árvores estava opaco, como se uma camada de pó envolvesse cada folha que foi deixada ali pela poda particular.

Os muros altos que protegiam o interior das residências de olhares estranhos concediam uma dura frieza ao bairro nobre, onde moradores se fechavam no seu mundo cercado, limitando o som das crianças a quintais largos, de grama feita e com cachorros de comercial de ração.

Dentro de uma dessas casas deveria estar Henrique, filho de um dos homens mais ricos da cidade, que foi levado na noite anterior junto com sua esposa de dentro do seu próprio apartamento de luxo. Uma inquietude particular reinava dentro das paredes da residência que ocupava quase meio quarteirão da rua.

Os empregados faziam suas funções com uma naturalidade encenada, tentando disfarçar a curiosidade sobre o estranho homem parado do lado de dentro do quintal, sob a cobertura do portão de entrada que o protegia da chuva. O silêncio de suspense só não era total devido à conversa baixa que o patrão tinha com outro homem na sala.

— Então vocês não estão nem perto de pegar esse sujeito?

Artur se segurou para não responder que ele estava certo. Talvez para não ser frio demais com ele ou por não querer admitir que sim, ele estava falhando.

— Só me prometa uma coisa, detetive. Só uma coisa. Que você vai encontrar pelo menos os corpos do meu irmão e da minha cunhada para que eu possa enterrá-los com dignidade.

— O senhor realmente acredita que a frase “eu prometo” vai garantir algo?

— Não.

— Então eu prometo.

— Henrique é só uma criança e acaba de perder os pais, detetive. Nenhuma criança deveria passar por isso. Nenhuma.

A frase do homem fez Artur ficar em silêncio. Não pelo tom dramático e emotivo, mas o homem acabara de fazer Artur pensar em algo. O detetive se levantou e com a mão levantada interrompeu o tio da criança que ia começar a dizer algo.

— Um minuto.

Sacou o celular do bolso e discou com velocidade. Do outro lado da linha atendeu o responsável pela central de inteligência da polícia.

— Detetive Artur — disse a voz do outro lado da linha.

— Eu quero que você faça uma pesquisa. Descubra se houve algum caso semelhante de um casal morto dentro da sua própria casa, onde foi arrancada a língua do homem e a mulher tenha sido morta com um tiro na cabeça. Esse casal deveria ter um filho de oito anos que sobreviveu. Faça a busca até uns trinta anos no passado.

Do lado de fora, um segurança particular dentro de uma guarita posicionada na esquina observava o movimento e de vez em quando articulava o maxilar como se estivesse falando sozinho. Na outra ponta da rua, outro segurança particular estava de prontidão dentro da sua guarita. Ele olhou o relógio no pulso. Quase três e quinze.

— Nada?

— Nada.

Afastado daquela região, um helicóptero da polícia aguardava no solo. Dentro havia o piloto, ao lado dele um policial e na parte de trás outros dois que carregavam armas de longo alcance. Atiradores de elite.

Na residência, Artur se afastou do dono da casa e olhou para o quintal, girava seu cigarro apagado entre os dedos e encarou o outro homem que aguardava do lado de dentro do portão.

— Se quiser pode fumar aqui dentro.

— Eu não fumo — respondeu sem se virar.

— Carro subindo a rua, vindo em minha direção — um dos seguranças falou. — Está se aproximando devagar, parece estar olhando as numerações das casas.

— Estou vendo — respondeu o segurança de dentro da outra guarita.

— Ainda é só um carro — disse Artur.

— Está parando na frente da casa. Está sozinho. Se abaixou dentro do carro.

— Ninguém faz nada ainda.

— Está descendo do carro. Espera.

— O quê? — perguntou Artur.

— Vaso de flores confirmado, senhor.

— Esperem até pegarmos o vaso.

Dentro da cabine os dois guardas já estavam com as armas nas mãos e olhavam pelas janelas de vidro atrás de uma cortina de chuva. As hélices do helicóptero entraram em funcionamento. Movimentação dos policiais. A campainha tocou fazendo todos dentro da casa tencionarem os músculos.

O homem posicionado dentro do quintal olhou para a janela onde Artur estava, tendo como resposta apenas a mão levantada sinalizando para que esperasse mais um pouco. A campainha tocou novamente. A mão de Artur ainda estava no ar. Com a outra atendeu ao interfone.

— Sim.

— Entrega para Henrique.

— O que é?

— São flores, senhor.

— Só um minuto.

O detetive ainda esperou mais cinco segundos e só depois abaixou a mão, dando ordem para o homem do lado de fora prosseguir. Sem pressa, ele abriu o portão agindo como um verdadeiro empregado da casa.

Artur já percorria o quintal se esgueirando pelo muro até parar sorrateiro atrás do portão entreaberto, com uma das mãos na chapa de madeira que o escondia e outra empunhando sua arma. A chuva caía sobre seu corpo e os cabelos molhados escorriam pela testa encharcada.

— Flores para o Sr. Henrique.

— Preciso assinar alguma coisa?

— Não, senhor.

Os dois homens se encararam.

— Ok, então.

O policial disfarçado entrou, dando passos para trás sem perder de vista o entregador que já tinha dado as costas e contornava o veículo em direção ao assento do motorista.

Com um sinal de cabeça para Artur, deixou o detetive tomar sua frente e sair com objetivo pelo portão.

— Polícia, não se mexa! — disse com a arma apontada para a nuca do homem, que congelou sob a chuva forte.

— O quê? Calma, calma, como assim?

— As duas mãos no capô do carro, anda!

Os guardas já estavam fora da guarita e se aproximaram cercando o suspeito com as armas em punho. Um deles se posicionou de forma decidida atrás do entregador. Com uma das mãos agarrou a nuca do homem, jogando seu rosto contra a lataria molhada do automóvel, separou suas pernas com um chute e percorreu seu corpo à procura de alguma arma.

— Limpo.

— O que vocês estão fazendo? O que eu fiz?

— Quem é você? — perguntou Artur.

— Eu, eu sou só um jo... jo... jornalista.

— Que entrega flores?

A chuva caía forte e pesada.

— Um cara, um cara passou na banca e perguntou se eu queria ganhar

um dinheiro. Di... di... disse para trazer essas flores aqui. Eu fechei a banca e vim entregar, só isso, eu juro.

O homem já tinha as mãos presas atrás das costas por uma algema. Artur acenou com a cabeça pedindo que o levantasse.

— Onde fica sua banca?

— Fica no Centro. Sério, cara, eu, eu, eu só vim entregar essas flores, só isso, eu juro.

— Você entregou os outros três vasos também?

— Eu não sei de mais vaso nenhum, sério, só foi esse, e já me arrependi de ter aceitado.

— Quando esse homem foi na sua banca?

— Faz uns quarenta minutos, ele disse que se quisesse a grana eu teria que fazer a entrega agora.

— Você não perguntou o motivo?

— Um homem mandando flores pra outro, eu pensei que era uma bicha que tava com medo de entregar, sei lá. Bairro chique, cheio desses maridos enrustidos. E foram duzentos mangos pra entregar um vaso, cara, claro que aceitei.

— Como era esse homem? Fala!

— Alto, cara, um metro e oitenta, talvez mais, por aí, tava de boné, um boné preto e óculos escuros. Sem barba. Porra, cara, não sei, camisa preta, calça jeans. Um cara normal.

Artur puxou a camisa empapada do peito.

— Escutaram?

— Sim, escutamos — respondeu o piloto do helicóptero.

— Em que rua fica a banca?

— Fica na Praça 13, no Centro.

— Passe a descrição pelo rádio e mandem os carros mais próximos procurarem um homem com essas características.

— Entendido.

O helicóptero que já estava sobrevoando a área fez uma manobra para a direita e foi em direção ao endereço da banca.

— Levem ele para a delegacia.

— Sim, senhor.

— Pô, cara, eu não sei de mais nada, juro, foi, foi só isso, eu não tenho nada a ver, eu nem sei o que tá rolando aqui, pelo amor de Deus.

— Isso você vai repetir lá na delegacia.

William estava de pé olhando a chuva através da janela do quarto do hospital. A vida da gente muda e lá fora o mundo sempre parece o mesmo. Pegou o celular que estava no móvel ao seu lado. Discou para o número de Cris e ficou aguardando, como se o amigo fosse atender do outro lado. Ao escutar uma voz masculina respirou fundo.

— Alô?

— Alô, quem é?

— É o pai da Sheila. Quem fala?
— Eu sou... um amigo.
— Eu estou com as coisas dela. E do Cris. Você sabe o que aconteceu?
— Sim, eu sei. Só liguei... para saber como a Sheila está, eu não tenho o número dela.

— Estamos aqui no hospital. Ela não passou muito bem e viemos para ter certeza que está tudo bem com o bebê.

— Bebê?

— Sim, ela está grávida. Ela e o Cris... o Cris ia ser pai.

William ficou em silêncio.

— Alô?

— Alô?

O psicólogo desligou o celular. O colete ortopédico o forçava a ficar totalmente ereto e ele foi andando com movimentos robóticos em direção à cama onde se deitou novamente. Passava as unhas no antebraço e foi aumentando a força até conseguir sentir a dor da pele fina sendo arrancada.

O Cris ia ser pai. Ele ia ser pai. Pai.

Artur já estava dentro da casa, pronto para ir embora, quando seu telefone tocou com a ligação de Aristes.

— Estou com o vaso senhor, mas parece que o entregador é só um cara que o suspeito pegou na rua pra fazer a entrega.

— O vaso está perto de você?

— Sim está aqui na minha frente.

— Traga pra cá com cuidado.

— O que houve, senhor?

Artur escutou o suspiro pesado do outro lado da linha.

— Não é um vaso, Artur.

— Parece um vaso, senhor.

— A perícia acabou de me ligar. Eles encontraram as cinzas de cada casal misturadas na terra. Não é um vaso, Artur. É uma urna.

Artur foi direto para a delegacia. Estava sentado no banco do carona da viatura com o vaso de flores entre as suas pernas. A chuva castigava os vidros do carro obrigando o limpador de para-brisas a trabalhar com toda velocidade, puxando a água que escorria e encobria a visão do motorista. Entraram com o veículo na garagem que descia até o subsolo do prédio da polícia. Ao sair do carro, o detetive ainda estava com as roupas molhadas grudadas no corpo.

Desceu com uma das mãos segurando o vaso pela borda da extremidade superior e apoiava a base em dois dedos da outra mão. Tentava não tocar muito no objeto. Entrou no elevador com o outro policial e pediu para apertar o quinto andar, onde ficava o laboratório da perícia.

Quando saiu do elevador, um homem de jaleco branco que falava com dois jovens também uniformizados veio em sua direção.

— Então ele fez de novo? — disse olhando para o vaso nas mãos de Artur.

— Me mostre tudo que descobriu.

— Me acompanhe.

Artur o seguiu pelos corredores do quinto andar, onde havia laboratórios para a realização de testes de sangue, análise de solo, balística, impressões digitais, entre outros processamentos de evidências.

Atravessaram uma larga porta de vidro fosco revelando uma sala que mais parecia a cozinha de um restaurante, com balcões de metal, prateleiras envidraçadas e utensílios de estudos. Apesar do ar de higienização hospitalar, o lugar dava a impressão de que necessitava de investimento em novos equipamentos. No meio da sala, um balcão específico chamou sua atenção. Em cima dele estavam os três vasos recolhidos nas casas dos parentes das últimas vítimas, todos enfileirados um ao lado do outro. O perito criminal colocou o quarto vaso na fila. Era impossível não notar que havia uma ordem ali.

Artur observou que o vaso recolhido do entregador tinha as pétalas das flores totalmente brancas. O vaso ao lado também tinha as flores brancas, mas algumas pétalas estavam com partes levemente rosadas. O próximo vaso tinha uma coloração rosa um pouco mais acentuada e a última planta já apresentava um rosa claro mais uniforme em toda a extensão das pétalas. O perito se posicionou do outro lado do balcão, de frente para Artur. Deu dois passos para trás e olhou a fileira.

— Aristes disse que encontraram cinzas na terra.

— Isso mesmo — disse o homem enquanto puxava um fichário e uma caneta. — Como se chama o casal desaparecido? Esse último?

— Jonas e Clarice.

— Jonas. Clarice.

O homem anotou os nomes no fichário. Depois anotou em uma pequena etiqueta adesiva e colou na base inferior do vaso que acabara de receber. Artur deu a volta no balcão e olhou que cada um deles tinha uma.

Pedro e Marília

Luiz e Felipe

Lucas e Mirtes

Jonas e Clarice

— Quando analisamos a terra dos vasos foi realmente... perturbador — o homem falava sem demonstrar nenhum sinal de perturbação.

— Alguma impressão digital em comum nos vasos?

— Encontramos diversas impressões digitais diferentes em cada um, mas nenhuma delas em comum.

— O entregador nunca é o mesmo — disse Artur. — Dentro é apenas terra e cinzas?

— Terra, adubo e cinzas.

— Alguma coisa específica sobre a terra? Algo que possa me indicar a região?

— Não, é só terra e adubo, desses que você encontra em qualquer loja de jardinagem.

Artur inclinou o corpo para olhar com mais atenção cada vaso.

— Eles não são completamente iguais.

— Não, não são. Existem algumas pequenas diferenças, ondulações. Não foi feito em forma, foi feito à mão, e não foi por um ceramista profissional. Por isso não são tão iguais.

— Talvez o suspeito também tenha feito os vasos.

— Talvez. Forno para secar a argila já sabemos que não é problema.

Artur olhou para a sequência de flores.

— Elas estão mudando de cor.

— *Hibiscusmutabilis* é o nome científico dessa espécie. Conhecida popularmente como rosa-louca.

O homem apontava para a flor que Artur acabara de trazer.

— Ela nasce branca e aos poucos vai ganhando uma coloração rosada que vai ficando cada vez mais forte com o tempo.

— Nasce em algum lugar específico?

— Não, pode ser plantada em qualquer lugar.

— Rosa-louca.

— É. Com certeza não foi escolhida aleatoriamente.

— Para cremar os corpos é preciso de um forno especial, não?

— Sim. Não se acha um forno assim em qualquer loja de eletrodomésticos. Mas hoje em dia dá para comprar qualquer coisa pela internet ou conhecendo as pessoas certas. É possível até construir um forno crematório artesanal, se tiver um pouco de conhecimento, algum dinheiro e um pouco de espaço.

— Mas como esconder o cheiro dos corpos queimando?

— Filtros.

Artur andou em volta do balcão encarando os vasos enfileirados, como se eles pudessem dizer mais alguma coisa.

— As línguas cortadas — disse o perito — pertenciam aos homens de cada casal, tirando o fato óbvio do Luiz e Felipe.

Ficaram em silêncio por alguns segundos.

— É isso que temos então?

— Isso que temos.

— Caso descubra mais alguma coisa me fale imediatamente.

— Pode deixar.

Artur saiu da sala, deixando o perito sozinho com os quatro vasos enfileirados sobre o balcão. Percorreu o corredor até chegar ao elevador, apertou o botão e, enquanto esperava chegar, pegou seu celular do bolso. Olhou o visor. Nenhuma chamada. No histórico de ligações os únicos nomes que apareciam eram os de Bete e Aristes.

Discou para Bete. Depois de longas chamadas quem atendeu foi a secretária eletrônica orientando deixar um recado após o sinal. Artur desceu até o segundo andar e antes de chegar à sua mesa foi até a mesa de Bete. A cadeira estava vazia, os papéis da mesma forma que tinha visto da última vez e o computador desligado.

Perguntou para o detetive da mesa ao lado, que já se aprontava para ir embora, se tinha visto Bete e recebeu um balançar negativo com a cabeça. Tamborilou os dedos da mão na própria perna e tentou ligar para ela novamente. Caixa postal. Olhou ao redor. O departamento estava quase vazio. Tirou um cigarro do maço e o colocou na boca.

Ao chegar à sua mesa seu telefone tocou antes que ele pudesse sentar. Era Aristes.

— Venha à minha sala, Artur.

A sala de Aristes estava aberta e ele assinava os documentos de outro detetive, quando Artur bateu à porta. O delegado entregou os papéis para o outro homem e fez sinal para que Artur entrasse.

— O trabalho nunca termina no horário do expediente. Foi até à perícia?

— Sim, senhor.

— Artur, eu esperei você chegar porque gostaria de conversar pessoalmente.

— Eu estou fazendo o máximo que posso com a investigação, senhor.

— Não é sobre a investigação. É sobre a Bete.

— Aconteceu alguma coisa? Eu estou tentando ligar e ela não atende o celular.

— Ainda não sabemos. O marido dela ligou pra gente ontem à noite, você já tinha saído e como foi direto para o local da armadilha, achei melhor esperar você voltar.

— O que houve? — Artur começava a se agitar.

— A Bete não voltou pra casa ontem. O marido dela...

— Oscar.

— Isso, o Oscar disse que ela te deu uma carona ontem.

— Ela disse que foi até a casa da namorada do hacker morto, encontrou um pen drive na mochila que o rapaz tinha deixado na casa dela e que havia um endereço. E... — Artur parou um pouco antes de continuar — disse que ia verificar o local.

— Ela falou qual era esse endereço?

— Não.

— Ok — Aristes deixou escapar um pesado suspiro. — Eu vou cuidar

disso.

— Eu posso ir até a casa dessa garota, senhor.

— Você já resolveu o maldito caso desse maluco que tá cortando línguas e mandando flores para crianças órfãs?

— Não, senhor.

— Imagine se toda vez que tivéssemos algum problema em um caso a gente parasse outro para resolver. Nenhum seria resolvido. Então se preocupe em terminar o seu trabalho que eu me preocupo com a Bete, ok?

— Temos uma policial desaparecida senhor.

— O que realmente temos são quatro casais mortos, quatro crianças órfãs e até onde sabemos daqui alguns dias teremos mais. Vai, Artur. Cuide do seu caso, deixa que eu cuide da Bete.

— Senhor...

— Artur. Não me cause mais problemas do que eu já tenho.

O detetive preferiu o silêncio ao debate. Sabia que nada iria mudar a atitude de Aristes. O que o delegado não sabia, ou fingia não saber, é que Artur não esperaria até o próximo dia para descobrir o paradeiro de sua única amiga.

Antes de sair da delegacia e entrar no táxi que já havia solicitado, Artur conseguiu o nome e endereço da namorada do hacker que Bete estava investigando. Ele lembrava com perfeição da conversa que teve com a amiga detetive. E ela dissera que tinha usado o computador da garota para verificar o pen drive. Artur sabia que quando se abre algum arquivo no computador, muitas vezes ele faz um registro dos dados visualizados, uma espécie de cópia armazenada na máquina. A esperança de Artur é que, se não houvesse mais pen drive, os arquivos que Bete visualizou tivessem sido gravados para que ele pudesse encontrar o endereço para onde ela disse que iria.

Ao chegar ao prédio, olhou para cima e viu que a provável janela do endereço estava apagada. O detetive tocou o interfone e nada. Tocou de novo. Mais uma vez sem resposta. Foi a voz do porteiro que soou no interfone.

— Posso ajudá-lo, senhor?

Artur mostrou seu distintivo.

— Sou da polícia. Gostaria de falar com Judite, do 703, mas ela não atende.

— Ou ela não está em casa ou está dormindo, senhor.

— Anteontem veio aqui uma mulher, chamada Bete...

— Sim, eu lembro dela.

— Ela era detetive e veio conversar com a Judite. Você viu se ela saiu sozinha?

— Sim. Eu vi ela saindo. Tinha deixado o carro estacionado um pouco mais pra frente. Ela entrou no veículo e foi embora.

— Você viu a Judite hoje?

— Senhor, me desculpe, mas eu não posso dar informações sobre os moradores.

— A detetive não voltou para a delegacia, nem para a casa dela. Você

quer realmente se meter na investigação de uma policial desaparecida?

O interfone ficou em silêncio por alguns segundos.

— Senhor, pode mostrar sua identificação mais próxima da câmera, por favor?

Artur suspirou impaciente. Tirou seu distintivo, enfiou o braço entre as grades e chegou o mais próximo possível da câmera que se localizava em frente à guarita.

Um estalo e o portão foi aberto.

Subiu de elevador até o sétimo andar, onde encontrou o apartamento 703. Tocou a campainha. Do lado de fora era possível escutar o chamado. Aguardou, mas não teve resposta. Tocou mais uma vez. Nada. Arriscou girar a maçaneta e se surpreendeu: a porta estava aberta.

Do lado de dentro a luz que entrava pela janela iluminava vagamente o local.

— Judite?

— Judite?

Artur acendeu a luz e foi entrando com passos cautelosos. Não queria assustar a garota, caso ela estivesse em casa. Passou por uma porta que havia à esquerda, logo depois da entrada, e viu a pequena cozinha. Chegou à sala. Vazia. O corredor à frente tinha aproximadamente cinco metros. Havia uma porta à esquerda, uma à direita e, no final, uma terceira que dava de frente para Artur.

O detetive caminhou, abriu a porta do primeiro quarto, mas estava vazio. Foi até a segunda porta e, quando entrou, viu uma mulher deitada na cama. A luz estava apagada. Quando apertou o interruptor ele conseguiu vê-la por completo. Os olhos ainda estavam abertos, petrificados. Mesmo da distância em que estava era possível ver a marca vermelha ao redor do pescoço de Judite. Da mesma forma que seu namorado tinha sido morto.

Ainda no corredor, Artur olhou para a sua direita. Havia mais uma porta para ser aberta. Provavelmente o banheiro. Sacou o revólver silenciosamente e apontou para a tábua marrom. Com a outra mão girou a maçaneta e entrou de uma vez.

Vazio.

O detetive voltou para o quarto onde estava o corpo da garota. A tristeza cristalizada em seus olhos. Quando voltou-se para a escrivaninha, viu que o computador estava com a CPU aberta e que dentro faltava algo. O HD tinha sido levado.

No outro dia pela manhã, Juliana estava ajudando William a vestir a roupa que ela trouxe para o hospital. A camisa social branca ficava ainda mais desconfortável sobre o colete ortopédico e William não estava conseguindo dar o nó na gravata preta.

— Deixa que eu faço.

O psicólogo observava as mãos trêmulas da noiva passando o laço por baixo e por cima, depois desfazendo e começando novamente sem sucesso. William colocou sua mão sobre a dela.

— Deixa. Não preciso da gravata.

Juliana pairou suas mãos sobre o peito de William.

— Me desculpa — ela dizia enxugando as lágrimas.

— Não tem do que se desculpar.

Os dois se abraçaram fazendo as costas de William doerem. Mas ele não disse nada a ela sobre a dor.

Quarenta minutos depois estavam estacionando o carro no cemitério central da cidade. Permaneceram um tempo dentro do veículo, como se estivessem tomando coragem para enfrentar a realidade. Juliana colocou a mão sobre a de William, que visivelmente fazia força para segurar as lágrimas. Olhou através da janela e viu o céu cor de luto. Saíram do veículo e foram caminhando devagar até o local onde o corpo de Cris era velado.

Muitas pessoas estavam lá para dar o último adeus ao amigo e William sentia os olhares em sua direção. Alguns com pena, outros nem tanto. Todos sabiam que ele era quem dirigia o veículo na noite do acidente. O salão estava lotado, com as pessoas divididas em grupos.

Mais ao fundo, William viu Sheila amparada pelos braços da mãe e do pai. À sua frente se estendia o caixão de madeira brilhante onde Cris parecia estar dormindo.

William não conseguia dar mais nenhum passo e ficou travado na porta. Juliana limpava as lágrimas sem se importar com a delicadeza. Apertou o braço do noivo sabendo que ela precisava ser mais forte hoje. Andaram em direção à Sheila e se posicionaram bem à sua frente, com o caixão entre eles.

Cris estava deitado com as duas mãos sobre o peito. Mesmo com toda a preparação para o enterro, seu rosto mostrava com clareza a violência do acidente, com cicatrizes encobertas por uma grossa maquiagem. Mas ainda era o mesmo Cris, com aquele semblante de quem está sempre tranquilo, rodeado por flores brancas e com a paz que ele sempre trouxe para todos os seus amigos.

Ereto como um soldado, William sentia o corpo inteiro tremer e uma angústia que nunca havia sentido antes. Queria dizer algo, mas não conseguiu dizer nada. Soltou o braço da noiva e a tocou no ombro, como quem diz que quer ficar sozinho. Saiu do salão fazendo força para não chamar a atenção de Juliana e quando estava do lado de fora cambaleou. O corpo sentia a alma pesada. Um grupo de pessoas que estava próximo o segurou antes que caísse, mas ele se soltou e se afastou.

Permaneceu do lado de fora sem perceber a hora passar, até que sentiu a presença da noiva se aproximando.

— William? Está na hora.

— Já?

— Sim.

William sabia o quanto Juliana estava se segurando para ser forte pelos dois. Ela colocou seu braço entre o dele e os dois caminharam em direção ao salão. Quatro homens já carregavam o caixão para fora e foram caminhando em um cortejo silencioso, seguidos pelos olhos de anjos de pedra envelhecidos

pelo tempo. No caminho, William avistou à frente o buraco aberto que aguardava a chegada do amigo. Ao lado do buraco, o monte de terra que seria usado para fechá-lo.

Todos se posicionaram ao redor do local, escutando as últimas palavras do padre.

— Hoje viemos aqui para dar adeus a uma pessoa que viveu sua vida guiada pela alegria e para o bem. Um homem que colocou inúmeros sorrisos nos rostos dos seus amigos, pais e esposa. O momento é difícil, a perda é algo que leva um pedaço da gente, mas esse vazio deve ser preenchido pelas lembranças felizes, pelos momentos de alegria vividos ao lado de Cris. Ele não gostaria que a tristeza fosse o último sentimento deixado por ele. Lembrem-se da última vez que o viram, da última piada fora de hora que escutaram, dos conselhos de amigo. E que isso guie o luto de hoje para um sorriso amanhã...

Depois de algum tempo William via a boca do homem abrindo e fechando, mas não conseguia escutar nenhuma palavra. Viu sua mão no ar, subindo, descendo, indo para a esquerda e direita. Logo depois, o caixão começou a descer para dentro do buraco, lentamente, até pousar na terra úmida de um marrom avermelhado. Escutou o som do metal da pá sendo cravado no monte de terra. Os primeiros golpes que caíram soaram fortes sobre o tempo de madeira do caixão, diminuindo o volume à medida que o buraco era preenchido.

William olhou para Sheila que estava com as duas mãos sobre a barriga e pensou na criança que nasceria sem a felicidade de sentir os braços do pai. Cris certamente choraria mais do que Sheila quando o filho viesse ao mundo. Um mundo que William faria de tudo para ser um lugar melhor para recebê-lo.

Já dentro do carro, percorreram todo o caminho de volta quase em silêncio. Juliana abriu a porta do apartamento de William e deixou que ele entrasse primeiro. O psicólogo caminhava com passos arrastados e robóticos, olhando o lugar como se tivesse saído de uma sessão de lobotomia. Olhava para cada canto sem sentir a alegria de estar em casa. Juliana vinha atrás dele acendendo a luz dos cômodos à medida que William entrava caminhando na escuridão do dia com céu de chumbo.

— Quer que eu prepare algo para comer?

— Não precisa.

— A gente devia ter ido para o meu apartamento.

— Não. Eu tenho trabalho a fazer — William parou em pé, ao lado da mesa onde estava seu notebook fechado.

— Então amanhã eu passo na minha casa e pego as minhas coisas.

— Pra quê?

— Como assim “pra quê”? Você não acha que vai ficar sozinho — Juliana disse enquanto se posicionava ao lado da mesa, colocando sua bolsa bem próxima ao notebook. William olhou para a noiva decidida e lembrou-se dos seus primeiros encontros. A forma como passava a mão nos cabelos colocando-os atrás da orelha, seus olhos grandes e castanhos, seu sorriso de menina.

— Ju. Eu quero que você vá para o seu apartamento.

— O quê? Você está doido se acha que vou te deixar aqui sozinho. Eu não vou embora.

— Sabe — ele começou a dizer —, tudo isso com o Cris, me fez repensar muitas coisas. E uma delas é que a vida é muito curta.

— O que você quer dizer com isso?

— Quero dizer que... olha pra gente. Nós ainda temos tantas coisas que queremos e a gente nunca sabe quando alguma coisa vai interromper nossos planos. O que eu quero dizer... é que eu ainda quero aproveitar um pouco mais a vida antes de... de me casar, entende?

— Não, William, eu não estou entendendo nada.

— Essa coisa com o Cris me fez perceber que casar agora seria um erro.

— O quê?

— Ju, eu não quero que...

— Um erro? Um erro?

— Ju, escuta.

— Não, William, é você que precisa escutar. Você precisa escutar o que está dizendo. Eu sei que não está sendo fácil passar por tudo isso, tá bom? Eu sei. Também não está sendo fácil pra mim, droga. O Cris também era meu amigo.

— É diferente, Ju. Não foi você que matou o Cris, então não venha dizer que sabe como eu me sinto, você não sabe.

— Eu não sei por que você não fala mais comigo. Você está se fechando e isso está acontecendo muito antes do Cris. Então não venha você usar a morte dele como desculpa para fazer algo que pelo visto você já queria fazer há muito tempo.

— Eu nunca quis isso, Ju. Não isso.

— Então por que quer agora? Por quê?

— Porque... eu não te amo mais.

Juliana ficou parada sem conseguir dizer nenhuma palavra. Olhava para William, depois para os lados, as lágrimas escorriam pelo rosto. Sentou no sofá, mexendo nas próprias mãos de cabeça baixa.

— É isso mesmo que você quer?

William demorou alguns segundos para responder.

— É o certo a fazer. Eu não posso mais te enganar assim.

Juliana se levantou e, sem olhar para William, tirou sua aliança do dedo e colocou sobre o notebook fechado em cima da mesa.

— Então eu não preciso mais disso.

Pegou sua bolsa e saiu em direção à porta. Antes de deixar o apartamento, olhou para trás pela última vez.

— Alguma coisa mudou em você, William.

Juliana saiu sem fechar a porta, entrou no elevador que ainda estava parado no andar e demorou alguns segundos para apertar o botão. William foi até a entrada do apartamento e conseguia ver que o elevador ainda estava lá. Queria abrir aquela porta, pegar a noiva nos braços e dizer que vai ficar tudo bem, que tudo vai passar. Mas ficou parado vendo o elevador começar a se mover, levando-a para longe dele.

Melhor para ela que seja assim.

William abriu o notebook e escreveu para David.

Desde que eu conheci você, desde que eu aceitei tudo isso, todas as coisas boas da minha vida se foram. Meu melhor amigo está morto por minha causa. Você veio com toda essa conversa de saber como eu me sinto, mas você não sabe como eu me sinto agora. Não sabe porque você não consegue sentir nada. Eu não posso ter mais ninguém perto de mim, você entende isso? Porque eu sou um monstro, um monstro igual a você.

Artur estava em sua mesa tentando se concentrar no caso, mas sua mente se dividia entre as poucas pistas que tinha e a preocupação com o sumiço de Bete. Sentia algo que há muito tempo não o incomodava. Aquela sensação de vazio. Não era comum sentir isso, o que o deixava confuso, sem saber o que fazer. E ele sempre sabia o que fazer, sempre tinha o próximo passo planejado. Agora era diferente. Era quase doloroso.

O delegado Aristes poupou o detetive de um sermão por ter desobedecido suas ordens de deixar o desaparecimento de Bete sob seus cuidados e focar nos assassinatos. A única coisa que disse foi que agora era preciso saber lidar com a situação e fazer uma coisa de cada vez, que outra pessoa seria designada para investigar o caso de Bete.

O detetive sabia que deveria obedecer as orientações de Aristes, mas, antes de seguir com a investigação do seu caso, foi até a impressora pegar as cópias que tinha enviado. Com algumas folhas na mão se dirigiu até o mural no hall de entrada da delegacia e lá fixou um retrato de Bete, onde era possível ler, logo abaixo da imagem: desaparecida. Artur percorreu todo o prédio da polícia fixando cópias do retrato de Bete em cada mural de aviso. Depois, foi de mesa em mesa, e entregou uma cópia para cada policial que encontrou.

Quando voltou para sua mesa seu telefone estava tocando. Era o policial da central de inteligência da polícia retornando a solicitação de Artur sobre uma pesquisa de casos semelhantes ao que estava investigando.

— Encontrei um endereço. Aconteceu algo muito parecido há vinte e quatro anos.

Menos de uma hora depois, o táxi de Artur parava em frente a uma casa localizada em um subúrbio da cidade. Um muro de concreto cru cercava a residência.

— Espere aqui — disse ao motorista do táxi.

O detetive olhou ao redor. Algumas crianças brincavam na rua. Parou em frente ao portão, procurou uma campainha, mas não encontrou e precisou bater palmas. Tinha o olhar atento, mas era impossível, mesmo para ele, esconder o cansaço. Quando se posicionou para chamar novamente, um cão apareceu como se tivesse saído de um buraco no chão e saltou em direção a ele, misturando o barulho do latido com o som do portão velho.

Enquanto olhava o cachorro, Artur não reparou na mulher que surgiu no

quintal. Ela vestia um shorts jeans surrado, apertado demais para o seu tamanho, e uma camiseta larga com a estampa desbotada de um político que Artur conhecia. Ele havia sido eleito no ano passado mesmo com seu nome envolvido em denúncias de corrupção. A mulher segurava um pano em que enxugava as mãos e não se deu ao trabalho de se aproximar demais. O cão latia para Artur.

— Quietos! Quietos! — o cão se afastou, mas ainda estava lá rondando o portão.

— Pode falar — o tom da mulher deixava claro sua pouca vontade de ser social.

— A senhora é a Miriam?

— Sim, sou eu.

— Meu nome é Artur — disse mostrando o distintivo.

— É rápido ou vamos precisar sentar?

— Vamos precisar sentar. Seu marido está?

— Dormindo. Hoje o turno é da noite. Vou buscar a chave do portão.

Artur aguardava na sala, de pé ao lado da estante. Alguns porta-retratos, com fotos de eventos e momentos familiares decoravam o móvel. Festas de aniversários, churrascos no quintal, praia. Em um deles, havia um casal com uma criança que não eram vistos em nenhuma outra foto. Era o retrato mais feliz entre todos os outros e parecia ser a fotografia mais antiga.

O detetive olhou para trás quando notou que Miriam havia voltado com o marido. Ele se chamava Anderson e veio terminando de vestir uma camiseta. Realmente estava dormindo.

— Algum problema com os meninos? — disse o homem que não se deu o trabalho de cumprimentar o detetive e foi logo sentando no sofá. Miriam ficou ao seu lado, mas de pé. Uma mulher séria como o cão que estava no quintal.

— Não que eu saiba. Estou aqui por causa do David. Gostaria de falar com ele.

Houve um momento de silêncio entre o casal e, pela primeira vez, Miriam pareceu demonstrar sua fragilidade com o repentino espasmo de atenção.

— Não vemos David há... uns dez anos, mais ou menos. Eu nem me lembro mais — disse Anderson.

— O que ele fez? — Miriam parecia preocupada, mas tinha algo na forma como falava. Não era uma preocupação amorosa. Parecia mais com remorso.

— Eu sei o que aconteceu com a sua irmã e seu cunhado, Miriam.

— Eles eram ótimas pessoas — ela fez questão de defendê-los rapidamente.

— Eu não estou dizendo que não eram.

— O que você quer?

— Miriam — o marido chamou a atenção da esposa que, claramente, ainda mantinha vivo o ódio pelo descaso da polícia. Ninguém havia sido preso pelo assassinato da sua irmã e de seu cunhado.

— Vocês não fazem ideia de onde eu posso encontrar o David? É importante.

— Agora é importante? Agora é importante? Quando minha irmã foi morta ninguém deu importância, ninguém foi preso, atiraram na cabeça da minha irmã!

Dessa vez Anderson deixou que a mulher terminasse o que queria dizer.

Artur detestava essa parte do trabalho. Ainda mais quando precisava voltar em um caso mal investigado por outros policiais.

— Quando tudo aconteceu — Anderson começou a falar — nós trouxemos David para morar com a gente. Tínhamos dois garotos...

— Temos! — Miriam foi enfática na correção do marido.

— David e meus filhos têm quase a mesma idade, mas nunca se deram bem, brigavam toda hora. David era agressivo, não conseguiu superar...

— Ninguém foi preso, como ele ia superar?

— Chega, Miriam! A próxima vez que você me interromper — Anderson havia levantado do sofá.

— Vai fazer o quê? Vai me bater na frente de um policial agora? Vai contar pra ele das surras que você dava no David? Conta que eu quero ver se você é tão homem como é quando estamos sozinhos.

— Chega — Artur fez com que ficassem em silêncio.

— David foi para um reformatório, ele era um desajustado — Anderson falava com raiva — e pelo visto não mudou.

— Pode se retirar senhor Anderson. Volte a dormir. Eu quero falar a sós com Miriam.

— Você entra na minha casa...

— Prefere que eu prenda você? Por bater em mulher, só para começar.

Os olhos de Anderson brilhavam sem a mesma coragem de antes e ele saiu encarando Miriam em tom de ameaça.

— Senhor Anderson? Senhor Anderson?

O homem voltou a aparecer na sala já sem a camiseta.

— Por favor, feche a porta — Artur falava de um jeito irritantemente calmo.

Miriam havia sentado no sofá. Olhava para baixo, parecia estar chorando, mas nenhuma lágrima descia pelo rosto. Artur estava incomodado, pensou em Bete, na facilidade dela em lidar com situações desse tipo.

O detetive sentou ao lado da mulher que, após demonstrar tanta agressividade, agora tinha abaixado o escudo. Artur tirou um cigarro do maço.

— Posso pegar um? — disse Miriam com um tom de voz suave e baixo.

Artur entregou o cigarro à mulher.

— Mas eu não tenho fogo — disse o detetive.

Miriam colocou a mão dentro do bolso apertado do shorts e tirou um isqueiro. Ofereceu-se para acender primeiro o outro cigarro que Artur já estava girando entre os dedos.

— Eu não fumo.

A mulher olhou de forma confusa para o policial e acendeu o cigarro que estava na boca.

— Eu preciso encontrar o David.

— Eu não sei onde ele está. Quando ele foi para o reformatório eu... eu tentei visitá-lo várias vezes. Quando obrigavam ele a me receber, ele ficava em silêncio, não respondia minhas perguntas. Eu juro que tentei, eu juro que tentei. Eu queria ter sido uma... eu amava muito a minha irmã, mas eu falhei com o filho dela. Eu parei de ir visitá-lo. Eu parei. Eu nunca mais soube dele.

— Você lembra o nome do reformatório?

— Era... minha nossa, como se chamava mesmo? Pode aguardar um segundo?

Artur acenou positivamente e Miriam se levantou, desaparecendo para dentro da casa. Passaram-se quase cinco minutos quando ela voltou.

— Achei. Eu tenho uma caixa de coisas que... bom, tinha o endereço lá. Anotei pra você.

O detetive pegou o pedaço de papel e olhou para a mulher, que tinha os olhos vermelhos e úmidos.

Já do lado de fora do portão, Artur chamou Miriam que passava a corrente pelas grades de metal e lhe entregou um cartão.

— Denuncie seu marido.

O policial já estava de costas quando ela o chamou novamente.

— Detetive?

— Sim?

— Por que vocês não prenderam ele?

— David?

— Não. Marcos. O bairro inteiro sabia que ele matou minha irmã e meu cunhado. Vocês não deviam ter deixado ele solto.

O pensamento de Artur foi jogado alguns dias no passado e parou na tarde em que interrogava o dono do rosto desenhado na máscara do assassino.

— Marcos. Droga.

— Acelera! Acelera! — Artur já estava dentro do táxi que cortava o trânsito com velocidade. Com o vidro aberto no lado do carona, o vento que entrava invadia o veículo chegando até o banco de trás e fazia o cabelo do detetive dançar de um lado para o outro. Seus olhos quase não piscavam. Diferente da agitação do seu corpo que ia e voltava com o sacolejar do automóvel que desviava dos carros mais lentos.

Mais de uma hora depois, pararam o carro em frente ao portão de Marcos. O detetive apertou a campainha uma vez. A casa permaneceu em silêncio. Artur não teve paciência para fazer uma segunda tentativa e pulou o portão sob o olhar cauteloso do motorista do táxi que acompanhava a agitação do policial. Imaginando a possibilidade de troca de tiros, o taxista se afastou quase dez metros com o carro para trás. Por segurança, fechou os vidros e deixou o veículo ligado caso fosse necessário uma saída de emergência. Olhava para dentro do portão, para o fim da rua, para as janelas das casas vizinhas.

Já dentro do quintal, Artur chamou novamente.

— Marcos, abra a porta!

Mais uma vez não teve resposta. Não hesitou, cravou a sola do pé na porta fazendo o trinco de metal dobrar na fechadura. Chutou mais uma vez e pedaços de madeira que seguravam a maçaneta explodiram em farpas. Entrou com a arma em punho e na sala encontrou uma mala pronta para viagem posicionada próxima à porta que havia arrombado. Foi verificar os outros cômodos com a arma abrindo caminho à sua frente. Cozinha, nada. Primeiro quarto, nada. Banheiro, nada. A porta do último quarto estava fechada.

— Marcos, é o detetive Artur.

Girou a maçaneta e encontrou, mais uma vez, nada.

— Droga. Droga, droga, droga — Artur falava e passava a mão na cabeça, girando o corpo sobre os calcanhares e olhando o cômodo como se tivesse acordado ali, em um local desconhecido à procura de algo. Pressionava as têmporas com as mãos, mesmo com uma delas segurando a arma.

— Eu fiz exatamente o que ele queria, droga, droga.

Artur respirou, estava ofegante, limpou a saliva da boca e ajeitou o colarinho que sentia apertando o pescoço. Saiu do quarto, foi até a sala e abriu a mala. Dentro havia apenas algumas roupas, somente o necessário para uma viagem de emergência.

Ele sabia que David viria atrás dele. Mas Marcos não podia me dizer que conhecia o assassino, para isso ele teria que confessar seu próprio crime do passado.

Imerso dentro da frustração de ter sido manipulado pelo assassino que estava caçando, Artur demorou a sentir o celular que vibrava no bolso da calça. Ao olhar no visor: Delegado Aristes.

— Senhor?

— Onde você está, Artur?

— Estou... — passou a mão na boca — estou na casa do Marcos, o homem que tinha o rosto desenhado na máscara do assassino.

— O que você está fazendo aí?

— Descobri um caso idêntico que aconteceu há vinte e quatro anos, o filho que sobreviveu... droga, esse garoto é o homem que estou procurando, a tia disse que o suspeito de matar os pais dele se chamava Marcos. Provavelmente ele não sabia onde encontrar o assassino dos seus pais e... droga, ele me usou para encontrar pra ele. Por isso o desenho do rosto na máscara, como eu não pensei nisso, como eu não pensei nisso? Droga — Artur batia com uma das mãos na própria cabeça.

— Que merda, Artur, acalme-se.

Houve uma pausa, o suficiente para Artur perceber que estava fora de controle.

— Sim, senhor.

— Você acha que é por isso que ele está cometendo os crimes? Para encontrar o assassino dos pais dele?

Artur esperou alguns segundos antes de responder. Olhou para o teto ainda inconformado e ignorando o questionamento de Aristes.

— Artur?!

— Talvez, talvez, não dá para ter certeza.

— Artur, eu tenho uma coisa para dizer — um silêncio, daqueles que precedem uma má notícia, se ergueu no ar. — Encontramos o carro de Bete estacionado em uma rua...

— Encontraram?

— Nenhum sinal dela, Artur. Escuta, eu estou ligando porque eu sei que ela é sua amiga, a perícia já está fazendo o trabalho dela no veículo, agora eu preciso que você faça o seu, entendeu?

— Entendeu, Artur?

— Sim. Sim, senhor, entendi.

— E depois que você terminar aí volte pra delegacia e escreva um relatório dizendo por que você invadiu a casa desse homem sem um mandado.

— Eu já disse para o senhor.

— Então coloque na porra de um papel. A papelada faz parte do pacote, Artur.

Aristes desligou o telefone.

Artur ligou para a delegacia e pediu uma equipe para fazer uma varredura na casa de Marcos.

Nas outras vezes não encontramos nada, mas aqui é diferente, aqui é pessoal. Ele pode ter deixado passar algo.

15.

A polícia acaba de liberar mais informações sobre os casos de desaparecimento dos quatro casais sequestrados em suas residências neste mês. Segundo o delegado Aristes, há provas de que o suspeito tenha enviado flores para os filhos das vítimas. A polícia conseguiu interceptar uma das entregas e descobriu que o suspeito escolhe uma pessoa aleatoriamente na rua e paga para que ela leve a encomenda. Ainda não se sabe o que esse gesto quer dizer, mas a polícia pede a colaboração das pessoas que foram abordadas para fazer as entregas anteriores e pede que elas compareçam à delegacia ou liguem no telefone que está aparecendo na tela. A polícia ressalta que as pessoas que fizeram as entregas não são consideradas suspeitas e não precisam temer. O que a polícia quer é saber mais detalhes sobre a abordagem e qualquer outra informação que ajude a colocar um ponto final na investigação. Se você é uma dessas pessoas, por favor, vá até o distrito policial ou ligue no número que está aparecendo na tela.

— Você acha que vai aparecer alguém? — disse Aristes para Artur, enquanto os dois assistiam ao noticiário na sala do delegado.

— Já seria mais alguma coisa.

— O que mais estamos fazendo?

— Encontramos cinzas nos vasos, certo? Então esse sujeito precisa de um lugar para cremar os corpos. Eu mandei algumas equipes em todos os crematórios da cidade e das cidades vizinhas. E vou fazer uma visita ao reformatório juvenil onde David cresceu.

O detetive já estava quase fora do escritório de Aristes quando o delegado o chamou.

— Artur. Estamos investigando o caso de Bete.

— Sem impressões digitais no carro, sem ter como descobrir o endereço para onde ela foi, a namorada do hacker morta. Honestamente, senhor — Artur fez um pausa, algo que não costuma fazer quando está falando —, eu duvido que a gente a encontre.

O detetive estava saindo da delegacia quando parou em frente ao mural que fica logo na entrada. A fotografia de Bete que ele havia fixado estava com uma parte sendo coberta por um aviso administrativo. Artur retirou a foto da policial e a posicionou por cima do aviso, para que toda a imagem pudesse ser vista.

— Vai cair uma chuva lascada — disse o motorista do carro do hospital psiquiátrico. O outro enfermeiro que estava sentado no banco do carona baixou um pouco o vidro e sentiu o vento úmido invadir o veículo.

— Não vai fumar aqui dentro.

— Cara, se eu não fumar a cada uma hora eu fico igual eles lá atrás.

O motorista olhou pelo retrovisor, avistando no banco traseiro o casal de pacientes do hospital psiquiátrico. Cada um estava olhando por uma janela, quase com os rostos colados nos vidros. Olhou mais para baixo e viu no centro do banco as mãos entrelaçadas do casal.

— Eu acho bonito o relacionamento dos dois.

O outro enfermeiro se virou, olhou, depois voltou o rosto para a abertura da janela, sentindo a brisa gelada.

— Eu também quero abaixar o vidro — a mulher disse no banco de trás, enquanto apertava repetidas vezes o botão no lado interno da sua porta.

— Os vidros de trás não abrem, meu doce. Nunca abrem. Eles acham que a gente vai... puf... pular — o homem saiu da janela e inclinou seu corpo para frente, colocando a cabeça entre os dois enfermeiros —, mas a gente não vai pular, não com o carro andando, podemos ser loucos, mas não somos burros.

— Júlio, senta direito, você sabe que não pode tirar o cinto. Coloca o cinto — disse o motorista.

— Mas o cinto agarra a gente.

— É pra isso que ele serve, Júlio. Pra te agarrar no banco.

A mulher puxou Júlio, encostou-o no banco e travou o cinto de segurança.

— O seu também, Joana.

— Siiiiim senhooooor.

— Já estamos quase lá.

O carro parou em frente a um portão por onde era possível ver o sobrado amarelo no final do quintal. O motorista virou para trás e olhou o casal que se mexia com aquela inquietação de alegria que movimentava o corpo de forma involuntária para um lado e para o outro.

— Vocês sabem como funciona. Vamos tocar a campainha, chamar seu irmão, ele abre o portão e depois a gente deixa vocês descerem do carro, ok?

— A gente sabe como funciona.

— Ótimo.

O outro enfermeiro já estava do lado de fora do carro e apertava a campainha.

— Eu não entendo por que deixar eles saírem do hospital.

— Cara, eles têm um filho de oito anos. Eu concordo com esse programa do hospital de inverter os locais das visitas. É bom para os internos e para a criança que não precisa ir para um lugar daqueles. Não é certo deixar o moleque sem ver os pais — o motorista olhou para o veículo e viu o casal aglomerado na janela, encarando-o com expectativa —, mesmo que eles sejam um pouco diferentes.

— Um pouco? O cara cravou um lápis nas costas de uma enfermeira.

— Na cabeça dele ele só estava tentando proteger a namorada.

— Namorada que teve um surto e precisou de dois enfermeiros para conter ela.

— Que seja. Na cabeça deles eles estão fazendo o que acham certo. Toca a campainha de novo.

— Não precisa, já está vindo alguém. Quem é esse cara?

— Não sei, eu nunca vi. Deve ser da família.

— Bom dia, senhor.

— Bom dia — o homem respondeu enquanto abria o cadeado do portão.

Os enfermeiros olharam para o carro, de onde vinha o som de batidas no vidro, e fizeram um sinal para que o casal esperasse.

— O senhor é? — disse um dos enfermeiros.

— Eu sou o vizinho, moro naquela casa ali. O Ricardo e a dona Marta tiveram que sair para resolver um negócio com a imobiliária e me avisaram que vocês iriam trazer os pais do Renato para a visita.

— Seu nome é?

— David.

— Tá certo, vamos fazer uma família feliz, então.

O enfermeiro abriu a porta de trás do veículo e o casal desceu se atropelando. Júlio vestia um paletó de tricô marrom e tinha os cabelos divertidamente bem penteados com gel, demonstrando cuidado e preparo para o dia da visita. Joana usava um vestido preto que ia até a metade das canelas, era estampado com flores brancas e os cabelos negros e escovados teimavam em cair pela testa, fazendo com que a mulher passasse as mãos no rosto repetidas vezes, como se fosse um tique nervoso.

Ao entrar pelo portão, Júlio olhou para David e estendeu a mão com seus movimentos descontrolados.

— Prazer, eu sou o Júlio e essa é Joana. Vem cá, Joana, cumprimenta o rapaz. Cadê meu pai e minha mãe?

— Eles deram uma saída, mas logo estarão aqui.

— Mãe! Pai!

Renato, um garoto de oito anos, saiu correndo de dentro da casa. Joana e Júlio também correram em direção à criança. Júlio pegou o filho no colo enquanto ele era atacado, sem poder se defender, por beijos da mãe.

Os dois enfermeiros olhavam a cena.

— Até parece uma família normal — disse um deles enquanto tentava tirar um cigarro dentro do maço.

— Droga, cara, não vai fumar na frente da criança.

— Meu Deus, eu não posso fumar em lugar nenhum.

Contrariado, o enfermeiro devolveu o cigarro ao maço e ambos olharam para trás quando escutaram o cadeado do portão sendo fechado por David.

— Vamos entrar. Deixa eles matando a saudades, enquanto a gente mata a garrafa de café.

David e os dois enfermeiros entraram na casa e ficaram na cozinha. De vez em quando o enfermeiro motorista se levantava da cadeira e olhava Júlio e Joana sentados com Renato no tapete da sala.

— Mais café? — ofereceu David.

— Por favor. Obrigado. E você, não bebe café?

— Não, não. Eu sou como o seu amigo aí. Se eu beber café vou querer fumar e eu estou tentando parar.

— Sei bem como é — disse o enfermeiro olhando o maço de cigarros. — Eu sei que essa coisa um dia vai me matar — e deu mais um longo gole no café. O homem passeou com a língua dentro da boca depois da golada, sentindo o gosto quente da bebida.

O enfermeiro que estava de pé na cozinha apoiou uma das mãos na geladeira sentindo uma leve tontura. David se apressou em ajudá-lo, pegou a xícara em sua mão e colocou sobre a mesa, guiando o homem até uma cadeira.

— Nossa... minha cabeça.

Um barulho de louça se quebrando ecoou na cozinha.

Com a visão turva, olhou para seu colega, que estava com a testa apoiada na mesa, os braços largados pendendo ao lado do corpo e a xícara de café partida no chão. Sentiu uma dor aguda no estômago. Virou o rosto para a pia e viu David, entre vultos, esvaziando a garrafa de café no ralo. Tentou dizer alguma coisa, mas as palavras saíam ofegantes e espaçadas.

— Po... por quê?

— Não vai dar tempo de te explicar — disse enquanto retirava uma bolsa preta de dentro de um dos armários da cozinha.

Margô conversava na recepção do consultório com a tia de Marcelo, a criança do primeiro casal assassinado, quando escutou a porta de William sendo aberta e o psicólogo saindo com o garoto. A recomendação do médico foi que ele tirasse um período do trabalho até se recuperar do acidente, mas William abriu uma exceção para o grupo das crianças vítimas de David e, por um tempo, determinou que ficaria atendendo apenas elas.

William ainda usava o colete ortopédico e veio caminhando devagar com o pequeno Marcelo, com uma das mãos apoiadas no ombro do menino. A criança apareceu na recepção com a mesma expressão com que tinha chegado, sem muita alegria. O psicólogo lembrou com a tia o combinado de se verem no mesmo horário na próxima semana e se despediu do garoto com um aperto de mão firme.

Diferente da postura séria de William, Margô olhava o menino com as sobrancelhas arqueadas e um semblante de piedade. Assim que Marcelo e a tia deixaram o consultório, William se virou para a secretária.

— Margô, como não teremos mais nenhum paciente, não é necessário que você fique. Pode ir pra casa.

— Mas o senhor não precisa de nada mesmo? Eu posso ficar aqui sem problema.

— Não precisa, Margô. Eu também só vou organizar umas coisas e vou pra casa.

— Tudo bem. A dona Juliana vem buscar o senhor?

Por um momento, William hesitou.

— Não.

Ao entrar no consultório, William fechou a porta e caminhou até a sua mesa. No caminho pisou em um boneco de borracha largado no chão, fazendo soar um som agudo e infantil do brinquedo. Olhou para baixo e viu uma parte do corpo do boneco esmagada sob a sola do seu sapato. Levantou o pé devagar e observou o brinquedo se inflando de ar novamente. Arrastou a cadeira e sentou, as costas eretas, o rosto sério. Abriu o computador e começou a escrever sobre a sessão com Marcelo para aproveitar as palavras frescas na memória.

Anotação

Criança: Marcelo

Nesta sessão, Marcelo falou menos sobre a saudade dos seus pais e do sentimento de estar sozinho no mundo, e acabamos conversando mais sobre o sujeito que cometeu o crime.

Marcelo demonstrou sentimentos confusos, e até mesmo cruéis, em relação ao criminoso. Em suas palavras:

“Eu sei que é errado, mas eu quero que ele morra.”

Quando questionei se também não era um ato de maldade desejar algo ruim para outra pessoa, mesmo que essa pessoa tenha feito algo ruim para ele, sua resposta foi:

“Eu sei que é. Mas eu quero.”

Marcelo sabe que é errado sentir isso, mas sente. Isso me faz pensar sobre como não escolhemos sentir o que sentimos.

O mundo e as espécies dentro dele evoluem de acordo com seu ambiente para se adaptar e garantir sua sobrevivência. Se pudesse, um recém-nascido com fome e sem alimento não hesitaria em matar outro recém-nascido que está com uma mamadeira, para poder tomar o seu alimento e saciar sua fome. O mal é um estado natural do ser humano, que nasce sem a noção do que é certo ou errado, sem a consciência moral, agindo para saciar suas necessidades, movido apenas pelos seus instintos selvagens. Em um mundo onde o mal nasce com a gente, todos fariam qualquer coisa, sem apego à moralidade, para não sucumbir.

Mas, se cada um é capaz de fazer de tudo, todos farão o que for preciso, incluindo matar outro ser humano. Como todos nascemos com necessidades a serem supridas, seria impossível viver em um mundo sem o limite da consciência, sem as limitações da moral. A única forma de sobreviver é evoluir para um estado que podemos chamar popularmente de bondade, onde você aprende o que é certo e errado, e onde as pessoas se importam com as outras e não só com as suas próprias necessidades. De forma precipitada, até o momento, é possível pensar que o bem nada mais é do que a evolução do mal para a nossa própria sobrevivência. É preciso sentir as necessidades do outro e que o outro sinta as nossas para que todos possam sobreviver.

Assumindo que há uma diferença entre matar para saciar uma necessidade e matar para saciar um desejo, questiono o fato de muitos assassinos que em seus julgamentos declararam ter a necessidade de matar. Uma sensação que poderia, ignorando os questionamentos morais, ser colocada ao lado da fome, da sede ou do frio.

Ainda é muito cedo para tirar uma conclusão final, já que o trauma sofrido é muito recente e o sentimento pode mudar com o tempo e a aceitação. Mas se voltarmos mais uma vez para as palavras de Marcelo: “Eu sei que é errado, mas eu quero” não é possível colocar esse sentimento como uma necessidade, mas sim como um desejo, uma opção que você escolhe, influenciada por fatores externos, onde a maldade é como uma montanha moldada pelas ações do ambiente ao seu redor.

A maior questão que fica até o momento é: quem está servindo de modelo para a formação do caráter de Marcelo: os bons ensinamentos dos seus pais e da sua escola ou a frieza cruel do assassino?

Assim que colocou o último ponto final no texto, William descansou os braços na cadeira, mas o corpo forçadamente ereto não mostrava a imagem de alguém que estava descansando. Ficou olhando para a tela e via as palavras *necessidade* e *desejo* saltando do texto como se estivessem grifadas. Leu a frase de Marcelo com os olhos.

“Eu sei que é errado, mas eu quero.”

Depois, pensou em voz alta, como quem tenta convencer a si mesmo.

— Eu sei que é errado, mas eu preciso.

O táxi de Artur estava parado em frente ao reformatório juvenil aguardando a liberação do guarda de segurança dentro da cabine. Foram alguns segundos de espera até que escutou um estalo, a entrada tinha sido destravada. Um grande portão que parecia mais uma cerca de metal trançado começou a deslizar para a direita, abrindo passagem para o veículo do detetive. Havia à frente outro portão idêntico ainda fechado. O táxi atravessou o primeiro, esperou que ele voltasse a se fechar e, só depois, o segundo começou a se mover, deslizando e trepidando em cima do trilho.

Havia uma sensação de perigo controlado no lugar. Artur não sabia dizer o que causava essa percepção, mas, por algum motivo, aquela instituição parecia mais com um depósito de explosivos com entrada restrita do que uma unidade de reabilitação de jovens infratores.

Um som cadenciado de passos chamou a atenção do detetive que já estava fora do veículo. Vinha de longe e se distanciava cada vez mais e, pelo intervalo e intensidade, Artur sabia o que era. Andou em direção à nascente do som e viu, através de grades, um grupo de garotos, todos vestindo o mesmo uniforme e fazendo exercício. Estavam correndo de maneira perfeitamente sincronizada. O sistema de reeducação da instituição praticava diversos ensinamentos vindos diretamente do modelo militar.

Cada jovem que estava ali naquele grupo de corrida tinha a mesma expressão no rosto. Como soldados. Mas, apesar da idade, não tinham cara de recrutas. Pareciam-se mais com ex-combatentes, militares dessensibilizados. Em alguns raros momentos, Artur conseguiu notar que um ou outro deixava o olhar fugir da rígida formação para ir buscar os olhos do detetive. Segundos depois o jovem voltava a olhar fixamente para frente.

O que eles querem dizer?

Artur se afastou da grade e caminhou em direção à escadaria que dava para a recepção do lugar. Uma mulher com um tipo físico bastante robusto o atendeu.

— Posso ajudá-lo?

— Eu vim falar com Juarez, sou o detetive Artur.

— Claro, ele já estava esperando pelo senhor.

Ao lado da recepção havia uma larga escadaria de degraus claros que subia em curva até o próximo andar.

— Suba a escada e vire à direita no corredor. É a última porta. Não se esqueça de bater antes de entrar — a mulher falava com autoridade.

Dois enfermeiros passaram pelas costas do detetive. Conversavam algo que não foi possível identificar. Subiram a mesma escada que Artur iria usar e, pela forma como andavam, os braços arqueados, a postura sisuda e decidida, ficou a impressão de que foram chamados para resolver alguma necessidade exigente de força.

Artur subiu sem pressa, chegou ao corredor, olhou para os dois lados como se fosse atravessar uma rua, virou a direita e caminhou com destino à última sala. Antes de chegar lá passou por algumas portas, todas fechadas. Havia um silêncio perturbador no ambiente, sem som de vozes, sem movimentação nem passos.

Onde estão os jovens?

Artur chegou até o final do corredor. Na última porta uma placa de madeira dizia: Diretor.

O detetive ergueu o punho fechado para bater, mas, antes disso, escutou um estalo elétrico e notou que a porta tinha sido destravada. Olhou para o alto e viu uma câmera com um pequeno ponto vermelho piscando.

Ao entrar, se deparou com uma sala espaçosa, prateleiras de madeira recheadas de livros e um grande tapete escuro ocupava a maior parte do piso. Ao lado da porta havia um sofá de três lugares, com uma mesinha de centro próxima. Mais ao fundo, em frente a uma sequência de janelas envidraçadas, tinha uma mesa grande onde o diretor estava e duas poltronas adiante.

— Só um minuto — o homem disse ao mesmo tempo em que ergueu a mão e continuou lendo um papel. Tinha a expressão séria que dava a entender que estava tomando alguma decisão importante. Assinou a folha, guardou a caneta na gaveta e, quando voltou sua atenção para Artur, parecia que tinha se transformado.

— Detetive.

Um sorriso largo se armou no rosto quase que automaticamente, como se fosse uma função acionada por um botão. O diretor se pôs de pé e veio caminhando como um *host* de restaurante demasiadamente amigável. Era clara sua tentativa de parecer elegante no caminhar, mas havia algo de forçado que provocava o efeito contrário dentro daquele terno.

— Por favor, sente-se, sente-se. Fique à vontade — mesmo enquanto o diretor falava, sua boca mantinha o sorriso.

Artur se acomodou em uma das poltronas em frente ao diretor. Em cima da mesa, virado para ele, havia uma pequena plaqueta propositalmente direcionada aos visitantes:

Em terras estrangeiras é mais seguro ter fé no Deus local.

— Como eu disse ao telefone, senhor Juarez...

— Diretor. Aqui dentro é melhor me chamar de diretor, é bom manter um padrão — o sorriso parecia crescer no final da frase, como se tivesse a função de um ponto final.

— Como eu disse ao telefone... diretor, eu preciso de informações de um rapaz da sua instituição. Quando completam dezoito anos eles são liberados,

correto?

— Infelizmente essa é a lei, essa é a lei, detetive. Embora eu seja completamente contra, completamente. Não é por causa da virada de um número que uma pessoa que antes era incapaz de viver em sociedade está pronta para voltar para o mundo lá fora. Mas, é a lei, e se tem uma coisa que eu prezo nas pessoas é que respeitem a lei, respeitem a lei.

Alguma coisa no diretor despertava uma sensação desagradável em Artur. O detetive só não conseguia distinguir o que era. Talvez a mania de repetir algumas palavras em suas frases. Uma mania bastante irritante.

— A pessoa que eu estou procurando se chama David, ele deve ter saído há quatorze anos, se minha conta não tiver nenhum dado incorreto.

— David, David, David. Um minuto — o diretor procurou nos arquivos do seu computador. Teclou, teclou, arrastou o mouse, teclou.

— Sim, David, David, eu me lembro. Um rapaz bastante complicado, bastante.

— Eu preciso da foto mais recente dele.

O diretor fez uma careta.

— Hmm... acho que a foto mais recente dele não irá ajudá-lo muito, detetive. A única que temos dele é de quando chegou, com onze anos.

— Como assim? Não há nenhuma outra foto?

— Somos um reformatório, detetive, não uma agência de modelos — o diretor ria com a própria piada, talvez para demonstrar que era essa a intenção.

Mas Artur não esboçou nenhuma tentativa de agradá-lo.

— Vocês não mantêm uma ficha de desenvolvimento dos internos?

— Sim, claro, claro. Mas tudo por escrito. Palavras, sabe. Infrações, medidas educativas, evolução, relatórios médicos, essas coisas.

— O registro de algum evento, festa de aniversário, Natal, uma foto de todos reunidos no Natal já me ajuda.

Antes de responder, o diretor deixou escapar uma risada.

— Não realizamos eventos desse tipo, detetive.

— Eventos desse tipo?

— Sabe, comemorações que infantilizam o processo de amadurecimento e aprendizado.

— Infantilizam? Aqui é um reformatório infantil.

— Eu sempre gosto de ressaltar que antes da palavra infantil tem a reformatório e ela vem primeiro justamente por sua importância maior, detetive. Recebemos crianças e jovens aqui em nossa instituição, mas temos que garantir que eles saiam daqui como adultos, como adultos.

Houve um momento de silêncio entre os dois. Artur tentava entender o diretor, mas era difícil. Parecia até que ele estava brincando com o detetive, que a qualquer momento fosse explodir em uma gargalhada e dizer que era só uma piada. Mas a única coisa próxima de uma piada era o sorriso que o diretor mantinha no rosto.

— As crianças daqui costumam receber visitas?

— Algumas, algumas. As mais novas, normalmente. As maiores, bom, não muito. Por isso meu trabalho é tão importante, detetive, para muitas, muitas

delas, eu sou tudo o que elas têm.

— E as “medidas educativas” que o senhor mencionou?

— Nada mais do que o necessário para colocar esses pequenos diabinhos nos eixos, detetive.

— Punições físicas?

— Como eu disse, detetive, nada mais do que o necessário, nada mais.

— E você acha que está dando certo?

— Você sabe o tipo de criança que temos aqui dentro, detetive? — pela primeira vez o diretor deixou o sorriso cínico de lado e Artur entendeu por que ele o mantinha no rosto. Quando deixou de sorrir, a boca imediatamente se curvou para baixo, murcha como uma planta morta.

— Temos crianças, crianças com doze anos que já mataram, detetive, e eu não estou falando de empurrar o amiguinho da escada do tipo “ops, foi sem querer”, mas de pegar uma faca e cortar a garganta do tio enquanto ele dormia. Sabe por que eu me lembro tão facilmente desse David? Porque ele, quando ainda tinha seus quinze anos, foi o principal suspeito na morte de outros três internos. Infelizmente só suspeito porque, eu tenho que admitir, ele sabia fazer as coisas sem chamar atenção. Só descobrimos os corpos no outro dia, na contagem pela manhã. E não acaba aí, detetive, outro interno foi para a enfermaria em estado gravíssimo quando o David, que trabalhava na cozinha naquele dia, virou uma panela de óleo escaldante no rosto do menino. Mas são apenas crianças, não é? Você acha que uma simples conversa, uma conversa, vai mudar esses projetos de monstros? Barro seco não tem conserto, detetive, é preciso quebrar, transformar em pó e moldar de novo.

Assim que terminou a frase o diretor voltou a vestir o sorriso no rosto, como alguém que tinha tirado a máscara para poder respirar melhor.

— Algum funcionário tem o trabalho de cuidar das crianças, tem algum contato mais próximo com elas?

— Nada de especial, são apenas uma mistura de enfermeiros com seguranças de casa noturna.

— Não tinha ninguém mais próximo de David que o senhor...

— Diretor, detetive, diretor, por favor.

Artur ergueu os olhos sobre o homem.

— Eu não sei se o diretor sabe, mas eu tenho Síndrome de Asperger...

— Sim, eu lembro dos jornais de alguns anos comentando. Fico imaginando como o senhor era quando jovem, devia ser um jovem interessante de observar.

— Como eu ia dizendo, eu tenho essa síndrome e como o diretor deve saber, isso prejudica um pouco minha habilidade de conseguir interpretar as pessoas facilmente. Então acredite no que eu vou dizer agora, diretor, se eu te achei um completo idiota, sádico e arrogante só de olhar esse teu sorriso falso é porque você deve ser bem pior do que eu posso perceber.

Artur se levantou e deu as costas ao diretor sem a preocupação de se despedir.

— Uma pena eu não conseguir ajudá-lo a descobrir mais coisas sobre o David, detetive. Uma pena.

— Ajudou sim, diretor. Ajudou sim. Ah — Artur se virou para falar a última frase olhando nos olhos do homem que continuava sentado em sua poltrona —, pare de ficar repetindo as palavras em suas frases. Já é bem incômodo escutá-lo apenas uma vez.

Quando voltou para a delegacia Artur sentou em sua mesa e deixou o corpo descontar o peso na cadeira. Pegou a foto que havia sido enviada a ele e olhou o vaso ao lado da criança. Uma das equipes enviada para investigar um dos crematórios já tinha ligado relatando que não havia encontrado nada de suspeito.

Tudo funcionando normalmente, o policial havia dito.

Tudo funcionando normalmente.

Tudo funcionando normalmente.

Tudo funcionando.

O detetive começou a digitar no seu computador. Buscava por crematórios desativados, limitando a busca aos últimos quatorze anos. Se não fosse tão cético daria um sorriso de agradecimento pelo resultado. Apenas um nome apareceu na tela.

Crematório Caminho das Rosas

Fechado

Endereço: Rua 79, n. 48, Zona Norte

Proprietário: Ícaro

Artur anotou todos os dados no seu bloco de anotações. Depois voltou a digitar no computador, buscando informações sobre o tal Ícaro. Encostou na cadeira e tirou as mãos do teclado ao ler a palavra: falecido.

Buscou por parentes próximos. Nada. Os registros mostravam que se tratava de um imigrante, sem família registrada no país. Pesquisou a causa da morte. Esfaqueado em um assalto na sua propriedade, morreu no hospital. Anotou o endereço do hospital, jogou o cigarro que tinha nos dedos no lixo e saiu. Fora da delegacia, apanhou um novo cigarro no maço para aguardar a chegada do táxi que demorou quase dez minutos.

— Rua 79, n. 48, Zona Norte.

— Vem água aí.

Artur não respondeu a tentativa de puxar conversa do taxista.

— Não é muito de conversa, né?

— As pessoas não gostam das minhas respostas.

— Grosseiras demais?

— Sinceras demais.

O silêncio tomou conta novamente do interior do veículo durante os mais de cinquenta minutos até chegar à frente do endereço. Antes de descer do automóvel Artur olhou pela janela. Ficou um tempo do lado de fora apenas observando. Sentia a vibração do carro parado com o motor ligado.

— É aqui.

— Eu sei.

Agora o motorista tinha entendido o que Artur quis dizer com “sinceras demais”.

— Espere aqui.

— Ok

Artur desceu devagar, os olhos fixos na propriedade à sua frente. Olhou para os lados. Pouco movimento na rua. Por algum motivo pensou em Bete. Apertou a campainha da propriedade, mas não escutou nenhum som vindo de dentro dela. Pelas grades do portão era possível ver uma grama alta que cobria o quintal do antigo crematório.

De fora o lugar parecia abandonado. As janelas fechadas e castigadas pelo tempo reforçavam a conclusão. Apertou a campainha novamente. Nada. Bateu palmas. O único som vinha das plantas altas do terreno que balançavam com o vento que anunciava uma forte chuva.

Olhou para o taxista dentro do automóvel e fez sinal para que esperasse ali. Escalou o portão colocando um dos pés dentro das grades vazadas, tomou impulso e subiu no muro. Antes de pular bateu palmas novamente. Não queria ser surpreendido por um cão de guarda. Como não escutou nada, saltou para dentro sentindo o impacto do solo fazer seus pés formigarem.

Percorreu atento o quintal de mata alta, subiu os quatro degraus da escada que levava à porta da frente e bateu, mais uma vez sem obter resposta. Contornou pelo lado do quintal onde tinham outras duas janelas de madeira. Tentou abrir a primeira e nada. Foi para a segunda, forçou a tábua que se moveu com uma dureza enferrujada. Colocou mais força e sentiu o trinco mal fechado por dentro destravando e libertando o aroma do seu interior. A casa tinha cheiro de tristeza e Artur, ao abrir a janela, teve a sensação de escutar o apartamento respirar aliviado com a entrada do ar.

Olhou para dentro e não conseguiu ouvir nenhum sinal de vida. Algo irônico de se pensar se tratando de um antigo crematório. Retirou do bolso duas luvas de látex e vestiu para não correr o risco de contaminar nenhuma evidência. Colocou as duas palmas das mãos sobre o parapeito e com um impulso saltou para dentro da casa, parecendo mais um ladrão do que um policial.

Do lado de fora o taxista escutava a narração de um jogo de futebol pelo rádio, onde seu time disputava a semifinal do campeonato nacional.

Artur atravessou o cômodo vazio iluminado apenas pela luz do dia cinza que entrava pela janela e parou no corredor. Vistoriou a parte da frente da residência onde havia um cômodo maior que provavelmente servia de recepção do crematório. Voltou pelo corredor, andando devagar, as paredes ainda preservavam as marcas retangulares dos quadros que já não estavam lá. Era possível escutar o som rastejante de insetos no assoalho de madeira.

Caminhou pela garganta estreita que parecia se afunilar e chegou a uma porta que se encontrava fechada. Aproximou o ouvido antes de colocar a mão na maçaneta empoeirada e, sem escutar nenhum som do outro lado, entrou no cômodo grande, morto, onde havia apenas alguns armários com as portas escancaradas e uma grande pia com uma torneira enferrujada. E nada do forno crematório que deveria estar ali.

Já do lado de fora da residência abandonada, retirou as luvas e respirou o ar úmido da chuva que só ameaçava. Entrou no automóvel, escutou a locução que vinha do rádio e viu o taxista com uma felicidade difícil de disfarçar.

- Vamos pra final!
— Antes vamos passar em um hospital.

Foram mais quarenta e cinco minutos de carro escutando o taxista conversando sozinho sobre há quanto tempo o time dele não chegava tão longe no campeonato nacional. Antes de descer do carro o motorista disse a última frase do seu monólogo.

— Boa sorte com o seu jogo, policial.

Ao chegar à recepção, Artur mostrou o distintivo para a atendente, que avessa às técnicas da boa vontade simplesmente ergueu os olhos para ele.

— Preciso de algumas informações sobre um homem que faleceu aqui.

— Qual o nome?

— Ícaro.

— Deixa eu ver... — a mulher digitava rápido.

— Esfagueado.

— Essa informação eu sei. O médico que o atendeu ainda está trabalhando aqui?

— Deixa eu ver... ele já faleceu também.

— Droga.

— Temos o registro de um homem que assinou os papéis. Temos o telefone dele, você pode tentar ligar.

— Droga.

— Como é?

— Eu não me dou muito bem falando com as pessoas.

— Não brinca?

Os dois se olharam sem nenhum sinal de bom humor.

— Qual o nome?

— Deixa eu ver...

Artur já estava impaciente com a mania da atendente de começar todas as frases com “deixa eu ver”.

— Quintela.

— Me passa o número então.

— Deixa eu ver...

Artur anotou o telefone e sem agradecer deu as costas para a mulher, tirou o celular do bolso e discou para o número informado. Uma voz rouca atendeu do outro lado.

— Sr. Quintela, aqui é o detetive Artur. Gostaria de conversar sobre o Sr. Ícaro.

A chuva castigava a porta envidraçada da sacada do apartamento de William. Sentado à sua mesa, ele transcrevia a última sessão feita com Miguel, a criança da comunidade rural. Astor, o tio do garoto, havia dito que encontrou o menino pela manhã dormindo no sofá da sala, próximo à porta, e que tinha no colo a espingarda do pai.

Ficava ainda mais claro para William o conceito de que a maior parte do comportamento humano é moldada pelos modelos externos. Só não estava claro para o psicólogo se o garoto estava com a arma para proteção, com medo de o assassino voltar, ou se ele estava com a arma querendo que o homem que matou seus pais voltasse.

William escreveu na sua anotação:

Como podemos medir a punição adequada para um ato contra outra pessoa?

Haveria alguma justificativa para a realização de um ato de crueldade?

O psicólogo olhou a frase por longos minutos. Estudando-a, buscando algum sentido.

Haveria uma?

Passou a mão no rosto abatido, fazendo soar o áspero som da barba que crescia sem cuidado.

Os olhos opacos eram reforçados pela tonalidade cinza que ganhava peso nas pálpebras. Um peso que ele também carregava nos ombros forçadamente eretos pelo colete ortopédico que mantinha sua coluna no lugar. Levantou da cadeira com a mesma graça de movimentos que um militar, caminhou lentamente em direção ao banheiro e retirou a camisa. Olhou no espelho o adereço médico que circulava o tórax. Destravou lentamente a primeira fivela. Depois a segunda e em seguida a terceira. Retirou o colete com dificuldade por cima da cabeça. Sentia dores a cada movimento. Mas também alívio. A respiração saiu com mais facilidade, acompanhada de uma pontada e um formigamento nas costas ainda em recuperação.

Com o movimento da respiração notava as marcas das costelas que saltavam salientes e começavam a aparecer no corpo cada vez mais magro, consumido pela falta de apetite. Estava mais pálido do que de costume, mas, ao contrário do que a aparência sugeria, sentia uma energia assombrosa, como se fosse capaz de passar noites sem dormir escrevendo e estudando o desconhecido caminho que trilhava cada vez mais solitário.

As lembranças dos seus atos começavam a dar lugar às descobertas que fazia em cada sessão, em cada teoria levantada. O conhecimento era o alimento de que necessitava e disso era o que tinha mais fome. Uma fome infinita feito uma maldição bíblica, que o alimentava, mas não o saciava.

Antes de terminar de se despir, o som de aviso de uma nova mensagem soou no computador. Pegou o colete ortopédico e foi vestindo novamente, sem pressa, como quem coloca a armadura para mais uma batalha. Não havia sinal de euforia, nem mesmo tristeza ao escutar o apito que anunciava a mesa posta, apenas um vazio, um homem programado cumprindo suas diretrizes.

Sentou novamente à frente do computador e viu a nova mensagem de David em negrito aguardando o clique.

William,

Nunca vou me esquecer de uma citação do psicólogo e filósofo William James que li enquanto ainda estava no reformatório:

“Quando um homem com fome e perdido na floresta vê uma trilha, é importante para ele acreditar que a trilha vai tirá-lo da floresta e levá-lo a um lugar onde encontrará abrigo e alimento, pois se ele não acreditar nisso, não seguirá a trilha e permanecerá perdido e com fome”.

Todos precisam temer a sua floresta, William. E todos precisam acreditar na trilha que está à frente. Acreditar que ela levará ao lugar que queremos chegar. Que precisamos chegar. O caminho que apareceu para me tirar da floresta foi um daqueles que vai desabando atrás dos pés a cada passo que damos pra frente. E ao mesmo tempo em que isso é assustador, ver o enorme buraco abrindo sua garganta ajudou a me impulsionar adiante, impedindo que o arrependimento, a falta de segurança ou o medo do desconhecido me fizessem voltar atrás. E eu não me arrependo de nada do que fiz, talvez por ter a consciência tranquila pelo fato de acreditar no que queria desde o começo ou talvez por não ter consciência alguma. Mas eu realmente acredito nessa trilha.

Hoje eu terminei a minha parte no trabalho que estamos realizando juntos. Provavelmente amanhã você será notificado da quinta criança que irá atender pelos próximos dez anos durante toda a sua trilha. Buracos vão se abrir, como se abrirem no percurso de todos os homens que se deram ao trabalho de não ficar apenas reclamando da vida, ruminando problemas que nunca irão se resolver se alguém não fizer alguma coisa.

E são pessoas assim que constroem as pontes por onde outros irão passar com mais segurança e com a esperança de dias melhores. São esses que quando chegam ao final da vida nunca são tomados pela angústia de que poderiam ter feito algo mais, algo realmente valioso.

William, no futuro, quando os questionamentos surgirem durante toda a sua trilha (e eles irão surgir), pense nas inúmeras crueldades da história com o único propósito de egoísmo, controle e poder. Lembre-se que o que você está fazendo é muito mais do que isso, mais do que uma simples e arrogante obsessão por fazer algo apenas pelo bem próprio do seu nome. Lembre-se que você é o homem que dará ao mundo a possibilidade de ser um lugar melhor e que irá iluminar o caminho das próximas gerações. Daqui a alguns anos, quando lerem seu estudo, o mundo não irá se curvar diante de uma pessoa, irá seguir um conhecimento.

O discurso de serpente de David conseguiu o efeito desejado de influenciar o psicólogo a pensar que só ele era capaz de fazer o que devia ser feito e que, principalmente, a morte de cada casal, do seu amigo Cris e o rompimento do seu relacionamento com Juliana eram sacrifícios infelizes, mas necessários. Sacrifícios que alguém deveria estar disposto para mudar algo. Não

se achava no direito de se sentir orgulhoso de ser quem era, mas tinha orgulho de conseguir fazer o que era preciso. E talvez como parte do seu estudo ou por curiosidade pessoal abordou David de um jeito que nunca tinha feito.

Eu nunca te perguntei, mas eu preciso saber. Você gostou de fazer tudo isso?

Você precisa saber ou você gostaria de saber?

Você gostou de fazer isso?

Eu sei que você quer que eu diga que sim, que eu gostei. Porque dessa forma eu serei aquela coisa monstruosa que ninguém consegue desvendar. Mas se eu disser que não, que fiz somente pela boa causa de pensar na maioria beneficiada e que ser obrigado a fazer isso me causou dores e dúvidas terríveis que nunca mais me deixarão dormir, você ficará arrasado. Porque você vai saber que eu e você somos mais iguais do que imagina. É muito mais fácil pensar em mim como um monstro.

Eu sei que eu também sou um monstro.

Eu discordo. A vida apenas acertou o martelo no nervo certo e seu chute pegou o que tinha pela frente.

Artur aguardava diante do prédio do Sr. Quintela, enquanto escutava o som repetitivo do interfone que chamava o dono do apartamento. Não havia porteiro para anunciar a visita e ele esperava o morador atender o aparelho que já tinha tocado quatro vezes. Antes de completar o quinto toque a voz rouca soou pelas guelras de plástico cinza do alto-falante.

— Pois não?

— Sr. Quintela?

— Sim.

— Sou o detetive Artur que falou com o senhor pelo telefone.

A resposta veio pelo estalo metálico da tranca do portão sendo destravada, convidando o detetive a subir.

— Precisa forçar o portão para fechar — disse a voz rouca, fazendo Artur voltar para empurrar o velho portão.

Quando o elevador chegou ao quarto andar, Artur teve a sensação de estar no décimo, tamanha a sua lentidão em subir.

Quintela já estava o esperando na porta.

— Demora, não é?

— Sim, um pouco.

— A moradora do décimo quarto está grávida. Eu já disse a ela que é melhor ir para o hospital quando estiver no oitavo mês, porque se esperar até o nono é capaz que o bebê nasça dentro do elevador.

— Não demora tanto assim — Artur respondeu sem rir da piada.

— Por favor, entre.

Como hábito de detetive, Artur entrou reparando em tudo que via. Quintela fechou a porta e quando se virou Artur já estava de frente para ele.

— Fico imaginando como deve ser estressante o trabalho da polícia, entrar em um apartamento e não poder nem ficar de costas para alguém.

— Nunca se sabe.

— Por favor, vamos até a cozinha. É lá que velhos conversam.

Quintela estendeu o braço sinalizando para Artur ficar à vontade e puxar uma cadeira.

— Café?

— Não, obrigado.

Bateu o maço na mão e tirou um cigarro.

— Preferiria que o senhor não fumasse aqui.

— Eu não fumo.

— Bom, direto ao assunto, então.

Quintela não demonstrava nenhuma preocupação e tinha aquela voz mansa de pessoa que não sofria mais com a pressa do mundo. Tinha sessenta e oito anos no documento e no rosto e olhos que não desviavam da conversa. Vestia uma calça social caqui e uma blusa fina de lã cinza. Cores tão sóbrias quanto a expressão serena em sua face.

— Eu quero saber sobre Ícaro.

— Ícaro. Algo específico?

— O senhor deve ter visto na TV os casais que foram assassinados.

— Infelizmente sim. Mas o que isso tem a ver com o Ícaro. O senhor sabe que ele está morto?

— Sim, eu sei, e foi assim que cheguei até o senhor, seu nome estava na ficha do hospital liberando o corpo.

— Sim, Ícaro não tinha nenhum... parente próximo. Mas eu ainda não entendo.

— O que eu vou lhe contar fica aqui, pode me garantir isso?

— Sem dúvida que sim. Até porque — Quintela desviou o olhar para a foto de uma simpática senhora que estava presa na porta da geladeira por ímãs — eu não tenho mais quem escute as minhas histórias de velho.

— Quem está cometendo os crimes está cremando os corpos dos casais para sumir com as evidências e como o senhor deve saber Ícaro possuía um crematório.

Pela primeira vez durante toda a conversa Quintela demonstrou uma inquietação nos olhos, pousando as costas sobre o encosto da cadeira.

— Mas ele está morto.

— Verificamos todos os crematórios que estão abertos na cidade e nas cidades vizinhas e como não achamos nada, verifiquei os que não estavam mais em funcionamento e o único que foi fechado em um período de cinco anos foi o de Ícaro. Estranhamente a casa parece ter sido abandonada e o forno crematório sumiu.

— Mas se não há nada lá...

— Quando Ícaro morreu o crematório ainda existia?

— Sim, existia. Aliás, foi por isso que ele foi morto. Ícaro era daqueles imigrantes carrancudos, mas muito boa pessoa, devo ressaltar. Não confiava muito no sistema bancário. Ele dizia “não vou deixar que aqueles sanguessugas de gravatas façam dinheiro com o meu dinheiro em troca desses juros ridículos”. Ele mesmo tinha um cofre em casa e acho que alguém ficou sabendo disso.

— Mas se ele não tinha parentes quem ficou com a propriedade, com o dinheiro no cofre e principalmente quem levou o forno?

— Eu não disse que ele não tinha parentes, disse que não tinha parentes próximos. Foi por isso que eu assinei os papéis. Algumas semanas depois a irmã dele veio da Itália e eu entreguei as chaves a ela. Disse sobre o cofre e depois disso eu não soube mais o que aconteceu.

— Ela simplesmente abandonou a propriedade?

— Até onde eu sei Ícaro não era muito ligado à família, ele tinha alguma briga com o lado de lá.

— Mas o dinheiro ela levou?

— Você pode não gostar dos seus parentes, mas sempre vai gostar do dinheiro deles, detetive.

— Ela não vendeu a propriedade, mas vendeu o forno?

— Desculpe, detetive, mas como eu disse, depois que entreguei as chaves eu nunca mais tive notícias.

Houve aquele momento. Aquele momento onde duas pessoas se olham procurando uma falha, um sinal, algo que pudesse ser desmascarado. Mas ambos se olhavam de forma sincera e sem preocupação.

— Imagino que o senhor seja aposentado.

— Exatamente.

— A aposentadoria não é muito boa não é, em termos financeiros?

— Como o senhor pode ver pelo meu apartamento, não é mesmo. Mas a única coisa que eu precisava — Quintela olhou mais uma vez para a fotografia na geladeira — eu não tenho mais. Um velho não precisa de nada a não ser de companhia.

— O senhor fazia o que antes de se aposentar?

— Trabalhava em um reformatório infantil para menores infratores.

E foi dessa forma que a conversa ganhou um novo rumo. Artur conseguia escutar o som das peças do quebra-cabeça sendo arrastadas na mesa, o som de uma peça se encaixando em outra e começando a mostrar algo. Uma possibilidade. Um talvez.

— Por acaso é o mesmo dirigido por um sujeito chamado Juarez?

— Hmm, ele é um cretino e tanto — até para ofender alguém Quintela se mostrava calmo.

— Você conheceu um jovem chamado David?

— David — era possível notar que a lembrança do interno despertou algo em Quintela, algum sentimento nostálgico e carinhoso de quem realmente se preocupou com o rapaz e esperava que ele estivesse bem, embora a pergunta específica do policial o fizesse deduzir que ele havia se metido em alguma encrenca das grandes. — Sim, eu lembro de David. Foi um garoto difícil de se aproximar. Muito fechado. Muito amedrontado.

— Eu imagino que não deva ter sido uma infância fácil.

— Não, detetive, foi bem mais do que isso. O senhor já viu como um cachorro fica quando é muito maltratado? Como ele se encolhe todo na presença de qualquer pessoa que chega perto dele? Mesmo que essa pessoa não seja a mesma que o maltratou, o animal não consegue distinguir isso, ele simplesmente pensa que irá apanhar novamente e vai para um cantinho e fica lá, todo encolhido no próprio corpo como se quisesse entrar nele mesmo. David era assim. Uma criança que sofreu demais. Mas, me diga por favor, por que pergunta sobre David?

— Porque eu acho que ele é quem matou todos esses casais. E acho que ainda não terminou o que começou.

Quintela se movimentou desconfortavelmente na cadeira e olhou mais uma vez para a foto da mulher na porta da geladeira. Era sempre assim, mesmo antes dela morrer. Quando presenciava algo que podia fazê-lo perder a fé na humanidade, ele olhava para a foto dela. Era o que precisava para lembrar que algumas pessoas fazem valer o trabalho de tentar salvar o mundo.

— Por que você acha isso, detetive?

— Algumas pistas apontam para ele. O problema é que eu não consigo encontrá-lo e nem tenho uma fotografia recente dele para me ajudar nisso.

— E o retrato daquele homem que apareceu na TV?

— Ele não está envolvido... diretamente. Quintela, o senhor tem alguma ideia de como encontrar David?

Quintela olhou mais uma vez para a fotografia da mulher.

— Eu adoraria poder ajudar, detetive. Mas eu não tenho contato com David há muito tempo.

— Qualquer informação pode ser útil.

— Acha que porque eu sou velho eu preciso que me force a lembrar das coisas, detetive?

— Talvez sim, a idade costuma fazer com que as pessoas se esqueçam de algumas coisas e às vezes um estímulo ajuda.

— Você é muito sincero, detetive. É uma maneira interessante de ser. Mas posso garantir que minha memória permanece bem saudável.

Artur colocou o cigarro na boca para sentir o gosto do filtro e olhou para o retrato da simpática senhora que sorria com os olhos.

— Qual era a sua função no reformatório? — o policial disse sem desviar o olhar da fotografia e ainda com o cigarro preso entre os lábios.

— Minha função era olhar e não deixar que os jovens arrumassem confusão entre eles. Mas eu sempre fui um daqueles empregados que não conseguia ficar com a boca fechada, sabe?

— Eu sei bem.

— Eu via crianças entrando e saindo do mesmo jeito do reformatório. Qual é o propósito de uma instituição dessas se não for para ajudar de verdade, se não for para orientar essas crianças. Eu gostava de conversar com elas, de descobrir o que as atormentava e tentava ajudar da forma que podia. Muitas vezes só era preciso fazer isso, escutá-las. Mas com muitas outras não era tão simples, e a maior dificuldade de ajudar essas crianças era justamente descobrir

o motivo da dor delas. E a maioria dos funcionários dessas instituições, bom, vou ser bem sincero, eles apenas liam as suas fichas: o garoto era espancado pelos pais, a menina tinha que se prostituir para ajudar a alimentar os outros quatro irmãos, e toda um infinidade de formas de se molestar uma criança física e emocionalmente. Eles só descobriam o que estava nas fichas, poucos se davam ao trabalho de descobrir o que de fato é preciso descobrir — Quintela bateu de leve no peito —, o que elas sentem. Você consegue me entender, detetive?

Dessa vez foi Artur que se acomodou na cadeira, aliviando a tensão das costas no encosto do móvel.

— Na delegacia todos conhecem a história de um jovem detetive que trabalhou lá há muitos anos. Ele estava bem no começo da carreira e ainda não tinha sido... dessensibilizado pelo mundo — Quintela projetou o corpo para frente demonstrando interesse. — Dizem que esse detetive, toda vez que investigava um caso suspeito de homicídio e descobria que foi suicídio, ele continuava investigando, ele não conseguia parar, ele queria descobrir o motivo que fez a pessoa meter uma bala na cabeça ou pular de um prédio. Um dia esse detetive foi encontrado no seu apartamento, sentado na poltrona com a cabeça pendendo pra trás e sua própria arma caída no chão. Ele tinha dado um tiro na boca. O boato que rolou na delegacia é que ele enfim tinha descoberto o motivo que fez uma das pessoas ter se suicidado.

O celular de Artur tocou dentro do seu bolso e ele atendeu o delegado enquanto encarava Quintela.

— Droga. Estou indo.

Artur se levantou e ajeitou a camisa. Quintela continuou sentado em silêncio.

— Às vezes, senhor Quintela, é melhor não descobrir o que as pessoas sentem. Outro casal foi assassinado. Eu tenho que encontrar o David antes que ele mate mais pessoas.

Artur entregou seu cartão ao homem que continuava sentado à sua frente.

— Preciso que o senhor me passe o contato da irmã de Ícaro até amanhã de manhã, pode fazer isso?

Ele apenas balançou a cabeça positivamente sem dizer uma palavra e Artur se despediu com um olhar de quem já havia sido dessensibilizado pelo mundo. Quintela permaneceu no mesmo lugar, na cozinha impecavelmente branca, arrumada e quieta demais para continuar ali. Olhou para a foto da mulher:

Espero que você me escute dessa vez, David.

William estava deitado no sofá da sala. De lado, olhava a TV ligada onde um desenho animado que ele lembrava já ter assistido em sua infância passava pela tela. Não havia som e ele não lembrava se tinha colocado a TV no mudo ou se era alguma falha na transmissão. Não fazia diferença. A animação do programa corria em um silêncio oco. Aproveitava a surdez momentânea para focar nos traços infantis do desenho de sua época. Fora o movimento leve do

corpo inflando com a respiração, nenhum outro músculo parecia se dar ao trabalho de fazer algo. Até as pálpebras piscavam em longos intervalos e, quando o faziam, parecia por mera obrigação.

Quando a campainha da porta tocou, William continuou estático. Só quando soou pela segunda vez, se alongando em um período maior de tempo, é que ele movimentou os olhos dentro do globo ocular, como um cão deitado que aponta as orelhas em direção a algum movimento percebido ao redor.

O terceiro grito da campainha o colocou de pé e ele, em uma caminhada arrastada, foi até a porta. Não havia olho mágico, mesmo assim, ele ficou alguns segundos diante da entrada fechada. Pela fresta no assoalho era possível ver a sombra do alguém. O silêncio foi quebrado pela quarta tentativa da campainha. A pessoa do outro lado não segurava o botão por muito tempo, fazendo parecer que não tinha pressa de ser atendido e que continuaria ali, paciente, até a porta ser aberta.

Quem será? — pensou.

— Sou eu, William — a voz doce e familiar fez seus olhos finalmente reavivarem. Mesmo assim, ele permaneceu em silêncio e sem fazer nenhum movimento em relação a fechadura.

— Abre pra mim, abre.

A porta fechada modificava o som que entrava em seus ouvidos, mesmo assim, o tom ainda causava uma alegria involuntária em seu corpo.

William finalmente abriu a porta e a viu. Ele a conhecia e por isso era fácil perceber que por trás do sorriso sincero a tristeza estava lá, como uma imperfeição na pele coberta por maquiagem. Maquiagem, aliás, que William sempre dizia que Juliana sabia fazer muito bem, sem exageros, apenas realçando o que poderia se realçar e deixando como era o que não precisava de retoque algum.

Uma mosca passou voando entre eles, zumbindo em ziguezague como um animal de estimação querendo chamar a atenção do dono. Juliana sacudiu a mão no ar espantando o inseto inconveniente que voltou para dentro do apartamento.

— A casa... está uma bagunça.

— Tudo bem, eu, na verdade eu passei aqui justamente pra te convidar pra sair um pouco.

— É que...

— Não vai ter drama, William, é só um café, ar puro, aliás — Juliana percorreu com os olhos o que podia ver do apartamento —, ar puro não seria nada mal.

William balançou a cabeça concordando com ela.

— Tenta não reparar a bagunça, eu vou só colocar uma outra roupa.

— Eu prefiro ficar esperando aqui fora.

William a olhou em silêncio por breves segundos, depois desapareceu dentro do apartamento. Juliana aproveitou o momento a sós e esticou a cabeça para dentro do imóvel. Conseguiu ver um pedaço da pia na cozinha onde a louça suja se equilibrava em pilhas e qualquer outro espaço possível. Não conseguia ver muita coisa de onde estava, mas, a julgar pelo cheiro estranho, imaginou o

estado dos outros cômodos. Ela se afastou da entrada, ficando mais próxima do elevador e aguardou. Foi possível escutar a sequência de preparação: William escovando os dentes, gavetas se abrindo e fechando com pressa, água correndo pela torneira. Não demorou muito e o psicólogo reapareceu na porta com uma clara tentativa de parecer mais ajeitado. Embora não fosse possível esconder da ex-noiva o seu real estado. Físico e emocional.

Dentro do elevador os dois mantinham uma distância forçada, como dois ímãs querendo se unir, mas segurados por alguma força maior. William ainda sofria com o desconforto causado pela pressão do colete ortopédico que o mantinha obrigatoriamente ereto como um soldado.

Ao saírem do prédio Juliana sorriu para o conhecido porteiro que a deixou entrar sem a necessidade do consentimento de William. O funcionário, não sabendo do rompimento dos dois, ainda cumprimentou calorosamente o casal que sempre fora tão simpático com ele e todos os outros funcionários do prédio.

— Bom passeio! — disse de dentro da guarita.

O café ficava na mesma rua, a menos de três minutos de caminhada. Durante o curto caminho, nenhum dos dois disse palavra alguma. Com as mãos livres, caminharam próximos um do outro, sem pressa nos passos.

Ao chegar, sentaram-se em uma mesa mais ao fundo, longe da movimentação da entrada. Conhecidos pelos funcionários, foram rapidamente atendidos por Clara.

— Oi, pessoal como... ei, William, o que houve com essas costas?

William tentou encontrar uma resposta entre os gaguejos.

— Ele vai ficar bem, Clara — disse Juliana. — Eu vou querer um café, com leite, grande, por favor e William...

— Café — o psicólogo respondeu com um olhar rápido para a atendente —, puro.

— Grande também, né?

— Isso, Clara. Obrigado.

— Ok Melhoras, William. Sabe que se precisar de algo é só ligar aqui que levamos para o senhor.

— Obrigado, Clara.

— Eu já volto, gente.

Assim que a atendente saiu os dois se olharam. Um sentado à frente do outro, as mãos sobre a mesa respeitavam o território da formalidade.

— A gente não precisa agir como se fôssemos estranhos, não é? Não precisamos ser assim.

— Você tem razão — disse William. — Como... eu me sinto meio idiota começando a conversa perguntando se...

— Eu não estou bem, William. Claro que não. O que aconteceu, bom, foi realmente uma surpresa. Na verdade, tudo o que aconteceu, às vezes, quando eu acordo dá aquela sensação de será que isso que está na minha cabeça é real? Tanta coisa mudou em tão pouco tempo. Eu, nossa — Juliana deixou escapar um longo suspiro —, estou tentando entender ainda, sabe?

William balançava a cabeça como se fosse um sinal para que ela

continuasse.

— Eu não vim aqui para ser atendida, hein, William, eu não vim aqui só para falar — ela tentava amenizar a frase com um sorriso.

— Eu sei, Ju, eu sei. Eu, bom, tudo o que eu disse naquele...

— Aqui está gente — Clara apareceu com o pedido sobre uma bandeja.

— Café preto para William e com leite pra você. Só isso por enquanto, queridos?

— Sim, Clara, por enquanto está ótimo, obrigada.

— Fiquem à vontade, gente.

William esperou que a atendente se distanciasse. O psicólogo olhou para Juliana que devolveia o olhar em silêncio.

— Agora eu que estou me sentindo sendo atendido — em sua mente tentou esboçar um sorriso, mas no rosto não houve nenhuma mudança.

— Você sabe que eu não vim aqui para te colocar contra a parede. De forma alguma eu faria algo desse tipo. Você passou por muita coisa, eu passei por muita coisa, nós passamos — Juliana levou a xícara próxima à boca e, enquanto soprava a bebida quente, o vapor se dissipava no ar. Colocou a xícara na mesa sem dar nenhum gole. Um silêncio permaneceu entre eles, mas nenhum dos dois fugia do olhar do outro.

— Lembra quando eu fiquei fora? Depois da faculdade?

— Claro. Foram dois anos e meio — respondeu William, dando um gole na bebida quente.

— Eu fiquei pensando nisso. Fiquei pensando, poxa, a gente namorou na faculdade, depois eu fui morar fora, cada um tocou sua vida e depois de dois anos e meio a gente se reencontra no segundo dia que eu estou de volta e reatamos o namoro como se tivesse sido um fim de semana longe um do outro. Quase três anos de distância não foram suficientes para separar a gente e...

— É diferente, Ju, bem diferente.

— Eu sei que o Cris morreu e eu, nossa, jamais iria comparar isso com qualquer outra coisa que já aconteceu com a gente. Mas, aquilo que você disse, que não me amava mais, William, não é como psicóloga que eu estou falando isso, não é como psicóloga que gostaria de compreender o que nos trouxe até aqui. Eu vim conversar como amiga e também como a mulher que te ama. E que amiga ou mulher que diz te amar seria eu se aceitasse aquelas besteiras que você me disse? Eu não quero desistir. E não é porque não quero aceitar o término do nosso relacionamento. Eu não quero desistir porque eu não acredito no William daquele dia. Eu acredito no William de todos os outros dias. Um homem que — Juliana olhou para cima como sempre fazia quando a emoção ameaçava vir na forma líquida —, droga, eu disse que não iria ter drama, me desculpa, droga. Desculpa — ela aproveitou que o café estava morno e virou metade do copo na boca tentando distrair os sentidos.

— Eu — William parou antes de continuar —, Ju, eu sinceramente, é claro que eu amo você, mas é, é de um outro jeito. Talvez ter jogado a culpa na morte do Cris, digo, aquilo, o que aconteceu realmente mexeu bastante comigo, bastante e, até agora eu fico repassando e repassando aquela noite na minha cabeça tentando entender onde foi que eu errei.

— William...

— Por favor, calma, deixa eu terminar.

— Você não pode ficar se culpando do jeito que está.

— Você não estava lá, Ju. Eu estava dirigindo. Eu... que estava dirigindo. Teria sido melhor — William parou —, teria sido melhor se eu tivesse morrido e não ele. Eu que estava guiando.

— Você não está se dando conta do que está fazendo com você mesmo.

— Não, na verdade eu sei. Eu sei que eu estou fazendo isso comigo mesmo. Eu tenho consciência disso. Eu mudei, Ju. Você pode querer acreditar no William de antigamente e eu também queria que fosse ele que estivesse sentado aqui na sua frente. Mas querendo ou não, a gente muda. A gente muda ou é mudado. Não há como escapar dessas duas opções.

— Pode ser que não, William. Mas há uma diferença entre mudar e ser mudado. Você mesmo disse que não deveria ter jogado a culpa dessa mudança na morte do Cris. Então, se você mudou, foi uma escolha consciente. É isso mesmo que você quer ser? É esse o novo William que o mundo merece?

— Talvez não seja o que ele merece, mas é o que ele precisa.

— Você diz isso como, como se fosse um dever agir como está agindo, eu não consigo entender, William.

— E é justamente por isso, Ju, que você não é mais a mulher pra mim.

Os dois ficaram em silêncio. A xícara do psicólogo estava vazia e ele fez um sinal para Clara trazer outra. Olhou para a ex-noiva que enxugava o rosto de forma contida, como se puxasse a lágrima fujona por uma rédea.

— Sinceramente, William, nisso que você está tentando me fazer acreditar eu não acredito. Tentando ser algo que você nunca foi. Mas se você quer que eu acredite em algo que não é o que é, então isso já é uma mentira. William — Juliana parou um segundo antes de continuar —, se cuida. Mas se cuida de verdade.

Juliana se levantou no mesmo momento que Clara chegava trazendo a nova xícara de café. A psicóloga abriu a carteira para pegar o dinheiro, mas foi interrompida por William que segurou seu braço.

— Eu.... deixa, eu pago.

Clara, meio sem jeito com a situação, se distanciou deixando o casal a sós. William soltou o braço de Juliana que, dessa vez, foi embora acreditando que não haveria mais volta para os dois.

William encarou a xícara deixada em sua mesa e permaneceu esperando até que seu interior esfriasse com o tempo. Os olhos úmidos, em contenção, como uma barragem tremulando com a pressão da água.

Artur desceu do táxi que o levou até o endereço informado pelo delegado. Três viaturas da polícia bloqueavam a rua e alguns policiais que conversavam com vizinhos anotavam informações. O detetive caminhou pela calçada e, antes de entrar na residência, olhou para os dois carros brancos da Instituição Psiquiátrica Sagrado Coração de Jesus parados um atrás do outro.

Como um lugar para internar pessoas que enxergam coisas que outras não conseguem ver tem um nome religioso?

Atravessou o quintal onde mais policiais vistoriavam o local. Ao entrar na pequena sala viu as três cadeiras que formavam o triângulo conhecido das outras cenas. Escutou uma movimentação maior no cômodo ao lado e, quando atravessou a porta que levava até à cozinha, viu os corpos dos dois homens do hospital psiquiátrico.

Um deles estava curvado para frente, com a testa apoiada na mesa e os braços pendendo no ar e, ao seu lado, o outro rapaz estava com as costas apoiadas na cadeira, a cabeça jogada para trás com a boca escancarada e os olhos petrificados encarando o teto.

Artur olhou para uma xícara quebrada no chão, logo abaixo de um dos braços pendentes do homem curvado sobre a mesa. Uma mancha preta de café borrava o branco imaculado do piso da cozinha. O detetive se abaixou para olhar a xícara mais de perto, segurando a gravata para não tocar no chão. Levantou e olhou a outra xícara que estava em cima da mesa ao lado do segundo corpo. Havia café espalhado pela toalha florida.

— Senhor?

Artur olhou para o policial que o chamava atrás dele.

— Preciso te mostrar uma coisa.

O detetive acompanhou o policial para fora da cozinha e os dois subiram uma escada que levava para o segundo piso da casa. Viraram à esquerda no estreito corredor e o policial parou do lado de fora de uma porta aberta que dava para um quarto. Ao entrar, Artur viu outros dois corpos estendidos na cama de casal. Estavam deitados de lado, um de frente para o outro, ambos com as mãos atadas por uma tira de plástico e cada um com um buraco de bala que entrava pela têmpora. A cama tinha duas grandes manchas de sangue sob a cabeça de cada um que se uniam no centro, próximas aos rostos quase colados, fazendo parecer uma única mancha vermelha no formato do símbolo do infinito.

— Imagina olhar seu marido ou sua mulher levar um tiro na cabeça e ainda saber que será o próximo.

Artur não disse nada em resposta ao sentimentalismo do policial. Curvou o corpo para olhar mais de perto a tira que prendia os pulsos das duas vítimas. Olhou ao redor do quarto que estava com as cortinas fechadas. Caminhou pelo cômodo e viu alguns porta-retratos sobre o móvel em frente à cama. Desceu as escadas indo para o quintal da casa onde um policial conversava com dois homens vestidos de branco com o nome da Instituição Psiquiátrica Sagrado Coração de Jesus bordado no peito da camisa polo.

— Qual é o motivo da instituição psiquiátrica? — perguntou o detetive.

— Os pais da criança eram esquizofrênicos e estavam internados lá. Um ou dois dos nossos enfermeiros traziam eles aqui a cada quinze dias para visitar o garoto.

— Eles viviam juntos no hospital?

— Em quartos separados. Não podíamos deixar os dois sozinhos um minuto, senão teríamos mais umas dez crianças aqui. O Jorge adorava o casal, estava com eles desde que tinham chegado ao hospital.

— Quem é Jorge?

O enfermeiro acenou com a cabeça em direção à casa, onde estavam

os corpos.

— Às vezes ele trazia os dois sozinhos, mas a mulher era mais imprevisível, tinha uns ataques de violência. Quando isso acontecia na frente do marido, ele também ficava bastante agressivo, tentava proteger a mulher.

— A criança tem algum problema?

— Não, ela nasceu normal, graças a Deus.

Ao lado, o policial que estava em silêncio deixou escapar uma risada.

— O que foi? — perguntou o enfermeiro.

— Nada não — disse em tom de deboche, mas foi ignorado pelo enfermeiro.

— E a criança? — perguntou Artur.

— Foi levada para o hospital. Ela está em estado de choque.

— Droga, vocês vão pegar esse cara ou não? — o outro enfermeiro era mais incisivo.

— Ele é um sujeito esperto.

— Mas que merda, vocês deveriam ser os espertos. Vocês são pagos pra isso.

— E ele faz de graça, o que é muito pior. Faz porque gosta.

— Ele é que devia estar lá com a gente, amarrado em uma sala.

Artur acenou com a cabeça para os dois enfermeiros e saiu do grupo chamando o policial para acompanhá-lo.

— Quando a criança for liberada eu quero que uma viatura fique vigiando a casa para onde ela for levada, provavelmente um vaso de flores será entregue para ela, a pessoa que vai levar não tem nada a ver com o suspeito, mesmo assim leve o vaso e o entregador para a delegacia.

— Como esse cara fez isso?

— Descobriu o esquema da visita, veio antes para render os avós da criança, abriu o portão se passando como alguém próximo da família, envenenou os enfermeiros e fez o que anda fazendo — Artur deu as costas ao policial que não teve tempo de esboçar nenhuma palavra.

No seu apartamento, Quintela revirava papéis dentro de uma pasta que tinha retirado do alto do seu armário. A pequena escada de alumínio ainda estava aberta ao lado do móvel e ele estava sentado na cama de casal em busca de uma anotação há muito tempo deixada de lado. Encontrou o pedaço de papel e olhou os números com a esperança de o telefone ainda existir.

Foi até a sala e digitou a numeração no teclado do telefone fixo. Prendia a respiração a cada chamada da ligação. Do outro lado da linha o celular tocava e vibrava dentro da gaveta de um móvel de madeira. A voz mecânica da secretária eletrônica que atendeu à ligação sugeriu que Quintela deixasse um recado, mas ele preferiu tentar novamente.

O celular dançava de um lado para o outro com a vibração de cada chamada. Quintela não desistia. Já estava na sua terceira tentativa quando finalmente o telefone foi atendido.

— Alô.

— David? Que bom que ainda tem esse número.

— Aconteceu alguma coisa, Sr. Quintela?

— É você que vai me dizer, eu preciso falar com você. Pessoalmente.

— Não é uma boa hora, Sr. Quintela.

— Prefere que eu fale com o policial que acabou de sair da minha casa perguntando por você?

O silêncio colocou uma vírgula na conversa.

— Diga seu endereço, eu vou aí agora. Eu realmente preciso saber se eu me enganei tanto.

— Sr. Quintela, por favor, o senhor não pode vir aqui. O senhor não.

— David, eu sei muito bem das consequências. Ou você fala comigo ou eu falo com a polícia.

Quando Quintela chegou ao endereço dado por David, lembrou-se das vezes que tinha ido à casa dos pais de alguma das crianças que orientava no reformatório. Quase sempre era recepcionado pela visão de um lar desprovido de amor e atenção. Casas largadas com homens e mulheres ainda mais desajustados que os jovens que tentava ajudar. Por esse motivo, tinha parado de tentar orientar os pais, mas nunca tinha desistido de nenhum jovem, mesmo que ele tivesse se entregado à própria sorte.

Parou em frente ao portão de ferro e tocou a campainha na esperança de que quem abrisse não fosse o assassino mais procurado da cidade. O portão se moveu sem ter ninguém à sua espera e ele entrou com passos calmos pelo quintal.

— Aqui atrás.

O portão se fechou rapidamente sob suas costas. Seguiu a voz até o fundo da casa, onde uma luz amarelada iluminava o vasto jardim de rosas e David o esperava sentado em uma cadeira. Quintela sentou ao seu lado e permaneceram assim por alguns minutos, cada um escutando o silêncio do outro. Até que finalmente Quintela começou.

— Eu lembro até hoje quando você chegou no reformatório, com um policial de cada lado te escoltando como se você fosse o homem mais perigoso do mundo. E você só tinha o quê, doze ou treze anos?

— Doze.

— Doze. E tinha a cara toda emburrada de “é bom você não mexer comigo”. Você era só uma criança. Uma criança que passou por coisas demais — Quintela fez uma pausa. — Lembra de quantas vezes você me disse “meu lugar não é aqui, meu lugar é lá fora, no mundo selvagem”. Lembra?

— Eu sempre fui um selvagem.

— Todos nascemos selvagens, David.

— O senhor acredita realmente que as pessoas são capazes de mudar?

— Se eu não acreditasse não estaria lá no dia que você chegou. Não estaria lá em todos os outros dias. E não estaria aqui hoje.

— Então está provado que as pessoas não mudam e que a idade não as torna mais sábias.

— Sabedoria não tem nada a ver com idade, David. Tem a ver com o que o mundo te dá e o que você aprende com isso.

— O mundo nunca me deu nada, ele só arrancou de mim. Meu pai, minha mãe, minha infância, tudo, tudo que eu tinha foi tirado de mim e do jeito mais cruel. E quando eu achei que tinha ganhado uma segunda chance, o mundo veio e tirou isso de mim mais uma vez.

— Você acha o que, David? Você acha que é especial, hein? Que a vida só escolheu você como saco de pancadas? Toda hora alguém está levando um coice do mundo. Mas é justamente isso que faz cada momento de alegria tão precioso. É a fome que faz um prato de arroz e feijão ser a coisa mais gostosa do mundo.

— E que momentos de alegria eu tive? Quando eu coloco a cabeça no travesseiro eu não posso voltar no passado e escolher uma lembrança boa para me dar esperanças de que amanhã será diferente. Eu não tenho nenhuma lembrança boa. E se um dia eu tive, já não importa mais.

— Se não importa é porque você resolveu dar mais importância para as coisas ruins.

Quintela parou a conversa mais uma vez, como um técnico que pede tempo para esfriar o time adversário.

— Olha só esse céu.

David olhava apenas para a sua frente, para o quintal de rosas.

— Sêrio — reforçou com um toque amigável de cotovelo —, dá uma olhada.

— Estou vendo. Escuro e cheio de nuvens. Igualzinho à vida.

— Você tem razão. Mas continua olhando. Espera... espera... está vendo? Está vendo como as nuvens se movem e vez ou outra quando abre uma brecha é possível ver uma estrela? Depois vem outra nuvem e a encobre novamente só para ela aparecer brilhando em outra oportunidade.

— Isso só prova que a escuridão é muito maior.

— Isso só prova que a luz está sempre esperando uma brecha para aparecer.

— Igual ao senhor.

— E você acha que eu fico brilhando o tempo todo? Você acha que eu nunca tive vontade de pegar alguém pelo pescoço e apertar. Quando eu estava sentado ao lado da minha mulher, com a minha mão sobre a dela, e o médico disse “não há nada mais que a gente possa fazer, sinto muito”, minha vontade foi de pular sobre a mesa, agarrar aquele sujeito pelo colarinho branco e socar a cara dele por ousar dizer que devíamos desistir.

— Ela era uma boa pessoa.

— Sim, era. E mesmo assim a vida a arrancou de mim.

— É por isso que o senhor veio aqui hoje? Porque não aguenta mais viver sem ela?

— É claro que eu consigo viver sem ela. É doloroso, mas é possível seguir em frente.

— E quando o senhor vai me perguntar se fui eu que matei aquelas pessoas?

— O detetive tem quase certeza que foi você. Além do mais, o pai e a mãe assassinados, a língua cortada, a criança que é deixada viva depois de assistir tudo. Eu sei que você não concorda com tudo que eu digo, mas não pensei que me achava burro.

— Eu não acho.

Houve um breve momento de silêncio.

— Ela iria adorar esse seu jardim.

— Duvido.

— Ela iria sim. Ela sabia ver o lado bonito das coisas.

Mais uma vez os dois ficaram em silêncio, ambos olhando para frente, para o jardim.

— Por que você não me entregou para a polícia?

— Eu sei que não seria isso que faria você repensar nas coisas. Mas o detetive vai voltar a me procurar.

Quintela virou o rosto para encarar David, que evitou seu olhar.

— Você sabe, Sr. Quintela, que ele não vai mais te encontrar, não é?

— Olha você me chamando de burro mais uma vez—Quintela dizia de forma calma.

— Eu não queria que o senhor tivesse sido envolvido nisso.

— Se você não tampar o buraco que tem aí dentro, filho, ainda vai arrastar muitas pessoas pra dentro dele.

Quintela tirou um pedaço de papel do bolso e entregou a David.

— O que é isso?

— Esse é o cemitério onde minha mulher foi enterrada. O detetive me contou sobre os vasos. Como eu disse, minha mulher iria adorar suas flores. E eu gostaria de ficar ao lado dela. Pode fazer isso?

David levantou o olhar para o céu escuro e ficou observando em silêncio antes de responder.

— Eu vou escolher as flores mais bonitas para o senhor.

— Elas brilham mesmo depois de mortas— Quintela olhou novamente para o céu.

David se levantou da cadeira e entrou na casa. Voltou carregando a arma na mão com o silenciador já na ponta do cano. Olhou para Quintela que ainda estava com a face voltada para o céu, mas agora com os olhos fechados e uma expressão serena de quem aceita a chegada da morte como quem aceita um beijo no rosto.

— Está com medo? — David perguntou com a voz carregada.

— Não. Só estou de olhos fechados porque a última lembrança que quero ter é a do garoto que ainda tenho esperança de que seja feliz e não do homem que vai puxar o gatilho.

David também fechou os olhos. E, dessa vez, ele não podia culpar o mundo de arrancar mais uma pessoa da sua vida. Dessa vez ele teve que aceitar a responsabilidade de ser quem ele decidiu ser.

Artur estava parado em frente a um quadro pendurado em uma das paredes da delegacia. Entre algumas fotos e avisos, ele encarava o retrato de Bete, que nunca mais foi vista. Era difícil sentir falta de alguém, mas ele sentia falta dela. As investigações sobre seu desaparecimento ainda prosseguiam, mas a cada semana com menos interesse do departamento que não podia se debruçar por longos períodos em cada caso. Principalmente quando não surgiam novas pistas para dar fôlego à busca. Ele mesmo havia desobedecido às ordens de Aristes outras três vezes na tentativa de ajudar a investigação da sua única amiga e, em todas elas, tinha sido advertido com o argumento de que era preciso focar no seu próprio caso, já que também não tinha evoluído o suficiente para encontrar o tal David. Toda semana, Oscar, o marido de Bete, telefonava para Artur. Ele sabia que o detetive ligaria caso soubesse de algo, seus telefonemas eram mais como um lembrete, um pedido para que o policial não se esquecesse de sua mulher.

Mas Artur sabia que era necessário seguir as ordens de Aristes. Não porque era seu chefe, mas porque ainda estava muito longe de alcançar o assassino dos casais.

Já haviam-se passado quase dois meses do ataque ao casal da instituição psiquiátrica e nenhum outro caso foi registrado pela polícia. Artur continuava a investigação, mas o fato de o assassino ter parado repentinamente e de nenhuma nova pista ter sido descoberta fez com que Aristes pressionasse o detetive a solucionar o caso ou arquivá-lo.

— Ele não iria parar de uma hora para a outra — insistia.

— Artur, quando eu te perguntei no começo da investigação quantos casos ele precisava para fazer esse tal estudo, você me disse que quantos ele achasse necessário. Talvez ele só precisasse de cinco.

— Talvez? O senhor quer encerrar um caso desses com um talvez? Talvez não é uma solução, senhor.

— Você acha que eu estou feliz em não ter esse desgraçado atrás das grades? É isso que você acha? Não, eu não estou, Artur. E meus superiores também não estão felizes com isso. Nem os superiores deles. E eles estão ainda mais insatisfeitos com os números de assassinatos que não param de subir nessa cidade.

— Senhor...

— Dois meses, Artur, dois meses e nada desse desgraçado atacar de novo. Quanto a isso eu até fico feliz, o que eu não posso aceitar é que essa investigação continue sem você me apresentar nada novo.

— Senhor, nós já temos um nome, temos...

— Eu não preciso de um nome, Artur, eu preciso de um corpo para colocar atrás das grades ou dentro de um buraco. Eu preciso de um culpado.

— Não podemos desistir agora.

— Agora? Você fala como se estivesse perto de alguma coisa.

— E nunca vamos chegar perto de nada se...

— Artur, você é a porra do detetive mais racional dessa delegacia, mas se você não está conseguindo pensar racionalmente, então deixa eu refrescar sua

memória. Você diz que foi esse tal de David, mas esse sujeito simplesmente parece nem existir mais. Tinha também aquele senhor aposentado, mas ele também desapareceu. Você gastou uma ligação internacional para falar com a tal irmã do dono do crematório lá na Itália e ela te mandou a merda só de ouvir o nome do irmão falecido, e além disso não tem nenhum registro da vinda dela pra cá — Artur apenas escutava, não podia dizer nada porque seu chefe estava nervoso demais para receber um argumento contrário e também porque o detetive, no fundo, sabia que o delegado tinha razão. — Pra finalizar, o vaso com as cinzas do último casal foi enviado direto pra nossa delegacia, ele nem fez questão de enviar para a criança.

— É claro que ele não fez questão, ele sabia que a gente iria interceptar a entrega.

— Artur, pra mim está mais do que claro de que isso foi um sinal que ele iria parar. O sujeito pode até ter sido morto por alguém.

— Ótimo, esse não é o departamento de homicídios?

— Chega, Artur. Se o sujeito der as caras de novo nós retomamos a investigação. Até lá você vai ter outros casos para resolver.

Artur chegou à sua mesa e ficou de pé, olhando o mórbido santuário que ela havia se tornado, com fotos, anotações, desenhos. Pegou uma caixa e foi colocando a pasta com a ficha de cada casal dentro dela. Antes de guardar, ele abria cada uma e passava os olhos nas anotações. Um olhar atento, cuidadoso. Depois pegava as fotografias das cenas dos crimes e observava com atenção, com um fio de fé de que veria algo que não tinha reparado, alguma coisa, algum objeto que teria o poder de fazer a engrenagem funcionar. Procurava aquele estalo.

Pegou o maço de cigarros, tirou um e colocou entre os lábios. Os olhos percorriam a fotografia como se pudessem tocá-la fisicamente, como quem está se despedindo de alguém que não quer deixar partir. Mas, pouco a pouco, ele era vencido pela racionalidade do mundo real que exigia velocidade, que dava pouco tempo para se dedicar a assuntos importantes. O relógio de parede rodava. Uma a uma, foi depositando as pastas dentro da caixa de arquivo.

Seus movimentos tinham tamanha lentidão que era clara a sua vontade de não parar por ali, de não desistir. Pegou um mapa, abriu e olhou as marcações de todos os lugares por onde o suspeito havia passado. Percorreu cada uma com a ponta do dedo indicador, lendo o endereço em voz baixa na mesma tentativa desesperada de encontrar algo novo, uma ideia absurda, que seja. Mas nada, nem mesmo algo remoto passou pela mente. Dobrou o mapa e o colocou na caixa. Deu uma olhada nas cópias dos relatórios e anotações, folheou, folheou, releu. Nada. Colocou dentro da caixa. Pegou uma última folha que estava em sua mesa e ficou imóvel por alguns minutos. Quem olhava de fora via a cena quase triste de Artur, de pé, um cigarro apagado entre os lábios, encarando uma folha que ele segurava com uma das mãos. O retrato falado do rosto de Marcos. A máscara do assassino. A face que escondia a outra. Uma máscara de papel, algo tão frágil e tão violento.

Com o abrir dos dedos, deixou a folha cair dentro da caixa. Uma folha, mas tão pesada.

— Artur? Aristes mandou te entregar isso. Triplo homicídio no Centro. Testemunhas disseram que um carro parou na frente do bar e abriu fogo. Ninguém sabe dizer o modelo do carro, uns dizem que é preto, outros dizem que foi um carro vermelho.

— Nunca acaba.

— Nunca.

Dez anos depois.

Artur estava em sua mesa analisando a ficha de autópsia de um homem encontrado morto em sua residência. O laudo médico dizia “morte por envenenamento”. Veneno de rato. O homem estava sozinho, a esposa e os dois filhos pequenos tinham ido para a casa da irmã. A viúva disse para Artur que não fazia ideia de quem poderia querer o marido morto. Ela tinha um olho roxo bastante inchado e um corte profundo no lábio inferior.

— Artur?

O detetive olhou para o policial que chegou em sua mesa trazendo uma carta.

— Isso chegou pra você.

Artur pegou o abridor de cartas da gaveta e fatiou a lateral do envelope. De dentro dele tirou um convite.

Você está convidado para prestigiar o lançamento do livro “Como se tornam adultos” do psicólogo William. Um estudo revelador sobre as raízes da natureza humana.

A data impressa no convite dizia que o evento iria se realizar naquele mesmo dia, em duas horas, no teatro de uma universidade no Centro da cidade. Artur virou o envelope e estranhou o fato de não possuir o nome do remetente.

O detetive jogou o convite na mesa e voltou a ler o relatório da autópsia do homem morto por veneno de rato. Lembrou da mulher machucada.

Rato.

Lembrou dos filhos dela. Duas crianças.

Seu olhos escaparam em direção ao convite em cima da mesa.

Como se tornam adultos.

Voltou a ler o relatório.

Veneno de rato.

A vontade de fumar nunca o deixou. Tirou um maço de cigarros do bolso e colocou um na boca sem o acender. Olhou para o relatório da autópsia mas desistiu de lê-lo ao perceber que não estava prestando atenção nas palavras do documento. Além de manter o hábito de utilizar um cigarro apagado toda vez que batia a vontade de fumar, o detetive também tinha adquirido a mania de alisar com o polegar esquerdo a aliança do casamento com Rosa. Toda vez que fazia isso acabava se lembrando automaticamente de Bete, que havia apresentado a amiga durante o jantar que realizara poucos dias antes do seu desaparecimento.

Um estudo revelador sobre as raízes da natureza humana.

Artur colocou o relatório sobre a mesa, apanhou o paletó preto que cobria sua cadeira e saiu da delegacia enquanto o vestia, carregando o convite em uma das mãos.

Já dentro do táxi voltou seus pensamentos aos eventos ocorridos há dez anos. Desceu o vidro da janela no banco de trás do veículo e reparou como tudo parecia exatamente igual.

O táxi parou no sinal vermelho. Uma garota de *dreads* no cabelo fazia malabares e os pedestres passavam de um lado para o outro vindo de ambas as direções. Homens, mulheres, adolescentes. O de sempre. A garota de *dreads* apanhou os malabares do ar, o primeiro, o segundo e o terceiro, e foi caminhando de carro em carro, parando nas janelas e sorrindo teatralmente. Poucos motoristas davam alguma contribuição como pagamento à sua performance. Alguns apenas olhavam o decote que cedia alguns centímetros de visão quando ela se inclinava para agradecer. Um gesto que Artur reparou ser totalmente proposital, já que ela fazia o movimento apenas para motoristas homens.

Esperta.

Ela parou ao lado de Artur e ele deu uma nota de dez fazendo a jovem abrir um sorriso bonito e curvar-se como se estivesse no palco de um grande teatro cumprimentando os aplausos da plateia. Artur queria olhar para baixo, mas se conteve já que a garota se curvava olhando nos olhos. Ela deu um sorriso simpático para o desembargador do detetive.

Quando o táxi voltou a se mover, Artur descansou as costas no banco, deixou a cabeça cair para trás e pressionou o botão no lado interno da porta, fazendo o vidro subir e abafar o barulho que vinha da rua.

Ao chegar à universidade, mostrou o convite do evento ao segurança e passou a catraca sendo orientado pelo funcionário em qual direção seguir. Caminhava entre os prédios reparando na movimentação dos jovens estudantes perambulando para todos os lados em bandos, com risinhos e olhares mal-intencionados. Reparou em um garoto sentado sozinho em um banco lendo um livro e lembrou-se do seu tempo como estudante.

Parou em frente a um prédio onde uma grande placa sinalizava o que havia em seu interior. Subiu o lance de escadas e quase foi atropelado por uma manada de jovens apressados e falantes. Avistou uma porta dupla de madeira grossa envernizada que estava aberta e, ao lado dela, uma mulher de longos cabelos castanhos dava as boas-vindas. O uniforme que usava lhe dava o ar de estudante de Direito prestes a defender seu trabalho de conclusão de curso, mas o sorriso fixo pregado no rosto sem esforço garantia que não era o caso.

Ela anotou o nome de Artur em uma etiqueta adesiva, colou sobre um crachá de plástico que ficava pendurado por uma fita azul de cetim e entregou ao detetive para em seguida direcionar seu sorriso à outra pessoa que estava logo atrás. O policial atravessou a porta dupla com calma, pendurou o crachá no pescoço e se viu dentro de um salão de confraternização.

A entrada do teatro ficava do outro lado e ali era o local onde pessoas eram apresentadas umas às outras, trocavam cartões, sorrisos, apertos de mãos e marcavam encontros que, todos sabiam, nunca iriam acontecer. Mas era questão de educação marcar mesmo assim.

Um grande grupo de pessoas conversava ao lado de uma mesa onde era possível se servir de salgadinhos, sanduíches, café, suco e água. Artur só queria entrar no teatro, sentar em uma cadeira na última fila, escutar o que seria dito e ir embora. Mas viu que seria obrigado a conversar quando avistou Rute, a tia do garoto da comunidade rural, vindo em sua direção sem nenhum sinal de boas intenções. O que era de se esperar, já que Artur não tinha conseguido prender o homem que matou sua irmã e seu cunhado.

Aproveitou para encher um copo de café e não esperava açúcar vindo da conversa que se aproximava.

— Detetive Artur, certo?

— Sim, senhora.

— Eu sou...

— Rute.

— Pelo menos meu nome o senhor não esqueceu.

— Está escrito no crachá — o detetive apontou para o objeto pendurado no pescoço da mulher.

— Pena que o homem que matou minha irmã e meu cunhado não usava um escrito assassino, não é? Quem sabe assim vocês não deixassem ele fugir.

— Realmente seria de grande ajuda.

Ela olhou para trás, onde o grupo em que estava continuava conversando.

— Ele já não é mais uma criança.

Artur olhou para o rapaz e notou, além dos outros adultos, mais três das crianças que tiveram seus pais mortos.

— Eles parecem bem.

— Estariam melhores se a polícia tivesse colocado o monstro que fez isso na cadeia.

— Eu também estaria melhor, senhora.

— Meu marido não queria vir aqui hoje, disse que não via razão pegar a estrada só para lembrar tudo que aconteceu.

— E por que vieram?

— Gratidão. O Dr. William foi um anjo para nossa família e para todas as outras. Ele nunca deixou de trabalhar com as crianças. Mesmo quando alguma delas resolvia parar a terapia, ele sempre estava por perto. Sempre vendo como elas estavam. Não fosse ele, não sei o que seria delas. Ele foi o primeiro a oferecer ajuda, antes mesmo de você ter ido lá em casa ele já tinha aparecido para nos ajudar. Deus colocou esse homem em nossas vidas.

Artur encarou a mulher. Passou pela cabeça do detetive se ela não estaria abalada demais e talvez tivesse se confundido. Artur se lembrava que ele mesmo tinha avisado o psicólogo sobre a criança encontrada na comunidade rural, e que William não tinha comentado nada sobre já saber do crime.

— Senhora Rute...

— Cinco famílias foram destruídas e a polícia deixou o assassino sair impune!

— Querida — o marido chegou por trás da esposa e colocou as mãos sobre seu ombro —, vamos nos sentar. Artur balançou a cabeça cordialmente, mas não teve resposta do homem. Para eles, a polícia tinha falhado com seu dever e Artur concordava com esse pensamento.

Antes de atravessar a porta do teatro, o detetive viu uma pilha feita com exemplares do livro do psicólogo. Artur sentou na última cadeira da plateia formada por fileiras côncavas que se afunilavam como uma seta em direção ao palco, onde um microfone solitário aguardava seu interlocutor.

De onde estava, conseguia ver os quatro adultos que acompanhou desde os oito anos, sentados um ao lado do outro. Apenas quatro. Tinham a expressão séria e sóbria. Artur colocou um cigarro na boca e, poucos segundos depois, um segurança o chamou com um toque no ombro.

— Não é permitido fumar aqui, senhor.

— Eu não fumo — o detetive disse com o cigarro nos lábios.

— Estou falando sério, senhor.

— Eu também.

— Senhor...

— Eu não vou acender.

— Mesmo assim, senhor.

Artur tirou o cigarro e entregou ao segurança.

— Não quer ficar com ele para fumar depois?

— Eu já disse: eu não fumo.

Os estalos repetitivos de palmas chamaram a atenção de todos para o psicólogo, que atravessou por uma porta ao lado do palco. Artur entregou o cigarro ao homem e se voltou para frente. Mesmo de longe, era possível perceber o quanto William estava magro. Uma visão que impressionou o detetive. As maçãs do rosto saltavam sobre a pele que se afunilava de forma profunda nas bochechas e tomava tamanho novamente na barba agora volumosa. Tinha os olhos fundos e pesados de quem não dorme bem há muitas noites e vestia uma camiseta branca coberta por um paletó preto aberto.

Movia-se devagar, carregando um peso mais forte do que ele. Subiu os dois degraus do palco apoiando a mão no joelho para ajudar no impulso, como se precisasse de força extra para vencê-los. Talvez estivesse doente, pensou Artur.

O psicólogo olhou para o rosto dos quatro jovens de dezoito anos que estavam sentados na primeira fileira. Piscou com lentidão ao sentir a falta de um deles, Marcelo, que cumpria pena por roubo e tentativa de sequestro. O que não impediu William de continuar o acompanhando em visitas dentro do presídio.

Continuou em silêncio, olhando para frente, vago, como se não visse ninguém. Segurou o microfone nas mãos, abaixou a cabeça, mas nenhuma palavra saiu da boca. Algumas pessoas começavam a se olhar na plateia. Com o silêncio de velório no auditório, era possível escutar a movimentação dos estudantes do lado de fora, o som do ar-condicionado funcionando e o murmúrio

que começava em algumas fileiras do teatro.

Respirou fundo.

— Eu preciso confessar uma coisa — a frase quebrou o silêncio atraindo os olhos atentos e a expectativa de todos, principalmente de Artur. — Sendo bem sincero, eu não queria estar aqui hoje. Quando... quando mostrei o resultado desse estudo para outros profissionais de Psicologia todos me disseram que eu tinha feito algo extraordinário. Que o que eu tinha em mãos era muito mais do que observações do que a vida é capaz de fazer com o ser humano.

William limpou a garganta, parecendo olhar para todos, sem olhar para ninguém.

— Quando eu apresentei minha tese de doutorado nesta mesma universidade, eu escutei da banca quase as mesmas frases de encorajamento, de como eu tinha levantado questões preciosas sobre o desenvolvimento do caráter do indivíduo perante as condições do crescimento. Naquela época, aquelas frases me encheram de alegria, de orgulho e de um desejo de conseguir fazer mais, conseguir fazer algo realmente valioso. Mas hoje — o psicólogo parou alguns segundos — eu não sinto orgulho desse trabalho que é sem dúvida muito mais completo do que as teorias que eu havia levantado no meu projeto acadêmico. Eu não consigo sentir orgulho porque esse trabalho só foi possível graças à dor e ao sofrimento de crianças, que hoje estão sentadas à minha frente como adultos. Só foi possível graças à morte violenta dos seus pais.

William olhava fixamente para os olhos de cada uma delas. Os jovens devolviam o olhar com uma mistura de respeito, carinho e dor. Uma bagunça de sentimentos que nunca foi empecilho para que elas demonstrassem, em outras ocasiões, a gratidão que tinham pelo homem que dedicou dez anos de sua vida para ficar ao lado delas.

— É por isso que eu não gostaria de estar aqui hoje. É por isso que eu não consigo sentir orgulho do que fiz. Mas eu devo isso a vocês, eu devo isso aos seus pais e eu espero, com o pouco de esperança que ainda me sobrou, que esse estudo sirva para combater... os monstros capazes de fazer o que fizeram com a família de vocês.

William desceu os degraus do palco e saiu pela mesma porta por onde havia entrado, deixando para trás as palmas das pessoas que o aplaudiam em pé. Caminhou de cabeça baixa pelo corredor, soltando seu braço das mãos de algumas pessoas que tentavam levá-lo de volta ao salão onde todos gostariam de fazer perguntas sobre o estudo e também parabenizá-lo pelo excelente trabalho. Tinha o andar arrastado.

Enquanto seguia pelo corredor, conseguia escutar a voz de outra pessoa ao microfone.

— Infelizmente o Sr. William não está se sentindo bem, mas ele agradece a presença de todos que vieram prestigiar seu excelente trabalho e devoção absoluta por uma causa nobre. Na saída vocês poderão comprar um exemplar do estudo com as nossas promotoras. Obrigado.

Todos já estavam em pé, saindo pela porta do teatro em direção ao salão

de recepção. Mas Artur permaneceu sentado, alheio à movimentação e à conversa agitada que crescia e chiava ao seu redor. Vinha à sua mente algumas palavras e frases do discurso de William. Os olhos do detetive fixaram-se no palco vazio, algumas pessoas ainda circulavam em frente a ele. Reparou em dois homens que se cumprimentavam com um aperto de mãos. As duas mãos juntas, o gesto de acordo, fez com que Artur relesse o convite do evento em suas mãos.

Um estudo revelador sobre as raízes da natureza humana.

Lembrou-se de uma das coisas que disse ao psicólogo no começo da investigação.

“O assassino está fazendo um estudo.”

A frase que Rute tinha lhe dito minutos atrás veio se misturar aos pensamentos.

“Ele foi o primeiro a oferecer ajuda, antes mesmo de você ter ido lá em casa ele já tinha aparecido para nos ajudar.”

“Eu preciso confessar uma coisa.”

“Eu não sinto orgulho desse trabalho.”

O som da movimentação do salão, onde pessoas se aglomeravam ao redor de uma pilha de livros, entrava pelo teatro e ecoava no ambiente, repetitivo e irritante como um chiado.

Um estudo.

Natureza humana.

Psicólogo.

Eu preciso confessar uma coisa.

William.

Veu à cabeça novamente a imagem do aperto de mãos.

Que esse estudo sirva para combater os monstros capazes de fazer o que fizeram.

Monstros.

Psicólogo.

Assassino.

William.

David.

Artur piscava com velocidade, olhava sem saber onde fixar os olhos. Olhou a porta por onde William tinha saído, e depois para o microfone silencioso no palco vazio. Se levantou, mas caminhou na direção contrária, rumo à saída. Precisava pensar. Atravessou o salão onde pessoas folheavam o livro. Leitores com semblantes de aprovação. Ainda desorientado pelos pensamentos, esbarrou em um homem que carregava um exemplar e que também estava de saída, devolvendo o crachá à promotora que agradecia sua presença.

— Obrigado Sr. David.

Já do lado de fora da universidade, Artur andava de um lado para o outro na calçada. Tirou um cigarro do maço, depois a gravata do pescoço e a deixou cair no chão. Ar. Gesticulou para um táxi que não parou. Apontou para outro, que estacionou, e entrou no banco de trás. Buscou o endereço na memória, mostrou o

distintivo ao motorista e mandou acelerar.

Dentro do automóvel pensava na possibilidade de estar certo.

Como não tinha pensado nisso?

Deitou no banco de trás do táxi, olhando para o teto do automóvel. Não queria olhar as ruas, não queria ver pessoas.

— O senhor está bem? — perguntou o taxista.

Artur não respondeu.

— Senhor?

— Silêncio.

O detetive permaneceu deitado até chegar ao prédio de William. Pagou a corrida e não esperou o troco. Tocou o interfone sem mesmo saber se o psicólogo ainda morava lá. Ninguém atendeu. Apertou o botão da portaria.

— Boa tarde.

— O Sr. William.

— Ele não está em casa, senhor.

Artur deu as costas para o portão, atravessou a rua, se posicionou atrás de uma árvore e esperou. Ficou na mesma posição por quase duas horas, quando um carro parou em frente à garagem. Cerrou os olhos com o corpo escondido atrás do tronco da árvore e enxergou o rosto magro de William sob o vidro. Cortou a rua aproveitando a lentidão do portão do prédio e, antes de o carro entrar em movimento, deu dois toques na janela do motorista fazendo William se assustar com a abordagem furtiva.

O psicólogo abaixou o vidro elétrico do automóvel e viu o detetive parado ao seu lado.

— Posso subir para tomar um café?

Os dois se encararam em silêncio.

— Claro. Só vou estacionar o carro.

— Eu vou junto.

O policial deu a volta pela parte da frente do automóvel sem tirar os olhos de William. Entrou e sentou ao seu lado, no banco do passageiro. Nenhum dos dois disse uma palavra.

Subiram pelo elevador em silêncio. O psicólogo se mostrava calmo, quase apagado. William colocou a chave na porta do apartamento sem demonstrar nenhum sinal de nervosismo com a presença inesperada do detetive, girou fazendo ouvir o pistão do trinco de metal deixar a concavidade da parede e se alojar na fechadura. William entrou primeiro, abriu espaço para Artur e quando se virou viu o detetive de frente para ele. O policial, ao contrário do psicólogo, apresentava uma agitação que tentava conter.

— Fique à vontade, detetive.

— Eu estou.

— Se quiser pode se sentar, vou preparar o café. Só não repare a bagunça.

— É impossível não reparar.

— Sempre sincero.

— Alguém tem que ser.

Artur se sentou na poltrona ao lado do sofá de três lugares. De onde

estava era possível ver William por cima do balcão que separava a cozinha da sala. Escutava o barulho de talheres, metal e vidro. Depois, um repentino silêncio com o chiado da máquina de café ao fundo.

William deixou a máquina trabalhando e se acomodou na ponta do sofá de três lugares, ficando de lado para Artur que estava de frente para ele. A TV estava desligada diante do psicólogo e William conseguia enxergar seu reflexo no aparelho. Ele ficou se olhando, quase invisível, transparente na escuridão da tela apagada.

— Foi um belo discurso lá no teatro da universidade — Artur quebrou o silêncio.

— Não sabia que você iria.

— Eu recebi o convite.

— Engraçado, eu não lembro de ter enviado. Mas não faz diferença. E aquilo foi tudo, menos belo.

— Sabe, realmente pareceu uma confissão.

— Essa era a ideia.

— Durante toda a minha carreira na polícia eu vi muitas confissões e é incrível como as pessoas realmente se sentem bem quando terminam de falar o que fizeram.

— Sim, é o efeito de colocar pra fora. Quem precisa esconder algo sofre por não poder se livrar do segredo.

— A sensação de se libertar.

William se levantou ao escutar o som do vapor seco da cafeteira. Foi até a cozinha e sem olhar para Artur serviu duas xícaras de café. A mão magra parecia ser coberta por uma fina camada de pele e era possível ver as juntas dos dedos que se moviam sem pressa.

— Açúcar?

— Não.

Entregou uma xícara ao detetive e sentou novamente. Com o corpo inclinado para frente olhava o líquido escuro e sentia a porcelana esquentando a palma da mão. Foi ele quem quebrou o silêncio.

— A casa em que eu cresci tinha umas janelas altas na sala por onde dava para ver a rua. Quando eu tinha uns seis anos e minha mãe me colocava de castigo ela me deixava na sala onde tinha tudo que eu queria, a TV, o video game e a porta que dava para o quintal. Claro que como eu estava de castigo a TV e o video game ficavam desligados e a porta fechada. Mas eu ainda tinha a janela que ficava aberta para entrar ar na casa. Só que a janela era alta demais para a minha pouca altura, então, se eu quisesse ver o que acontecia lá fora eu tinha que ficar afastado dela, assistindo de longe, porque se eu chegasse muito perto, como eu era baixo, a única coisa que eu conseguia ver era a parede. Aquilo era uma tortura — William tomou um gole do café fumegante que desceu abrindo caminho como fogo pela garganta e, em seguida, continuou. — Às vezes eu pensava em pular a janela quando minha mãe não estava olhando, mas eu tinha medo, vai saber como eu iria chegar do outro lado.

— Você criou coragem depois que cresceu?

— É, acho que sim. Eu era menos corajoso por não pular, mas muito

mais inteligente por ficar olhando de longe. Às vezes é melhor ficar longe de certas saídas. Às vezes, a coragem está em não fazer nada.

— E quando já está feito?

— Se preparar para o impacto — deu outro gole no café.

William olhava sempre para frente, sem encarar Artur que estava encostado na poltrona, os dois braços descansando no móvel prestando atenção em cada reação do psicólogo.

— A Rute, a tia do...

— Eu sei quem é a Rute.

— Ela me disse lá na universidade, antes do seu discurso, que você foi o primeiro a aparecer na casa dela. Antes mesmo que eu fosse lá.

William não demonstrou nenhuma reação. Simplesmente ficou escutando, em silêncio, com a xícara de café na mão e olhando seu reflexo na tela da TV.

— É por isso — continuou Artur. — que eu vim aqui, até onde me lembro, eu que disse pra você que havia mais uma criança naquela comunidade, mas não lembro de você dizer que já tinha ido lá. Pelo contrário, lembro de você se demonstrar surpreso.

William mergulhou o dedo indicador dentro da xícara, fechou os olhos e ficou assim, em silêncio, sentindo o resto de calor que o líquido preto ainda mantinha.

— Você queria tanto fazer algo que colocasse seu nome na história que foi capaz de matar todas aquelas pessoas?

— Eu não matei... eu não matei nenhum daqueles casais.

— Você não matou eles sozinho, mas isso não faz de você inocente.

— Inocente — William deixou escapar um sorriso.

— Não existe ninguém inocente nesse mundo, detetive.

— É sempre o mesmo discurso. O mundo sempre vira desculpa para quem acha que pode fazer o que quiser como compensação.

— Não é uma desculpa. Não há desculpa para o que eu fiz, há um porquê. Uma causa. Era preciso ser feito. Alguém precisava fazer algo.

— Sabe o que a Rute também me disse antes da sua apresentação? Que Deus colocou o senhor na vida deles. Para ajudá-los.

— Se tem uma coisa que eu descobri, detetive, é que Deus não escreve sua história, só risca as linhas.

— Será que o David concorda com você?

Pela primeira vez durante a conversa, William voltou seus olhos para Artur.

— Então você chegou a descobrir sobre David.

— Onde ele está?

William olhava Artur com superioridade.

— Hoje eu vejo como é fácil a posição de quem está sentado apenas escutando a confissão do outro. Difícil é estar na outra poltrona, com aquela dor que, agora eu entendo, é realmente impossível de descrever. Quem apenas escuta sempre acha que há uma solução. Então você simplesmente recebe o dinheiro da sessão, coloca a mão no ombro do paciente e diz: fica bem e

mantenha o controle. Como se fosse possível se livrar do mal dentro de nós botando tudo pra fora como se fosse uma comida podre. Certas coisas nunca saem de você. Certas coisas nunca se consertam.

— Onde está David?

William virou o rosto para o outro lado, em direção à mesa onde estava seu notebook.

— Eu nunca vi o rosto dele, nunca o vi pessoalmente. Ele que me procurou, disse que tinha lido meu trabalho na internet e que eu seria a pessoa certa para fazer a coisa certa. Disse que iria matar os casais e que eu poderia estudar as crianças.

— Como vocês conversavam?

— O computador na mesa. Sempre por e-mail — William falava de um jeito distante.

— Os e-mails ainda existem?

O psicólogo respondeu balançando a cabeça positivamente.

— Quem sabe a perícia consegue localizar a região de onde ele mandava as mensagens. Agora, o seu interesse nisso eu consigo entender, mas o que o David queria?

— Ele queria saber se um trauma desse tipo na infância seria capaz de transformar a pessoa em um monstro.

— Então ele queria saber a mesma coisa que você?

— Sim, só que por um motivo egoísta. Para ele era pessoal.

— Ele queria por um motivo pessoal? E você não?

— Sim, foi o que eu disse, detetive.

— Você já teve algum problema assim na sua infância, Sr. William? Já sofreu um trauma desse tipo?

— Não.

— Sabe, tem uma falha nesse seu motivo nobre. Não era necessário deixar que cinco famílias fossem destruídas para saber se uma tragédia pode desencadear o mal em alguém. Se esse era realmente seu objetivo, um homem tão inteligente quanto o senhor devia ter notado que o momento em que você concordou com isso já era prova suficiente de que só é preciso querer para se tornar um monstro — Artur levantou da cadeira. — Agora fique de pé e coloque as mãos pra trás, o senhor está preso.

O psicólogo deixou a xícara na mesa, levantou devagar ficando de costas para Artur e colocou as mãos para trás. Escutou o tilintar das algemas e o metal gelado apertando os pulsos. O detetive pegou o notebook na mesa, colocou uma das mãos sobre o ombro de William e escoltou o psicólogo até a saída.

Já na delegacia, Artur conversava com Aristes. O delegado não se mostrou feliz em reabrir um caso tão antigo, principalmente porque ele não estava resolvido. Ainda faltava encontrar David, que nunca mais deu as caras e, além das conversas por e-mail, não havia nenhuma nova pista sobre seu paradeiro. Voltar a caçar o assassino que tinha aterrorizado a cidade com a possibilidade de deixá-lo escapar novamente seria um forte golpe na carreira do

delegado, que estava prestes de chegar ao fim com a aposentadoria que se aproximava.

— Temos a conversa toda dos dois registrada nos e-mails, temos que reabrir o caso.

— Não, Artur, o que temos é um cara que fez a gente de bobo esse tempo todo. Não se esqueça que temos que assumir isso. Esse... esse, desgraçado desse psicólogo... todos esses anos.

— A perícia já está verificando o computador para descobrir de onde David falava.

— Artur, Artur, não podemos falhar de novo, não podemos correr o risco de reabrir um caso e não colocar o culpado atrás das grades pela segunda vez. Isso será horrível para o departamento.

O telefone do delegado tocou.

— Sim.

Artur não conseguia escutar o que a pessoa do outro lado dizia e só pode acompanhar as respostas de Aristes e sua expressão que mudava a cada frase.

— Sim, ele está aqui na minha frente.

— Você só pode estar de sacanagem comigo.

— Tem certeza disso?

— Certeza absoluta?

Aristes desligou o telefone, apoiou as mãos na mesa e encarou Artur.

— A perícia descobriu onde está esse tal de David.

— Onde?

William aguardava dentro de uma pequena sala na delegacia. Um guarda o observava do lado de fora, através da janela envidraçada. Artur entrou na sala, fechou a porta e as persianas e encostou as costas na parede do pequeno cubículo onde só havia uma mesa e duas cadeiras, uma delas ocupada pelo psicólogo. Tirou um cigarro do maço, olhou para William, colocou o cigarro na boca, andou para um lado, para o outro, voltou e puxou a cadeira.

— Você nunca viu esse tal de David pessoalmente?

— Eu já disse que não.

— Também não sabe onde ele mora.

— Se você leu as conversas...

— Eu li as conversas. Mais de uma vez até.

— Então você sabe de tudo, só falta pegar ele.

— Meu chefe acha que nós já pegamos.

— Você o encontraram?

— Meu chefe está convencido que sim.

— Pelo visto você discorda.

— No fundo meu chefe também concorda comigo, mas é mais cômodo pra ele dizer que pegamos o assassino. Imagine reabrir o caso e deixar o culpado escapar de novo, ele não quer correr o risco de ter mais um número contra nas estatísticas do seu comando.

— E você vai aceitar colocar um inocente na prisão só por causa de

estatísticas? Não seria a mesma coisa que eu fiz?

— A perícia verificou seu computador para tentar rastrear de que região David conversava com você. Eles disseram — Artur fez uma pausa — que as mensagens dele também partiram do seu computador, Sr. William.

— Co... como assim, do meu computador?

— Os peritos chegaram à conclusão de que a conversa inteira, tanto a sua parte quanto a de David, foi escrita da mesma máquina. Da sua.

— Não, não... não pode ser. Como isso seria possível? Não, que absurdo.

— Escuta, eu também quero pôr o verdadeiro David na cadeia, mas eu não tenho mais nada. Você precisa me dar mais alguma informação, qualquer coisa.

William parecia não prestar atenção nas palavras de Artur.

— O seu chefe quer colocar toda a culpa em cima de mim? Como se aquela conversa no computador...

— Fosse sua com você mesmo e não existisse nenhum David. Como se você não tivesse coragem de fazer o que queria fazer, então criou alguém que tivesse. Criou David.

William olhava em direção ao detetive, mas não o enxergava, estava imóvel, preso no seu próprio silêncio. De repente, sua boca começou a ganhar tamanho, se armando e crescendo. Os dentes pareciam se projetar para fora quando o psicólogo explodiu em um largo e doentio sorriso. Um sorriso interminável que transformava o rosto antes tão sensato de William em uma careta irreconhecível.

Artur se levantou e, em pé, ficou por um instante observando a cena. Depois saiu, deixando para trás o psicólogo que continuava sentado na cadeira, rindo. Quando fechou a porta, encontrou com Aristes que estava parado no corredor, esperando do lado de fora da sala.

— Se aceitarmos fazer a coisa errada — disse Artur — o que vai nos diferenciar dele?

— Artur, você conhece o símbolo da justiça, não conhece? Aquela mulher que tem uma balança na mão e uma espada na outra. Ela não está vendada à toa — Aristes deu um tapinha no ombro do detetive. — Temos que deixar passar uma ou outra coisinha para fazer o todo funcionar.

O delegado deixou Artur parado no corredor, de onde era possível escutar a risada de William, abafada pela porta fechada. Com os ombros levemente caídos, alisou com o polegar a aliança na mão esquerda. Como de costume, o gesto veio acompanhado da lembrança de Bete mas, desta vez, outra recordação também veio junto com a memória da amiga. O caso que ela investigava na época do seu desaparecimento. O assassinato do hacker.

Longe das grades da prisão, David observava seu reflexo no espelho do banheiro. Olhou para baixo, para o livro que segurava. Passou a mão espalmada sobre a capa, depois deslizou os dedos sobre a lombada, as letras impressas que intitulavam *Como se tornam adultos*. Olhou novamente para o espelho, como um médico examinando um paciente. O nariz, as orelhas, os olhos cansados, fundos.

Mostrou os dentes para si mesmo. Não parecia um sorriso. Deixou a boca voltar ao seu estado normal. Fechou os olhos e permaneceu na escuridão por alguns segundos. Ao abrir, nada. Ainda era o mesmo. Olhou novamente para o livro que segurava com ambas as mãos. Pisou no pedal da lixeira e o jogou dentro dela.

Saiu do banheiro e caminhou até o cômodo onde trabalhou por tantos dias para realizar o estudo. Foi até o armário e retirou, uma a uma, as sete caixas de documentos, colocando todas sobre uma mesa. Ao apertar um botão, o forno crematório soou seu ruído de máquina liberando o compartimento para corpo. Abriu a primeira caixa e retirou de dentro uma série de papéis, entre eles fotografias, agenda de horários, mapa do bairro, caderno de anotações, tudo que tinha pesquisado sobre o casal Pedro e Marília. Jogou tudo no compartimento do forno crematório que se aquecia cada vez mais. Da mesma forma fez com o conteúdo das outras quatro caixas com as pesquisas dos casais Luiz e Felipe, Lucas e Mirtes, Jonas e Clarice e Júlio e Joana. Depois, abriu a sexta caixa onde a etiqueta dizia Nicolas. Um a um foi jogando no compartimento os documentos da pesquisa que tinha feito sobre o hacker. Por último, abriu a caixa onde na etiqueta estava escrito o nome William. Ao contrário do que tinha feito com as pesquisas anteriores, ao invés de retirar folha por folha, desta vez ele ergueu toda a caixa e a virou sobre o compartimento, espalhando os papéis, fotografias e cadernos no forno. Suor umedecia a testa de David, que passou o dorso da mão para secá-la. O compartimento aguardava apenas o toque no botão para começar seu lento trajeto em direção à entrada que ardia em chamas.

David olhou novamente para o armário, agora vazio, e ficou alguns segundos estático, apenas olhando o móvel que parecia assustá-lo de alguma maneira, o mantendo a distância.

Foi se aproximando lentamente, como alguém que não quer acordar o bicho. Posicionou as duas mãos no corpo do armário e empurrou, arrastando-o por meio metro até revelar, atrás dele, uma porta escondida. Ao abri-la, apertou o interruptor que fez luzes amareladas piscarem antes de iluminarem por completo a escuridão da passagem que descia em degraus até um porão.

Desceu devagar fazendo ranger as tábuas. O porão era uma sala sem móveis, de chão cru e tinha um cheiro forte de eterna tristeza. Um ruído rastejante de correntes quebrou o silêncio. A cada passo que David dava para frente o som de metal respondia serpenteando em fuga.

No ar ziguezagueavam diversos varais feitos de barbante onde centenas de fotos pendiam, posicionadas em uma ordem clara: em uma extremidade era possível ver uma garotinha e, à medida que seguia, ela ia crescendo, como se o fotógrafo tivesse acompanhado o desenvolvimento da criança. Na última foto já era possível ver uma garota com quase vinte anos. Pelo ângulo de todas as cenas registradas dava para notar que o fotógrafo estava a distância, escondido para não ser percebido pelo alvo de sua lente: a neta de Marcos, o velho assassino dos pais de David.

Ele continuou andando pelo porão, desviando a cabeça das fotografias e passando os pés por cima de tigelas sujas e garrafas vazias. Quando parou, ficou apenas observando, em pé, no silêncio.

Sobre um colchão em trapos estava Marcos, preso pelos pulsos por

correntes que se fundiam à parede e não permitiam que ele se movimentasse por mais de um metro e meio. O velho capanga estava ainda mais velho. A iluminação amarela do cativeiro cobria o homem como um cobertor encardido e fazia seus ralos cabelos brancos, que agora desciam longos até o queixo, ganharem um tom de cobre. A expressão rabugenta agora dava lugar a um olhar selvagem domesticado. Um animal acorrentado, privado de qualquer luxo, que recebia apenas o que era necessário para se manter vivo, saudável e consciente. Na medida do possível.

A pele ainda mais velha, depois de dez anos de cárcere, parecia estar se soltando dos ossos. Tinha os lábios secos e rachados e seu olhar vagava pelo varal de fotografias. Sua neta, antes uma lembrança de alegria, agora era usada como ameaça. David havia dito para Marcos que se ele tentasse se matar sua neta sofreria as consequências da sua covardia. Por isso, de tempos em tempos, trazia uma nova foto da garota para provar que ela estava ao seu alcance.

David se curvou ao lado do que sobrara do homem que não ousava olhar para ele, um bicho minguado, de mãos trêmulas. Destrovou os grillhões e o levantou pelo colarinho da roupa suja, arrastando-o escada acima sem resistência até sair pela porta do porão. Não tinha forças ou vontade de reagir. A sanidade era mantida por um vulnerável fio de lembranças.

Com um impulso, David levantou o corpo enfraquecido de Marcos e o jogou no compartimento do forno, sobre os documentos. Pela última vez encarou os olhos opacos do assassino de seus pais, o último elo que o ligava ao passado que agora esperava ser possível esquecer. Apertou o botão da máquina e observou a esteira engolindo o corpo e toda a pesquisa para dentro do estômago incandescente.

O fogo estalava, misturando seu som aos gritos do velho ardendo no calor das chamas. David estava imóvel, de pé ao lado da máquina, os olhos fechados, esperando como quem aguarda pelo efeito, pela cura. Alguns segundos depois ele abriu os olhos, quando finalmente o fogo silenciou a dor do homem. Mas não a sua.